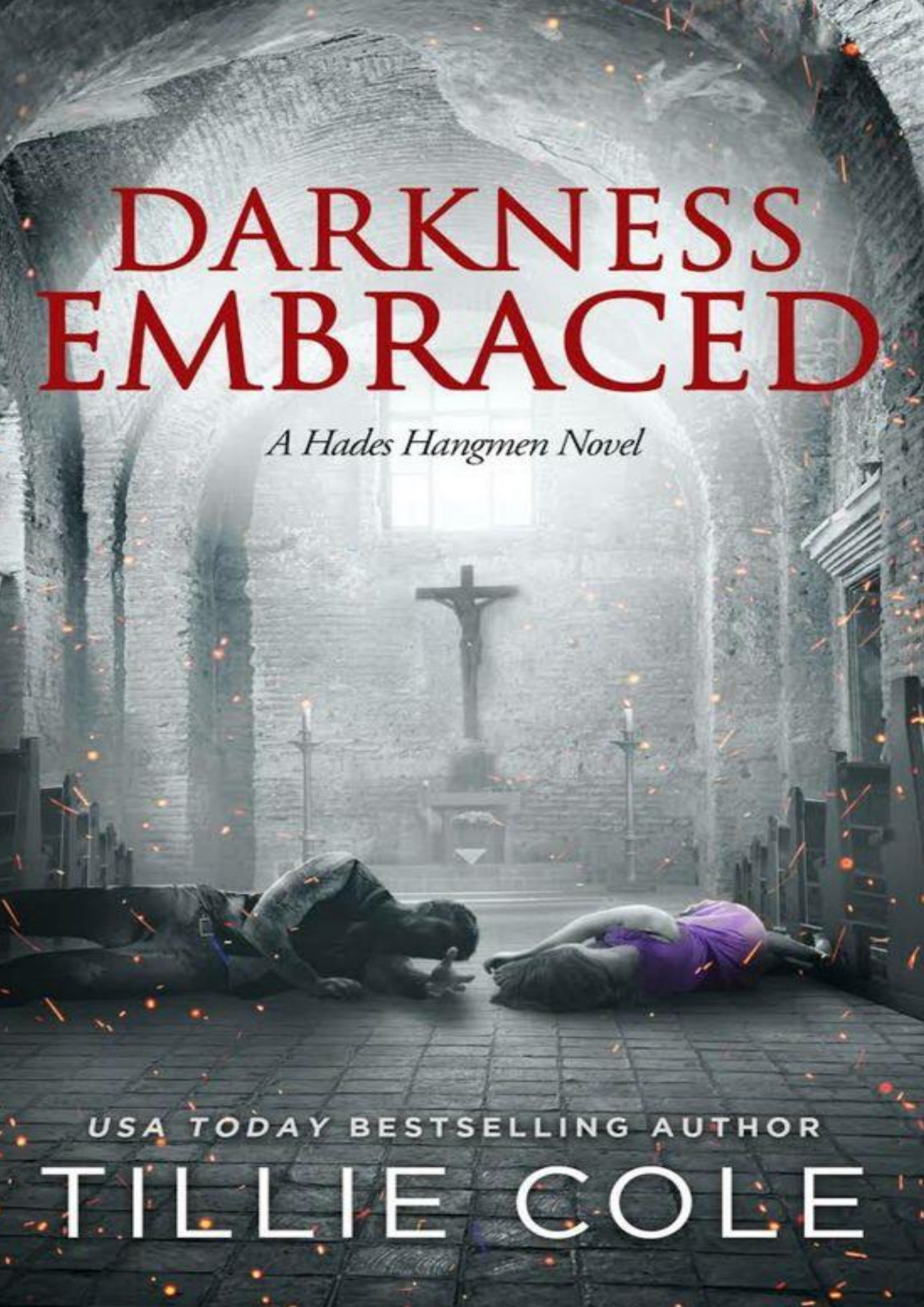

DARKNESS EMBRACED
A Hades Hangmen Novel
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
TILLIE COLE

Sweet Club Book's



Disponibilização: Eva

Tradução: Andrea, Regina, Maria, Cris, Monica, Juzita, Drika, Lexy, Naty, Rezinha, Thay

Revisão: Thay e Faby

Leitura Final e Formatação: Eva

Fevereiro/2019

Um grande amor pode nascer do ódio mais feroz.

Nascidos para sentarem em tronos adversários.
Eles nunca deveriam se apaixonar.

Tanner Ayers é o herdeiro da Ku Klux Klan Texas. Alimentado com nada mais do que ódio, violência e intolerância desde o dia em que nasceu, Tanner mata em nome da sua causa sem remorso. Até conhecer Adelita Quintana, a filha do mais brutal chefe de cartel Mexicano.

Adelita e Tanner se odeiam instantaneamente. Mas existe algo entre eles que não pode ser explicado e nem negado. Ódio se transforma em amor e, pela primeira vez, Tanner percebe o quanto sua vida inteira foi errada.

Durante anos, Tanner faz tudo o que pode para encontrar uma saída para ele e Adelita. Ele se afasta da Klan, sua família, tudo o que sempre acreditou, e se junta ao Hades Hangmen. Mas agora os Hades estão em guerra – não apenas com a sua família, mas também com a de Adelita.

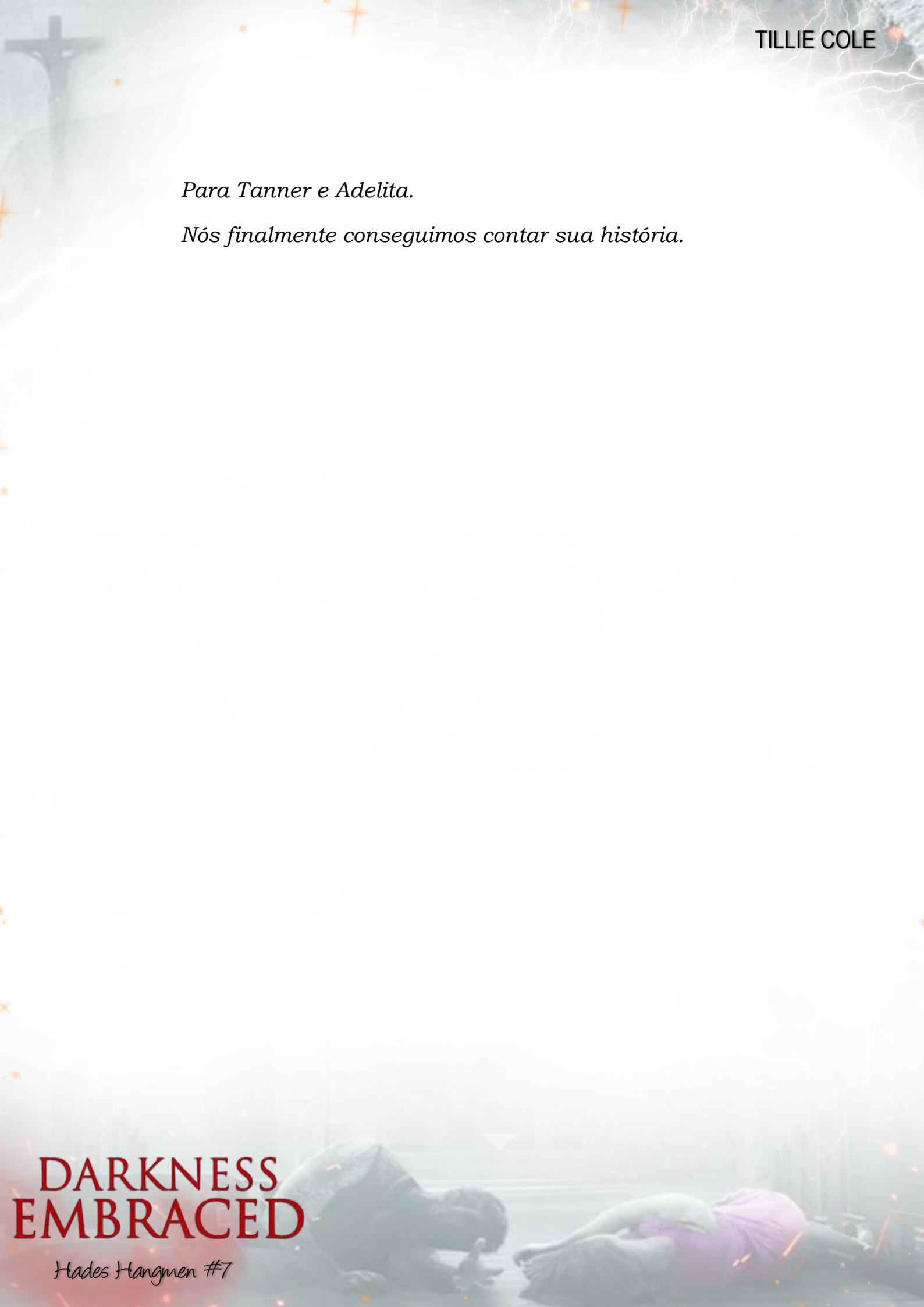
Quando Adelita e Tanner são colocados juntos novamente, são forçados a lutar por um amor que nunca deveria ter acontecido. Por um amor que os coloca e a todos que eles amam em perigo.

O Príncipe Branco.
A Princesa do cartel.
E um futuro que parece cercado de escuridão.

SWEET CLUB BOOK'S

Para Tanner e Adelita.

Nós finalmente conseguimos contar sua história.



Glossário

(Não está em ordem alfabética)

Terminologia da Ordem

A Ordem: *Novo Movimento Religioso Apocalíptico. Crenças baseadas em ensinamentos cristãos selecionados, acreditam fortemente em um apocalipse iminente. Anteriormente liderada pelo Profeta David (que se auto-intitula um Profeta de Deus e um descendente do rei Davi), os anciãos e os discípulos. Sucedido pelo Profeta Cain (sobrinho do Profeta David).*

Os membros vivem juntos em uma comunidade isolada; baseada em uma vida tradicional e simples, poligamia e práticas religiosas não-convencionais. Acreditam que o "mundo exterior" é pecaminoso e mal. Não têm nenhum contato com os não membros.

Comuna: *Propriedade da Ordem, controlada pelo Profeta Cain. Onde vive a comunidade segregada. Policiada por discípulos e pelos anciãos, e abastecida com armas em caso de um ataque do mundo exterior. Homens e mulheres são mantidos em áreas separadas da Comuna. As Cursed (amaldiçoadas) são mantidas longe de todos os homens (Exceto os anciãos) em seus próprios aposentos privados. A terra é protegida por um grande muro perimetral.*

Nova Sião: *Nova Comuna da Ordem. Criada após a Comuna anterior ser destruída na batalha contra Hades Hangmen.*

Anciãos: (Comuna original) *Grupo formado por quatro homens: Gabriel (falecido), Moses (falecido), Noah (falecido) e Jacob (falecido). Encarregados de controlar o dia-a-dia da comuna. Segundo em Comando do Profeta David (falecido). Responsáveis pela escolaridade das Cursed (amaldiçoadas).*

Conselho de anciãos de Nova Sião: Homens de status elevado em Nova Sião. Nomeados pelo Profeta Cain.

A Mão do Profeta: *Cargo ocupado pelo irmão Judah (falecido).*

Segundo em comando do Profeta Cain. Executa as ações em Nova Sião, seja decisões religiosas, políticas ou militares relativas a Ordem.

Discípulo Guardas: *Membros masculinos da Ordem. Encarregados da proteção das terras comunais e os membros da Ordem.*

A Partilha do Senhor: *Ritual de ato sexual realizado entre membros masculinos e femininos da Ordem. Acredita-se que é feito para ajudar o homem a se aproximar do Senhor. Realizada em cerimônias coletivas. Narcóticos frequentemente são usados para uma experiência transcendental. As mulheres são proibidas de experimentar prazer como punição por carregar o pecado original de Eva e devem realizar o ato, quando necessário, como parte de suas funções de irmandade.*

Despertar: *Ritual de Passagem na Ordem. No oitavo aniversário de uma menina, ela é sexualmente "Despertada" por um membro da comuna ou, em ocasiões especiais, um ancião.*

Círculo Sagrado: *Prática religiosa que explora a noção de 'amor livre'. A relação sexual e comportamento com muitos parceiros em um ambiente público.*

Irmã Sagrada: *Uma mulher escolhida da Ordem, tem a tarefa de deixar a comuna para espalhar a mensagem da Ordem por via sexual.*

As Amaldiçoadas: *Mulheres/Meninas da Ordem consideradas de grande beleza natural e inerentemente pecaminosas. Vivem separadamente do restante da comuna. Vistas como muito tentadoras para os homens. As amaldiçoadas acreditam serem significativamente mais propensas a influenciar os homens no caminho da retidão.*

Pecado Original: A *Doutrina Augustina* Cristã diz que a humanidade nasce pecadora e tem um desejo inato de desobedecer a Deus. O pecado original é o resultado da desobediência de Adão e Eva a Deus quando comeram o fruto proibido no Jardim do Éden. Nas doutrinas da Ordem (criadas pelo Profeta David), Eva é acusada de tentar Adão ao pecado, assim as irmãs da Ordem são vistas como nascidas sedutoras, e devem obedecer aos homens.*

**(Doutrina de Santo Agostinho)*

Sheol: *Antigo Testamento, palavra que significa "o poço" ou "o túmulo" ou "Submundo". Lugar dos mortos.*

Glossolalia: *Incompreensível discurso exibido por crentes religiosos durante um episódio de religioso êxtase. Abraçando o Espírito Santo.*

Diáspora: *A dispersão de pessoas de sua pátria original.*

Monte da Perdição: *Colina nos arredores da comuna. Usado para isolamento dos habitantes de Nova Sião e para as punições.*

Homens do Diabo: *Referência aos Hades Hangmen MC.*

Monte da Perdição: *Colina nos arredores da comuna. Usado para isolamento dos habitantes de Nova Sião e para as punições.*

Homens do diabo: a referência ao Hades Hangmen MC.

Consorte do Profeta: *Mulher escolhida pelo Profeta Cain para ajudá-lo sexualmente. Tem status elevado em Nova Sião.*

Consorte Principal do Profeta: *Nomeada pelo Profeta Cain. Status elevado em Nova Sião. Consorte mais próxima ao profeta. Parceiro sexual de escolha.*

Meditação Celestial: *O ato da relação sexual espiritual. Acreditado e praticado por membros da Ordem. Para alcançar uma conexão mais perto de Deus através da liberação sexual.*

Repatriamento: *Trazer de volta uma pessoa para o seu país ou terra. O repatriamento da Ordem envolve trazer de volta todos os membros da fé a Nova Sião de comunas estrangeiros.*

Hangmen Hades Terminologia

Hades Hangmen: MC um-porcento fora-da-lei. Fundado em Austin, Texas de 1969.

Hades: Senhor do Submundo na mitologia grega.

Capítulo Mãe: Primeira filial do clube. Localização do fundador.

Um porcento: Há rumores que a Associação de Motociclistas Americana (AMA) teria dito que 99% dos motociclistas eram cidadãos cumpridores da lei. Motociclistas que não cumprem as regras da AMA nomearam-se "um porcento" (o restante, 1% não cumpridores da lei). A grande maioria dos "um porcento" pertencem aos Mc fora da lei.

Corte: colete de couro usado por motociclistas fora da lei. Adornados com remendos e obras de arte que exibem as cores exclusivas do clube.

Remendo: Quando um novo membro é aprovado para uma adesão plena.

Igreja: As reuniões do clube para os membros de remendo completo. Lideradas pelo presidente do clube.

Old Lady: Mulher com status de casada. Protegida por seu parceiro. São consideradas intocadas pelos membros clube.

Vagabunda do Clube: mulher que vem para o clube para se envolver em atos sexuais casuais com membros do clube.

Cadela: Mulher na cultura motociclista. Termo carinhoso.

Indo / Ir para o inferno: Gíria. Referindo-se à morte / mortos.

Encontrando/Indo /Ir para o barqueiro: Gíria. Morrer/morto. Referindo-se a 'Caeronte' na mitologia grega. Caeronte é o barqueiro dos mortos, um demônio do submundo (Espírito). Transporta as almas para Hades. A taxa para a travessia ao longo dos rios Styx e Acheron para Hades era colocar moedas em ambos olhos do morto ou na boca no enterro. Aqueles que não pagavam a taxa eram deixados nas margens do Styx por cem anos.

Neve: Cocaína.

Gelo: Metanfetamina.

Traço: Heroína

Estrutura organizacional de Hades Hangmen

Presidente (Prez): Líder do clube. Titular do Martelo, que é um símbolo do poder absoluto que o Presidente exerce. O Martelo é usado para manter a ordem na Igreja. A palavra do presidente é lei dentro do clube. Ele toma o conselho de membros sêniores do clube. Ninguém contesta as decisões do presidente.

Vice-presidente (VP): Segundo em comando. Executa as ordens do presidente. Principal comunicador com outros integrantes do clube. Assume todas as responsabilidades e deveres do Presidente na sua ausência.

Capitão de Estrada: Responsável pelo funcionamento de tudo nos clubes. Pesquisa, planeja e organiza as corridas do clube e as saídas de passeio. Dirigente do clube, responde apenas ao presidente ou vice-presidente.

Sargento de armas: Responsável pela segurança do clube, policiamento e manutenção da ordem em eventos do clube. Relata comportamento inadequado para o presidente e vice-presidente. Responsável pela segurança e proteção do clube, de seus membros e seus Prospects.

Tesoureiro: Mantém registros de todas as receitas e despesas. Mantém registros de todos os membros efetivos e todas as cores permitidas do clube.

Secretário: Responsável por fazer e manter todos os registros do clube. Deve notificar membros de reuniões de emergência.

Prospect: Membro estagiário do MC. Vai a corridas, mas é proibido de participar da Igreja.



DARKNESS EMBRACED

Hades Hangmen #7

Prólogo

Tanner

Austin, Texas

06 anos

"Tanner, você pode mostrar ao Rafael onde guardamos as canetas e os lápis?"

Eu balanço a cabeça e caminho até a mesa cheia de papéis. Um menino de cabelos escuros se aproxima do meu lado. Eu aponto para as canetas e lápis como a Sra. Clary disse.

"Você pega o que quer, depois traz de volta quando terminar."

Rafael levanta a cabeça. "Obrigado."

Faço uma careta quando ouço seu sotaque. Soa estranho.

"Por que você fala assim?"

"Assim como?"

Ele não sabe que parece diferente? Eu olho em volta da sala. Todos têm pele branca. Ele tem pele morena. "Você parece diferente de todos nós também."

Antes que ele possa responder, a Sra. Clary se aproxima. "Tudo bem aqui, meninos?"

Eu concordo. O mesmo acontece com Rafael. “Tanner, você pode ser amigo do Rafael hoje? Deixe-o sentar com você no almoço e no recreio. Mostre-lhe as coisas aqui no San Pedro?”

“Sim, senhora.”

Levo Rafael de volta para a mesa em que me sentei. As outras crianças não parecem notar sua cor de pele. Minha babá, a Sra. Murray, disse que qualquer pele que seja mais escura que branca é um sinal de inferioridade. Eu não sei o que isso significa, mas Rafael parece legal. Não vejo nada de errado com sua pele.

“Você gosta de videogames?” Rafael pergunta.

“Sim.” Então Rafael sorri.

Ele passa o dia inteiro comigo. Quando o sinal toca para o final da aula, saio da entrada principal com Rafael. Seu pai está esperando por ele lá fora. Ele é moreno como Rafael. Eu nunca vi alguém como eles antes.

A Sra. Murray sai do carro quando nós três caminhamos em direção a ela. Ela sorri para Rafael e seu pai.

“Rafael me disse que Tanner cuidou dele hoje”, diz o pai de Rafael. “Eu só queria agradecer. Tem sido difícil para Rafael deixar o México. Seu filho tornou para ele mais fácil começar em uma nova escola.”

“Ela não é minha mãe”, digo. “A Sra. Murray é minha babá. Eu não tenho mãe.”

A Sra. Murray aperta a mão do pai de Rafael. “Tanner é um bom menino. Estou feliz que ele tenha ajudado hoje.” A Sra. Murray olha para mim. “Vamos, Tanner. Precisamos te levar para casa.”

Eu aceno para Rafael, então subo no banco de trás. Meu irmão, Beau, já está em sua cadeirinha.

A Sra. Murray se inclina sobre mim e me afivela. “Ai!” Digo quando ela dá um beliscão no meu braço. Ela não diz nada.

Quando nos afastamos da escola, aceno para Rafael e seu pai. Beau estende a mão para me dar seu carrinho de brinquedo. Quando o pego, a Sra. Murray diz, “Você gostou daquele menino, Tanner?”

“Sim, ele foi legal”, respondo, depois devolvo o carro a Beau. A Sra. Murray está me observando no espelho do carro. Meu estômago revira. Ela parece zangada. “Ele me disse que seu pai é médico. Eles vieram do México. Seu pai conseguiu um emprego no hospital do centro.”

A Sra. Murray não diz nada para mim depois disso. Então eu brinco com Beau até chegarmos em casa. Eu saio do carro e entro. Sento-me à mesa, tomo o lanche e faço o dever de casa. A Sra. Murray desaparece um pouco, mas depois volta quando eu termino. “Vá se trocar, Tanner, depois fique no seu quarto. Seu pai virá hoje à noite quando estiver escuro.”

“Ele vem?” Excitação cresce no meu peito. Não vejo o papai há muito tempo. Ele trabalha fora. E ele é um segredo que eu e Beau precisamos guardar para nós mesmos. Nós temos que ficar quietos sobre quem ele é para nós. Para nos manter a salvo de pessoas más que não gostariam de nós. Mesmo na escola eu tive que fingir que não o conhecia. As pessoas na escola pensam que meu nome era Tanner Williams. Mas sou na verdade um Ayers.

Assim como meu pai.

Subo para o meu quarto e troco de roupa. Quando termino, noto que há um livro na minha cama. Há um menino na capa. Ele tem cabelos escuros e olhos escuros como

Rafael. Mas suas roupas estão todas rasgadas e sujas. As roupas de Rafael não pareciam assim. Ele parecia com o resto de nós.

Largo o livro quando a porta do meu quarto se abre e meu pai entra. Eu sorrio e corro para ele. Mas suas mãos se levantam e empurram meu peito, parando-me. Dói e eu esfrego meu peito. Eu olho para ele. Papai anda em volta de mim e senta em uma cadeira. Não gosto do jeito que ele olha para mim. Isso me assusta. Meu pai pode ser assustador às vezes. Nunca gostei de desapontá-lo ou irritá-lo. Ele usaria seus punhos em mim se eu fizesse isso.

Doía muito.

"Papai?"

"A Sra. Murray me disse que você fez um novo amigo hoje." Eu concordo. "Ela disse que ele é do México."

"Sim, senhor."

Papai fica de pé, depois vem na minha direção. Eu paro, não me atrevendo a me mexer. Minhas mãos começam a tremer ao meu lado. Minhas pernas parecem geleia, e há uma sensação engraçada no meu estômago, como um milhão de borboletas voando por ali.

De repente, o punho do papai bate na minha bochecha. Eu grito quando caio no chão. Olho para cima, mas papai me bate de novo. Tento fugir, mas papai segura a minha camisa e me chuta no estômago até que não consigo respirar. Não posso ver quando lágrimas caem dos meus olhos. Eu não entendo. Não entendo porque papai está me machucando novamente. Não sei o que fiz de errado.

Ele me chuta várias vezes, até que não consigo me mexer. Eu paro de chorar. Então papai para de me chutar.

"Levante-se."

Eu suspiro e tento me mexer, mas dói muito. Minha mão cobre meu rosto. Sinto algo molhado sob meus dedos. Eu consigo afastar a mão um pouco então posso ver. As pontas dos meus dedos estão vermelhas de sangue.

"Eu disse, levante-se, garoto!" Papai me pega e me faz ficar de pé. Eu me curvo quando a dor no meu estômago é muito forte. A mão do papai agarra meu cabelo e ele força minha cabeça para cima. Ele se aproxima, e então diz em meu ouvido, "Se você falar com outro latino sujo novamente eu vou te matar, garoto. Você é branco. Você é o futuro Príncipe Branco, e não quero que você se associe com alguém que esteja abaixo de você. Abaixo de *nós*." Ele me empurra para trás e caio no chão. "Não sei quem o deixou entrar naquela escola, mas eles pagarão por isso. Nós não toleramos nada menos que a perfeição naquela escola. Nós, os bons pais cristãos *brancos*, não pagamos a porra de uma fortuna para que deixem entrar sangue poluído, dando às crianças ideias idiotas sobre igualdade." Ele limpa a mão no meu casaco escolar, bem em cima do adesivo da escola. "Você é meu filho, Tanner. Eu te amo. Mas você é um Ayers. E já é hora de você saber quem somos... o que você nasceu para ser. Isso será corrigido imediatamente."

Meu pai sai do quarto, e no segundo que a porta se fecha, começo a chorar. Meu corpo treme. Estou todo machucado... mas pior, foi meu pai quem me machucou. Ele me deu um soco e me chutou.

Ele me fez sangrar... novamente.

Eu olho para cima quando ouço a porta abrir novamente. A Sra. Murray coloca Beau no chão, depois nos deixa sozinhos, trancando-nos aqui dentro.

Beau olha para mim. "Tanner?" Ele sussurra. Ele tem apenas três anos. Ele se arrasta para mim. Quando ele me vê chorando, começa a chorar também.

Pego meu irmão mais novo e o puxo para os meus braços. Eu não gosto de vê-lo chorar. “Está tudo bem”, sussurro. Mas o sangue continua saindo do meu lábio e Beau chora mais forte. Coloco-o na minha cama e deslizo para o lado dele. Seguro-o perto. Eu não quero vê-lo chateado. Preciso protegê-lo. Sou seu irmão mais velho. Ele é o meu melhor amigo.

Vendo o livro que a Sra. Murray deixou para mim, pergunto a Beau, “Vamos ler um livro? Vai fazer você se sentir melhor.”

Beau assente e começa a chupar o polegar. Olho novamente para a foto na capa e leio o título, “*Vá para casa, Juan.*” Abro o livro e leio cada página para Beau.

No final, tudo em que consigo pensar é em Rafael. O livro diz que alguém do México é ruim. Que eles querem machucar as pessoas com pele branca. Pele branca como a minha e a de Beau. Suspiro. Percebo porque meu pai estava tão zangado. Porque Rafael é ruim. Ele veio para a minha escola, para a América, para ferir e arruinar pessoas com pele branca.

Eu seguro Beau mais apertado. Beau é o meu melhor amigo no mundo. Nunca vimos muito o Papai. A Sra. Murray não é tão legal assim. Mas Beau me faz rir. Meu estômago aperta quando penso em Rafael machucá-lo porque ele sente ciúmes da nossa pele branca.

Então eu respiro fundo e rapidamente me sinto melhor. Porque meu pai disse que irá tirá-lo da escola. E meu pai sempre faz o que ele diz que vai fazer.

Papai mandará Rafael de volta para casa.

E todos nós estaremos seguros.

Capítulo um

Tanner

Austin, Texas

Dia atual...

A areia range sob meus pés. Balas voam perto da minha cabeça. Meu peito está tenso, pronto para explodir, enquanto eu observo Gull e Arizona serem atingidos na cabeça e caírem no chão.

Ambos mortos e acabados.

Um apito interrompe o massacre que é essa fazenda abandonada e fodida. Eu olho para o celeiro ao meu lado. AK está sinalizando para mim do seu lugar no telhado. Ele desliza a mão sobre a garganta. Eu recebi a mensagem dele – precisamos recuar.

"Não!"

Meu olhar segue o grito. Viking está se levantando. Quando vejo Flame caminhando em direção aos estábulos em ruínas através da clareira, sei o porquê. O filho da puta psicótico está andando em direção ao local da base da Klan, como se ele não pudesse ser morto, braços esticados, disparando balas através de meus velhos irmãos Klan, que estão nos destruindo com a precisão dos infernos.

Eu aponto minha arma, concentrando-me em derrubar os idiotas que agora voltaram sua atenção para Flame. AK estreita

os olhos e, com a precisão de um atirador, dispara na cabeça de alguns dos que haviam abandonado a cobertura para atacar Flame.

Mas os filhos da puta também têm um atirador. Estes não são os skinheads pelos quais a Klan era conhecida. Os idiotas que todo mundo sempre pensava quando se tratava de poder branco. Não, esses eram os irmãos que eu passei anos treinando. Os que foram mantidos em segredo, então os federais e rivais não conheciam a verdadeira força da Klan. Meu pai havia meticulosamente recrutado esses caras. Estes eram os filhos da puta que acenderiam o fogo surpresa que desencadearia a guerra racial. Os soldados que ninguém nunca viu chegando.

Ninguém além de mim.

"Flame!" Viking pula do seu lugar atrás de um trator velho e corre em direção ao seu irmão fodido. Rudge pula no local que Vike deixou. AK tenta dar cobertura a Vike para chegar a Flame, atirando balas rápidas em direção à Klan. Mas esse ramo da Klan é mais forte, mais inteligente e sabe exatamente o que AK está fazendo. Eu tento ajudar, esvaziando minha arma, sinalizando para Smiler dar cobertura a eles também. Mas mesmo com nossas armas, e a pontaria perfeita de AK, balas vem de todas as direções. Nós estamos em desvantagem e sem habilidades.

Como se estivesse na porra de uma câmera lenta, eu assisto Vike mergulhar para Flame. Mas o filho da puta avança com muita lentidão. Uma bala atinge a lateral de Flame. O psicopata cai no chão, sangue saindo da ferida em seu estômago.

"PORRA!" AK grita, então pula do telhado do celeiro. Rudge corre na direção de Vike e Flame, ajudando-os a saírem da linha de fogo. "Afastem-se!" AK grita para mim e para Smiler. "Recue, porra!"

Fico de pé, disparando tiros na direção da Klan enquanto AK, Rudge e Vike arrastam Flame do caminho das balas. Saltando na caminhonete, ligo o motor. Sinto os outros colocarem o Flame na carroceria. AK bate no telhado. “Vai, porra!”

Meu pulso dispara quando eu derrapo a caminhonete na estrada, as balas da Klan soando como granadas explodindo, balançando o chassi quando elas atingem a lataria da caminhonete. Vike, Rudge e Smiler vêm rugindo atrás com suas motos, todos os três atirando contra a Klan para nos dar o tempo necessário para levar Flame para casa.

Alcançando meu colete, pego o meu celular e digito um número. “Tann?” Tank diz um segundo depois.

“Flame foi atingido. A Klan estava no local de entrega. Atacaram-nos com força total. O filho da puta levou um tiro quando enlouqueceu. Chame Rider ou Edge ou quem quer que seja para o clube. Ele foi atingido no abdômen.” Eu olho no espelho retrovisor para ver AK pressionando a ferida. Flame está lutando contra o irmão. Seus malditos olhos negros estão enlouquecidos enquanto o sangue derrama sobre a carroceria da caminhonete.

“Flame! Pelo amor de Deus! Fique parado. Sei que você não quer que eu te toque, mas pense em Maddie. Se eu não parar o sangramento, você vai morrer! Você quer isto? Quer deixar Madds sozinha, sem você?”

O corpo de Flame fica imóvel, mas posso ver suas narinas dilatadas com suas respirações rápidas. O filho da puta está perto de explodir.

“Tann? Tann, você ainda está aí?” A voz apressada de Tank vem através do meu celular.

"Sim. Porra, Tank. Eles vieram do nada. Nós estávamos fazendo a troca e eles brotaram do nada e começaram a atirar. Arizona e Gull estão mortos. Atiraram na cabeça. Eles não tiveram a mínima chance. É melhor contar ao prez."

"Jesus Cristo. Quanto tempo até você chegar aqui? Você precisa de reforço?"

"Não. Estamos há apenas dez minutos. Prepare-se para o caso desses idiotas estarem nos seguindo. Vou avisar se as coisas complicarem."

Desligo meu celular e acelero para casa. Slash, o primo prospecto de Smiler, está no portão. Kero, irmão de Arlington, está vigiando ao lado dele. Nós cruzamos o portão, Vike e Smiler seguindo atrás. Eu freio a caminhonete até parar e pulo para fora.

"Ajude-me a carregá-lo", AK diz.

AK e eu levantamos Flame da carroceria no momento em que Styx e Ky saem da porta do clube. "Coloque-o lá dentro", Styx ordena, Ky expressando as palavras do prez. Levamos Flame até o clube, para o quarto que havíamos construído como sala médica no minuto em que a guerra foi declarada pela Klan e pelo cartel. E é bom também, porque nós estamos sendo atingidos por todos os lados há semanas.

Assim que colocamos Flame na maca, Edge surge com sua maleta médica. O irmão foi um cirurgião de trauma no exército antes de enlouquecer por um tempo, fazendo com que ele fosse colocado em um manicômio. Quando saiu, o desgraçado decidiu que gostava de usar suas habilidades em cortar as pessoas tanto quanto gostava de curá-las. Ele se juntou ao clube do Arkansas e rapidamente se tornou um dos irmãos mais implacáveis que temos. Ele tem um olho azul e um castanho. E no caso de ninguém perceber que ele já era louco pra caralho, ele tingiu o

cabelo do lado do seu olho azul como branco gelo, e deixou o lado castanho de preto. Mas não importa o quão fodido da cabeça ele seja – e esse nível de insanidade provavelmente poderia até superar a de Flame – o irmão foi uma dádiva de Deus desde que ele veio para cá com o seu grupo.

Ele amarra seu cabelo longo e insano e se inclina sobre o Flame. O mais louco olhando para o maluco. Flame, o filho da puta, rapidamente age como o psicopata que ele é e começa a se debater na maca, tentando alcançar suas facas para atingir Edge. Mas Edge é bom no que faz e, mais ainda, não é perturbado por ninguém. Nem mesmo Styx faz esse cara parar para cuidar com o que diz. Mesmo que o maldito sorriso que ele usa 24h faça você pensar de outra forma. "Abdômen ferido?" Sua língua desliza em seus lábios. O filho da puta parece ficar duro com a visão de pessoas com dor.

"Bala. Atirador..." AK começa a relatar sobre a lesão de Flame. Rider entra, passando a mão pela cabeça raspada. O irmão ainda não foi aceito pela metade do clube, mas é um bom médico, então Styx permite que ele ajude quando necessário. Ele parece trabalhar bem com Edge, o que é um maldito milagre.

"O que nós temos?" Ele diz para Edge, e os dois começam a trabalhar na ferida de Flame, cortando suas roupas. Eu vejo nos olhos de Flame antes que ele reaja. Vejo a raiva em seu olhar negro antes de empurrar Edge e Rider para longe, enlouquecido para sair da maca. AK e Vike tentam segurá-lo, mas o irmão enlouqueceu.

"Precisa que eu esmague o velho Bill na cara dele? Apagar o idiota?" Rudge pergunta, erguendo o punho – o punho que frequentemente bate na cara de seus oponentes lutadores. Ou, na maioria das vezes, porra, os mata.

Balançando a cabeça, eu me aproximo para ajudar a manter Flame no lugar. Edge se aproxima com uma seringa,

seus olhos desencontrados brilham de excitação. De repente, Maddie e Lil 'Ash atravessam a porta.

"Flame!" Maddie corre em direção ao marido, empurrando Edge para fora do caminho. Flame para no minuto em que a vê. "Afastem-se dele", ela diz para todos, sua voz firme com o aviso. Eu recuo. AK e Vike fazem o mesmo. Edge é puxado de volta por Styx. Eu saio do caminho e apenas assisto. "Baby", Maddie diz, colocando a mão na bochecha de Flame. Seus olhos arregalados se fixam em sua esposa e não se mexem. Sua respiração está pesada, mas se acalma quando Maddie fala. Lágrimas caem por suas bochechas, mas sua voz é firme.

"Maddie", Flame sussurra, e ela beija sua cabeça.

"Baby, você está ferido. Você precisa deixar Rider e o médico curarem você." Seus olhos estão perdendo a vida. Seu sangue está se infiltrando na maca, e o filho da puta está prestes a desmaiar. Maddie puxa a mão dele, e ele se concentra nela. "Vou ficar com você", ela diz. "Eu não vou sair do seu lado. E estarei aqui quando você acordar."

Flama exala, então seus olhos começam a fechar. Edge e Rider estão ansiosos para chegar até ele. Eu não sou médico, mas não acho que a lesão dele o matará. Eu vi homens voltarem de coisas dez vezes pior no exército.

O segundo que Flame desmaia, Edge e Rider se aproximam dele, prontos para fazerem o que sabem. A maioria dos irmãos sai da sala, mas eu não consigo tirar os olhos de Maddie. Porque a cadela falou a verdade para Flame. Ela fica ao lado do marido, segurando os dedos dele, passando a mão pela sua cabeça. Ela está sussurrando em seu ouvido, e meu peito quase dói pela visão.

Meus olhos se fecham e minhas mãos apertam em punhos ao meu lado. *Estou aqui, mi amor. Estou aqui... eu nunca vou te*

deixar... Eu posso sentir a mão de Adelita na minha. Posso sentir o dedo dela na minha bochecha, e posso sentir seu perfume de rosas. Cheira como se estivesse ao meu lado. Como se *ela* estivesse ao meu lado...

O som do rangido do chão faz meus olhos se abrirem. Uma mão se apoia no meu ombro. Tank. "Você está bem?"

Eu balanço a cabeça, então me viro. AK e Vike ainda estão atrás de mim, observando Edge e Rider trabalharem em Flame. AK coloca a mão no ombro de Ash. O garoto está branco. E ele não tira os olhos negros de Flame. Presos em seu irmão naquela maca.

"Styx convocou a igreja em trinta minutos", Tank diz. Ele olha para mim. "Vamos tomar uma bebida."

Nós vamos para a porta. "Vamos lá, Ash", ouço AK dizer. "Deixem-os cuidarem dele." Ele faz uma pausa. "Ele ficará bem. Flame não deixará você ou Maddie. Nem o próprio Hades irá levá-lo embora."

"Vou ficar."

"Ash..."

Com as novas tatuagens de chamas em volta do seu pescoço e os piercings que começaram a tomar conta do seu rosto, ele está parecendo cada vez mais com seu irmão. Parece que o garoto tem mais do estilo psicopata de Flame nele do que pensávamos. Desde o instante em que conheci aquele garoto, senti algo escuro dentro dele. Como se fosse necessário apenas mais uma coisa fodida acontecer em sua vida para que o verdadeiro Ash rastejasse para fora. O garoto parece quieto. Mas eu ouvi falar do seu passado. As coisas fodidas que foram feitas a ele pelo pai dele e de Flame. É claro, isso não significa que ele estava automaticamente fodido, pessoas já sobreviveram a coisas piores e se saíram bem. Mas sempre que acontecia alguma coisa

com Flame ou Maddie, ou até com AK – pessoas de quem Ash é próximo – alguma coisa mudava em seus olhos escuros. Algo que estava a um milhão de quilômetros longe do garoto doce que ele era conhecido por ser.

Tank bate nas costas de AK. “Deixe-o. É o irmão dele. Ele quer ficar com Flame e Madds. Você sabe como ele é.”

AK aperta o ombro de Ash antes de ir embora. O rosto de Beau brilha em minha mente por um segundo. Mas antes que o meu peito possa quebrar ainda mais e me deixar paralisado, deixo a imagem ir. Tank deve ter percebido que algo está errado, porque ele passa o braço em volta do meu pescoço e diz, “Uísque, Tann. Agora.”

Eu o sigo até o bar, de onde posso ouvir vozes elevadas. Quando entramos, imediatamente sinto a tensão na sala. O prez do Arizona e do Gull saíram para pegar os corpos de seus irmãos. Nós seguimos para o nosso grupo. Zane, um prospecto e sobrinho de AK, está atrás do bar. Eu o vejo respirar fundo de alívio quando vê AK andando na direção dele. AK se inclina sobre o bar e beija a cabeça do garoto, dizendo a ele sem palavras que está bem.

Não consigo aguentar isso. Toda a porra da merda da família, a merda da Old lady. Ver isso todos os dias é como um câncer me corroendo. Mostrando-me o que eu não tenho.

“Zane. Garrafa de Beam.” A voz de Tank soa ao meu lado. Sento-me em um banco do bar, longe de Bull, Hush e Cowboy. Eu não sou bem-vindo naquela mesa. Posso ver Bull e Hush sempre me observando. O maldito nazista que foram forçados a deixar entrar em suas vidas. “Ignore”, Tank diz. Fecho os olhos e os abro novamente quando Tank coloca uma dose de uísque na minha frente. Eu bebo tudo.

O barulho do bar desaparece ao meu redor quando Tank pergunta, “Você viu algum deles?” Eu balanço a cabeça. Tank me dá outra dose. “Você os conhece?”

“Sim.”

“Você os treinou?”

Eu paro, deixando a culpa penetrar. A culpa que mereço. “Sim.” Tank coloca a mão nas minhas costas. Tomo outra dose, esperando o uísque me entorpecer. Deixo cair o copo vazio no balcão do bar. “Mas eles têm novos truques.”

Tank não fala por alguns segundos. Sei que ele está julgando se posso lidar com isso. Então ele diz, “Beau.” Não é uma pergunta.

Eu esfrego os olhos. Sinto-me cansado, mas meu corpo não me deixa dormir. Em vez disso, nas horas sombrias, meu cérebro decide mostrar cada merda que já fiz e que me arrependo. Gritando comigo que, fora Tank e Beauty, não tenho ninguém. E pior... que meu irmão, meu melhor amigo, está agora comandando os soldados aos quais fui criado para liderar. Beau, que me idolatrava tanto que me seguiu até o exército, apenas me encontrar de pé, ombro a ombro, com o seu inimigo.

Beau, que agora está usando todo o seu conhecimento do exército para lutar uma guerra contra mim. Porra, eu nem tive a chance de dizer adeus a ele antes de dar o fora da Klan. Apenas me levantei e o deixei. Ele nunca tentou me encontrar. Eu nunca ouvi falar dele desde que ele voltou para casa.

Ficou claro que ele sempre seria da Klan. Ainda acreditava na ideologia. E sem dúvida já não me via como seu irmão, mas como traidor da sua raça.

Ele me odeia agora.

Meu próprio irmão me odeia.

"Eles são bons", digo para Tank. "Eles são realmente bons pra caralho." Tomo outra dose e verifico ao nosso redor para ter certeza de que ninguém está escutando. Eles não estão. Ocupados demais lidando com seu próprio lugar nessa guerra.

Eu olho para o copo vazio em minhas mãos. "Entendo que os Hangmen são fortes. O alcance deles é incomparável. E eles têm muitos ex-militares. Psicopatas que matariam apenas por diversão. Mas hoje..." balanço a cabeça. "Foda-se, Tank. Por semanas nós fomos atingidos pela Klan. E cada vez eles foram organizados, mobilizados e treinados para fazer exatamente o que se propuseram a fazer." Eu sorrio, sem humor. "Ele fez isso." Tank olha para mim. Posso dizer pelo seu rosto que ele sabe exatamente o que vou dizer. "Meu pai. Seu sonho foi realizado. Ele tem um exército da Klan. Um que pode realmente fazer o que ele quer – começar uma verdadeira guerra." Balanço minha cabeça, a culpa cavando um buraco no meu estômago. "E sou responsável por criar isso." Tank serve outra dose de uísque. "Destruidor de mundos."

Tank sorri maliciosamente. "Citações de Oppenheimer? Você está ficando profundo, irmão. Vamos culpar o uísque."

"É verdade. Eu criei a bomba nuclear da Klan, e agora posso me sentar e assistir a queda." Minha garganta começa a se fechar, mas consigo dizer, "Ver meu irmão, meu maldito irmãozinho, ser quem dará a ordem."

"Nós vamos impedi-los, Tann." Tank gesticula para os irmãos de todos os grupos dos Estados do sul na sala. "Temos homens. Temos coragem." Tank aponta para si mesmo, depois para mim. "Temos *nós*. Nós conhecemos a Klan. Talvez só precisamos começar a pensar dessa maneira novamente. Descobrir quais seriam seus planos." Outra dose, o entorpecimento desta vez começando a se espalhar pelas minhas

veias. Eu rolo meu pescoço, meus músculos se soltam quando a bebida começa a fazer o seu trabalho. “E nós conseguimos seu contato, sim? Ainda tem alguém lá dentro que está ajudando?”

“Sim.” Eu tenho. Wade Roberts. Seu pai era um dos amigos mais chegados de Landry até que ele morreu alguns anos atrás. Wade era de um círculo interno e queria sair, mas, ao contrário de mim, não tinha o incentivo para sair. Ele decidiu que era melhor destruir a Klan por dentro do que sair e não ter vida, com um alvo para sempre em sua cabeça por abandonar a causa. Não sabia se podia confiar nele a princípio. Mas ele apareceu várias vezes.

“Ele não me avisou sobre hoje embora.” E vou descobrir o porquê.

A garrafa está quase vazia quando Zane se aproxima de Tank e diz que Ky está chamando os irmãos na igreja. “Igreja!” Tank grita quando Zane desliga a música. Espero até que os irmãos saiam, depois os sigo por último. A sala está abarrotada. Mas todo mundo se senta. Styx senta na frente, quieto como sempre, mas seus olhos ardem com fogo.

Ele acabou de levantar as mãos para falar quando o prez do Arizona e do Gull invade a sala. “Eles os penduraram nas árvores. Como se tivessem sido enforcados”, ele diz. Seus olhos estão vermelhos e cheios de raiva.

Eu fecho meus olhos brevemente. *“Pendure-os”, eu disse. Sorri quando os corpos dos nossos velhos irmãos da Klan começaram a balançar nas árvores, o vento forte os movendo de um lado para outro como pêndulos. Charles pegou uma lata de tinta spray e desenhou a cruz e o círculo – nosso símbolo de poder branco. Isso ensinaria os filhos da puta a tentar nos deixar, tentar colocar os federais em nossas bundas. “Deixe-os”, ordenei. “Deixe as pessoas encontrá-los. Deixe-os saber que a Klan não será fodida.”*

Quando abro os olhos, vejo Tank me observando. Ele deve saber que eu estava me lembrando do que costumávamos fazer... porque ele esteve lá em várias vezes. Ele estava de pé ao meu lado.

Quando a sala volta ao foco, os irmãos estão conversando um com o outro, furiosos pra caralho. Um assobio alto irrompe na sala. Styx fica de pé. Seus olhos entediados em cada um de nós, dizendo-nos para calar a boca ou ele faria isso por nós. Quando todos se acalmam e tomam seus lugares, Styx permanece de pé.

Seus olhos fixos em mim. Ele ergue as mãos e Ky fala por ele. “Precisamos saber tudo sobre eles. Precisamos saber como estão organizados. O treinamento que eles tiveram. O que eles acreditam. *Tudo.* Precisamos conhecer esses filhos da puta por dentro e por fora.”

A sala está silenciosa e, um a um, todos os irmãos olham em minha direção. “Styx...” Tank começa falar, mas eu balanço minha cabeça para o meu melhor amigo. Preciso fazer isso. Eu vi os olhares que recebi dos irmãos nas últimas semanas. Eles suspeitam de mim. Nem tanto o meu clube, mas os outros. Toda vez que houve um ataque, perguntaram-me como saberiam onde estaríamos. Quantos estariam lá. Tudo. Tank nunca recebeu esses olhares. Ele pagou suas dívidas. Não era mais revestido de tatuagens nazistas, diferente de mim. Por mais que Tank estivesse envolvido, ele não nasceu com o único propósito de ser o herdeiro da Ku Klux Klan. Criado apenas para defender a raça branca. Na casa dos Ayers, o ar que respirávamos era apenas Klan e Klan.

Eu quero colocar um fim nisso e deixar toda essa merda para trás, mas não vou desistir. Tudo isso? Era minha culpa. Eu criei isso. Preciso acabar com isso. O mínimo que posso fazer agora é tentar salvar esses homens.

E não vou deixar que eles me vejam como um fraco. Eu nunca faria isso.

"É chamado de império invisível", digo e quase posso sentir o cheiro persistente de fumaça de uma cruz em chamas ao meu lado. Posso sentir o ar carregado com a causa, a necessidade de começar a guerra racial. Posso sentir como a minha antiga irmandade me olhava, vestida com vestes verdes e de pé diante da cruz de fogo, esses irmãos também estão olhando para mim. Mas nenhum me olha como se eu fosse um maldito messias. É mais como um suspeito.

"Invisível porque nós existimos onde ninguém vê. Ninguém sabe quem nós somos. Nós assimilamos a sociedade. Nós existimos entre vocês."

"Vocês têm bandeiras do lado de fora de suas casas e gigantes suásticas tatuadas em sua pele." Alguns dos irmãos sorriem maliciosamente. "Dificilmente é invisível", Smiler diz.

"E são esses com quem você precisa se preocupar ao mínimo." Eu me inclino sobre a mesa. Meus dedos estalam de toda a tensão no meu corpo. "Como disse antes para o meu clube, os Rednecks e os Skinheads que brigam por diversão e protestam fora das prefeituras não são os que vocês precisam temer. Eles são um espetáculo, a distração. Eles são a mão que agita, fazendo você olhar de um jeito enquanto os verdadeiros soldados, o verdadeiro exército do império invisível, derrubam vocês com a outra."

"Não tenho medo de nenhum de vocês," Crow, o presidente de Nova Orleans, diz. O filho da puta está sorrindo, rolando os dados que ele sempre segura na mão.

"Você deveria."

Crow sorri maliciosamente. Na verdade, todos os outros fazem o mesmo. Isso faz meu sangue ferver. A Klan – eu, meu

irmão, meu pai, meu tio – trabalhamos por todas as nossas vidas para fazer as pessoas pensarem do jeito que pensam a nosso respeito. Para nos fazer parecer uma piada. Mas em segredo nós construímos o império dos homens pensantes. De homens e mulheres que permitiriam que as piadas dos Skinheads quebrassem sua porta da frente, enquanto nós, a verdadeira irmandade, esgueirávamo-nos pela janela.

"Nós?" Sigo o som da pergunta para Hush. Cowboy está com a mão no ombro do amigo. "Você continua dizendo *nós*."

Eu disse? Meu coração bate com força. Eu não queria dizer *nós*. Não penso mais em mim como Klan. De modo nenhum.

"Eles", digo, ficando nervoso. "Eu quis dizer *eles*."

Hush não afasta os olhos de mim. E sei porque. Bastardos, membros de merda da Klan, tiraram seus pais. E ele os viu morrerem. Assistiu eles queimarem. "Eles", digo novamente, toda a luta sendo drenada do meu corpo. "*Eles* são uma unidade organizada..." Paro de dizer-lhes como eles são tão bem treinados. Mas qual é o sentido nisso? A maioria desses irmãos ainda me acha nazista de qualquer maneira. Veem-me como o Príncipe Branco, não importa o quanto eu tente escapar disso.

"Eu os ensinei", digo e sinto Tank tenso ao meu lado. Ele ama esse clube. Mas ele também manteve muita coisa deles por minha causa. Nunca sequer disse a eles quem eu era até que alguns da minha antiga irmandade levaram a Old lady de Ky de volta ao culto que costumávamos participar. Eu sabia que ele não queria que eu dissesse a todos esses Hangmen que fui eu quem preparou os homens que eles são agora. Os lutadores. E foi Beau quem assumiu o controle de onde parei e os impediu de serem detidos. "Eu os treinei junto com alguns outros ex-membros das forças. Eu os fiz quem eles são agora."

"Tanner. Acho que é melhor se você sair da igreja agora mesmo." Eu olho para Ky. Ele não está falando por Styx. Ele está falando por si mesmo. Styx está apenas olhando para mim.

"Vamos, Tann. Vamos lá."

Tank me leva para o corredor. Sua mão fica no meu ombro até chegarmos ao meu quarto e eu caio na cama. Abaixo minha cabeça e olho para o chão de madeira. Há anos de marcas nas tábuas, mostrando há quanto tempo esse clube existe. Quantos irmãos passaram por essas portas? Quantos homens com passados fodidos? Precisando da vida fora da lei, muito confusos para serem normais.

"Não sei como fazer isso", finalmente digo. Minha voz soa como um trovão no quarto silencioso. Levanto minha cabeça para ver Tank parado. Ele passa a mão pela cabeça raspada. Eu vejo a cicatriz. Lembro de esperá-lo do lado de fora da prisão quando ele saiu. Quando ele se afastou do Klan. Eu estava tão zangado com ele. Virando-se contra Landry na prisão por causa de um garoto que ele conheceu e que Landry planejava matar. Eu estava tão irritado por ele estar se afastando do que estávamos construindo. Não conseguia entender como ele perdeu a fé em nós – a filha da puta da Ku Klux Klan.

Sua casa. *Nossa* casa.

"Eu não sei como colocar essa vida para trás de uma vez por todas... sempre aparece um jeito de me pegar. Não importa o quanto eu tente."

Tank suspira, seus ombros caem. Entendo meu melhor amigo agora. Ele está com pena de mim. Eu não quero sua maldita pena. Só preciso saber como seguir em frente. Ser livre. "É tudo que sei. Eu nasci, então me transformei no perfeito Príncipe Branco. Espancado se ousasse falar com alguém que não fosse da raça branca. Você me conhece, Tank. Eu apostei

tudo. Fui feito para nem sequer pensar em qualquer outra maneira de pensar."

"Eu sei."

"Eu não acredito na retórica agora. Eu *não acredito." Mi amor, esqueça tudo o que ordenaram a você e apenas sinta...* A voz rouca de Adelita interrompe meus pensamentos, e a sensação de morte que residia no meu peito imediatamente aquece a porra toda. Apenas pensar em seus olhos escuros, seu longo cabelo escuro... sua voz, suas mãos no meu peito quando mais precisei dela... "Eu não acredito nisso."

"Você é um Hangmen agora. Foi aceito."

Eu concordo. "É muito difícil." Passo a mão pelo meu queixo barbudo. Fecho os olhos com força. "E estou em guerra com meu irmão... e com a família da cadela que eu quero mais do que tudo. A cadela que eu amo... mas não vi em dois anos." Suspiro, sentindo minha garganta fechar. "Nem sei se ela ainda me quer." Sorrio para disfarçar o nó maciço na minha garganta. "Por que ela iria querer? Ela é perfeita, inteligente e engraçada. Ela é tudo. Eu sou o herdeiro da Klan. Ou então ela provavelmente ainda pensa isso. Eu sou a porra da sujeira em seus pés. Ela está melhor sem mim."

Tank se aproxima e beija a porra da minha cabeça. "Tann. Sei que você não acredita mais que nenhuma das coisas da Klan é verdadeira..."

"Os outros irmãos pensam que sim", interrompo. "Talvez não o nosso clube. Mas você tem que ver como os outros olham para mim."

"Foda-se." Ele se senta ao meu lado. "Quando cheguei aqui, levei um tempo para me habituar com eles. Eles não confiavam em mim também. Eles verão com o tempo."

Viro-me para encarar Tank. “Eu não acho que poderia matá-lo... se chegar a isso.”

“Beau?”

Eu concordo. “Ele é o líder da Klan agora. É ele que virá até nós.” Eu respiro fundo. “Foda-se, Tank. É ele quem precisa ser morto para realmente foder a Klan.”

Tank coloca a mão na minha cabeça em apoio, mas não diz nada. O que ele poderia dizer? Ele sabe que é verdade. Meu irmão precisa morrer. Tank fica de pé. “Eu preciso voltar para a igreja.” Ele me olha estranhamente. “Você vai ficar bem? Quer ficar comigo e Beauty por alguns dias? Ficar longe desse lugar?”

“Não. Vou entrar em contato com meu informante da Klan e descobrir o que diabos está acontecendo.”

“Tem certeza disso?”

“Sim. Obrigado.” Tank sai do quarto e vou para a escrivaninha onde está o meu computador no canto do quarto. Eu entro no meu e-mail e envio uma mensagem para Wade.

O que diabos aconteceu hoje?

Só preciso esperar alguns minutos antes que ele responda.

Estive fora, merda de círculo interno. Acabei de voltar. Não sabia que eles estavam planejando alguma coisa. New Dragon assumiu a liderança. Ex-fuzileiro naval. Conhece sua merda. Eu estou aqui por um tempo agora, a menos que seu pai me ligue. Vou continuar atento e te dar um aviso sobre qualquer coisa nova acontecendo. Eu estraguei tudo. Não vai acontecer de novo.

Olho para o e-mail e me pergunto pela milionésima vez se estou sendo enganado. Mas a informação de Wade funcionou muitas vezes para eu duvidar dele.

Finalmente, escrevo: *Certifique-se de que não.*

Os Hangmen estão pagando Wade bem em troca das informações. Dinheiro que pode fazê-lo sumir quando chegar a hora.

Minhas mãos estão elevadas, congeladas sobre as teclas, antes de finalmente baixá-las e escrever: *Beau ainda está no comando?*

Meu maldito coração bate como a porra de um bumbo no meu peito enquanto espero a resposta.

O fodido está determinado a destruir vocês. Nunca pensei que veria o dia em que Beau falaria mais do que algumas palavras ou deixaria de se esconder. Agora ele é como Hitler drogado...

Fecho meus olhos e respiro fundo. Eu não posso imaginar isso também. Beau era um bastardo duro. Educado da mesma forma que eu. Cruel. Inteligente, mas muito mais reservado. Como o segundo irmão, ele podia se dar ao luxo de ser. Ele era quieto. Um pensador. Mas tão quieto que você nunca saberia o que ele estava planejando.

Ele é letal, Tann. Letal pra caralho. O que quer que estivesse dormindo dentro dele todo esse tempo acordou pra valer.

Leio esse e-mail várias vezes, até que empurro minha cadeira para trás e começo a me afastar. Mas quando faço isso, o colar que mantenho no meu jeans crava na minha perna. Eu enfio a mão no bolso e tiro a cruz de ouro. O ouro manchado mal capta a luz. É velho...

Eu quero que você fique com isso, mi amor. Quero que você o mantenha. Pense em mim. Mesmo quando você duvidar do quanto eu te amo, olhe para isso e saiba que estou pensando em você também. Sentindo sua falta também...

Eu consegui ficar longe de um programa em particular no meu computador por muito tempo. E como um homem no deserto, ofegando por água, deixo meus dedos se moverem sobre o teclado e abrir a tela. Minha mão se fecha em punho e fecho meus olhos. Sei que não devo pressionar a tecla para "tocar". Mas nada me impede disso por mais um minuto.

Então eu pressiono a tecla.

No minuto em que meu olhar foca na tela, meu peito aperta, depois dói como se tivesse enfiado um pé de cabra no meu esterno. Com meu coração acelerado, assisto Adelita andar na frente da câmera. Eu congelo, fico parado quando ela vira, um livro na mão, e seu rosto aparece. Meus lábios se separam e minha respiração escapa da minha boca. Adelita sorri para algo que estava lendo e minha mão se fecha novamente. Sua cruz de ouro apunhala minha mão, mas aceito a dor. É a única coisa que me faz sentir como se estivesse vivo.

Isso e ela. Sempre ela.

Seu cabelo escuro desce por suas costas e seus grandes olhos castanhos são brilhantes. Sua pele, seu corpo... tudo é perfeição.

Estendo a mão livre e passo o dedo pela tela, sobre o rosto dela. Os lábios dela. Aqueles lábios. Posso sentir o gosto deles na minha língua, ouvi-la desmoronar enquanto eu tomava essa boca.

"Adelita", digo asperamente. Ela se vira nesse momento, como se pudesse me ouvir. Mas ela não pode. Nós não nos falamos há anos; era muito perigoso, muito arriscado para sua segurança. Mas isso não significa que ela ainda não possui meu coração negro. A cadela o possui. Seria a única a fazer isso. Sem ela estou morto por dentro, tem sido dois anos sem ela. Dois longos anos sem tê-la em meus braços. Dois anos sem

contato. Imaginando se ela ainda é minha. Mas sabendo, a cada novo dia que passa, que não sou bom para ela.

Ela não precisa de mim em sua vida.

Nós estamos em guerra.

Ela é linda e merece alguém que possa lhe dar mais.

Mas mesmo sabendo disso, não consigo me afastar dela. Eu sou um idiota egoísta assim.

Eu não tiro os olhos da tela. Não me mexo mesmo quando ela sai de cena. Eu observo a tela escura por qualquer sinal de movimento até amanhecer... sua cruz de ouro ainda está na minha mão.

Capítulo dois

Adelita

México

A batida de um talher em uma taça de champanhe me impede de olhar, sem ver, as rosas no centro da mesa. Eu pisco, o jardim volta ao foco. Luzes foram postas ao redor da varanda, e todos os associados do meu pai estão sentados ao redor da mesa longa e extravagante. Olho para Diego, que se levanta – Diego Medina, o segundo em comando do meu pai e o menino com quem cresci.

Diego sorri para os associados. Ele está vestido, como sempre, com um terno Armani, sua camisa branca mostrando sua pele morena clara. Sua gravata azul-celeste está perfeitamente sobre o peito. É claro que minha criada me vestiu para combinar – elas sempre fazem, quando meu pai pede. Eu uso um vestido Armani de seda azul que vai até os meus pés. Meu cabelo ondulado está solto em minhas costas. Eu olho para a nova namorada do meu pai. Ela está vestida para combinar com a gravata dele também.

Eu luto contra a necessidade de revirar os olhos. Nós, mulheres, estamos sentadas como as bonecas perfeitamente trabalhadas que meu pai nos fez... um fato que me irrita todos os dias. Apenas Charley Bennett, minha melhor amiga, fica tão frustrada com esse modo de vida patriarcal quanto eu. Seu pai tem parceria com o papai. O Sr. Bennett é o distribuidor de cocaína para a Califórnia. É de onde eles são. Não cheguei a ver

Charley tanto quanto eu quero. Charley está sentada ao meu lado com seu vestido rosa claro que combina perfeitamente com os cabelos loiros, olhos cinzentos e pele bronzeada.

Enquanto a mesa silencia, Charley estende a mão e subitamente segura a minha por debaixo da mesa por alguns segundos antes de soltar. Eu lanço a ela um discreto olhar nervoso. Seus olhos se arregalam de pânico. Charley não sabe sobre Tanner. Mas ela sabe que estou sendo empurrada para Diego pelo meu pai. E ela sabe que eu não amo Diego, nem o quero mais do que um amigo.

Diego pigarreia e concentro minha atenção novamente nele. Seus olhos escuros rapidamente se fixam em mim. Eu congelo, desconfortável, quando ele não desvia o olhar. Ele sorri da maneira que eu vi inúmeras mulheres se apaixonarem ao longo dos anos. O sorriso que ele me dá há anos, mas consegui resistir.

Agarro minha taça de champanhe mais firme, nervosismo de repente dominando meu corpo. “Todos vocês ao redor dessa mesa me conhecem. Todos vocês me conhecem como o braço direito de Alfonso Quintana. Vocês me conhecem como o homem que morreria por essa família. Nossos negócios.” Ele faz uma pausa, depois vira o corpo inteiro para me encarar. Eu lanço um rápido e instável olhar para o meu pai. Ele já está me observando, um pequeno e orgulhoso sorriso em seu rosto.

Um fogo acende no meu sangue e viaja diretamente para o meu coração. Meu coração dispara em frenéticas e irregulares batidas quando percebo o que está acontecendo... quando percebo o que Diego está prestes a fazer.

“O que muitos de vocês não sabem é o homem que sou em particular.” A cabeça de Diego inclina um pouco para o lado quando ele olha para mim com adoração. Carinhosamente. O mesmo olhar possessivo que ele lança sobre mim desde a

infância. O aperto na minha taça de champanhe é a única coisa que me impede de desmoronar. De mostrar meu nervosismo e meu medo. Mas eu sou Adelita Quintana. Sou a filha do meu pai e nunca poderia, nunca *mostraria* o meu medo a ninguém. Eu nunca deixei ninguém me ver vulnerável... exceto um homem...

"O que vocês não viram foram os anos que passei amando e adorando uma certa mulher. Uma mulher que conheço desde que éramos crianças. Fomos criados juntos." Ele ri e balança a cabeça. "Nós brincamos juntos... e em todo esse tempo ela nunca me notou. Não até seis meses atrás, quando ela finalmente concordou em jantar comigo depois de milhares de recusas. E então nunca mais olhamos para trás." Nós só havíamos nos beijado algumas vezes e, mesmo assim, cada segundo parecia o pior tipo de tortura. Eu não podia mais evitar o maior desejo do meu pai e a persistência de Diego. Mas quando o beijei pela primeira vez, lembrei-me do último beijo que recebi... um que eu ainda posso sentir impresso em meus lábios como uma marca. A boca que eu ainda posso sentir o gosto. Os braços e corpo forte do homem que estava acima de mim...

Mas eu precisei fingir. Porque ninguém sabia quem havia roubado meu coração. Ninguém sabia a quem eu havia anexado minha alma... até eu não sabia mais. Não houve contato há mais de dois anos. Nenhuma palavra. Eu estou vazia por dentro. Morta. Apenas um homem poderia me trazer de volta à vida.

Um homem que não tenho certeza se ainda me quer. Um homem que eu nunca deveria ter amado e que nunca deveria ter me amado. Mas nós nos amamos... muito mesmo.

Diego respira fundo e depois se vira diretamente para mim. Eu luto contra o nó na garganta que cresceu apenas ao pensar em Tanner. Seus olhos azuis e braços tatuados. *Eu te*

amo princesa... nunca se esqueça disso, mesmo quando eu sair daqui... vou te proteger... vou encontrar um jeito de ficarmos juntos... um dia... não importa quanto tempo demore...

"Adelita Quintana, amei você desde que eu tinha idade suficiente para entender o que era o amor." Diego caminha em minha direção, colocando sua taça de champanhe na mesa. Ele enfia a mão no paletó e tira uma caixa de anel. Eu olho para aquela caixa de veludo preto como se fosse a coisa que destruiria minha alma. Sinto os olhos de Charley presos em mim, mas não consigo olhar para ela. Vou desmoronar se olhar.

Por fim, olho para Diego. Ele fica de joelhos, sob as luzes cintilantes do jardim e com os olhos de todos os associados de meu pai fixos em nós. Meus olhos se enchem de lágrimas, mas não me preocupo. A família aqui vai considerar que é a emoção por este momento. E eles estão corretos. Mas são lágrimas de tristeza, frustração e medo. Não felicidade e alegria. Meu sangue gela, e o lampejo de alegria que senti ocasionalmente desaparece completamente. Eu não sinto nada além do buraco destruidor que foram os dois anos de silêncio e ausência de Tanner.

Diego de joelhos abre a caixa. O enorme diamante que ele está me oferecendo brilha nas luzes cintilantes acima. "Adelita Quintana, você me daria a honra de se tornar minha esposa?"

O ar é sugado dos meus pulmões quando a pergunta de Diego toma conta de mim. O leve vento ao meu redor parece congelar, como se Deus tivesse pressionado o botão de pausa no mundo apenas para me segurar neste momento. Meu coração bate um ritmo que me instrui a recusar. Levantar-me e sair, deixando Diego com o anel que ele orgulhosamente oferece. Mas um olhar sutil para o meu pai e eu sei que nunca poderia fazer isso. Eu não poderia envergonhá-lo dessa maneira.

Largo minha taça de champanhe, o único objeto que estava me mantendo presa ao chão. O peso que estava me

impedindo de desmoronar. E me inclino para frente, colocando as duas mãos nas bochechas de Diego. Não sei se ele pode sentir o leve tremor no meu toque. Se ele sente, não diz nada. Fecho meus olhos e me forço para frente. Quando meus lábios encontram os dele, não sinto nada. Nada além de um roçar frio e rançoso de lábios. Eu não deixo meu cérebro registrar seu gosto ou seu cheiro. Recuso-me a deixar que qualquer coisa tire Tanner do meu coração.

Quando me afasto, sussurro, “Sim.” Disfarço o tremor na minha voz. Eu protegi os convidados do partir do meu coração. Olho para o meu pai novamente e o vejo sorrindo. Ele me dá um aceno de leve. E sei o que aquele aceno significa: eu fui muito bem. Meu pai sabia que eu não queria casar com Diego. No entanto, ele planejou isso com Diego – o filho que ele nunca teve. Eu amo meu pai e ele me ama. Ele é a única família que tenho. Eu nunca o traí. Mesmo como sua filha, eu nunca ousaria. Não sou ingênua sobre os negócios da nossa família; na verdade, fiz questão de entender todas as facetas do que fazemos. Nós somos o cartel. E meu pai é o maior chefe do cartel do país. Este noivado... ele não toleraria ser uma humilhação.

Diego coloca o anel na minha mão esquerda e depois pressiona os lábios nos meus. A mesa explode em aplausos e meu pai se levanta e vem na nossa direção. Ele aperta a mão de Diego. “Finalmente”, ele diz ao seu braço direito. “O filho que eu sempre quis se juntará à família sob a benção de Deus.”

Ele se vira para mim e coloca os braços em volta de mim. “Adelita”, ele sussurra. “Estou tão feliz por você.” Ele dá um tapinha nas minhas costas, dizendo-me sem palavras que eu não o decepcionei. Foi tanto um elogio quanto um aviso.

Charley coloca os braços em volta do meu pescoço, parecendo a melhor amiga em êxtase que ela deveria ser. Mas

sua boca chega ao meu ouvido para que ninguém ouça ela perguntar, “Você está bem, Lita?”

“Por favor... agora não”, imploro em um sussurro e forço um largo sorriso para ela quando me afasto do abraço. “Estou muito feliz, obrigada, Charley.” Ela desempenha seu papel à perfeição... mas vejo a simpatia que ela tem por mim em seus olhos tempestuosos. Como eu, ela é filha de um chefe do crime. Ela e eu vivemos vidas paralelas, embora vivêssemos em diferentes países. Nós somos as duas peças no mesmo jogo.

É por isso que a valorizo como amiga. Mas agora, eu não posso estar perto dela. Preciso manter minhas emoções sob controle. A preocupação de Charley por mim me fará desmoronar.

Sou puxada para abraços após abraços pelos convidados do meu pai. Do lado de fora eu sorrio, mostrando aos convidados meu novo anel de diamantes com orgulho. Mas por dentro... no interior, meu sangue, coração e alma estão chorando.

Diego enfia a mão na minha enquanto o meu pai se afasta para ser felicitado por seus convidados. “Um casamento rápido”, meu pai diz em voz alta e destrói qualquer traço de força que guardei dentro de mim. O clima fica sério quando ele acrescenta, “Tendo em conta os acontecimentos recentes sobre o nosso negócio, é melhor fazer este casamento em breve para evitar complicações.”

Fecho os olhos e respiro fundo. A guerra. A guerra com o clube de motoqueiros da América – o Hades Hangmen. O cartel Quintana lida com drogas, principalmente cocaína. Nós pegamos uma pobre aldeia rural e a transformamos em um império. Mas, como mulher, fui mantida à distância do funcionamento interno da operação do meu pai. O que para mim foi um grande aborrecimento.

É por isso que ele ama tanto Diego. O pai de Diego era o amigo mais próximo do meu pai. Quando foi morto a tiros por Faron Valdez, um cartel rival, e Diego era apenas um garoto, meu pai aceitou Diego como seu. Ao contrário de Diego, nunca assisti a reuniões do círculo íntimo. Fui rebaixada a desfilar na frente dos moradores e trabalhadores.

Eu sabia que estávamos em guerra. Não posso ir a lugar algum sem monitoramento e proteção constantes. Sou um alvo fácil. Não conheço esse clube de motoqueiros, mas pelo que Carmen, minha criada, me disse quando ouviu pedaços de conversas da outra equipe, eles eram inimigos tão ruins quanto nós. Esta não é a primeira vez que estamos em guerra desde que eu tinha idade suficiente para compreender o que isso significa. Mas a cada vez fica mais difícil. Porque as pessoas morrem. E temo que, um dia, possa ser meu pai... ou até eu. Então quero saber tudo o que posso sobre o Hades Hangmen – sua hierarquia, sua estrutura, suas fraquezas, no caso de um dia não haver ninguém para me proteger deles.

Eu quero ser capaz de me proteger.

O jantar passou de uma reunião de conhecidos casuais para uma celebração de noivado. Eu não poderia ter dito o que era a comida ou qual o sabor da sobremesa. Estou entorpecida, sorrindo e respondendo perguntas quando direcionadas a mim, mas certamente ausente em espírito. Meu corpo está no piloto automático enquanto minha mente tenta descobrir uma maneira de contatar Tanner. Para dizer a ele que tudo deu errado. Para ver se... eu ofego por ar, sentindo uma pontada de dor no peito tão grande que dói... para ver se ele ainda me ama. Se ainda me quer tanto quanto eu o quero.

Para dizer a ele que nosso tempo acabou se quisermos ficar juntos.

E meu coração... meu coração está rasgando, cada pedaço que cai faz com que eu respire com dificuldade enquanto a agonia toma conta de todo o meu corpo. Todo o tempo eu temo que esteja desmoronando, mas Diego não solta minha mão, levando-a à boca para beijá-la enquanto conversa com os homens do cartel durante o jantar.

Assim como meu pai, Diego não é um homem a ser traído. Eu ouvi os rumores e Charley me informou de algumas verdades desagradáveis. Algumas atividades que ele fez na Califórnia, quando estava lá em negócios da família. Do que ele fez para suas amantes no passado. A dor que eu ouvi dizer que ele causou. A aspereza com que ele lidou com elas. Ele é um homem agressivo. Para mim, ele sempre foi doce. Mas ele é temido pelos homens nessa mesa. Até meu pai, devido a sua idade, quer manter Diego por perto. A alternativa não valeria a pena arriscar.

Se for honesta comigo mesma... eu também tenho medo dele. Tenho medo do que poderia acontecer se eu o recusasse. Não suporto pensar.

Sempre senti algo instável dentro dele. Sempre o mantive perto. Mas agora eu estou firmemente em seu abraço... e preciso encontrar uma maneira de sobreviver a esse sufocamento.

Diego foi ousado em sua proposta. Foi a sua maior jogada. Ele estava tão perto quanto alguém poderia chegar ao meu pai. Minha mão em casamento iria seguramente prendê-lo no lugar. Meu pai não é ingênuo com isso. Papai sabe como Diego sempre me quis. E para garantir a lealdade inabalável de Diego, ele me jogou para os lobos. Eu não sei como sair disso. Não sei como romper esse noivado. Eu não sei onde Tanner está. Sei que meu pai e Diego ainda estão trabalhando com a Klan. Mas eles não vieram mais para nossa casa. Todos aqueles meses com Tanner, na minha cama, ao meu lado, acabou há muito tempo.

Gelo inunda minhas veias quando penso no inevitável. O dia em que a Klan e o cartel entrarão em guerra. O pacto que eles fizeram não vai durar – não *pode* durar. *O inimigo do meu inimigo é meu amigo.*

Uma vez que os Hangmen sejam eliminados, e quando o contrato que eles fizeram expirar... a guerra vai acontecer. Será o cartel contra a Klan. Uma luta para ser o poder mais forte no submundo do crime. Meu estômago revira com o pensamento. Saber que o homem que eu amo e minha família, as únicas pessoas com quem me importo neste mundo, estarão dispostos a matarem um ao outro.

"Deixe-me levá-la até a sua suíte", Diego diz quando se levanta da mesa. Ele me guia com a mão, e o deixo me levar embora. Meu pai beija minha mão livre quando passo. Eu sorrio, mas apenas para manter as aparências.

Ao nos aproximarmos do quarto que tenho na propriedade do meu pai, a mão de Diego aperta a minha. Ele nos apressa pelos corredores, os homens do meu pai estão posicionados ao longo do caminho para nossa proteção. Quando entramos na minha suíte, Diego me gira e me empurra contra a parede. Meu coração dispara. Seus olhos estão arregalados e ele lambe os lábios. Ele segura meus dois pulsos e lentamente os levanta acima da minha cabeça. Ele se move para os meus lábios, mas eu viro a cabeça no último minuto. "Diego", sussurro, fechando os olhos enquanto controlo minha respiração. "Ainda não..."

Sua testa cai contra a minha. Ele está pressionado contra mim; seu cheiro inunda o ar ao nosso redor e posso sentir o cheiro do vinho tinto em sua respiração. Ele bebeu muito. "Adelita", ele murmura, frustrado. "Querida..." estremeço com o termo carinhoso. Não quero ser sua *querida*. Não quero ser *nada* para Diego. Ele move uma das mãos dos meus pulsos e

desliza pelo meu cabelo, pela minha bochecha e até o meu peito. Eu choramingo quando ele segura meu peito.

"Diego..."

"Shh." Sua mão aperta meu peito até que começa a doer.

"Você está me machucando."

Ele sorri, e não é um sorriso que eu já recebi dele antes. Sua atenção em mim sempre foi doce, cativante... esse sorriso é frio e cruel. O álcool claramente destruiu seu controle sobre o homem perigoso do lado de dentro. Ele solta meu peito, mas então sua mão começa a descer. Minhas coxas se apertam quando seus dedos passam pelo meu torso. Mas não adianta tentar detê-lo. Ele é maior e mais forte que eu. Diego é o homem mais determinado que já conheci.

"Você é uma provocadora, querida. Sempre foi." Balanço a cabeça, mas ele me silencia de novo, o som áspero e agudo. "Um rosto feito por Deus para atormentar nós que caminhamos com o diabo." Sua mão me segura entre as pernas. Eu solto um som distorcido e tento empurrá-lo, mas ele não se mexe. Eu prendo a respiração enquanto seus dedos deslizam sobre minha calcinha. Sinto-o ficando duro contra a minha perna. Meu lábio inferior começa a tremer de raiva. Mas não vou chorar. Eu não vou deixá-lo me ver chorar. Homens como Diego ficam excitados ao verem mulheres chorando.

Diego beija meu pescoço e minha bochecha. "Mas eu gosto que você seja intocada. Gosto de você ser virgem e eu ser o primeiro pau que sua buceta vai ter." Ele geme. "O primeiro *e o* último."

Eu respiro fundo. Trêmula. Paro de respirar, então ele não pode dizer que me irritou. Que seu toque me repugnou. Fecho meus olhos enquanto ele movimenta sua mão sob minha calcinha. Eu preciso afastá-lo. Afastar-me desse momento.

Apenas um rosto me vem à mente, levando-me de volta aquele primeiro dia...

"Papai?"

"Adelita, é você? Venha cá, princesa." Entro no escritório do meu pai. Eu acabei de voltar de fazer compras com Carmen e quero mostrar a gravata que eu comprei para ele usar com seu novo terno. Mas quando entro na sala, um homem estranho está sentado na mesa do meu pai. Isso não é novo. Ele sempre teve empresários entrando e saindo.

"Não sabia que você tinha companhia, papai. Vou deixar você em paz." Eu ia me virar, mas bato em alguém atrás de mim. Mãos fortes me estabilizam e imediatamente me soltam. Quando eu olho para cima, o maior homem que eu já vi está diante de mim, vestido com uma camisa branca que se agarra ao seu corpo musculoso, e jeans azul com botas pretas. Ele tem tatuagens em toda a sua pele e a cabeça raspada. As tatuagens cobrem até o seu pescoço. Levo um minuto para perceber o que são as tatuagens. Mas a simbologia delas rapidamente se torna aparente.

Tatuagens nazistas.

Um olhar severo de superioridade cruza seu rosto. Ele cruza os braços sobre o peito enquanto olha para mim.

"Adelita?" A voz do meu pai me faz virar. "Estes são nossos convidados. Eles ficarão hospedados nos apartamentos dos hóspedes enquanto nós conduzimos alguns negócios nos próximos meses. Espero que você seja cortês com eles quando estiverem em nossa casa."

Minha pele se arrepia sentindo os olhos do homem em mim por trás. "Este é William e Tanner Ayers. Pai e filho, do Texas." Ouço o tom na voz do meu pai. Eles estão aqui a negócios, mas ele não confia neles. Se eles ficarem hospedados nos apartamentos

de hóspedes e não em um hotel próximo, os homens do meu pai podem ficar de olho neles, não é que meu pai teve uma súbita necessidade de ser anfitrião. Eles são a Ku Klux Klan. Eu li o nome no braço de Tanner. O motivo da desconfiança do meu pai é óbvio. A Klan e os nazistas odeiam qualquer um que não seja branco.

"Você precisará mostrar o lugar a Tanner, enquanto o pai dele e eu conversamos sobre negócios."

Meus olhos se arregalam. "Diego não pode...?"

"Diego ficará fora por um tempo. Ele estará ausente durante a maior parte da estadia deles. Mas estará de volta na parte final." Sobre 'negócios familiares', sem dúvida. Algo que eu não podia saber nada.

Um aviso brilhou nos olhos do meu pai. "Será um prazer", digo, e dou um sorriso forçado ao senhor Ayers. Eu me viro e sou imediatamente pega pelo duro olhar azul escuro de Tanner Ayers. Eu quase posso ver a aversão instantânea incomodá-lo.

Tanner Ayers... O Príncipe Branco da Ku Klux Klan. E eu, Adelita Quintana, princesa do cartel Quintana... isso seria interessante...

"Você deve ser tão apertada", Diego diz, interrompendo a memória daquela reunião predestinada. "E nos casaremos em breve..." Ele respira fundo. "Vou ver você sangrar por mim, querida."

Pela primeira vez, deixo um pouco do medo me atingir. Porque ele não fará. Eu já me entreguei a um homem – apenas um. Diego nunca descobriu isso.

De repente ele para, afasta a mão do meio das minhas pernas, e então bate na parede acima de mim. "Mas ainda não", ele diz com firmeza. "Por mais que me frustre não estar dentro de

você, vou esperar até nos casarmos. Eu quero que isso seja certo, com você." Sua mão cobre minha bochecha e acaricia-a suavemente. "Eu quis você por muito tempo para não a ter do jeito que você deve ser tomada."

Diego pressiona sua boca na minha com tanta força que é quase contundente. Ele rapidamente se afasta, depois se vira e vai para a porta. "Se eu não sair agora, irei te foder, querida. Vou levá-la para a sua cama e vou transar com você." O lábio dele se curva com diversão. "E por mais que ele me ame, tenho certeza de que seu pai me mataria por deflorar sua filhinha antes do casamento. Ele trabalhou incrivelmente para manter você pura."

Ele sai, a porta batendo atrás dele. Escuto vinte e seis passos ecoando no chão de mármore do corredor antes mesmo de ousar respirar. Fecho os olhos, mas não consigo apagar a sensação dele no meu corpo, seu cheiro do meu nariz ou o gosto dele da minha boca. Eu corro para o banheiro. Escovo meus dentes com tanta força que a água fica vermelha com o sangue das minhas gengivas.

Desligo a torneira, e olho para mim mesma no espelho. Meu delineador – que sempre garanti que ficasse perfeito – está manchado. Meu batom vermelho está borrado nos meus lábios.

Eu olho para a mulher diante de mim. A mulher que está a dois anos sem a pessoa que ela ama. A mulher que não mais se parece com a garota inocente que Tanner Ayers se apaixonou. A mulher que *não é* essa garota. Apenas o pensamento de Tanner me faz sentir doente. O pensamento de como seus olhos azuis se suavizavam quando olhavam para mim. Como ele nunca sorria, mas iria, apenas uma fração, para mim.

Lavo o rosto até não restar mais maquiagem. Eu pisco enquanto olho para o meu reflexo no espelho novamente... então deixo as lágrimas caírem. Meus ombros tremem enquanto as

lágrimas caem com mais força, os soluços martelando meu corpo e afrouxando meu controle na postura que eu segurava com tanta força. Eu abaixo a cabeça longe do meu reflexo. Não me vejo chorando. Eu não vou desistir. Cheguei muito longe. E posso ir mais longe um pouco... eu posso... eu posso... eu *devo*...

Eu fico de pé, segurando a porcelana da pia até que todas as lágrimas dentro de mim são derramadas. Ouço o som de passos tarde demais para me recompor. Meu pai aparece de repente na porta. Respirando fundo, endireito-me e olho nos olhos dele. Eu o espero falar. Seu terno é perfeito, como de costume, nenhuma marca a ser vista no tecido. Nem um fio de cabelo fora do lugar.

"Princesa", ele diz, sua voz baixa. Sua cabeça inclina para o lado em solidariedade – bem, tanta simpatia quanto eu sabia que ele teria por mim nessa situação.

"Eu estou bem." Limpo minhas lágrimas e limpo minha garganta. Meus ombros se endireitam e respiro fundo.

Papai concorda e gesticula para eu segui-lo até a área de estar da minha suíte. Sento-me na cadeira em frente a ele, aliso a seda do meu vestido, depois levanto a cabeça. Papai se recosta, relaxado, mas me observando atentamente.

"Você poderia ter alguém pior do que Diego, princesa." Papai cruza as mãos e coloca-as em seu colo.

"Eu não o amo", digo, tentando o meu melhor para não perder a compostura. Meu pai não gosta, em suas palavras, de mulheres histéricas. Mulheres que deixam as emoções governarem suas ações. É por isso que ele não tem uma única mulher trabalhando para ele. Por que, tanto quanto ele me ama, ele nunca me deixou entrar.

Simplificando, papai acredita que as mulheres devem conhecer seu lugar – abaixo dos homens.

Meu pai levanta as mãos. Mas está ali, o flash de dor que sempre explode em seus olhos escuros quando menciono amor. Minha mãe morreu no parto e sua morte arruinou meu pai. Carmen me disse que quando minha mãe estava viva, os homens ao seu redor diziam que ele era feliz. Implacável, mas feliz com a minha mãe. Quando ela morreu, eles disseram que a bondade e a simpatia que ele possuía também morreram. Apenas eu, sua filha, vi vislumbres do homem que ele tinha sido uma vez. É por isso que eu nunca poderia odiá-lo pela maneira como ele às vezes me tratava. Sou a razão pela qual minha mãe foi tirada dele. Eu sou a razão pela qual ele sofreu.

Sou a única família que ele tem.

Eu nunca vi uma foto da minha mãe. Meu pai achava muito difícil mantê-las por perto. Eu não queria causar-lhe dor, então aprendi rapidamente quando era criança a nunca pedir para ver uma. Embora Carmen tenha dito que ela era a mulher mais linda que já viu. Cabelos longos e escuros, olhos castanhos escuros, bonitos e fortes.

Ela me disse que eu pareço com ela.

“O que o amor tem a ver com alguma coisa?” Papai diz, e o último lampejo de esperança de que ele impediria este compromisso desaparece do meu coração. Papai olha pela janela. Sua mente saiu da sala e foi para outro lugar. “É melhor não amar muito, princesa.” Sinto meu lábio inferior tremer pela dor que ele sente. Sua e a minha. Porque havia alguma verdade em suas palavras. O amor que sinto por Tanner... Às vezes, no meu momento mais sombrio, eu me perguntava se esse nível de amor, esse tipo de possessão arrebatadora valeria toda a dor e a mágoa.

É como estar preso ao chão por uma corda inflexível, quando tudo o que você queria fazer era se soltar e flutuar.

Papai pigarreia e me encara com um sorriso tenso. Ele estende a mão para o outro lado da mesa. Seu polegar percorre o anel que Diego havia colocado no meu dedo apenas algumas horas atrás. “Ele é um bom homem. Forte. Um líder. Ele cuidará de você quando eu não estiver mais aqui para fazer isso.” Abaixo meus olhos, tentando controlar minha raiva. Eu não preciso de um homem para cuidar de mim. “Ele te ama desde que você nasceu, princesa.” Papai balança a cabeça com carinho. “Eu lembro do dia em que ele viu você pela primeira vez. Ele ficou encantado. Veio te ver todos os dias. Ele seguiu você por aí, atento a tudo o que você dizia.” Papai mostra uma sugestão de sorriso. Isso me faz sorrir também.

Papai dá um tapinha na minha mão. “Você pode não o amar ainda, Adelita. Mas você vai.” Papai se levanta e beija minha cabeça. “Você é uma boa filha. Forte. Inocente, e você conhece seu dever.” Entendo o subtexto. *Você vai se casar com Diego, independentemente da sua falta de sentimentos em relação a ele. Minha palavra é lei.* “O casamento será daqui a três semanas.”

O choque me deixa sem palavras. Estou paralisada, incapaz de me mexer quando papai sai da minha suíte. Carmen aparece em segundos. “Adelita”, ela diz baixinho. Eu fico de pé antes que ela me alcance. Não posso deixa-la me tocar. Eu não posso deixá-la me confortar. Eu vou desmoronar. Vou desabar...

“Eu vou até o padre Reyes para confissão.” Corro para o meu armário e troco de roupa. Passo por Carmen sem falar e vou para a frente da casa. Um carro está esperando por mim; Carmen deve ter ligado antes. “Templo de Santa Maria”, instruo o motorista. Ele se afasta e puxo meu lenço sobre o rosto

para impedi-lo de ver as lágrimas. Nós passamos pelas ruas e muitas lembranças surgem de uma só vez. Eu não posso mais ver minha casa sem ver Tanner. Não consigo mais respirar sem respirar em Tanner. Não posso mais sangrar sem sangrar por Tanner.

Cada batida do meu coração é dele e a dele também é minha.

Quando chegamos à pequena capela, deixo o motorista abrir a porta e me acompanhar para dentro. Velas ainda estão acesas, iluminando a sala escura. Estendo a mão para as velhas paredes de pedra e sorrio. Eu sempre me senti mais segura aqui. Em paz.

Livre.

Deixo as fileiras de velas me conduzirem pelo corredor e desço as escadas até chegar ao lugar que eu sei que Luis estará. Como sempre, ele está debruçado sobre seus livros. “Adelita?” Eu o assusto. Ele olha para o relógio em sua parede. “Você está aqui tarde.”

Verifico se o motorista ficou perto da porta principal. Quando enfrento Luis, meu único amigo de verdade deixado aqui no México, desde a infância, deixo meus olhos se encherem de lágrimas e levanto a mão, mostrando o anel. Os olhos de Luis se enchem de simpatia e seu rosto empalidece um pouco. “Adelita”, ele sussurra. Eu balanço a cabeça. Luis é a única pessoa com quem posso baixar a guarda. O único que realmente conhece o meu verdadeiro eu, e...

“Tanner”, sussurro, e minha voz falha com uma respiração dolorida. “Luis... e Tanner?”

Luis corre para mim e me pega em seus braços. Eu choro em seu ombro, ouvindo-o trancar a porta atrás de nós. Luis me

deixa chorar até minhas pernas ficarem fracas e toda a energia ter sido drenada do meu corpo.

Luis e eu nos sentamos em seu pequeno sofá. Ele segura minha mão, como fizera anos atrás, quando me apaixonei pelo príncipe da Ku Klux Klan... quando Tanner teve que me deixar... e nos meses, depois anos, quando eu não tive notícias dele. Quando ele não voltou.

"Diego sempre esteve determinado", Luis diz por fim. Ele suspira e me encara. Eu sei que meu rosto parece cansado e desgastado. Luis aperta minha mão com mais força. "Quando?"

"Três semanas", respondo, minha voz cheia de tristeza. Eu sorrio sem humor. "Tenho certeza de que você será avisado de manhã." Luis é o padre que minha família usa – todo o cartel usa. Meu pai o ajudou a atingir seu objetivo de se tornar padre – é claro que ter alguém leal e ligado à família trabalhava a nosso favor. Mas Luis também é meu melhor amigo. E a única pessoa que sabe sobre Tanner e eu. Eu disse a ele em confissão.

Luis assente. "E você ainda não ouviu falar de Tanner?"

"Não."

Luis passa a mão pelo rosto. "Eu... eu não sei como impedir isso para você, Lita. Não tenho ideia de como atrapalhar isso."

"Recuse-se", digo, brincando, mas desejando que pudesse ser verdade. "Recuse-se a fazer o casamento."

Ele se inclina contra mim. "Eu queria poder."

"Eu o amo", digo. O único outro som na sala além da nossa respiração é o pequeno relógio na parede. "Eu ainda o amo, Luis. Muito." Fecho meus olhos. "Eu gostaria de poder impedir, mas não sei como." Minha visão embaça com lágrimas. "Eu só queria poder vê-lo. Gostaria de poder falar com

ele. Segurar a mão dele... ver como ele se parece agora." Eu sorrio. "Se ele tem mais tatuagens. Se deixou crescer o cabelo." Meu peito dói com a dor de sua ausência. "Se ele parece mais velho... se ainda raramente sorri..."

"Lita..."

"Eu sei que é fútil, Luis. Sei que vou casar com o Diego. E conheço a vida a que estou destinada." Enfrento Luis. "Eu só precisava falar com alguém que sabe sobre nós." Olho para o banco ao meu lado. E posso ver o fantasma de Tanner ao meu lado, sua mão segurando a minha. Ele está tão claro para mim como se estivesse comigo aqui ontem. Memórias se desvaneceram ao longo do tempo, mas minhas memórias de Tanner nunca sumiram. Elas são vibrantes e ricas em cores. Tão vivas quanto ele está em meu coração.

"Sempre foi um amor condenado, Lita", Luis diz. Eu sei que ele não está sendo duro. É verdade. "O herdeiro da Ku Klux Klan e a princesa do cartel Quintana. De todas as formas possíveis vocês não deveriam se apaixonar."

"Eu me apaixonei por sua alma, Luis. Não a cor da sua pele ou a família em que ele foi criado. E ele se apaixonou pela minha." Eu exalo um longo suspiro. "Em um mundo perfeito, estaríamos juntos."

"Lita, você e eu sabemos que esta vida, a vida a que pertencemos... está longe de ser perfeita. O mundo de onde ele é..." Luis para, aparentemente lutando por palavras. "Quero dizer, ele não gostou de você no começo, simplesmente porque você é mexicana. *Fortemente* não gostava de você, Adelita."

"Eu sei." É verdade. Mas o ódio eventualmente se transformou em amor.

"Já faz mais de dois anos, Lita..." A voz de Luis flutua para nada na sala velha. "Ele não voltou..."

"Não é seguro", tento argumentar, mas sinto as sementes da dúvida começarem a crescer no meu interior.

"Sem notícias, Lita. A Klan e sua família ainda estão tão próximos como sempre. E agora eles estão em guerra."

"Não consigo descobrir nada." Penso em todas as vezes em que tentei ouvir as reuniões do meu pai com os representantes da Klan. Das vezes que eu ouvia os telefonemas de Diego. Implorei a meu pai para me deixar entrar, sem sucesso. Eu limpo uma lágrima. "Mas ele nunca é mencionado."

"Talvez ele tenha seguido em frente..."

"Nós fizemos uma promessa." Minhas palavras são de aço. "Nós fizemos um voto para o outro. Eu não vou esquecer isso. Eu não vou... *não posso.*"

"Dois anos atrás, Lita. Nesta vida, a vida em que você está – em que *ele está* – é muito tempo." Eu sei que Luis está certo. Mas apenas o pensamento de nunca mais ver Tanner novamente... Nunca mais tê-lo segurando minha mão e beijando minha boca, nunca mais tê-lo sobre mim, fazendo amor comigo. Ele dentro de mim...

"Eu não sei viver essa vida sem a esperança dele em meu coração. A esperança de nós, a esperança do que poderíamos ser juntos."

A cada dia que passou nesses dois anos, aquela luz brilhante de esperança diminuiu para um lampejo sussurrado de uma estrela agonizante. Não houve *notícias*. Nenhuma luta para estar ao meu lado.

Ele não veio para mim como prometeu.

"Lita, odeio dizer isso, mas... eu acho que é hora de você seguir em frente." Eu vacilo como se ele tivesse me atingido. A

mão de Luis agarra a minha com mais força. “Ouça-me, Lita. Você merece ser feliz.”

“Não posso ser feliz com Diego.” Minha voz é firme como uma rocha com convicção.

“Você também não está feliz em esperar por Tanner.” Luis para por um segundo tenso e depois diz, “Você não vive, Lita; você *existe*. Isso não é vida.” Luis suspira. “Ele pode ter seguido em frente. Pode ter encontrado outra pessoa. Alguém que não se opõe a tudo o que ele é, o que foi criado para ser.” Luis esfrega a cabeça como se estivesse com dor. “Ele herdará a Klan no Texas. Você é filha de Quintana. Como o amor de vocês funcionará? Ele não pode ter você como sua no mundo dele. E você certamente não pode tê-lo no seu. Seu pai iria matá-lo imediatamente.”

Minha mão livre desliza pelo meu peito, esfregando o nó repentino que dificulta a respiração. Eu olho para a mão de Luis na minha. A pele mais escura. A prova da nossa herança. Minha pele é ligeiramente mais clara que a dele, amêndoa para o seu bronzeado, mas está ali. Um tom de latina. Nós somos mexicanos. Eu me pergunto se Tanner segurou a mão de outra mulher desde que ele saiu da minha cama. Pergunto-me se ele segurou uma mão que combinava com sua pele pálida. Combinava com o sangue anglo-saxão puro que corre densamente em suas veias...

Imagino se ele alguma vez pensou nos nossos dedos entrelaçados de tons mistos como repulsivos. Errado.

Ele me viu como um momento de fraqueza? Viu o nosso amor como uma traição de sua raça?

O pensamento faz minha alma chorar. Porque eu não poderia vê-lo dessa maneira.

“Ver você assim — tão triste, esperançosa, mas ao mesmo tempo completamente assombrada — me alegra que sou casado com a igreja. Eu sempre observei que o amor pode destruir e curar. Tudo depende da sorte e das circunstâncias.” Luis não ri. Ele não está fazendo uma piada. Ele está falando sério.

Eu acho que ele tem razão. Essa dor que vive dentro de mim, o lado negro do amor que se espalha como câncer dentro de cada célula, às vezes torna impossível respirar.

Nada foi dito depois disso. Eu apenas fico em silêncio com meu melhor amigo, consolada por estar na companhia de alguém que sabe que é Tanner Ayers quem eu amo e guardo em meu coração. Mesmo se já não é retribuído. Com Luis não há necessidade de me esconder. Estou tão cansada de me esconder.

Quando chego em casa, arrasto-me para a cama. Mas apesar de tão pesadas quanto minhas pálpebras estão, o sono não me encontra. Ouço os passos dos homens do meu pai patrulhando do lado de fora das minhas janelas. Eu ouço os grilos na grama do lado de fora cantando sua música noturna.

Rolando para o meu lado, olho para a caixa que mantive trancada. Eu olho para ela, desejando não abri-la. Não me permiti abrir em mais de um ano. Mas esta noite, com as palavras de Luis brincando com a minha mente, eu não posso resistir. Estendo a mão e abro a caixa. O pequeno pedaço de tecido branco imediatamente me encara. Engulo o nó na garganta e gentilmente o pego. Minhas mãos tremem quando o pequeno pedaço de algodão cai na minha mão. O pedaço de camiseta rasgada parece tão pesado quanto o mais precioso ouro na minha mão.

Fecho os olhos e ainda posso sentir Tanner em cima de mim. Eu sinto sua mão áspera agarrar a minha. Abro os olhos, deslizo o anel extravagante que Diego havia colocado no meu dedo e deixo-o cair no edredom. Então eu deslizo o pequeno anel

improvisado que Tanner fez para mim anos atrás. Ele está no meu dedo, as bordas desgastadas do algodão tão impressionantes quanto diamantes para mim. Fecho a mão, levo-a ao nariz e inalo. Enquanto as leves notas da colônia de Tanner penetram em minhas narinas, de repente não importa quanto tempo havia passado desde que eu o vi. Nesse momento ele está aqui ao meu lado. E no meu coração, ele ocupou todo o espaço possível.

Eu mantenho meus olhos fechados, precisando mantê-lo aqui por mais algum tempo. Mas eventualmente preciso aceitar que ele não está. Respirando fundo, ignorando a profunda fissura que está partindo meu coração, eu cuidadosamente removo o anel de algodão e coloco de volta na caixa. Fecho a tampa, mas minutos depois me vejo ainda olhando para a caixa. Não mais perto de dormir, deslizo meus dedos sobre o travesseiro que agora eu só vejo como Tanner. Se fechar os olhos, ainda sinto o calor dele.

Mas sinto-o escorregar do meu alcance tão rapidamente quanto a areia em um cronômetro, preciso mantê-lo perto. Preciso que ele esteja vivo novamente em minha mente.

Deitada na cama, repasso a história que mantive capturada em meu coração — *nossa* história. E revivo cada momento — o bom, o ruim e o impossivelmente, tragicamente bonito...

"Adela, eu preciso que você mostre o lugar para Tanner." Meu coração começa a bater forte quando o pedido do meu pai fez sentido.

"Você não pode estar falando sério", sussurro. Eu me certifico de que ninguém está por perto. "Eles são a Klan, papai. Eles nos odeiam apenas pela nossa cor de pele. Eu não quero passar tempo com homens assim. Qualquer um assim."

Papai se aproxima. "Precisamos deles para negócios, Adela. Nada mais do que isso." Sua mão desce no meu ombro. "Não precisamos gostar um do outro para fazer negócios. Juntos podemos ganhar muito dinheiro. Isso é tudo que existe."

"Por que eu?"

"Diego está ausente e preciso que o filho se distraia. Não tenho tempo para pensar no que fazer com o herdeiro enquanto esse negócio é discutido. Eu quero um contrato rápido garantido. William Ayers trouxe seu filho aqui como proteção, como testemunha do fato que nos conhecemos. Mas, por qualquer motivo, ele quer que Tanner seja excluído deste acordo — não é assim que eu faria, mas cada um pensa de uma forma diferente. Ele quer manter a natureza de nossos negócios para si." Ele encolhe os ombros. "Eu não me importo com o porquê. Só quero terminar com isso."

"Você nunca me envolve nos negócios." Eu me certifico de pronunciar claramente cada uma dessas palavras. Ele sabe que eu estou chateada sobre isso.

A mão do meu pai pressiona com mais força no meu ombro. Eu me certifico de não estremecer. "Ninguém mais está aqui para distraí-lo. Esse acordo é muito importante e, portanto, não vou ter nenhum plebeu velho vigiando o herdeiro. Ele não aceitará um dos meus homens olhando para ele de qualquer maneira. Ele verá isso como agressivo da nossa parte. Um insulto à sua brancura." Meu pai sacode a mão com desdém. "Eu vou jogar com sua ideologia nesta ocasião. Realmente não me importo se ele acha que somos ratos ou qualquer rótulo depreciativo que os nazistas tenham para nós, mexicanos. Eu confio em você. Você é uma boa menina, inteligente e não será afetada por sua desaprovação. Você entende como jogar este jogo." Papai beija minha bochecha. "Você é minha filha. E vai fazer isso por mim." Ele sorri. "Pelo negócio."

Meus dentes rangem em aborrecimento, mas assinto. "Quanto tempo ele vai ficar aqui?"

"O tempo que for necessário." Papai vai para o escritório, fechando a porta com força atrás de si. Eu caio em uma cadeira próxima. Minutos se passam, então eu vejo Tanner passando pela janela. Ele está vestindo jeans, botas e uma camisa branca. Ele é enorme, alto, os músculos do braço e do pescoço arqueados envoltos em tinta preta. Seus olhos azuis estão avaliando quando ele se encosta na parede e acende um cigarro.

Minhas mãos seguram a cadeira com tanta força que doem quando finalmente me levanto. Alisando minha mão através do meu longo cabelo escuro, saio do corredor para o pátio. Os olhos de Tanner imediatamente se chocam com os meus, com meu vestido vermelho de verão floral. Seus olhos se estreitam quando ele olha para mim.

A expressão de superioridade em seu rosto faz meu estômago inflamar com raiva — o queixo erguido e a mandíbula tensa. O jeito como ele está acima de todos nessa fazenda faz meu sangue ferver. Ele está no território Quintana. Nós não somos pessoas para olhar com desdém. Eu *não sou alguém para ser desprezada.*

Inclinando meu queixo alto também, eu caminho confiantemente em sua direção, parando diante dele. Tanner tira o cigarro da boca e solta a fumaça — e ela me envolve.

"Você tem um para mim?" Eu uso meu sotaque enquanto as palavras inglesas pingam da minha língua.

Os olhos de Tanner caem nos meus lábios. Meu batom é vermelho-escarlate. Quando seu olhar não se move da minha boca, eu lambo meus lábios. Tanner afasta seus olhos, e sua mandíbula aperta com tanta força que temo que pudesse quebrar o osso.

Olhando por cima da minha cabeça, o Príncipe Branco tira um maço de cigarros do bolso do jeans. Ele estende o maço, empurrando um cigarro para fora da abertura. Eu pego o cigarro e o aproximo dos meus lábios. "Fogo?"

Tanner expira rapidamente pelo nariz, mas ainda não fala. Eu não tenho certeza se ele pode, pois esteve tão silencioso nas duas vezes que o conheci. Ele puxa um isqueiro e eu me inclino para perto da chama. Quando aproximo meu corpo mais perto de Tanner, eu o vejo ficar tão tenso que ele parecia uma estátua.

Eu imagino que ofensas ele está jogando em minha direção. Mas, surpreendendo-me, percebo o ligeiro clarão de seus olhos enquanto ele me observa sugar a primeira tragada do cigarro.

Isso, eu sei, eu posso trabalhar.

"Então?" Eu digo, enquanto Tanner evita meu olhar ocupando-se de colocar o maço de volta em seu bolso. "Papai quer que eu mostre a você o lugar. Faça companhia a você enquanto nossos pais fazem negócios." Tanner se recosta na parede de pedra. Seus olhos percorrem o telhado, para os homens que meu pai mantém em todos os momentos para nos proteger. Homens fortemente armados. Eu sigo a atenção dele. "Homens do papai. Eles não vão nos incomodar, contanto que você possa jogar bem com a gente, Mexicanos." Eu bato em seu peito largo, os músculos duros como granito sob a minha palma. A mão de Tanner se levanta e segura meu pulso. Eu ofego em choque por seu aperto de ferro.

Tanner se inclina para perto, de modo que só eu o ouvirei falar. "Eu não sei o que diabos você está fazendo, cadela, mas mantenha suas fodidas mãos longe de mim." Ele chega ainda mais perto. "Posso entrar na linha com meu pai e seguir essa

besteira de ter que estar ligado a você enquanto eu estiver aqui. Mas não pense por um segundo que você me afetará."

Tanner solta meu pulso e, como se nada tivesse acontecido, volta a fumar o cigarro. Meu coração está batendo forte no meu peito. Mas eu sou filha de Alfonso Quintana. Eu não ficarei abalada com esse idiota.

Aproximando-me dele novamente, mostrando a ele que eu não sou uma pequena mulher que ele pode empurrar, eu digo, "Como você, estou aqui porque meu pai me pediu." Levanto minha mão e deslizo meu dedo sobre sua camisa. Eu posso ouvir sua respiração falhar. "Mas todos nós devemos cumprir nosso dever, Tanner Ayers." Olho de volta para os muitos guardas posicionados ao redor do pátio. Então para Vincente, meu guarda pessoal e melhor amigo de Diego. Seus olhos estão em mim, me mantendo segura. Ele está me observando na ausência de Diego. Diego tem o hábito de ser super protetor comigo.

Sorrio, sabendo que Vincente não pode dizer de onde ele está que estou tocando Tanner, ou que Tanner me tocou. Eu enfrento Tanner novamente, fingindo que estamos conversando. "Você fará bem em se lembrar que está no meu *país,* minha *casa." Eu sorrio e vejo seus olhos caírem de volta aos meus lábios. Quando seus olhos irados se voltam para encontrar os meus, eu digo baixinho, "Aqui,* eu *sou a princesa, Príncipe Branco. Estas são as minhas pessoas, e elas não tolerarão que você saia da linha. E nem eu vou."*

Afasto-me e dou outra tragada no meu cigarro. Enquanto eu solto a fumaça em seu rosto e deixo a ponta manchada de batom cair no chão, digo, "Venha, Príncipe Branco. Vou te dar a grande turnê dos Quintana."

Posso ouvir seus passos relutantes atrás de mim. E também posso ouvir meu batimento cardíaco ecoar alto em meus ouvidos.

Está batendo rápido demais.



Capítulo três

Tanner

"Não foda isso para nós. Nós precisamos desse acordo. Se quisermos fazer o futuro pelo qual trabalhamos todos esses anos tornar realidade, precisamos de dinheiro. Muito dinheiro. Este acordo com Quintana pode nos dar isso. Faça o que ele diz quando estivermos lá. E não se atreva a foder isso para mim."

As palavras do meu pai circulam na minha cabeça enquanto Adelita Quintana anda na minha frente pelos jardins. Eu seguro meu cigarro com tanta força que esmago o tabaco nas minhas mãos. Curvo meu lábio, e o jogo no chão. Quando Adelita vira, sorrindo largamente para algum guarda de terno que eu poderia facilmente quebrar em dois, eu digo a mim mesmo para acalmar a minha merda. Como se ela tivesse me tocado com fogo, eu ainda posso sentir o toque da sua mão no meu peito.

Seu vestido cai até o meio das coxas, mostrando suas longas pernas. Seu cabelo quase preto cai pelas costas. Como se pudesse ouvir meus pensamentos, ela se vira para olhar para mim por cima do ombro e me dá um largo sorriso, seus lábios pintados de vermelho-prostituta fazendo-a parecer uma puta barata.

E seu sorriso para mim é completamente falso, eu tenho certeza.

Meu estômago aperta ao ver aquele maldito sorriso. Ela se acha tão importante. Mas eu sei melhor. Sei onde todos nós estamos na vida.

O idiota com quem ela está falando de repente entra no meu caminho. Eu paro rapidamente, elevando-me sobre o imbecil de cabelo preto alisado e terno preto. Ele olha para mim, em seguida, baixa os olhos e o corre pelos meus braços nus. Meus lábios se curvam com diversão enquanto ele estuda cada uma das minhas tatuagens. Isso mesmo, cadela, *penso.* Você está olhando para o futuro, caralho.

"Vincente", diz a filha de Quintana. Sua mão vai para o braço do idiota. Ela diz algo para ele em espanhol que eu não entendo. Suas unhas são longas e pintadas de vermelho também. Essa cadela não sabe usar outra cor?

O guarda recua, mas não sem me mostrar a arma que está guardando no coldre. Eu cerro os dentes, ainda mais puto com esses filhos da puta – se isso é possível. Quintana me fez entregar minhas armas na porta. Disse que mostraria confiança. O filho da puta só queria ver a gente se submeter. Eu sei a verdade. Ele está com medo de nós. Com medo do que nós somos capazes.

Mas meu pai me fez entregar minhas armas. Disse-me que tínhamos que escolher nossas batalhas se quiséssemos vencer a próxima guerra racial. Usar os nossos inimigos até os esmagarmos nas ruas.

"Venha", Adelita diz para mim e acena com a mão. Ela segue por um caminho de cascalho que leva a um enorme jardim. Há flores e arbustos por toda parte. Ouvindo passos atrás de mim, olho para trás. O guarda – Vincente – está nos seguindo. Ele se mantém afastado o suficiente para que esteja fora do alcance da voz, mas eu não gosto que esse filho da puta esteja em qualquer lugar perto de mim.

"Então, Tanner Ayers." A voz fortemente acentuada de Adelita atrai minha atenção de volta para ela. Ela sorri para mim, mas eu vejo diretamente através daquele sorriso. Ela não gosta de mim tanto quanto eu não gosto dela.

Bom. Pelo menos nós dois sabemos onde estamos.

Eu não consigo tirar meus olhos dela. Seus lábios são carnudos demais e seus dentes são brancos demais. Seus cílios são longos demais e aquele batom vermelho está me irritando.

"O que você está achando do meu lindo país?" Olho para ela, recusando-me a jogar seu maldito jogo. Adelita passa a mão pelas folhas de um galho baixo de árvore. Ela sorri mais.

A cadela está gostando disso.

Ela para. Eu também. Ela caminha até mim e se mantém firme – perto demais de mim novamente. Tudo o que posso sentir é o seu perfume do caralho – muito forte, entrando na porra do meu nariz. Cheira a flores, frutas e outras porcarias que eu nunca serei capaz de tirar do meu nariz. Seus grandes olhos castanhos travam nos meus. Eles são tão escuros que você mal pode ver a pupila. "O gato arranhou seus lábios?" Ela diz e inclina a cabeça para o lado.

Aborrecimento me corta. Eu me inclino, fico bem na cara dela. "É 'o gato comeu sua língua'." Seu cabelo passa pelo meu rosto e toca a barba por fazer da minha bochecha. Cheira a coco. Meus dentes cerram. "Se você vai tentar falar inglês, fale certo."

"Eu entendi errado?" Seu sorriso diminui, apenas para seus olhos brilharem com algo que eu não posso ler. Ela se aproxima. Tão perto que seus seios grandes roçam no meu peito. "Sou apenas uma mulher mexicana humilde. Eu não falo inglês tão bem assim." Seu lábio treme, então ela recomeça a andar. Olhando por cima do ombro, ela diz, "Venha, Tanner

Ayers, o Príncipe Branco da Ku Klux Klan. Vamos continuar com o tour."

Eu fico tenso. Seu forte sotaque diminuiu; o inglês perfeito sai de seus lábios. Meus punhos se apertam ao meu lado quando ouço o idiota atrás de nós sorrir. Eu começo a andar, limpando o suor da minha cabeça. "Muito quente, señor?" Adelita pergunta.

"Eu sou texano. Conheço a porra do calor", grunho para ela. Adelita dá um passo ao meu lado. Meus punhos apertam mais forte com sua proximidade. A cadela está fazendo isso de propósito para me irritar.

Diversão brilha em seu rosto, mas ela rapidamente arruma suas feições. Seu pai a ensinou bem. Ela é uma boa princesinha do cartel. Não deixa suas emoções dominá-la. Não deixa seus 'inimigos' vencê-la. "Por aqui, Tanner Ayers. Eu tenho mais do meu país para mostrar a você. Na verdade, planejei muitos dias para nós assim. Tenho certeza que você gostará muito... você vai adorar o México antes de ir."

Minhas mãos tremem de raiva. Mas eu tenho que jogar o jogo por causa da causa. Então ela lamentará. Todos lamentarão quando prevalecermos...

Eu acordo, ainda sentindo o calor daquele dia na minha pele, e esfrego minhas mãos sobre meus olhos. Ainda posso sentir Adelita em pé, perto de mim. Ainda sinto o aborrecimento em meus ossos quando ela estava tão perto... ainda sinto o cheiro do seu perfume que eu nunca fui capaz de esquecer, o cheiro de coco do seu cabelo... ainda vejo o vermelho de seus lábios, seus longos cílios, seus olhos castanhos...

As batidas na minha porta me arrancam dos devaneios da minha cabeça. A porta se abre e Tank entra. "Igreja. Os Diablos estão aqui."

"Por quê?" Levanto-me da cama. Eu dormi pra caralho. Visto meu jeans, uma camisa preta e minha jaqueta.

"Chávez e Shadow estão aqui. Têm algumas informações sobre Quintana." O rosto de Tank fica frio. "Shadow ouviu sussurros que os filhos da puta estão planejando vir até nós com força." Eu concordo com a cabeça. Pegando a garrafa de uísque da minha mesa, tomo um gole. "Você está bem?" Tank pergunta.

Eu balanço a cabeça novamente. A verdade é que Tank não sabe que é pela filha de Quintana que estou fodido, justamente uma princesa do cartel. Eu espero ele juntar as peças. O nome dela sendo Adelita. A Klan tem negócios com Quintana. Não seria difícil descobrir. Apenas uma pessoa sabia a verdade – Hush. Eu fodi tudo e contei a ele em uma noite. Tomei muito uísque e disse a ele. Eu sabia que ele me odiava. Mas quis mostrar a ele que não o odiava. Que não sou mais o Príncipe Branco. Não sei se ele contou a alguém. Não sei se Styx sabe.

"Tem certeza?"

Balanço a cabeça novamente, então sigo Tank até a igreja. Como sempre o lugar está abarrotado. Eu fico na parte de trás, ignorando os poucos olhares que me dão depois da porra do show de ontem. Sinto alguém chegar perto de mim. Rudge cruza os braços sobre o peito e sorri. "Tudo bem, companheiro", ele diz e seu sotaque britânico instantaneamente me irrita. Eu estreito meus olhos para ele. "Curou a merda nazista de ontem?"

"Cai fora, Rudge."

A sala fica quieta enquanto Styx e Ky entram com Chávez, o presidente dos Diablos, e Shadow, o ex-membro do cartel de Quintana que tirou Sia e Cowboy do México há um tempo.

Styx senta; Ky senta ao lado dele. O prez imediatamente começa a assinalar. Ky fala em voz alta. "Shadow avisou que Quintana está planejando nos eliminar daqui a um mês." Eu fico

tenso. A temperatura na sala cai instantaneamente. “Um ataque planejado que tem como objetivo enviar a maioria de nós para Hades.”

“Por que um mês? Por que tão longe?” AK pergunta.

“Há um casamento”, Ky diz, desta vez falando por si mesmo. Meu sangue, que corria em minhas veias, virou gelo. Styx olha para Chávez.

Chávez concorda. “A prima de Quintana tem uma filha. Ela se casará em algumas semanas na propriedade dele. Depois disso, o cartel vai avançar. Juntando-se à guerra.” Chávez levanta o queixo para Shadow para assumir o controle.

Eu caio contra a parede em alívio. É a prima de Adelita. Meu coração é um maldito bumbo no meu peito quando me recupero de pensar que seria ela. Sentindo os olhos de alguém em mim, olho para cima. Hush está me olhando do outro lado da sala. Eu rapidamente afasto a porra do olhar. O que diabos eu estava pensando ao contar para ele sobre Adelita? Não faço a mínima ideia. Eu perdi a cabeça.

Não é Adelita que se casará, digo a mim mesmo novamente. *Acalme-se. Não é ela.* Uma onda de pura raiva corre através de mim, acendendo-me como o inferno. Ela não faria isso comigo. Vou voltar para ela. Eu disse isso a ela. Fiz uma promessa a ela.

O pensamento de que Adelita iria fazer isso... que ela teria a porra de outra pessoa entre suas pernas –

“Quintana tem homens vindo para o Texas. Homens que estão planejando tirar vocês do caminho. Homens especialistas. Homens que não falham. Eu não sei muito mais do que isso, mas eles virão depois do casamento. E eles virão fortes. A Klan tem voado sozinha até agora... tudo está prestes a mudar.” Eu respiro pelo nariz, tentando parar o fogo que queima

em minhas veias com o pensamento de que eu poderia tê-la perdido. Isso, depois de todo o planejamento e a merda que me levou para chegar a um lugar onde eu posso ir buscá-la, trazê-la para casa, para mim, ela jogaria fora se casando com outra pessoa. Depois que deixei a Klan por ela, minha maldita família, depois que entrei em um clube que poderia protegê-la, mantê-la segura...

Não é ela.

Styx levanta as mãos, seu corpo tão tenso que parece prestes a quebrar. "Então, vamos entrar primeiro." Energia zumbe através da sala como um incêndio. Os olhos de Styx são duros, o Hangmen mudo no controle total. Meu pulso começa a acelerar no meu pescoço. "Esses babacas pensam que podem nos tocar. Tocar nossas malditas cadelas e a terra e as crianças não nascidas..." Ele cerra os dentes. "Eles podem pensar de novo. Nós vamos possuir esses filhos da puta. Vamos entrar antes que eles venham atrás de nós."

"Teremos um trunfo", Ky diz. Ele sorri para cada um de nós, a porra de um sorriso sádico. "Vamos pegar a porra da noiva."

Meu pulso disparado para. Adelita não tinha muitos amigos ou membros da família – o pai a manteve trancada e fora de vista, além de se misturar com os locais, conquistá-los para que eles fossem sempre leais. Não sei se ela é próxima dessa prima. Não sei se machucaria Adelita que ela seja levada. Eu não sei nada.

Fecho os olhos e respiro fundo. Eu não posso continuar fazendo isso. Sou a porra de um Hangmen. Conheço o cartel e sei do que Quintana é capaz. Aquele filho da puta sádico nos matará. E ele gostará de fazer isso. Eu tenho que empurrar esses sentimentos para longe. Tenho que me concentrar e pensar com clareza, como sempre fiz.

"Tanner?" Eu olho para cima. Todos os olhos estão em mim. Meus olhos se estreitam enquanto tento descobrir o que foi dito. Ky está falando por Styx, o olhar desconfiado do prez parado em mim. Eu me desliguei totalmente. Tank se mexe ao meu lado. Sei que ele está se perguntando o que há de errado comigo. Estou fodendo tudo ultimamente. Eu sei disso.

As mãos de Styx se movem. "Precisamos de você nos planos da Klan", Ky diz. "Diga-nos onde eles estarão e quando. Não quero ter que lidar com eles também. Passe a informação que estaremos na estrada nesse dia. É a isca perfeita para os nazistas virem nos caçar." Eu concordo. Styx aponta para Shadow. "Shadow cobrirá o lado do cartel."

"Tenho que pegar as plantas da casa de Quintana. Eu nunca trabalhei com ele. Eu era um dos homens de Garcia, não suficientemente alto para conhecer o homem em si." Shadow estala os nós dos dedos, perdido em pensamentos. "O casamento será na propriedade dele. É a porra de uma fortaleza. Quintana está sendo inteligente. Nenhum filho da puta ousaria se infiltrar naquele lugar. Até as pessoas que moram nas aldeias ao redor são leais a ele. Ele lhes dá comida e água limpa, ajuda-os a estarem seguros. Eles morreriam para protegê-lo e sua família. Com a guerra, será o lugar mais protegido em todo o México."

Meus lábios se contorcem enquanto travo uma guerra dentro de mim. Aperto meus olhos fechados. Vejo o rosto de Adelita ao meu lado no travesseiro. Seus olhos castanhos perfeitos e cílios e lábios perfeitos... a mão dela segurando a minha.

"Você confia em mim?" Pergunto.

"Si, mi amor. Eu confio em você com todo o meu coração."

"Eu conheço o lugar." Respirando fundo, abro meus olhos e vejo a sala toda virando a cabeça na minha direção. Nenhum mais do que Styx. Afasto-me da parede, mostrando minha altura de um metro e noventa e três e cento e dez quilos. "Já estive lá. Entrei e saí por alguns meses alguns anos atrás."

"E você só pensou em nos dizer isso agora?" Ky pergunta.

"Não havia planos para entrar nesse lugar até agora. Nenhuma menção de entrar no território de Quintana." A raiva de apenas alguns minutos atrás explode dentro de mim. "Eu era a porra do herdeiro da Klan. Ia com meu velho na maioria das coisas. O filho da puta não me deixou saber da maior parte do que estava acontecendo. Mas sim, eu fui ao lugar do Quintana. Estive em uma tonelada de merda dos lugares dos associados da Klan."

"Você o conhece pessoalmente?" Shadow pergunta.

"Um pouco." Cruzo meus braços sobre o peito.

"Você sabia sobre o tráfico?" Isso vem de Cowboy. Eu entendo. Sua cadela foi levada.

"Não." Minha mandíbula aperta. "Meu velho manteve essa merda para ele. Parece que ele tinha o Meister para isso. Nós éramos drogas e armas. Isso e nos preparar para a guerra racial." Alguns risinhos seguem. Eu cerro meus dentes.

"Você pode desenhar as plantas da propriedade?" Shadow pergunta.

Eu empurro Adelita da minha mente, sua voz me dizendo para não trair seu pai, ou traí-la, mas eu concordo. "Eu posso fazer melhor que isso." *Tanner...* Ouço a voz apavorada de Adelita soar na minha cabeça. *Não, mi amor...* mas o que diabos eu posso fazer? O cartel estará em cima de nós se não atacarmos primeiro. Eu tenho que mantê-la segura. Vou me certificar de

que eles não machuquem sua prima. Se isso significa salvar Adelita... farei isso. Terei que descobrir uma maneira de fazê-la entender.

Eu preciso, princesa, digo na minha cabeça. *Por nós.*

A sala está esperando que eu fale. Expirando, digo, "Posso dizer as passagens escondidas." Shadow ergue a sobrancelha em surpresa. "A casa do Quintana é cheia delas. Elas levam a uma saída que não é tão bem guardada. Claro, pode estar nesse dia. Mas será a única maneira de vocês entrarem e saírem. Se tiverem sucesso." Meu pescoço dói com a tensão nos meus músculos.

"Como você conhece essas passagens tão intimamente?" Ky pergunta. Posso dizer pelo seu rosto que ele está tentando entender isso. Quando vejo a expressão sombria de Styx, tenho certeza que ele já entendeu.

A sala está silenciosa. Minha cabeça me diz para manter a boca fechada. Mas a hora chegou. A maldita hora de falar a verdade chegou. Eu mantenho o rosto de Adelita na minha mente. "A cadela pela qual eu me apaixonei... por quem eu deixei a Klan..." Engulo de volta a traição que sinto, sufocando minha garganta. "É Adelita... Adelita Quintana. A filha de Alfonso Quintana."

Levanto meu queixo e encontro os olhos de Styx na minha frente. Não terei vergonha. Eu possuo aquela cadela.

"Merda", Tank murmura. Eu me viro para Tank para ver o choque em seu rosto. Choque e depois simpatia. "Tann..." Ele entenderá. Ele entenderá porque é uma situação fodida para os homens da Klan se meter.

Antes que alguém possa falar, eu digo, "Ela não tem nada a ver com a vida do cartel. Seu velho a mantém fora do negócio. Ela não é uma ameaça para nós. Para ninguém. Ela só

está presa no show de merda.” Tank coloca a mão no meu braço, silenciosamente dizendo para calar a boca.

“Ela sabe que você está com a gente agora?” AK pergunta, estreitando os olhos.

Dou de ombros. “Não sei. Não sei mais o que ela sabe.” Balanço nos meus pés. “Ela é jovem. Apenas vinte e dois anos. Protegida. Ela não tem nenhuma ideia do perigo em que está.” Meu estômago aperta com o fato.

“Bom!” Vike diz. “Mulher mais jovem. Buceta mais apertada. Eu te entendo, cara. Boa escolha.” O filho da puta pisca.

“Estamos em guerra com sua família. E agora com sua Old lady”, Ky diz, parando de falar. Ele encontra meus olhos, uma pergunta pairando no ar.

“Foda-se minha família”, cuspo. “Todos eles podem ter suas gargantas cortadas pelo que me importo.”

“E a cadela?” Bull Pergunta.

“Eu sou um Hangmen. Não arriscarei isso. Pegue a porra da prima. Eu não me importo.” Tenho certeza que os irmãos ouvem a besteira na minha voz. Porque nada ou ninguém machucará Adelita. Eu só tenho que pensar em um maldito plano. Algo para mantê-la segura. Para de alguma forma, tirá-la de lá e fazê-la entender tudo o que fiz. “Mas em algum momento, eu vou pegá-la. Vou tirá-la do México e tê-la ao meu lado.”

Styx olha para mim. Eu o desafio – qualquer um deles – a argumentar. Mas ele apenas aponta para Shadow. “Passe as plantas para ele. Certifique-se de que estejam certas.” Styx olha ao redor da sala, concentrando-se em alguns dos irmãos. “AK, Smiler, vocês vão.” Eles assentem com a cabeça, excitação brilhando em seus olhos. “Crow, você também.” Crow sorri e

abaixa a cabeça uma vez. “Preciso de alguém para discretamente eliminar o maior número possível desses filhos da puta.” Styx olha para Edge. “Você também vai.”

“Não diga mais nada”, Edge responde.

“Nós planejamos isso. Nós planejamos muito. E nós não falhamos. Temos muito a perder. Se pegarmos uma das herdeiras deles, poderemos negociar. Se não tivermos essa vantagem? Todos nós teremos a chance de chegar ao barqueiro.” Styx bate o martelo e os irmãos começam a sair da sala.

Quando vou sair, Tank me puxa de volta. Quando a sala está vazia, ele diz, “Por que diabos você não me contou?”

Puxo meu braço para trás. “Eu tinha que mantê-la segura.”

Tank está bravo. Vejo isso em seus olhos. “Você ainda poderia ter me dito. Nós poderíamos ter contado a Styx e Ky juntos. Pensar em algo. Planejar para tirá-la de lá.” Ele balança a cabeça. “Você sabe como isso parece, apenas soltar uma bomba assim? A *filha* de Quintana, Tann?” Não falo nada. Tank aproxima-se de mim. “Isso faz você parecer culpado de alguma coisa.”

“Não dou a mínima.” Tank passa as mãos pelo rosto. “Nunca pensei que iríamos para a guerra com Quintana. Nunca pensei que Adelita estaria no radar dos Hangmen. Mas aqui estamos nós. E ainda pretendo recuperá-la. Quando essa merda acabar. Vou recuperá-la. Isso nunca mudará.” Eu não quero mais falar. Estou farto. “Preciso de um cigarro.”

Deixo Tank na igreja, saio do clube e caminho até a floresta. No minuto em que tenho a cobertura das árvores, deixo meu punho voar para a mais próxima. Meus dedos se abrem, mas eu não paro. Bato de novo, vendo o rosto de Adelita, o rosto

de Beau, e os rostos de todos os meus malditos irmãos Hangmen quando eu disse a eles sobre a Lita. Soco e esmurro até ficar sem ar e o sangue pingar da minha mão.

Um galho quebra. Eu me viro, pronto para esmagar o rosto de quem está aqui. Quem quer que tenha um desejo de morte. Hush fica me observando, seus braços cruzados sobre o peito. Meus punhos cerrados relaxam. Se tivesse sido mais alguém...

"O que você quer?" Pergunto, minha voz está ríspida pra caralho.

"Você está bem?"

Olho para Hush, para seus olhos azul-gelo me encarando. Meu irmão mestiço de pé perto de uma árvore, o galho pendurado perto de seu pescoço, isso me faz pensar em todos os malditos homens sem rosto que eu vi balançando nas forcas. O trabalho da minha antiga irmandade, feito com qualquer um que não fosse branco, um desertor da Klan ou que fosse um inimigo da causa.

"Você não contou a ele." Estou falando sobre Styx. Hush manteve meu segredo.

Hush levanta a sobrancelha. "Não." Ele se aproxima. Acendendo um cigarro, ele oferece um para mim. Pego um e acendo, dando uma longa tragada. "Não era minha história para contar", Hush finalmente diz. Meu estômago relaxa. "Quem você fode não é da porra da minha conta."

Quem eu fodo? Eu penso. *Ela é a porra da minha noiva!* Eu quase grito. Mas me seguro. Ninguém sabe disso. Ninguém além de mim e ela. Cristo. Às vezes nem sei se ainda é verdade. Se ela ainda tem a porra do anel improvisado que lhe dei. Se ela ainda me *quer*.

"Vamos pegar a prima dela", Hush diz. Puxo trago após trago do cigarro, esperando que a nicotina pare a sensação de aperto no meu estômago. A maldita corda que está se enrolando nos meus órgãos, separando-os. "Sua Old lady vai te perdoar por isso?"

A verdade é que eu não sei. Mas ela já me perdoou por pior...

Hush joga seu cigarro no chão, e pisa nele para apagá-lo. Com um último olhar silencioso, ele caminha de volta para o clube. No minuto em que ele está fora de vista, eu caio no chão. De costas contra a árvore que agora está manchada com o meu sangue, fecho os olhos e deixo o sol que está cortando as árvores aquecer meu rosto.

Penso em Adelita sentada, esperando que sua prima se case. Ela não aparecendo. Entrando em pânico quando percebe que ela foi levada pelos Hangmen, Valdez, ou quem quer que seja que seu velho tenha irritado. Eu solto um suspiro. Não sei o que fazer. Eu não sei como estar neste clube com toda essa merda pairando sobre mim. A mulher que possui meu coração, agora é o inimigo. Eu tenho que protegê-la, mas tenho que proteger meu clube também. E então há meu irmão, meu maldito irmãozinho...

Precisando de algo para pensar que não seja essa merda, eu deixo o sol aquecer meu rosto e penso em Adelita. Nos dias em que ela me fez perder a cabeça. Os dias em que ela começou a derrubar paredes que pensei que nunca seriam destruídas... especialmente por alguém como ela...

Eu bebo a minha água. Preciso de uísque como se eu fosse um maldito alcoólatra, mas não toquei em bebida alcoólica desde que chegamos aqui há algumas semanas. Não confio em ninguém

aqui. Nenhum deles. Estou mantendo minha cabeça lúcida, meus olhos claros.

Olho para o sol. Está quente pra caralho. E outro dia veio e meu velho continua me mantendo fora do que está planejando com Quintana. Outro maldito dia em que eu tenho que sentar e contar os dias que faltam para voltarmos para as nossas terras texanas.

Beau: Como vai?

Eu: Uma merda. Como está aí em casa?

Beau: O mesmo de sempre. Landry cuidando dos negócios. Será bom ter você de volta.

Beau continua fazendo o check-in enquanto eu estou aqui. Ele não confia em Quintana, isso é óbvio. Eu daria tudo para estar em casa. Em vez disso, estou aqui. Neste inferno.

Olho para as piadas que são os guardas de Quintana, e mal ouço o clique de uma porta se abrindo à esquerda. Eu congelo quando Adelita entra, segurando um livro, vestida com um tipo de robe curto, mostrando seu corpo bem definido. Seu cabelo preto cai em suas costas em cachos soltos. Seus olhos estão cobertos com enormes óculos escuros pretos. Ela vem na minha direção, seus saltos altos vermelhos clicam no caminho. Estou sentado ao redor da piscina de tamanho ridículo esta manhã, esperando que a cadela não me ache para me arrastar com ela. Estou cansado pra caralho de ficar perto dela. Sua voz rouca arranha os meus nervos. Eu tenho vinte e sete anos. Ela é bem mais nova que eu. Acho que está no final da adolescência ou início dos vinte anos. Mas de alguma forma, ela tem cada filho da puta enrolado em seu dedo. Ela claramente pensa que pode fazer o mesmo comigo também.

A cadela está muito enganada.

A garrafa vazia de água se retorce. Eu não percebi que meus punhos estavam cerrados, quebrando o plástico até que o barulho ecoa ao redor da piscina. E não percebi que meus olhos nunca deixaram Adelita até que ela levanta os óculos escuros e sorri para mim. "Apreciando a vista, senhor Ayers?"

Meus lábios se curvam enquanto ela espera pela minha resposta. "Não se iluda." Viro minha cabeça, tentando ignorá-la. Eu não sei por que diabos ela quer estar perto de mim. Não, isso não era verdade – eu descobri rapidamente. Ela sabe que não gosto dela. E ela está apenas tentando me irritar.

E, apesar de tudo, está funcionando.

Ao vê-la se mover para perto de mim, eu me viro, apenas para vê-la retirando seu robe, revelando um biquíni vermelho por baixo. Se essa porra pode ser chamada de biquíni. Adelita se senta ao meu lado, na espreguiçadeira ao lado da minha.

Eu posso sentir o cheiro daquele maldito perfume novamente. "Eu sei o que você está fazendo", digo, vendo aquele idiota do Vincente me olhando do outro lado da piscina.

"É?" Ela diz. "Importa-se de me esclarecer? Para me tornar consciente do meu plano mestre?"

Viro a cabeça para ver seus olhos escuros divertidos já em mim. "Sim", eu sussurro. "Você está tentando me irritar. Desde o dia em que seu pai lhe disse para vigiar o nazista." O nariz dela se alarga, apesar de manter o rosto inexpressivo.

Aí. *Aí está a porra confirmando que ela está odiando essa merda tanto quanto eu. Ela abre a boca para falar, mas antes que possa, Vincente se afasta para atender uma ligação. Aproveitando a distração dela, eu me inclino e rosno, "Você não faz nada comigo. Então pode parar de agir como se eu te achasse atraente. Eu nunca enfiarei meu pau na sua buceta."*

Adelita engole em seco, tentando sempre lutar contra a raiva, mas desta vez não consegue. Seus olhos castanhos brilham e vejo a porra do fogo acender. Vi isso acontecer antes. Adelita tenta tirar vantagem da minha proximidade e me ataca com sua mão. Pouco antes de sua palma acertar minha bochecha, pego seu pulso e puxo-a para mim. Com meu nariz quase tocando o dela, eu digo, "Boa tentativa, princesa."

"Saia de perto de mim", Adelita grunhe, tentando puxar a mão para trás. Eu aperto mais forte.

"Mal posso esperar que meu pai termine e eu esteja de volta em solo americano. Fora desta porra de lugar." Movo-me tão perto dela que posso sentir seu hálito quente correr pelo meu rosto. Ela cheira a hortelã e ao coco de seu cabelo e o protetor solar que está escorregadio e brilhante em seu corpo firme. Sua língua percorre seus lábios vermelhos. Aquele batom. Aquele batom filho da puta que ela sempre usa está me irritando mais a cada dia que passa.

"Solte-me", Adelita diz, calmamente. Muito *calmamente. Eu sei que é besteira. Posso ver o ódio por mim em seus olhos, posso sentir seu pulso tremendo na minha mão.*

"Fique longe de mim", aviso. Nossas testas estão praticamente se tocando. Preciso que ela receba a mensagem. Receba a maldita mensagem de que tê-la ao meu lado todos os dias não funcionará mais. Eu quero que ela vá embora. Seus olhos castanhos e cabelos compridos e longos cílios fora da minha vida filha da puta. "Você vai parar de falar comigo. Você sairá da porra da sala se eu estiver dentro, e você nem vai olhar na minha direção. Eu sou o Príncipe Branco da porra da Ku Klux Klan, a instituição que vai salvar a América. Dos aproveitadores e dos impuros e –"

De repente, Adelita esmaga seus lábios nos meus. Eu congelo, ainda segurando o pulso dela com força na minha

mão. Sinto o gosto de hortelã, e quando Adelita empurrou a língua dentro da minha boca é doce e viciante e –

Adelita recua, puxando a mão do meu pulso apenas para espalmá-la no meu rosto. Minha cabeça estala para o lado, a picada da sua palma como gasolina no fogo que eu já tenho em chamas por dentro. Lentamente, eu viro minha cabeça até que encontro seus olhos fervendo. "Você, Tanner Ayers, não me agrada." Meu peito sobe e desce com a minha respiração rápida. Adelita se inclina para frente e um pouco de cabelo cai no seu rosto. Isso a faz parecer diferente, normal. Ela nunca parece nada além de perfeita. Uma princesa perfeitamente arrumada, cujo pai a mantém trancada em sua torre de marfim construída por drogas.

Eu posso sentir o cheiro dela. Posso sentir o cheiro do coco. Está na porra da minha pele. Minhas mãos. Meu rosto e lábios. Sento-me reto quando sinto meu pau endurecendo. Precisando acertar alguma coisa, precisando derramar para fora essa raiva que ela me faz sentir, eu me levanto. Viro-me para Adelita, provando o hortelã de sua boca. "Você", eu grunho. "Você fez essa porra, você –" Seguro seus ombros e a puxo para mim. Ela não pesa nada e meu aperto é forte demais. Seu peito bate contra o meu. Sua mão bate no meu rosto de novo e de novo, até que eu a jogo na espreguiçadeira e a prendo pelos dois pulsos esguios. Sento-me entre suas pernas e me inclino até que sou tudo o que ela pode ver. "Você é uma prostituta. Você me tocou. Você não pode fazer isso. Suas mãos impuras não podem que me tocar –"

O som de vozes me faz congelar. Não é até que eu deixo a raiva de lado que percebo que minha boca está pairando logo acima da de Adelita. Sua pele está corada e seus seios estão pressionados contra o meu peito nu. Grandes peitos mexicanos empurrando contra a minha tatuagem preta da suástica.

"Tire suas mãos nazistas de mim." Adelita fala devagar e baixo. "Meus guardas estão prestes a vir. E se o virem me tocando, eles atirarão em você." Abro minha boca para dizer a ela que não me importo. Que não tenho medo dos guardas que seguram armas e fingem que são alguém nesse mundo, mas ela me pegou com isso. "O papai quer que esse acordo aconteça. Eu sugiro que você –" ela coloca os lábios mais perto do meu ouvido "– afaste-se de mim, Príncipe Ayers do caralho." O cheiro de rosas passa pelo meu nariz, veio do perfume em seu pescoço.

Ouvindo a voz de Vincente ficando mais alta, rolo para trás de Adelita e sento-me na espreguiçadeira. Vincente e três outros guardas entram novamente na área da piscina segundos depois. Vincente instantaneamente olha para Adelita. Ele fala com ela em espanhol e ela responde. Adelita está segurando seu livro novamente, um sorriso no rosto e batom refeito onde foi borrado. Pelo menos a maior parte.

Quase de volta à princesa perfeita que ela fingia ser, mas eu sabia que não era. Eu vi as rachaduras.

Quando Vincente olha para mim, então se afasta, eu me inclino e digo, "Seu batom está manchado, princesa." Sorrio quando seus olhos escuros raivosos batem nos meus. "Você parece uma prostituta." Fico de pé e passo pela lateral da piscina até chegar nas suítes. Eu bato a porta e praticamente corro para o chuveiro. Aperto meus olhos conforme deixo a água lavar o coco da minha pele, o cheiro de menta e rosas. Lavo o toque de Adelita, seu toque impuro do meu corpo... e o gosto dela da minha boca. A hortelã e a doçura e a porra do gosto da sua língua de prostituta deslizando pela minha. A sensação de seus seios contra o meu peito e ela entre as minhas pernas. Liberando a raiva que vem crescendo desde que ela saiu da piscina... porra – *desde que cheguei neste pedaço de inferno mexicano – eu fecho minha mão em um punho e a lanço contra a parede. O azulejo azul quebra e cai no chão com o meu sangue. Fico lá até a água em cima de mim*

esfrie, o ódio não desaparece... embora desta vez não seja por Adelita. Em vez disso, é por mim mesmo. Meu pau ainda está duro como granito. Só fica mais duro quanto mais eu lembro da sua boca na minha, sua língua, seus seios... a porra do seu gosto. Então eu soco a parede novamente. Eu soco e soco até que sei que há fraturas nas minhas juntas e a pele delas abriram e nada resta além de carne viva.

Mas isso não ajuda. Essa cadela está na minha cabeça. Uma bruxa filha da puta, é o que ela é.

Nada além de uma maldita bruxa.

Saindo do chuveiro, sento-me na cama, mas o quarto parece estar se fechando. Eu preciso de ar. Visto minha camisa, botas e jeans, saio da suíte de hóspedes... e vou direto para o meu pai. Antes que eu perceba, sou jogado contra a parede no corredor. Seus olhos estão lívidos. "Por que estou ouvindo dos guardas que você está tocando a filha? Rosnando na porra do rosto dela e jogando-a na espreguiçadeira?" Eu não respondo. Qual é a porra do ponto. É a verdade. Meu silêncio irrita meu pai mais do que qualquer resposta. E eu me preparo para o soco. Os muitos socos que começam a cair no meu rosto. Sinto o gosto de sangue na minha boca, sinto escorrendo pelo queixo do meu lábio e do nariz.

E eu aceito. Fico lá e aceito, nunca revidando.

Meu pai faz uma pausa para acrescentar, "Os guardas estão em toda parte. Se estragar este negócio, você está acabado. Você me escutou? Acabado pra caralho." Suas mãos envolvem minha garganta – um aviso. "Você entendeu?"

"Sim, senhor", respondo. Meu pai solta suas mãos e endireita seu terno. "Agora, limpe-se. Você parece um maldito caipira que esteve em uma briga de bar." Ele se afasta. Eu não me mexo do lugar contra a parede. Ainda luto com o desejo de segui-

lo e bater na porra da cara dele por nada. Mas eu não farei isso. Como um bom filhinho, não farei.

Percebendo um movimento do outro lado do corredor, meu estômago revira quando vejo Adelita. Seu rosto pálido me diz que ela viu tudo. Eu quero dizer para ela ir se foder. Para me deixar em paz quando ela vem em minha direção. Seus olhos castanhos me percorrem – os cortes e o sangue – então ela me entrega um lenço de papel.

"Você está bem?" Ela pergunta.

Eu a olho. Olho para a cadela. Mas então vejo algo mudar em seus olhos. Não é pena. Ela não está se regozijando.

Parece compreensão.

Adelita começa a se afastar. Eu olho através da janela próxima. Para o céu escurecendo. "Você já sentiu que sua vida não é sua?"

Na minha visão periférica, vejo Adelita se virar. Quando encontro seus olhos, as lágrimas neles fazem meu coração parar. "Sim", ela sussurra, e aquele sussurro corta a porra do meu peito. "Sei exatamente como é isso."

Eu olho para ela. Ela olha para mim. Arrepios começam a surgir na minha pele, e eu me afasto. Forço-me a sair da parede e volto para o quarto. Bato a porta e fico de pé contra a madeira.

Ignoro a batida do meu coração.

Empurro suas lágrimas da minha mente.

Recuso-me a me mexer até que o faço.

O sol surge, "Sei exatamente como é isso" ainda corre pela minha mente, o lenço dela ainda na minha mão.

Capítulo quatro

Adelita

Dois anos atrás...

O ar no carro era tão espesso que achei difícil respirar.

Eu estava ciente demais de Tanner. Muito afinada com cada movimento que ele estava fazendo. Antes de vê-lo na noite passada, o ódio contra ele governava todos os meus pensamentos. Cada movimento meu. O confronto de ontem deu uma guinada na minha mente. Ele pairando acima de mim. O gosto dele na minha boca: tabaco e fumaça. Mas ver seu pai atacá-lo ontem à noite no corredor... ver Tanner parado ali, recusando-se a revidar, fez algo com esse ódio. De alguma forma, atenuou. Começou a transformá-lo em algo que parecia compaixão.

Compaixão pelo príncipe nazista.

Mas claramente não tinha feito nada para diluir o ódio de Tanner por mim. Desde o minuto em que o vi esta manhã, mais desprezo do que o habitual parecia irradiar dele em minha direção. Seus olhos estavam glaciais quando encontraram os meus. Seu corpo estava mais rígido quando ele estava perto de onde eu estava. E seus lábios estavam mais apertados, como se ele estivesse lutando contra as palavras malvadas que ele queria lançar na minha direção.

E agora estou presa neste carro com ele, graças ao meu pai...

"Leve Tanner com você amanhã, Adela. Mostre a ele as pessoas que ajudamos, que têm empregos por nossa causa. As pessoas locais que nos fazem quem somos." Meu coração bate em um ritmo desconexo enquanto meu pai e William Ayers acenam um para o outro como se fosse uma boa ideia. Os trabalhadores da fábrica. Eu devo me encontrar com os operários da fábrica amanhã e as crianças da escola da aldeia.

Não olho para Tanner, apesar dele estar bem na minha frente. Eu não olhei para ele nenhuma vez desde que a nossa presença foi solicitada no jantar. Fomos deixados sozinhos durante a maior parte das semanas em que estiveram aqui. É puro azar que esta noite, depois do que aconteceu ao lado da piscina e depois no corredor, tenha sido a noite em que meu pai nos queria todos juntos. Todos estão simplesmente ignorando o estado do rosto de Tanner. Como se ele não estivesse sentado com o rosto machucado e ferido e mãos enfaixadas. Parece que o acordo entre Papai e o Governador Ayers está quase fechado, então não há necessidade de reconhecer nada que coloque o negócio em risco.

Mas eles voltarão. E eles voltarão em breve. O acordo demorará muito mais para ser discutido.

Abro a boca para falar, mas Tanner fala primeiro. "Acho que é hora de me sentar com você, pai. Quero estar nas reuniões. Eu deveria estar. Chega de me deixar fora."

A mandíbula do governador Ayers aperta com o pedido de Tanner. Fico surpresa por Tanner ser tão conflituoso, especialmente desde que seu lábio e nariz inchados têm apenas algumas horas de vida. "Bobagem", ele diz secamente. "O acordo está quase fechado." Ele olha para Tanner por alguns segundos constrangedores, como se estivesse dando ao seu filho um aviso

com os olhos. “Vá com Adelita amanhã. Veja os trabalhadores.” Posso dizer pelo tom dele que não é um pedido.

Os olhos de Tanner vão do seu pai para o frango em seu prato, mas a raiva penetra em seus músculos tensos... músculos que, há apenas algumas horas, me mantiveram presa embaixo dele.

“Então está resolvido”, Papai diz. “Tanner vai acompanhá-la amanhã antes que ele e seu pai vão embora. Será bom que você veja as pessoas que nossos negócios ajudam, Tanner. Isso lhe mostrará por que fazemos o que fazemos.”

O som de uma buzina de carro me afasta da memória da noite passada. Minha mão aperta minha coxa com tanta força que sei que haverá uma contusão debaixo do meu vestido roxo.

Marco, meu motorista, nos leva pelas estradas rurais até a aldeia. Vincente está no banco do passageiro. A música toca baixinho no rádio, mas a tensão no carro é tão espessa quanto o nevoeiro. O vidro de privacidade separa Tanner e eu de Vincente e Marco. Eles não ouviriam nada a menos que eu apertasse o botão e permitisse. Mas eu não tenho nada a dizer a Tanner que precise ficar fora do alcance dos meus guardas, e pela maneira como ele se sentou longe, olhando pela janela com uma expressão amarga no rosto, eu poderia dizer que ele não tem nada a dizer também. Se ele quer agir como se o que eu vi na noite passada não aconteceu, posso jogar o jogo dele. O que importa de qualquer maneira?

Tudo o que consigo pensar é na maneira como bati na cara dele na piscina. Apertei meus lábios nos dele para fazê-lo parar. Calar o Príncipe Branco e sua atitude irritante e superior. Eu não esperava que ele me beijasse de volta. Foram

apenas por alguns segundos, mas sua boca tomou o controle da minha.

Não gostei disso... eu não gostei. *Não gostei do jeito que ele me segurou. Fiquei com raiva dele tanto quanto ele de mim.*

O movimento da mão no seu joelho me chama a atenção. Sua mão está fechada, assim como a minha. Arrisco outro olhar rápido para o rosto dele e o encontro me observando. Não desvio o olhar. Eu me recuso. Não o deixarei ver que ele está na minha cabeça. Que esse príncipe nazista de alguma forma me afetou. Na noite anterior, no corredor e no jantar, senti uma espécie de afinidade com ele quando seu pai o espancou, quando o expulsou do negócio para o qual foi trazido para cá para conduzir. Tinha visto que, como eu, ele estava sob o punho de ferro do seu pai – nós, os bonecos dançando em cordas paternas.

Meu coração bate mais e mais rápido quanto mais ele olha para mim. Precisando dizer alguma coisa, para quebrar o silêncio sufocante que se abateu sobre a traseira do carro, eu digo, "Você não será ofensivo com essas pessoas." Os olhos de Tanner se estreitam, é a única coisa que me diz que o meu pedido o irritou. Bom. Sua presença me irrita diariamente. O fato de que ele está no meu país com relutância — o país que eu amo – irrita-me. Ele acha que estamos abaixo dele. Mas ele, com sua atitude superior e mentalidade estreita, é quem não se encaixa aqui.

Eu me movo para encará-lo, relaxando minha mão, mascarando o fato de que meu pulso está acelerado. "Essas pessoas têm dificuldades. Você não vai andar entre elas e envergonhá-las. Envergonhá-las por serem orgulhosamente mexicanos e devotados à minha família. Eles não são do nosso mundo. Eles andam na luz, não no escuro. Eles não conhecem a Ku Klux Klan, pessoas que os odeiam antes de conhecê-los simplesmente por terem a pele mais escura."

"Eu não poderia dar a mínima para eles", Tanner diz, sua voz incapaz de esconder a tensão que está claramente bloqueando sua garganta.

"Passe por isso, Tanner Ayers, então você vai em breve deixar este país que você detesta."

Tanner olha para frente, para longe de mim, mas seus olhos se fixam em frente em alguma coisa. Vincente. Vincente está nos observando com olhos desconfiados. Tanner olha para ele. O olhar de Vincente se move para mim. Eu sorrio, tentando o meu melhor para convencê-lo de que está tudo bem. Quando ele volta sua atenção para as estradas arborizadas, relaxo.

"Eu nunca odiei ninguém na minha vida do jeito que odeio você", sussurro para não chamar a atenção. Olho para os campos que começaram a aparecer pelas árvores ralas, só para evitar olhar para o rosto miserável de Tanner.

"O sentimento é mútuo, princesa", Tanner dispara. Eu cerro os dentes, praticamente vibrando com animosidade. Com frustração. Em como um homem tão bonito poderia se tornar tão repulsivo pelo ódio que derramava de seus olhos azuis. Fui criada pelo chefe do cartel mais implacável que já apareceu em solo mexicano. Eu estava plenamente consciente de que o luxo que me foi concedido vinha de dinheiro feito do sangue de nossos adversários. De pessoas com dependência de drogas. Era a vida. Era a minha vida. Tanner Ayers andava por um caminho semelhante. Só que seus dias consistiam em ódio. Ódio daqueles que não se encaixavam em sua caixa de branco protestante anglo-saxônico perfeito. E ele amava tanto a sua ideologia que a usava na pele para todos verem. Símbolos de ódio e opressão. Racismo e preconceito gravados em sua pele em linhas pretas.

Como deve ser viver com esse nível de ódio no coração de alguém? Ele era sequer capaz de amar? Ou era tão estranho para ele como o país que ele agora olhava da janela?

Ele deve ter percebido que minha atenção se desviou para ele junto com meus pensamentos desorientados, porque Tanner olha para mim. O breve lampejo de simpatia que acabei de sentir por ele novamente se desfez com aquele único olhar... mas então, por uma fração de segundo, seu ódio diminui, desaparece de seus olhos e seu olhar se move para os meus lábios. A boca de Tanner se abre e ele exala um suspiro rápido e frustrado.

Meu coração dispara. Meu rosto se aquece como se eu estivesse de repente diante de um fogo ardente. Mas então Tanner desvia o olhar de mim e se vira para olhar pela janela. Eu o vejo respirando pesado e apertando seus punhos com tanta força que acho que ele pode estalar seus dedos enfaixados.

Minha mente clareia no segundo em que o carro para. Um segundo carro tinha nos seguido atrás. Mais guardas. Meu pai tem muitos inimigos e qualquer viagem para fora da fazenda fortemente vigiada é um risco. Meu pai me mantinha a salvo, mas às vezes essa segurança é uma gaiola de ferro. As viagens para a aldeia é uma das minhas únicas saídas.

Vincente sai do carro e abre a minha porta. Tanner segue e anda ao redor do carro para ficar ao meu lado. Eu nunca fui mais consciente de sua presença do que estou agora. Desde ontem. Desde que ele colocou as mãos em mim. E eu coloquei as minhas nele. Eu me arrependo de beijá-lo. Eu me arrependo de ter lhe dado alguma atenção nas últimas semanas.

Guardas se reúnem em volta de mim enquanto caminhamos para a aldeia. No minuto em que entramos na pequena praça, as pessoas saem de suas casas. Balanço a cabeça para os guardas para começarem a distribuir o dinheiro que trouxemos. Eles distribuem, e as pessoas pegam minha mão em agradecimento. Eu abraço as crianças que vejo a cada semana, ouvindo suas histórias do que estavam aprendendo na escola. O dinheiro é para os professores, os pais e os idosos.

Eu olho para trás, perguntando-me onde Tanner foi. Ele está de pé no fundo da multidão, observando. Seus braços estão cruzados sobre o peito largo, a camisa branca apertada esticada sobre os músculos fortes. Ele está com uma carranca no rosto, mas há quase um eco de perplexidade em sua expressão também. As pessoas olham para o grande americano que é coberto de tatuagens. Algumas das crianças até tentam falar com ele. Ele as ignora. Eu não esperava nada menos.

Ele fica em silêncio, pendurado nos fundos, enquanto caminhamos pela fábrica e depois na escola. Ele não diz nada o tempo todo. Nenhuma injúria ou insulto. Tanner apenas observa com intensidade feroz. Eu não tenho ideia do que ele está pensando.

Incomoda-me que eu pareça me importar.

Quando entramos no banco de trás do carro e saímos, olho para ele. Ele está vendo o mundo lá fora passar. O crepúsculo cai, lançando os campos dourados em uma mortalha de luz laranja. "Minha hora favorita do dia", sussurro. Vejo ele ficar tenso enquanto falo. Eu não me importo. Falarei quando quiser. Sou Adelita Quintana. E tenho voz. Estou de saco cheio de homens me dizendo quando posso e não posso falar. Que meus pensamentos e opiniões não importam neste mundo. "Você pode achar que nós, mexicanos, somos apenas a sujeira dos seus superiores sapatos americanos, mas você está errado. Somos pessoas de integridade, trabalho duro e família." Aponto para os campos. "E até mesmo você, Príncipe Branco, não pode negar a beleza desse pôr-do-sol mexicano."

Tanner exala e lentamente vira a cabeça para mim. Vejo o desejo em seus olhos no minuto em que nossos olhares colidem. Engulo o nó repentino na minha garganta. Abro a boca para dizer alguma coisa — qualquer outra coisa — quando um tiro ensurdecedor soa do lado de fora. De repente, o carro desvia e

algo bate em nós, parecendo uma pedra quebrando de um penhasco e soando como um trovão ensurdecendo o céu. O metal do carro é esmagado e somos jogados para a lateral da estrada.

Que diabos? *Eu penso.* O que está acontecendo? *Pisco, tentando ver o lado de fora do carro quando batemos em algo que faz o carro parar e nossos corpos se debaterem nos cintos de segurança. Olhando para cima, a cabeça girando, vejo sangue no vidro que separa a frente do carro da parte de trás. Pânico corre por mim.*

"Você está bem?" Uma voz está tentando empurrar através do forte ruído que está zumbindo nos meus ouvidos e no visual aparentemente lento fora do carro. Tiros são disparados em rápida sucessão em algum lugar à curta distância. Meu corpo rapidamente descongela... mas é para uma conclusão surpreendente.

Tanner está deitado em cima de mim.

Cobrindo-me

Protegendo-me.

Seus olhos azuis estão olhando nos meus quando ele pergunta de novo, "Adelita? Você está bem? Nós temos que nos mover."

Seu braço grosso e tatuado é um cinto de segurança de ferro na minha cintura. Ele me manteve segura. Ele se assegurou de que eu não fosse machucada quando o carro entrou na vala ao lado da estrada. Sangue escorre do seu nariz e de um corte na sua cabeça. Ele está ferido. Machucou-se me protegendo.

Eu mal posso respirar com esse fato.

E ele me chamou pelo meu nome. Mesmo com todo o caos, sangue e tiros, me ocorre... ele me chamou pelo meu nome.

"Precisamos nos mover", Tanner diz novamente, afastando-se de mim. Choque me deixa sem palavras quando ele pega minha mão na sua. Ele me puxa para o lado do carro e a porta se abre. Prendo a respiração, temendo que sejam os atacantes, mas meu medo é reprimido quando vejo que é Vincente.

"Venha, Lita. Precisamos levá-la para uma casa segura." Outra rodada de tiros soa à distância. Minha atenção é atraída para a massa de sangue vermelho no painel de vidro entre os assentos.

"Marco..." eu digo, meu estômago revirando em pânico quando vejo seus olhos abertos, olhando para mim friamente...morto. "Não!" Eu sussurro.

"Adelita, venha, precisamos nos mover", Vincente diz. "Nós temos os atacantes ocupados mais adiante, mas precisamos tirar você daqui enquanto esperamos por ajuda. Eles são fortes e não temos homens suficientes para mantê-la segura." Tanner me puxa para fora, mantendo-me ao seu lado. Estou com medo, em perigo... no entanto, só consigo me concentrar em como Tanner me mantém por perto... sem soltar. Meu coração vacila conforme ele me protege enquanto examina a estrada. Eu me lembro de todas as coisas horríveis que ele me disse, que ele fez. O jeito que olhava para mim, só para me lembrar que ele não é um bom homem.

Mas então eu repasso seu pai batendo nele e Tanner apenas permitindo. De suas palavras... Você já se sentiu como se sua vida não fosse sua...?

A mando de Vincente, um dos guardas do segundo carro se aproxima, me tirando dos meus pensamentos. "Leve-os para o esconderijo a alguns quilômetros ao norte", ordena Vincente. O guarda assente e, erguendo a arma, verifica se a entrada da floresta está limpa. Vincente se dirige a mim e a Tanner. "Fiquem lá até a ajuda chegar. Existem suprimentos se isso levar

tempo. Um telefone de emergência para verificar a situação. Câmeras para vigiar alguém se aproximando."

"Vou ficar para lutar", Tanner diz. Ele parece sanguinário, os olhos brilhando com adrenalina, os músculos do pescoço tensos. Meu estômago revira com o pensamento dele ficar... tento afastar a sensação estúpida. Por que me importo se ele se juntar à luta? Os guardas do meu pai me protegeriam. Sempre o fizeram. Deixe o Príncipe Branco lutar. Deixe-o enfrentar os inimigos de meu pai e arriscar sua vida por causa do seu orgulho.

No entanto, o sentimento de náusea no meu estômago não desaparece, não importa o quanto tento me convencer de que não me importo.

Não deveria me importar.

Eu não queria me importar.

Você já sentiu que sua vida não é sua?

Vincente sorri, indiferente à presença dominadora e intimidadora de Tanner. "Você vai com Adelita. Eu gosto da minha vida e se algo acontecesse ao herdeiro da Klan sob minha supervisão, eu a perderia. Nenhuma ajuda sua vale isso." Tanner cerra os dentes como se fosse argumentar, mas quando o guarda faz sinal para nos movermos, ele amaldiçoa em voz baixa e me arrasta para a floresta. Ele puxa meu braço com tanta força que eu não tenho certeza se o acompanharei. Tanner está bravo. Eu posso ver isso. Mas bravo com a situação? Ou o fato dele ter que ficar comigo? Se for assim, por que me proteger? A menos que seja para o negócio não ser quebrado com meu pai... essa é sua motivação? Por que me importo se é?

Nós não paramos, em vez disso mergulhamos mais fundo na floresta. Meus tornozelos esticam a cada passo que dou; meus sapatos não são apropriados para caminhadas. Mas nós

continuamos... e o tempo todo Tanner não solta minha mão. Eu deveria estar olhando para as ameaças, mas ao invés disso eu o observo enquanto seus olhos percorrem a floresta, nunca abaixando a guarda. Sei que ele deve ter sido treinado para isso de alguma forma. O jeito que ele está agindo, é como se soubesse como se manter seguro. Militares americanos, talvez?

Mais à frente, o homem do meu pai avança rapidamente pelo caminho irregular que leva a um dos muitos esconderijos que meu pai tem em volta dessa terra. Meu coração dispara, o medo do ataque me deixando cambaleante e no limite. Como filha de Quintana, este não é o primeiro ou o décimo atentado à minha vida. Mas nunca me acostumei com isso. E minha mente está sobrecarregada com o medo de que esta vez fosse a que me levaria embora.

Sem dúvida é um cartel rival. Sempre é. Homens famintos pela riqueza e poder que meu pai possui. Eu sempre serei o melhor trunfo para qualquer um dos inimigos do meu pai. Todos sabem que eu era o calcanhar de Aquiles de Alfonso Quintana.

O tempo passa e a escuridão cai. A floresta se torna mais e mais espessa, tornando mais difícil de ver. Ainda assim, Tanner nunca me solta. Sua mão na minha parece inflexível e forte. Em um intervalo na escuridão das árvores alinhadas, vejo minha pele amendoada contra sua mão branca tatuada. As breves fatias da luz da lua fazem com que pareçam não tão diferentes quanto Tanner acreditava.

Minhas pernas estão cansadas e a inclinação se torna íngreme. Meus braços estão pesados, meus pés tropeçando, quanto maior a exaustão mais eu perco a energia. Um galho de repente estala em algum lugar ao nosso lado. Antes mesmo que tivéssemos a chance de nos esconder, uma série de tiros dispara, cortando as cascas e folhas mortas. Nós caímos no chão, presumo que para a cobertura, mas quando Tanner exala uma respiração

dolorida, percebo que algo está errado. Um espaço vazio na árvore alta acima deixa entrar luz da lua suficiente para eu ver o sangue escorrendo de seu bíceps. "Tanner", sussurro, assim que o guarda fica de pé e começa a atirar.

Passos se aproximam. Meu coração bate mais rápido conforme o atacante se aproxima. E então um som gorgolejante vem do guarda. O medo me segura em suas garras. Meu batimento cardíaco ecoa em meus ouvidos. Então o guarda cai no chão, lutando imediatamente para se levantar como um animal ferido faria. Tanner corre para onde o guarda está. "Qual a distância até o esconderijo?" Pergunta a ele. O guarda se segura em Tanner, tentando lutar, agarrando-se à vida, mas então perde força e algo como aceitação se instala em seus olhos escuros. Aceitação que ele não irá sobreviver. Meu peito aperta em solidariedade. Na tristeza.

"Mais um quilômetro e meio... naquela direção..." O guarda vira, apontando para o oeste. Ele entrega a Tanner uma chave do bolso do paletó. Eu posso ver que o guarda está morrendo; sua respiração ofegante ecoa como trovões na floresta silenciosa. Tanner pega a arma da mão do guarda, depois se aproxima de mim, me empurrando para me esconder nas árvores próximas. Ele espera, como uma estátua, que o atirador mostre sua localização. Com a respiração presa, observo Tanner, o coração disparado no meu peito. Na área em que estamos, o sangue está por toda parte, o vermelho manchando o verde da grama e das árvores. Eu posso ver o sangue escorrendo pelo braço de Tanner. Sangue manchou seu rosto com o impacto do acidente. Suas mãos estão encharcadas de sangue da ferida do guarda. Eu olho para o guarda para ver que seus olhos estão fechados e seu peito não sobe e desce mais.

O som das folhas farfalhando veio do lado oposto de onde me escondi. Tanner nem sequer espera para ver o que o atacante fará. Ele dispara do chão e mergulha na cobertura das

árvores. Eu congelo, olhos arregalados quando ouço o som de luta. Tento seguir os breves lampejos de braços e pernas, até que dois corpos saem correndo dos arbustos. Eu pisco, tentando focar. Tanner está segurando o atacante, uma faca pressionada contra a garganta do homem. O atacante se debate, tentando fugir, mas Tanner o segura com força em seus braços fortes.

"Diga-me para quem você trabalha." Ele puxa a cabeça do atacante pelos cabelos.

O atacante sorri em desafio, seus dentes manchados de sangue. Isso só enfurece mais Tanner. Pegando a faca, ele apunhala o ombro do atacante. O homem empalidece. Tanner tira a faca e aproxima a boca do ouvido do homem e repete, "Diga-me para quem você trabalha."

Percebendo um alfinete no terno do atacante, saio das árvores. A boca do homem se curva em desgosto quando ele me vê. Eu ando até ele e encontro seus olhos. Olho para Tanner para ver uma expressão de surpresa atravessar seu rosto. "Valdez", digo e arranco o alfinete do seu terno. Eu o entrego para Tanner, mostrando-lhe o emblema que conheço muito bem. "Ele trabalha para Valdez." Valdez é o maior adversário do meu pai. Não ficaria surpresa que tudo isso fosse devido a ele.

"Sua puta do caralho!" O atacante rosna. "Você vai morrer. A família Quintana vai toda morrer –"

Antes que ele possa terminar a ameaça, Tanner passa a faca em sua garganta. Sangue derrama da ferida. Eu o vejo morrer com um fascínio desapegado. Eu cresci com ameaças e morte e sangue como parte da minha vida. A visão da morte não me assombra à noite. Nos dias de hoje, isso quase não inspira nenhuma reação em mim.

Quando o homem cai de joelhos, Tanner usa sua bota pesada para chutar as costas dele e jogá-lo esparramado pelo chão enquanto o sangue é drenado do seu corpo.

"Você entendeu o que ele disse?" Pergunto. Claro, o homem tinha falado em espanhol. Tanner balança a cabeça. Faço uma careta. "Então por que –"

"Não gostei do tom do filho da puta." Tanner apenas segura o meu olhar questionador por um momento antes de abaixar a cabeça e se afastar de mim. "Temos que nos mexer."

Mas conforme o sigo morro acima, em direção ao esconderijo, tudo em que consigo pensar é por que ele escolheu matar o homem. Por que, quando ele falou tão mal comigo, Tanner cortou suas palavras? Tanner me odiava. Odiava mexicanos, odiava minha família. Por que ele se importaria se alguém falasse mal de nós?

Não gostei do tom do filho da puta.

Vi o rosto de Tanner quando ele olhou para o homem. Vi ele resmungar quando o homem cuspiu seu sarcasmo em mim. Vi seus músculos tensos em seu pescoço pela agressividade mostrada para mim... e vi aquele flash de raiva em seus olhos azuis de gelo. Sob o cobertor do brilho azul da lua, vi Tanner matar com raiva... e parecia que ele estava puto com a maneira como o atacante me ameaçou.

Nós caminhamos o quilômetro restante em silêncio. Mas Tanner ficou perto, e embora ele não tenha pegado minha mão novamente, ele continuava olhando para mim. Suas mãos se fechavam em punhos e depois relaxavam, apenas para fazer novamente. Seus ombros estavam tensos e o braço ferido estava largado, como se a dor estivesse piorando. Não posso ver muito de sua lesão nesta escuridão, mas sei que está ruim. A arma está

pendurada no peito dele, pronta para ser usada a qualquer momento.

Repasso como ele matou o atacante. Como o homem se submeteu tão facilmente. Não é mais surpreendente para mim que Tanner Ayers seja o herdeiro da Ku Klux Klan. Sei que nos anos que se seguirão, quando ele assumir, qualquer pessoa que considerarem inferior não estará segura.

Tanner empurra a folhagem espessa. Ele para bruscamente, e percebo que chegamos ao esconderijo. Eu o segui enquanto ele silenciosamente procura a porta com as mãos. Está escuro como breu e a casa é completamente escondida da vista de qualquer pessoa na floresta, na estrada. Os esconderijos do meu pai são sempre assim. Impenetráveis. Fortalezas escondidas da vista de todos.

O som da porta clicando aberta ecoa nas árvores altas ao redor. E pássaros noturnos se espalham pelo ar. Uma brisa fresca varre meu cabelo, causando arrepios por todo o meu corpo. Esfrego meus braços, tentando me aquecer.

Uma mão agarra meu braço. Eu pulo. Mas não estou com medo. Eu sei pelas palmas ásperas que é Tanner.

Eu não estou com medo.

Sei que deveria estar... mas a capacidade de sentir essa emoção há muito desapareceu da minha alma.

Deixo-o me guiar para dentro do esconderijo. O som da porta se fechando atrás de nós ecoa pelas paredes de pedra. Então há silêncio. Apenas silêncio, só Tanner se movimentando. Não há janelas. Mas há câmeras para ver alguém que ouse se aproximar. Tanner deve estar familiarizado com esse tipo de situação. Talvez a Klan tenha isso lá nos EUA.

Uma lâmpada fraca se acende, iluminando a sala redonda. Meus olhos se ajustam à luz e olho em volta. Tanner senta atrás de alguns monitores que imagino que estão ligados às câmeras do lado de fora. O tom azul de suas telas brilha em seu rosto. Há sangue. O rosto e o peito de Tanner estão cobertos de sangue. E ele está segurando o braço que levou a ferida da bala.

Algumas pequenas áreas de pele não manchadas de sangue. Eu estreito os olhos. Ele parece pálido. Tanner Ayers é tanto uma fortaleza quanto o esconderijo que agora nos protege. Mas seu maxilar cerrado mostra sua dor. E seu ombro ferido cai enquanto ele trabalha para ligar as câmeras.

Encontro o gabinete de metal que estou procurando na parede oposta. Depois de tirar o que preciso, encho uma tigela da cozinha com água. Quando caminho até Tanner, vejo que as câmeras estão ligadas. Seus olhos estão travados nas telas, procurando por qualquer ameaça de inimigos. Pego o celular de emergência e ligo para meu pai.

"Adela?" Ele diz, sua voz tão neutra como sempre. Alfonso Quintana nunca poderia ser visto perturbado.

"Papai", digo, mantendo minha voz forte. "Estamos no esconderijo."

"Você e Ayers?"

"Sim."

Há uma pausa pesada. "Meus homens estão lidando com isso. Você será recuperada quando for seguro."

Levanto meu olhar para Tanner. Seus olhos azuis estão em mim. "E quando será isso?"

"Alguma hora amanhã", meu pai diz. Fecho meus olhos, mas depois me recomponho. "Há armas nos lugares habituais,

princesa. Se você precisar usar uma, não hesite. Você é boa no tiro. Uma das melhores."

Meu pai desliga. O significado de suas palavras não passa desapercebido para mim. Se Tanner Ayers se tornar uma ameaça, tenho permissão para matá-lo.

Jogando o celular na mesa, encontro os olhos de Tanner. Seu corpo enorme parece pesado demais para o assento que ele ocupa atualmente. Sua camisa branca está suja de sangue – tenho certeza de que não é a primeira vez que ele tem sangue em suas mãos.

"Amanhã", digo enquanto tiro meus saltos. "Estamos presos aqui essa noite." Vejo o breve flash de raiva cruzar o rosto de Tanner. Mas então seus olhos estão de volta nas telas. Ele só dura dois minutos antes de olhar para a camisa. Ele a tira pela cabeça com o braço bom.

Ele joga a camisa do outro lado da sala. Eu não me permito olhar para o peito dele. Em vez disso, pego a tigela de água e o pano da mesa. "Levante-se." A cabeça de Tanner estala para mim. "Levante-se", digo novamente.

Quando ele não o fez, estendo a mão para segurar seu braço. Tanner segura meu pulso em menos de um segundo. "Se acha que vou deixá-la me tocar você está iludida", ele cospe, antes de me afastar.

Eu me movo para a frente dele. Inclinando-me para frente, colocando minhas mãos nos braços de sua cadeira, abaixo meu rosto a apenas um centímetro dele. Olho para aqueles olhos que me observam com tanta intensidade que quase perco o fôlego. Suas narinas estão queimando e seu peito largo tatuado está ofegante com raiva, ou qualquer emoção que ele sente quando eu, uma mexicana humilde, está tão perto. "Você está coberto." Corro meu dedo pelo rosto dele. Meu toque deixa uma

marca na sua pele. Eu limpo o sangue em seu peito. Então mudo a mão para o ferimento de bala e aperto meu dedo, devagar e com firmeza, na pele.

Tanner assobia quando pressiono com mais força. "Você está coberto de sangue dos meus inimigos." Sorrio. "Combina com você, Príncipe Branco. Diga-me..." corro a ponta do meu dedo sobre o braço dele, devagar, gentilmente... ternamente, até atingir a pulsação coberta de sangue que bate descontroladamente em seu pescoço. "Quantas vezes foi sangue mexicano nesta pele?" Inclino minha cabeça para o lado, observando a raiva subir, avermelhando sua pele. "Sangue como o meu? Do meu povo?"

Tanner cambaleia para a frente, me pegando de surpresa. Minhas palavras e minha respiração são cortadas quando ele se levanta da cadeira, a mão em volta do meu pescoço e me leva de volta para a parede mais próxima. Minhas costas batem no concreto, mas tudo o que posso ver é Tanner. Ver as tatuagens escuras de ódio me encarando, me ofendendo. Então seu rosto está no meu.

"Por que você continua atrapalhando? Por que você está sempre no meu caminho? Sempre aqui? Perto de mim, com essa porra de perfume que você sempre usa?" Seus dentes estão cerrados, e sua boca está tão perto da minha. Seu aperto no meu pescoço não é forte, mas me segura no lugar, me mostrando que ele poderia me matar se quisesse. O azul dos olhos dele parece gelo na luz fraca, as pupilas explodem de raiva.

E sorrio. Sorrio com seus dedos em volta do meu pescoço e seu peito me prendendo na parede. Suas mãos apertam.

"Que porra você acha divertido –?"

"Por que você me salvou?" Tanner congela quando o interrompo. Seus olhos azuis se arregalam. Empurro meu peito contra ele, meus seios raspando a pele nua do seu peito. A mão

em volta do meu pescoço começa a tremer, o rosto avermelhando. Mas eu empurro mais forte. Eu continuo falando. Continuo indo. Continuo empurrando o Príncipe Branco. Porque agora que comecei, não consigo parar. Este homem acendeu o sangue que corre pelas minhas veias. Fazendo meu coração disparar, não com carinho, mas com raiva e ódio e algo que agarra minhas artérias e me faz pensar em nada além dele e suas tatuagens e músculos e o ódio irracional que ele guarda para mim em seu coração. A respiração de Tanner é tão pesada quanto a minha. Ele treme. Eu tremo. "Por que você matou o atirador antes que tivéssemos a chance de interrogá-lo?" Pressiono minha testa na dele. Minha respiração engata quando sua pele quente toca a minha. "Porque ele me insultou? Porque ele me odiava? Porque ele queria que eu morresse?"

"Você me irrita", Tanner resmunga, se aproximando. Tão perto que nenhum ar poderia passar entre nós. Ele pode sentir a batida pesada do meu coração, tanto quanto posso sentir a dele. E posso sentir o calor das palavras que ele empurra para fora de sua boca. As mentiras que ele tão tragicamente quer acreditar que são verdadeiras. "Eu odeio a porra desse país. Tudo sobre ele." Sua respiração rápida e cheia de raiva se espalha pelo meu rosto. "Mas acima de tudo, eu odeio você. Você mais do que qualquer um que já conheci. Você me repulsa." O nariz de Tanner sobe pela minha bochecha e mal posso respirar com o toque. "Odeio seus olhos, odeio seu rosto, odeio seu corpo." Meu corpo, aquece tanto que eu sinto como se estivesse em chamas. Agarro seus bíceps, minhas unhas entrando na pele já ensanguentada. "Eu odeio esse sorriso maldito." Apertando meu pescoço mais forte, ele sibila, "Mas acima de tudo..." Ele respira fundo. "Acima de tudo... eu odeio te querer tanto."

Os lábios de Tanner esmagam os meus. Eles são duros e punitivos e ardentes. Gemo quando seu gosto invade minha boca – cigarro e hortelã e couro. Minhas mãos sobem por seus braços até

que estão enganchadas em torno de sua nuca. Eu deveria tê-lo empurrado, jogado para longe de mim e encontrado a arma que meu pai me deu permissão para usar. Deveria ter pressionado o cano sobre o coração dele e puxado o gatilho, fazendo um favor ao mundo disparando uma bala através do coração de sangue negro deste homem-demônio.

Em vez disso, puxo-o para mais perto. Sinto seu corpo musculoso perto do meu. Sinto o quão duro ele está sob seu jeans. "Eu odeio querer esses lábios", ele geme entre beijos, nenhuma vez movendo sua boca, seus lábios se arrastando pelos meus enquanto fala. Ele me beija novamente. "Eu odeio querer este corpo." Tanner empurra a língua na minha boca. Minha língua luta contra a dele enquanto sua coxa desliza entre as minhas pernas. Eu agarro a pele nua de suas costas. Preciso estar mais perto. Quero rastejar para ele. Quero entrar nele até que possua sua alma. "Eu odeio querer esses seios." Sua mão baixa do meu pescoço para os meus seios. Meus olhos rolam conforme fogo corre através do meu corpo. "E eu quero essa buceta." A mão de Tanner se move entre as minhas coxas, e grito.

Seus dedos não são macios ou gentis. Encontrando a minha calcinha, ele a arranca do meu corpo e a joga no chão. Mal tenho um momento de alívio antes que seus dedos estejam esfregando meu clitóris. Uma onda de calor corre pelos meus membros até que sinto que estou sendo queimada viva. Afundo os dedos na pele de Tanner enquanto seu corpo me prende contra a parede. Meus olhos se fecham enquanto seus dedos me provocam mais e mais rápido. Ele os empurra dentro de mim e um longo gemido escorrega da minha boca. O peito de Tanner no meu me mantem de pé quando minhas pernas perdem a força. Mas seus dedos não param de se aprofundar em mim. Eles são implacáveis, ele é implacável. Mordo meu lábio quando sinto meu orgasmo crescer na base da minha espinha. Abro meus olhos e vejo os olhos azuis

de Tanner me observando, uma expressão em seu rosto que nunca vi antes — fome.

Insaciabilidade.

Puro desejo cru.

Eu engulo, assim que seus dedos pressionam um ponto dentro de mim que me fez quebrar. Tanner geme baixo enquanto eu grito, gozando em ondas, seus dedos tirando cada gota de prazer de mim. Estou sem fôlego quando desço da adrenalina que ele me mandou. E não aguento. Não posso suportar que ele ainda esteja dentro de mim, ainda me empurrando e me empurrando mais do que posso suportar.

"Tanner... não consigo... não aguento mais", digo. Alcanço sua mão e a afasto. Tanner torce o braço e em um segundo tem meu pulso na mão. Tento afastá-lo, a raiva que momentaneamente perdi se acendendo no meu peito. "Solte-me", ordeno. Minha boca se aperta, então se abre quando Tanner empurra minha mão entre as minhas pernas. Choramingo quando minha mão toca a pele sensível. Meu coração bate descontroladamente. Eu não sei o que ele está fazendo. Mas aquele olhar em seus olhos, pupilas dilatadas e focadas em mim, me faz querer continuar. Faz-me querer arruinar completamente o Príncipe Branco do Texas para qualquer outra pessoa.

Tanner guia meus dedos dentro de mim, ofego com a ação, a maneira como ele está me controlando, fazendo eu me tocar. Gemo com a sensação da minha submissão, de deixá-lo me dominar. Então, com o peito ainda me mantendo prisioneira contra a parede, ele leva meus dedos aos lábios. Minha respiração para quando ele chupa cada dedo em sua boca – lenta, tortuosamente, meticulosamente – seu olhar feroz nunca se afastando do meu. Meu coração começa a bater muito rápido, um ritmo rápido que nunca bateu antes. Tanner geme, o som rouco ecoando pelos meus ossos.

"Afaste-se de mim", sibilo com os dentes cerrados. Eu odeio o jeito que ele está me olhando. Detesto como ele está me fazendo sentir – como meu corpo traidor responde ao seu toque. Então Tanner pressiona contra mim e eu o sinto. Sinto o quanto ele está duro. Começo a tremer. Minhas mãos, minhas pernas, meu corpo inteiro. "Eu disse para se afastar de mim, nazista."

Tanner sorri. O primeiro sorriso que eu já o vi dar. Se eu estivesse respirando, o sorriso no rosto dele teria me roubado todo o ar. Mas quando ele lambe os lábios, lambe o meu gosto, eu desmonto. Puxando minha mão de volta, acerto Tanner no rosto, passando a palma da mão pela bochecha com barba rala.

O som da bofetada ricocheteia ao redor da pequena sala como um trovão. A cabeça de Tanner estala para o lado, o rosto coberto de sangue e barba rala e feridas frescas. Lentamente, muito lentamente, ele vira a cabeça na minha direção. Seus olhos azuis gelados travam nos meus. Eles estão mortalmente escuros e cheios de algo que não consigo decifrar – não, eu posso: é fome. Uma fome tão grande que beira a inanição. Mas fome pelo que, eu não sei. Morte, dor... ou eu. Cada um de seus músculos está tenso e inchado de veias.

Sua respiração rápida se tornou tudo que posso ouvir. Seus olhos tudo o que posso ver. Eu o observo, ele me observa, a tensão está pulsando entre nós como uma corda puída pronta para quebrar.

Num minuto estou olhando em seus olhos, imaginando se algum dia veria a luz do dia de novo, no próximo a mão de Tanner se move para a parte de trás do meu pescoço. Sua mão grande o envolve; sei que ele não precisaria de nenhum esforço para quebrá-lo em dois. Minhas unhas espelham as dele e se arrastam até seu pescoço. Eu puxo seu rosto mais perto do meu. A respiração de Tanner me sufoca. Seu rosto é venenoso enquanto

ele me olha de cima a baixo. Seus olhos oferecendo dor e morte e a promessa de que não deixarei esse esconderijo viva.

Então sorrio. Sorrio e observo sua pele queimar com raiva. Com o coração acelerado e pulsando, estico minha língua e lambo suavemente ao longo dos seus lábios. Enterro as unhas em seu pescoço para firmar minhas mãos trêmulas. Tanner ainda está de pé na minha frente, seu corpo como granito sob o meu toque. "Posso sentir meu gosto em seus lábios, Príncipe Branco." Sorrio e vejo suas narinas queimando com o som. A língua de Tanner parece inconscientemente traçar o caminho que minha língua acabou de fazer. Sorrio mais, capturando toda a sua atenção. "Mmm, Señor Ayers... parece que você gosta do sabor de buceta mexicana." Coloco minha cabeça para frente até meu rosto pairar apenas um centímetro do dele. "Minha buceta mexicana."

Tanner congela. Um gemido torturado escapa de seus lábios quando seu aperto aumenta para ameaçador no meu pescoço.

Eu não tenho certeza de quem respira mais rápido. Não tenho certeza do coração de quem bate mais rápido. E não tenho certeza de quem se moveu primeiro, mas em um segundo estamos trancados em uma batalha de ódio e tensão, e no seguinte nossas bocas estão esmagadas juntas e nossas línguas se encontram em um duelo furioso. Tudo que posso sentir é o gosto de Tanner. Tudo o que posso ver e sentir e respirar é ele.

Arranho sua pele, sentindo sua ereção pressionando contra mim. E estou em chamas. Minha pele está em chamas, a sala sufocante, fazendo com que meu vestido grude na minha pele. Mas isso não importa por muito tempo. Enterro-me contra Tanner, meu corpo tomando o controle da minha mente até que não posso mais me sentir, apenas nós. Tocando-nos e beijando, e odiando um ao outro com tanta força que é uma desgastante e sufocante e desinibida necessidade que nunca senti em toda a minha vida.

A mão de Tanner sai do meu pescoço e puxa para baixo as alças do meu vestido. O ar quente beija a minha pele quando meus seios são expostos na sala. Tanner se afasta e olha para o meu seio, e meus mamilos endurecem. Mas uma onda de insegurança me envolve com tanta certeza quanto a umidade que envolve a sala. Minha confiança cai quando um lampejo da realidade é registrada em meu cérebro. Eu nunca estive nessa situação antes. Sou uma completa novata. Mas quando Tanner geme baixo e insaciabilidade brilha em seus olhos, a realidade foge, e me abaixo e abro sua calça jeans. Um gemido selvagem sai da garganta de Tanner, e ele usa sua força incrível para me levantar mais alto contra a parede até que sua boca está alinhada com o meu peito. Não tenho um único momento para me preparar. A boca de Tanner envolve meu mamilo e sua língua começa a correr sobre a pele. Fogos de artifício explodem pela minha pele com cada movimento da sua língua. Minha cabeça cai para trás contra a parede e envolvo minhas mãos ao redor da cabeça raspada de Tanner, segurando-o perto para que ele não possa se afastar. Seu peito nu está escaldante contra a minha pele, pressionando contra mim para que eu não caia da parede. Ele é força bruta e poder, tudo embrulhado em um pacote ofensivamente tatuado. Meu clitóris pulsa quando Tanner devora meus seios. Eu me mexo no seu aperto forte, precisando sentir mais. E não me importo que nunca fiz isso antes. Desejo e incrível necessidade estão me levando para a frente. A percepção de quem ele é e o perigo em que estamos apenas aumenta o desespero do momento. Eu enfio minhas unhas em sua cabeça, minha buceta aquecendo conforme ele geme, com sua boca completamente sugando meu seio.

Meu vestido escorrega da minha cintura e cai no chão. Tanner congela, então, mantendo-me presa na parede, olha para o meu corpo nu. Seus olhos brilham e fogo passa por eles, tão quente que ele poderia ser o próprio diabo. Ele levanta a cabeça. O tempo para conforme nossos olhos se encontram. Algo

parece passar em seu rosto. Um novo tipo de luta... não, aceitação.

Pega de surpresa por pensamentos sobre o que aquele olhar poderia significar, permito que Tanner me abaixe até o chão. O mundo desaparece até que há só eu ele e este lugar. Mesmo com o calor da sala, um calafrio corre sobre a minha pele nua, fazendo-a arrepiar. Tanner se aproxima mais e mais até que sua presença me envolve como um cobertor. Sua testa cai na minha e sua respiração está trêmula. Puxo minha respiração e fecho os olhos. O ritmo da sua respiração está em sincronia com o meu coração. O silêncio é tão espesso que rouba o oxigênio da sala... até que Tanner vira a cabeça, sua bochecha na minha bochecha e sussurra, "Adelita..."

Aperto meus olhos bem fechados com a dor em sua voz. Governada por este momento e este homem que eu deveria odiar e desprezar, mas que me despia e provava minha pele, eu abaixo as barreiras que sempre me mantiveram segura, e sussurro de volta, "Tanner..."

Dois nomes falados. Sem pretensão, sem ódio, sem nazistas ou princesas do cartel... e isso quebra algo em Tanner. Seus olhos se abrem de repente, e Tanner pega minha boca. Suas mãos estão por toda parte, sentindo cada centímetro da minha pele. Sua respiração é dura, assim como seu corpo enquanto ele pressiona contra mim. Coração acelerado e no controle total, deixo o pensamento final de protesto fugir da minha mente. E eu ataco de volta. Deixo minhas mãos caírem para seu jeans e o empurro para baixo. Tanner geme quando o jeans se amontoa em seus tornozelos. Eu engulo a apreensão quando olho para baixo e vejo seu pau. É longo e duro. Meu estômago revira e perco algumas respirações. Mas quando envolvo minha mão em torno dele e vejo quando Tanner muda de quebrar meu pescoço para jogar sua cabeça para trás e gemer, uma confiança que nunca soube que poderia sentir se instala dentro de mim.

Eu observo Tanner conforme as veias crescem no pescoço exposto. Seus músculos tensos se sobressaem conforme ele segura meus braços. Corro minha mão para cima e para baixo, até que não posso continuar apenas observando mais. Lambo ao longo do seu pescoço, o gosto da sua pele me fazendo gemer. É tudo o que precisa para Tanner me levantar contra a parede novamente, tirando meus pés do chão. Seus olhos nos meus são duros e fortes, com uma determinação que nunca vi nele antes. Vê-lo tão selvagem e arruinado é tudo que preciso para envolver minhas pernas ao seu redor e levar minha boca para a dele. Tanner domina meus lábios e língua, gemendo quando minhas pernas apertam sua cintura com força.

Tanner para e encontra meus olhos. Ele não fala, mas leio o que ele quer em seu olhar... o que ele está perguntando. "Sim", sussurro e concordo com a cabeça. "Sim..."

Tanner imediatamente empurra contra a minha entrada e bate dentro de mim em um impulso duro. Seu desespero é evidente por seu longo gemido gutural. Eu grito enquanto jogo minha cabeça para trás e uma dor incandescente corre através de mim. Tanner enfia a cabeça no meu pescoço e eu agarro sua pele. Meus olhos fecham apertados enquanto ele se move cada vez mais rápido dentro de mim. Ele me preenche demais. Ele está em toda parte, o Príncipe Branco sufocando minha alma. O quadril de Tanner é implacável, empurrando em mim com tanta força e rapidez que a dor que sentia diminuiu para arrepios fragmentados de prazer. Os gemidos e sussurros roubados de nossas gargantas misturam-se em uma sinfonia que transformava o pequeno esconderijo em um teatro de ópera.

Ao som de um grito escorrendo dos meus lábios, Tanner levanta a cabeça da curva do meu pescoço e encontra meus olhos. Minha respiração vacila com a visão. Eu luto para respirar completamente quando sua boca toma a minha, mas desta vez mais suave e mais intensa. A sala brilha enquanto meus olhos

ficam embaçados. Então eu os fecho com força e seguro em seu pescoço. Seguro em sua boca através do nosso beijo. Rolo meu quadril contra o dele, perseguindo o clímax que eu sinto crescer dentro de mim. Tanner se move mais rápido e mais forte até que minha cabeça cai para trás e sou tomada por ele. Por este momento e pela felicidade que corre através de mim tão forte quanto o sol em um dia de verão.

Tanner geme, depois empurra em mim uma última vez, esvaziando-se dentro de mim. Sua respiração pesada toma conta do meu ombro, causando arrepios na minha espinha. Nossas peles estão escorregadias, úmidas e cobertas de sangue que está nos braços e no peito de Tanner.

Mas eu não me importo. Enquanto recupero o fôlego, Tanner ainda está duro dentro de mim, seguro firme nele enquanto a sala recuperava seu silêncio espesso e sufocante. Mas meu coração não para de correr. Não pode se acalmar conforme a adrenalina morre e o fato de que estive com Tanner me acerta em cheio. Fiz sexo com o infame Príncipe Branco do Texas. Para todos os efeitos, um inimigo do cartel Quintana. E Tanner Ayers, desde o momento em que nos conhecemos, não foi nada mais que um adversário meu.

No entanto, aqui estamos nós. A princesa e o príncipe de reinos opostos, incapazes de ficarem longe um do outro.

Tanner move a cabeça para trás com um suspiro pesado. Endireito meus ombros – eu não o deixarei me ver nervosa, embora estou tremendo como uma folha de outono, morrendo por dentro. O rosto de Tanner está coberto de sangue. E quando baixo os olhos para o seu braço, um braço que agora treme, vejo a ferida da bala. Engolindo minha apreensão, sussurro, "Seu braço."

Tanner não olha para o braço. Ele não tira os olhos de mim. Sua bochecha está com um vermelho profundo do meu tapa,

e ele tem marcas de unhas pelos seus braços e pescoço de onde nós lutamos e depois transamos.

Mas Tanner permanece em silêncio. Pela primeira vez eu quero ouvir palavras faladas de sua boca. Eu preciso que ele fale. Em vez disso, ele levanta uma das mãos e a leva lentamente ao meu rosto. Sua mandíbula está cerrada, seus dentes trincados. Prendo a respiração, imaginando o que ele vai fazer, então ele empurra meu cabelo para trás sobre o meu ombro. Meu coração bate no meu peito, inchando com seu gesto suave. Como se ele não pudesse tirar a mão, ele a desce pela minha bochecha, meu pescoço, depois pelos meus seios até que ela cai ao seu lado. Seus olhos foram rastreando todo o caminho.

Sua intensidade me deixa sem fôlego. Então ele se move, levando-me com ele. Tanner atravessa a sala, mas eu não estou prestando atenção para onde estamos indo. Estou apenas focada nele. Concentrada em seu rosto, no meu coração acelerado, em tentar entender o que acabou de acontecer.

O som de água finalmente me faz olhar para cima. Tanner nos levou para o pequeno banheiro. Vapor começa a subir do chuveiro. Nós pisamos sob o jato, deixando a água enxaguar o sangue de nossos corpos, eu ainda estou nos braços de Tanner. Ele me coloca no chão, então pega o sabonete da prateleira e começa a lavar minha pele. Deixo-o fazer isso, meu coração na garganta ao ver aquele homem – aquele homem com quem lutei por semanas – cuidando de mim. Ele se ajoelha e começa a lavar minhas pernas, minhas coxas, entre minhas pernas... então ele para. Sua cabeça se levanta. Eu endureço. Sei o que ele deve ter visto. Eu recuo, subitamente inundada de vergonha. Mas Tanner não me deixa me mexer. Ele mantém seu aperto na minha perna. Seu rosto está severo e há tensão em seus olhos.

Mantenho minha cabeça alta. Tanner olha para mim, o chuveiro lavando o sangue e revelando seu rosto, aquele que eu tenho certeza que agora está impresso no meu cérebro. Eu não consigo ler o que está passando pela mente dele, mas ele me puxa para perto de novo e delicadamente, quase com reverência, começa a lavar entre as minhas pernas. Meu estômago revira, mas empurro o sentimento para longe. Eu não me permitirei ser atraída por esse homem. Eu tenho que parar qualquer emoção enraizando seu caminho neste momento.

Tanner levanta e olha para mim. Eu não quero que ele diga nada. Não quero ter uma conversa sobre o que sei que está em sua mente, então, "Minha vez", digo em uma voz traidoramente frágil. Pegando o sabonete da mão dele, vou para o seu peito e começo a limpar o sangue. Perto assim, posso ver cada uma das tatuagens em detalhes. Tantas tatuagens de ódio e preconceito afogando sua pele. Eu não posso imaginar manter um ódio tão profundo. Deve consumir sua alma. Arrancar a alegria de sua vida e obscurecer qualquer luz ou felicidade que tente passar. *Corro o sabonete sobre seu peito, seu abdômen e seu estômago, e as vejo. Sinto. Cicatrizes. Tanner tem cicatrizes em todos os lugares, rotas de pele levantadas como mapas de estradas sob as tatuagens que as escondem da vista. Eu não mostro que estou ciente delas. Em vez disso, continuo limpando seu corpo. E quanto mais eu limpo, mais cicatrizes descubro. A maioria está nas costas e no peito. Lugares onde a maioria das pessoas não as teriam visto. Eu não preciso pensar em quem as deu a ele. Depois do que vi no corredor ontem à noite, sei que deve ser seu pai. Eu sei no meu coração que é ele. Tanner ficou ali, um homem adulto, e deixou o pai bater nele. Isso tinha que vir de anos sendo condicionado a fazê-lo. Anos e anos de espancamentos e abusos.*

A onda de compaixão que cai sobre mim naquele momento me estripa. Mãos invisíveis seguram meu coração e o aperta como

um torno, um aperto de ferro. Eu dou uma espiada no rosto dele, na expressão de pedra que ele usa, olhos focados enquanto me observa limpá-lo – minha compaixão por ele apenas aumenta. Tanner Ayers é dominador, intimidador e, francamente, aterrorizante tanto na aparência quanto na personalidade. Ele havia sido transformado nisso – o epítome de um homem odioso. Intolerante. Racista, capaz de coisas más. Cuidadosamente moldado por seu pai e seus homens na perfeita máquina nazista de matar.

Mas agora, neste momento, com a descoberta de cicatrizes ocultas e a gentileza que ele tem em relação a mim, me deixo imaginar – mesmo que por um breve momento – se há alguém dentro dele. A promessa do homem que ele poderia ter sido se não fosse pelo condicionamento da Klan. Se há um homem que pode amar e rir e sentir... se há um homem que pode compartilhar seu sorriso com o mundo.

"Pronto", digo, colocando o sabonete de volta na prateleira, saindo do buraco do coelho que eu me encontro caindo. "Tudo limpo." Tanner se aproxima de mim e desliga o chuveiro. Ele enrola uma toalha em mim, e tenho que fechar meus olhos para me livrar das borboletas que começam a espalhar suas asas no meu estômago.

Tanner me solta e coloca uma toalha em volta de si. Ficamos ali em silêncio, ainda sem saber o que fazer. O resultado do que acabou de acontecer é estranho, nauseante. Incapaz de suportar a tensão, eu digo, "Venha." Estendo a mão, esperando o que Tanner fará. Eu posso ver, claro como o dia, a guerra em seu rosto enquanto ele olha para a simples oferta do meu toque como se fosse uma chama aberta. Estou prestes a abaixar a mão, machucada, quando, com um longo suspiro, ele estende sua mão grande e calejada na minha. O primeiro toque é tão quente, ainda mais quente quando seus dedos se entrelaçam aos meus e ele os aperta com força.

Eu conduzo Tanner até a cadeira em frente aos monitores. Sua atenção vai imediatamente para as telas quando ele se abaixa. Relutantemente soltando sua mão, me ocupo em juntar o kit de primeiros socorros de onde ele havia se espalhado sobre a mesa e o chão mais cedo. Minha pele se aquece novamente apenas de lembrar como ele me empurrou contra a parede e me beijou... então me levou...

Tanner nem sequer se encolhe quando pressiono uma bola de algodão coberta de peróxido na sua ferida. Mas ele vira a cabeça dos monitores para me observar. Eu não gosto do silêncio, nem do peso do seu olhar e do que ele faz com o ritmo do meu coração. Não gosto de adivinhar o que ele está pensando. Então falo para preencher o constrangimento. "Eu costumava fazer isso para o meu pai quando era mais jovem." Sorrio para a memória, movendo as bandagens e gazes para a mesa ao nosso lado. "Quando ele ainda fazia as coisas com suas próprias mãos." Dou de ombros. "Antes dele ficar mais velho e decidir que seus homens pagos mais leais, deveriam fazer seus atos sujos por ele." Seco a pele limpa ao redor das feridas. "Parece que a bala passou direto."

"Quantos anos você tem?" Ele pergunta.

"Vinte. Acabei de fazer." Tanner concorda. Pergunto-me se ele acha que sou muito jovem. Eu não sinto isso. "Essa vida..." Falo. "Ela te deixa mais velha do que os anos." Incomoda-me que eu esteja tentando me explicar para Tanner. Mas então ele entende. Somente as pessoas que caminham pela estrada perigosa que essa vida subterrânea dá entenderia.

Repetindo o mesmo processo com a ferida de saída, aceno com a cabeça para as telas. "Você parece estar familiarizado com tudo isso."

O rosto de Tanner é de pedra, mas depois de alguns segundos tensos ele diz, "Estive no exército. Comunicações."

Levanto a cabeça e o encontro já me observando. As coisas começam a fazer sentido. Por isso ele foi tão furtivo na floresta. E como ele soube apreender aquele homem e matá-lo com tanta eficiência. "Quando você saiu?"

"Um tempo atrás."

Concordo com a cabeça e enfaixo o braço de Tanner o melhor que posso. "Isso deve ajudar. Meu pai vai chamar seus médicos para tratarem de você amanhã quando formos recolhidos."

Vou ao armário onde meu pai guarda roupas de emergência e pego uma camiseta e calça de moletom para Tanner e versões menores para mim. No banheiro, visto as roupas e me olho no espelho. Solto um suspiro e me examino. Eu parei de sangrar, pelo menos. Mas estou dolorida.

Eu não posso aparentar me arrepender do que fiz. Que foi Tanner Ayers o meu primeiro. Estou cansada demais e confusa para sequer contemplar por que esse deveria ser o caso, por que não estou me castigando pela minha estupidez.

Ocupando-me em me tirar da minha confusão, penteio o cabelo, me sentindo nua e jovem sem minha maquiagem. Então saio do banheiro.

Tanner está deitado na cama do lado oposto aos monitores, com os olhos grudados nas telas. A arma que ele tirou do nosso atacante está ao seu lado. As roupas de emergência são muito pequenas para a sua estrutura grande, mas elas terão que servir.

Ando em direção a ele. Tanner me nota apenas quando estou bem na frente dele. Eu escorrego para cima da pequena cama ao lado dele e o sinto tenso. Deito-me, olhando para o teto de concreto.

"Por que você não disse alguma coisa?"

Eu não preciso que ele explique o que queria dizer. Parece que minha virgindade – agora a falta dela – é o elefante na sala. Passando minhas mãos pelo meu rosto, digo, "Porque sabia que você pararia se eu fizesse isso." Tanner vira e encontra meus olhos, procurando por algo em suas profundezas. Respiro fundo e sussurro, "E eu queria você." Desafio-o com um olhar duro. Eu não me sinto como uma criança. Tomei minha decisão. Era o meu corpo e a minha escolha a fazer. Foi uma das únicas escolhas que já tive a chance de fazer.

As narinas de Tanner se dilatam, então, aparentemente incapaz de se conter, ele se inclina para frente e envolve a mão no meu cabelo molhado. Ele move o corpo sobre o meu e me beija. Mas esse beijo é sem pressa... e isso me assusta mais do que qualquer coisa há muito tempo. Sou a filha do maior chefe de cartéis no México, talvez no mundo, tenho ameaças contra a minha vida todos os dias. O medo é uma constante na minha vida, tanto que o medo para mim parece um zumbido baixo em vez de um choque elétrico. Mas Tanner Ayers, o herdeiro da Ku Klux Klan, me beijando com tanto sentimento e carinho... é a coisa mais aterrorizante que eu já senti.

Porque eu sinto *isso. Sinto tudo isso. Todo o certo neste ato ilícito. Sinto seus lábios macios nos meus, seu gosto de hortelã na minha língua e seu corpo pesado e cheio de cicatrizes me segurando.*

O beijo cresce e cresce até que Tanner tira minha camiseta pela cabeça e tira minha calça. Quando ele está nu de novo também, coloco minha mão em sua bochecha e, precisando de algum senso de autopreservação, digo, "Você vai embora amanhã." Tanner desvia o olhar para o outro lado do quarto e assente. "Eu sou mexicana. Você é KKK. Você sabe que não podemos nos misturar." Tanner range os dentes, mas assente novamente. "Nossos pais nos matariam se soubessem." Sua expressão é furiosa – eu não tenho certeza se é com essa verdade,

minhas palavras, ou o fato de que ele está aqui, querendo me tocar e dormir com uma mulher que ele considera uma raça inferior.

A mão de Tanner contorna minha bochecha e meu coração bate mais rápido como o traidor que é perto desse homem proibido. Sua mão viaja para o meu pescoço, depois para o meu peito. Antes que seus dedos possam chegar ao seu destino, pego seu pulso na minha mão. O olhar torturado de Tanner colide com o meu. A fome que vejo ali, é muito maior e intensa do que antes, é a minha ruína. "Essa noite", sussurro, minha voz tremendo com o fato de que estupidamente permitirei isso novamente. "Tudo o que temos é essa noite, nesse quarto. Amanhã você partirá e, quando nossos caminhos se cruzarem novamente, eles serão apenas para negócios. Isso deve lhe dar tempo suficiente para esquecer que você traiu sua raça por uma noite comigo." A verdade das palavras é pungente.

Tanner deve ver uma rachadura na minha armadura, conforme seus olhos se estreitam. Eu me pergunto o que ele diria em defesa. Em vez disso, como a fortaleza que ele é, ele acena com a cabeça e diz, "Feito."

O pulso de Tanner na minha mão fica suspenso no ar. Eu deveria parar. Digo a mim mesma que é degradante me entregar a um homem assim. Mas então digo também que é bom que eu tenha feito isso – Tanner nunca se perdoaria por esse ato de fraqueza. Serei uma brecha na armadura do cavaleiro Klan. Uma que ele nunca poderá consertar. Dá-me um prazer meio doentio saber que eu, uma mulher mexicana, tinha o enfraquecido o suficiente para abandonar suas crenças e me levar. Aquela uma vez não foi suficiente.

Mas a verdade é... que eu o quero. Títulos e famílias de lado. Nesse momento, quero esse homem. Não consigo explicar a loucura dessa verdade, mas é a verdade, no entanto. Expirando,

com a decisão tomada, abaixo a mão dele para o meu peito. Tanner solta uma respiração rápida enquanto cobre minha pele, a sensação simples disso quase me quebrando. Tanner olha para cima para mim por um segundo, depois leva seus lábios aos meus. Como antes, estão desesperados, como se soubessem, assim como eu, que nosso tempo é finito. E ele me leva. Ele me leva várias vezes durante a noite, até que fomos resgatados no dia seguinte e os Ayers foram para a América.

Tanner Ayers me fodeu sabendo exatamente o que aquela noite era – a única noite em que um príncipe branco e uma princesa de cartel podiam ter um ao outro. Sem raça, sem cultura, sem ódio, sem negócios. Apenas dois corpos, juntando-se como um só. Mas então acabou. E ele foi embora... até dois meses depois, quando ele retornou...

*****

Dias de hoje...

"Lita?"

Eu pisco, minha atenção se afastando do espelho. Minhas mãos estão unidas no meu estômago apenas para impedi-las de tremer. Ouvindo a voz de Charley, respiro fundo e pisco para afastar as lágrimas que ameaçam cair. Não passou um dia em que não pensei naquela primeira noite com Tanner. A noite que mudou tudo. "Lita?" Charley diz novamente. Desta vez é mais suave. A preocupação está clara em sua voz.

Virando-me, tento sorrir para a minha melhor amiga, mas posso ver que ela vê através das rachaduras. Ela pega minhas mãos e me guia para fora do pedestal que Carmen colocou diante do espelho. A cauda do vestido segue atrás de mim. Charley está sentada no meu sofá. Eu também me sento e enxugo minhas lágrimas. “Estou sendo patética”, eu digo e rio. “Não tenho ideia do que está errado comigo.”

“Sou eu, Lita. Você não precisa ser Adela Quintana agora. Eu conheço você. Você pode chorar porque está apreensiva. Você não precisa ser a princesa endurecida perto de mim.”

Olho para Charley. Eu quero contar tudo a ela. Tirar tudo do meu peito para alguém que não seja o Luis, que eu sinto que, de certa forma, se voltou contra mim. Pelo menos, ele acha que não é sensato continuar esperando por Tanner e eu. Mas não consigo parar. Não importa se tudo estiver perdido, eu nunca desistiria de nós. Mesmo que toda a esperança se vá.

Eu endireito minha espinha. “É apenas nervosismo.”

Charley esfrega minhas mãos. Ela é gentil assim, mas muito parecida comigo na forma que deseja mais para si do que apenas ser uma peça de mostruário de algum homem. Em nosso mundo não há muitas mulheres assim. Ela será minha dama de honra. Minha única.

Charley aponta para o meu vestido. “E você deveria estar usando isso agora? Você se casa amanhã. Você não quer que seja danificado.”

Corro minha mão pela seda branca. “Selena, a designer, acabou de fazer os ajustes finais. Eu a mandei sair.” Dou de ombros. “Acho que só queria me ver nele sem ninguém por perto.”

Posso ver a compaixão nos olhos de Charley. “Está tarde. O seu pai veio você?”

Eu concordo. Ele veio duas horas atrás para me dizer como estava orgulhoso. *Sua mãe teria ficado tão orgulhosa de você, Adela. Tão orgulhosa... como eu. Você escolheu um bom homem, princesa, um bom homem...*

Mas eu *não o* escolhi. Meu pai escolheu. Ele me direcionou para o relacionamento assim como ele me direciona para todo o resto. Então, quando meu pai saiu, Diego também apareceu, a excitação para amanhã clara em seus olhos. *Eu não posso esperar para ter você amanhã, Adelita. Para ter você embaixo de mim... finalmente.*

“Estou cansada”, digo e suspiro. Charley sabe que estou mentindo. Mas, felizmente, não diz nada. Ela se inclina e beija minha bochecha.

“Você tem certeza que não quer que eu fique com você?”

“Tenho certeza”, digo. “Mas obrigada. Eu... eu só preciso ficar sozinha.” Com um abraço apertado, Charley vai embora do meu quarto. “Charley?” Eu grito. Ela vira. “Você poderia ter certeza que ninguém mais me perturbe até de manhã? Que eles saibam que preciso de tempo sozinha? Por favor?” Charley concorda e sai.

Logo que ela sai, tranco todas as portas do meu quarto para que ninguém mais possa entrar. Volto para o espelho e olho para mim mesma no vestido. E imagino tudo diferente. Imagino que seja Tanner que me encontrará no final do corredor. Eu imagino que é o rosto dele que me observará andar em direção a ele.

Eu me afasto do espelho e deito na minha cama. Fechando meus olhos, deixo as lágrimas caírem. Deixo as gotas salgadas caírem na renda do vestido, minha dor entrelaçada no tecido

delicado. Bom. Eu quero que amanhã seja arruinado. Quero reduzir o casamento idiota às cinzas.

Horas se passam e a escuridão envolve o quarto. Meus olhos parecem feridos pelas lágrimas que derramei. Minhas pálpebras começam a cair, o sono se aproximando, quando ouço uma batida na porta escondida na minha parede. A porta atrás de uma tapeçaria. Meus olhos se abrem e meu coração começa a trovejar no meu peito.

Apenas algumas pessoas sabem dos túneis subterrâneos. Um deles é... "Mi amor?" Eu sussurro. Esperança e medo se misturam em um coquetel inebriante enquanto sinto uma dança quente sobre a pele exposta das minhas costas. Ar quente da porta oculta aberta.

Alguém está atrás de mim. Eles estão em silêncio, mas eu os sinto lá. Minhas mãos seguram o lençol embaixo de mim. "Você veio", eu sussurro, sentindo meu peito inchar de alívio. "Você veio para mim antes que fosse tarde demais."

Apenas silêncio segue. Respirando fundo, eu me viro na cama, assim que algo espeta meu pescoço. Um homem vestido de preto com olhos escuros está diante de mim. Eu vou gritar, mas uma mão vem na minha boca, abafando qualquer ruído. Instinto entra em ação e eu começo a lutar contra o intruso. Chuto minha perna, acertando-o no estômago. Eu bato em seus braços musculosos com meus punhos. Puro medo me faz afundar minhas unhas em sua pele, arranhando e arranhando, tentando afastá-lo fora. Mas a cada chute e soco eu sinto meus músculos ficando mais fracos, perdendo força. Meu pescoço. Ele injetou algo no meu pescoço. Pânico, grosso e profundo, sobe pelas minhas veias. Mas não tenho mais nada em mim para lutar. Pontos negros dançam nos meus olhos, borrando minha visão. Meu sequestrador me pega e vai para o túnel secreto. A última coisa que eu vejo é o reflexo no espelho

grande: um homem vestindo couro preto, carregando-me, uma noiva roubada, pela noite... e então tudo fica preto.

Capítulo cinco

Styx

Saímos do quarto de Flame e Maddie em sua cabana. Ele está melhorando. Ainda sedado e ficará assim por mais alguns dias, mas vai passar.

Ash está sentado no sofá, jogando pôquer com Zane e Slash. Os três prospectos são tão rudes quanto ladrões de merda. “Estamos saindo”, Ky diz quando passamos por eles.

Assim que saio da cabana, meu celular toca. “Nós a temos.” A voz de AK soa através do alto-falante, então Ky pode ouvir e responder.

“Bom. Agora, pegue a porra do caminho de volta. E não hesite em eliminar os idiotas que entrarem na frente. Precisamos da cadela do cartel aqui”, Ky fala. “Temos Diablos e alguns de nossas outras sessões perto de cada ponto de check-in. Se não ligar para dizer que está bem, eles estarão lá. Se esta guerra acontecer na estrada, então será foda. Estamos de prontidão.”

“Entendido.” AK desliga.

Ky olha na minha direção. “Alguns dias e estarão aqui.” Ele faz uma pausa. “Então a verdadeira fodida guerra começará. Está pronto para isso, prez?”

O fogo que a guerra sempre provoca em mim ganha vida. “Nas-nasci pronto.”

Ky soca meu braço, dando seu maldito sorriso de Hollywood. O idiota se anima com o pensamento de matar. Porra, nenhum de nós, pecadores, pode impedir que a adrenalina aumente com a ideia de matar alguns filhos da puta da Klan e do cartel... Para mim, será devagar, com minha faca alemã.

Enquanto andamos para a caminhonete de Ky, Viking e Rudge estão na fogueira do lado de fora das cabanas do Trio Psico. Viking tem um nariz sangrando. Ambos estão sem camisa. Rudge sorri para nós, com os nós dos dedos vermelhos de onde claramente acertou o rosto de Viking. Esses idiotas são fodidos da cabeça. "Preliminares?" Ky pergunta, inclinando-se contra o carro. "Se sim, espere até que eu vá embora antes de curvar Vike, Rudge."

"Ei!", Vike diz, lambendo o sangue do lábio. "Por que eu seria o passivo?"

Ky olha Vike, avaliando-o. "Só senti essa vibe em você, irmão."

Pergunto-me se o gigante vermelho vai responder, mas ele apenas dá de ombros e joga outro tronco no fogo. Nada afeta o filho da puta. "Rudge está me ensinando a ficar com os punhos limpos."

"Parece que está ganhando", Ky diz sarcasticamente, apontando o olho machucado e lábio partido.

"Isso?" Vike limpa o nariz. "Não, apenas deixando o idiota começar para ter sorte." Vike diz 'idiota' com sotaque britânico. O cara é um completo desastre. "Além disso, eu saio ao ser atingido." Ele pisca para nós. "Como as coisas difíceis, sabe? Não é divertido se sangue e socos não estão envolvidos."

"Você fala o evangelho, irmão." Rudge começa a acertar as sombras ao redor de Ky. Ky o olha pelo canto do olho, então

rapidamente se vira e acerta o filho da puta. Rudge, sendo tão instável como é, apenas ri, os dentes cobertos de sangue de seu lábio, agora partido. Sorrio, acertando meu melhor amigo nas costas. Barnaby fica de pé.

"Toque-me e morra", Ky alerta. Rudge finge se aproximar de Ky. Tenho certeza que meu vice-presidente vai matar o filho da puta. Então, rindo, Rudge volta para Vike e o gigante joga o braço em seu pescoço. "Seu prez não está te chamando de volta para Londres?" Ky cruza os braços. "Sabe que não é realmente obrigado a estar aqui, certo?"

Rudge coloca a mão sobre a tatuagem da Union Jack. "Ky, meu irmão, meu companheiro, eu nunca os deixaria sozinhos nessa guerra."

"Sério, você pode ir. Na verdade, comprarei a porra do seu bilhete de avião se quiser voltar para a rainha."

Rudge se aproxima e coloca a mão no ombro de Ky. Meu melhor amigo tem a morte em seus olhos. "Meu prez disse para levar todo o tempo que precisar aqui com o nosso capítulo mãe. Na verdade..." Rudge dá um sorriso de merda. "Estive pensando sobre tornar Austin algo permanente." Ele esfrega a mão sobre o queixo. "Apenas pensando agora, mas tenho uma boa sensação no Hangmen do bom e velho Texas." Seu rosto fica sério. "Acho que vocês precisam de Barnaby Rudge em suas vidas. Aqui seria chato pra caralho sem mim."

"Está falando sério?" Vike pergunta, do outro lado da fogueira.

"Como disse, estou pensando nessa merda."

"Sim!" Vike grita, pulando em Rudge por trás e levando-o ao chão. Agarro Ky pelo colete e o faço entrar na caminhonete, ignorando os idiotas fodidos que batem nos rostos um do outro em comemoração perto do fogo.

"Esse idiota vai me dar um maldito ataque cardíaco. Babaca inglês", Ky resmunga. Ficamos em silêncio no caminho de volta para minha cabana. Mantenho o celular perto, no caso de recebermos uma ligação do AK.

Ky me deixa em casa, prometendo avisar se souber algo de AK e o resto dos irmãos. Quando entro pela porta, não consigo ver Mae em lugar nenhum. "Mae?" Grito, tirando as botas e pegando uma cerveja na geladeira. Há comida no fogão, então sei que ela está aqui em algum lugar.

Checo todos os quartos até encontrá-la no quarto dos fundos que não usamos. É cheio de lixo e um monte de merda que herdei quando meu pai fez a viagem para o barqueiro. Um baú de aparência familiar está aberto, e Mae está encolhida numa velha cadeira empoeirada, lendo algum tipo de livro de capa de couro. "Styx!" Sua mão voa para o peito. "Você me assustou."

Inclinando-me, seguro seu cabelo e tomo sua boca. Como sempre, minha cadela se funde a mim. Ela tem gosto de chocolate. Eu me afasto, tomo um gole da cerveja e pergunto: "O-o que é isso?"

Culpa brilha em seus olhos de lobo. "Não fique bravo." Ela esfrega sua barriga. Agora está enorme. Meu filho é grande, se o médico que Mae está vendo está certo. Mae é pequena. Não tenho certeza de como ela vai parir nosso filho. Meu peito aperta. Porra, isso me apavora. O pensamento de algo acontecer com qualquer um deles me mantém acordado durante a noite. "Mas decidi limpar este quarto. Aparentemente, isso é chamado de aninhamento. Estou me preparando para o bebê." Ela esfrega a barriga novamente. "De qualquer forma, encontrei este baú e comecei a olhar para ver se valia a pena mantê-lo." Faço uma careta, tentando lembrar o que está nele. Parece haver cerca de vinte baús e caixas diferentes aqui.

Mae se levanta. Estendo a mão e a ajudo. Ela ri, e a porra do som ainda é a melhor coisa que já ouvi. Puxo-a para perto e coloco a mão em sua barriga. Assim que o faço, Charon se move. Não posso deixar de sorrir. “Ele já conhece o pai.” A cabeça de Mae encosta no meu peito. Ela me olha e seu lábio franze. Ela está nervosa.

“O quê?”

“Isto — o baú — parece serem todos os pertences da sua mãe. O que sobrou depois... depois que ela morreu. Seus diários vão até ela voltar para cá. Incluindo os escritos de quando fugiu...” *Até meu pai atirar na porra da sua cabeça na minha frente*, quero dizer, mas me contenho. Meu estômago revira quando olho o baú. Então eu me lembro. Reconheço o velho couro marrom e seu nome desbotado na frente. Mas então o sangue em minhas veias congela. Não quero saber mais nada sobre aquela vagabunda. Esqueci que possuía o baú. Não penso em minha mãe faz anos. E se o fiz, livrei-me da memória imediatamente. Foda-se essa merda.

Mas olhando para o baú, eu me lembro. Lembro de como o escondi depois que ela foi baleada. Ocultando-o do meu velho para que ele não o encontrasse.

Então nunca mais pensei nisso.

“Q-queime-os”, digo. A cabeça de Mae levanta. Sua boca se separa em choque. “Não quero nada disso. Queime-os.”

“River.” Mae balança a cabeça em desaprovação. Com a voz suave, ela acrescenta: “Ela era sua mãe.”

Recuo. As mãos de Mae caem da minha cintura. Raiva ferve no meu estômago, e tenho que respirar profundamente apenas para acalmar a porra da boca. “Não. Ela não era. Ela me deixou pelos Diablos. Ela não deu a mínima para mim.”

Os olhos de Mae se enchem de lágrimas. “Ela se importava, River.” Mae pega um diário do alto do baú e o entrega para mim. “Se você ler, acho que pode entendê-la melhor.”

Os enormes olhos de lobo de Mae encontram os meus e um pouco da raiva desaparece. “B-baby”, digo, e acaricio seu cabelo. Eu me aproximo, mas paro quando toco sua barriga. Agora está tão grande que não consigo ter minha esposa tão perto de mim quanto quero. “Eu-não dou a mínima para essa prostituta.” Pego o diário da mão dela e seguro as páginas velhas. “E você também não deveria ligar.”

Jogo-o no baú, depois beijo Mae e dou a volta para ir ao meu escritório.

“Ela viveu esta vida.”

Confuso, eu me viro. Mae tem o diário de volta em sua mão. Ela chega mais perto, um olhar nervoso em seu rosto maravilhoso.

“Ela teve um bebê nesta vida fora da lei.” Mae abaixa a cabeça. “Ela teve um menino com o presidente do Hangmen.”

Algo aperta meu peito pelo tremor na voz de Mae. Puxo-a para mais perto e espero que ela olhe para cima. “Eu-eu não sou nada como meu velho.” Acredito nisso. Eu acredito, porra. Mas sei que não é inteiramente verdade. Porra, eu mato quem quer que fique no meu caminho e sinto toda a emoção disso. Comando este clube com punho de ferro, e não tenho nenhum problema em matar qualquer um que se voltar contra ele. Mas tenho Mae. E a merda do meu pai nunca deu a mínima para ninguém além de si mesmo. Inferno, ele atirou na minha mãe num minuto e no outro me deu um tapinha nas costas e foi ao bar para afundar seu pau na vagabunda que disse para esperar enquanto ele a matava.

Segurando as bochechas de Mae, olho em seus olhos. Ela parece assustada pra caralho. Mae tenta abaixar a cabeça, mas não permito. “O quê?”

Mae solta um suspiro. “Ela teve você no meio de uma guerra.” Meu maldito estômago revira quando os olhos de Mae se enchem de lágrimas. “Ela tinha os mesmos medos que eu tenho.” Seus ombros caem, então ela sussurra, “De perder você. De ser morto, ser um alvo...” Ela segura a barriga, seus lábios tremem. “De irem para o barqueiro... de nós perdendo um ao outro. De não ter a vida que sonhamos por tanto tempo.” Mae engole em seco. Seu rosto fica branco. Ela está tremendo. Porra, me corta ao meio vê-la assim. “Eu apenas sinto... sinto que desde que nos encontramos novamente, tem muita coisa acontecendo. Ajudar minhas irmãs a encontrar a liberdade, as ameaças ao clube e agora essa guerra.” Mae suspira e esfrega a barriga, onde ela mantém nosso filho seguro. “Agora que temos Charon, sinto muito mais medo. Nós temos mais a perder. Não posso suportar o pensamento de algo acontecer com ele... com qualquer um de nós.”

Raiva incontrolável me domina quando penso em algo parecido acontecendo. “N-ninguém vai te tocar. Qualquer um de vocês. Eu-eu-vou-matá-los, se tentarem, eu...”

Interrompo as palavras quando minha gagueira se torna tão ruim que não consigo falar. Como diabos posso garantir a Mae que nada acontecerá com ela quando não consigo nem falar?

“Shh.” Mae coloca a mão na minha bochecha. “Eu te amo, River Nash. Mas mais que isso, confio em você. Sei que nunca deixaria ninguém nos machucar. Você é um bom marido. É um presidente feroz... mas mais importante, você será um excelente pai.”

De tudo o que Mae disse, essa é a única coisa que me atinge. Porque a verdade é que *sou* como meu pai — Shade "The Reaper" Nash. Sou como ele de muitas maneiras... e ele foi um pai de merda. Que diabos tenho para oferecer a uma criança? O que...

"Você não é ele, e é bom demais para tratar seu filho como ele fez com você." Olho a maldita convicção nos olhos de Mae e isso acalma um pouco da raiva em minhas veias. Mas um traço sempre permanece. Porque nenhum dos meus pais deu a mínima para mim. Estou prestes a ser pai e as únicas referências que tenho é um idiota que me espancava e uma puta que me deixou com um homem que ela desprezava. O que diabos isso diz sobre ela? Sobre qualquer um deles?

"Eu nunca soube que poderia amar alguém do jeito que eu o amo. Eu não acreditava ser possível. Cabelos castanho-escuros, bochechas rechonchudas e lábios perfeitos. Agora ele tem olhos azuis escuros que posso olhar por dias, mas sei que a cor pode mudar." Viro a cabeça, confuso sobre o que Mae está falando. Então eu entendo. Ela lê o diário em voz alta. Meu coração acelera. Estas foram as palavras da minha mãe...

"Nunca quero deixá-lo ir. Eu mantenho a porta do quarto de Shade no clube trancada para que nada de mal possa chegar perto dele. Então este clube não poderá poluí-lo. Pelo menos, ainda não." A voz de Mae vacila, e tenho que engolir o caroço se construindo na minha garganta. "É normal não conseguir desviar o olhar do seu filho assim? Desejar protegê-lo de todo o mal e apenas dar-lhe o bem? Porque eu devo fazer isso. Seja o que for preciso, vou protegê-lo e mantê-lo seguro. Meu amor, meu River... meu bebê que agora possui todo o meu coração, estará a salvo desta vida. De seu pai. Tenho que achar um jeito..." Mae enxuga as bochechas enquanto fico no corredor como uma estátua. Mae me encara. "Ela te amava, Styx. Ela te amava tanto

que em algumas páginas a tinta está borrada de onde ela chorou enquanto esvaziava seu coração neste diário."

Não posso falar. Sei que nenhuma palavra sairá da minha boca agora, mesmo se tentar. Mae vem até mim e pega minha mão. "Ela tinha dezesseis anos quando conheceu seu pai. Ele trinta e dois anos. Ele a engravidou não muito tempo depois. Ela era uma alma perdida. Tinha fugido de casa." Minha mandíbula aperta. Não quero ouvir isso. Não sei nada sobre minha mãe e nunca *quis* saber. Ela foi para o barqueiro quando eu tinha dez anos, mas me deixou muito antes disso. Claro, isso não impede Mae. Ela continua me fodendo como fez ao entrar na minha vida. A cadela é a única pessoa que deixo escapar com essa merda. A mão de Mae pressiona contra meu rosto. "Ela fugiu de casa quando não aguentou mais o abuso." Congelo. A expressão de Mae é dominada por simpatia. Porque minha Old lady sabe o que é abuso, tem as cicatrizes nas coxas para provar. Claro, há vários tipos de abuso. Ela deve ter visto a pergunta em meus olhos. "Abuso sexual, Styx. Abuso como eu sofri."

Minhas mãos se afastam de Mae e tenho que recuar. Meus dedos fecham em punhos e a mandíbula aperta. "Era o irmão mais velho dela", Mae diz. Fecho os olhos e apenas tento respirar, porra. Posso ser um assassino frio como pedra, um dos Hangmen mais letais que já usou o Lorde das Trevas em seu colete, mas o clube não tolera essa merda. Na verdade, eu arrancaria o pau rançoso de qualquer filho da puta que eu conhecesse e fizesse isso.

Alegremente.

Especialmente depois de Mae... depois de ver o que ela e suas irmãs passaram. O que isso fez com elas, como as destruiu pela maior parte de suas vidas. Isso manterá uma parte delas fodida para sempre.

Mas minha mãe... a mulher que mal lembro e nunca tentei. Aquela que me deixou aos punhos e ridicularização diária do meu pai... Minha mãe tinha um irmão. Algo mais que eu nunca soube.

"Ele era mais velho. Sua mãe e pai não estavam muito por perto. O pai dela se perdeu nas drogas e a mãe se matou quando ela tinha apenas nove anos." Mae respira fundo. "Styx... ela tinha apenas oito anos quando ele a estuprou pela primeira vez. Seu irmão mais velho. Ele tinha dezesseis." Vejo aquele olhar nos olhos de Mae, um que mostra dor e... *porra...* simpatia, porque ela sabe exatamente como é. Ela também tinha oito anos quando o bastardo do irmão Jacob a estuprou naquela piada de culto.

"M-Mae." Balanço a cabeça e pego minha cerveja na mesa ao lado. Termino-a e jogo a garrafa no lixo. "Pa-pare."

Os ombros de Mae caem. Ela segura aquele maldito diário contra o peito como se estivesse com medo de eu jogá-lo no fogo, se ela o soltar. Ela está certa. Eu gostaria. Não quero saber nada sobre minha mãe. Uma vida de merda não é desculpa para me deixar para trás e correr para o prez Diablo. Porra, tenho que trabalhar ao lado de Chávez na maioria dos dias agora. Foi com seu pai que minha mãe se meteu.

Não quero saber.

Beijando Mae novamente, vou ao meu escritório e fecho a porta. Jogo-me na cadeira atrás da mesa e solto um longo suspiro. Meu celular toca.

Ky: Eles chegaram ao primeiro check-in.

Eu: Bom. Qualquer problema?

Ky: Ainda não. Mas sem dúvida vamos ouvir o alarme pela manhã quando Quintana perceber que a noiva foi levada.

Um sorriso doente se espalha em meus lábios. Quero que o filho da puta sofra. Quero que ele saiba que estou atrás dele e que seus dias estão contados. Corro a mão sobre minha cabeça, então envio uma mensagem de volta.

Eu: Bom.

O e-mail interceptado por Chávez e Shadow, explicando como o cartel planejava fazer um ataque, está na minha mesa. Olho para baixo e sinto vontade de dar um soco na porra da parede quando leio a parte que se destaca para mim.

Pegue a vagabunda do mudo e o filho por nascer e venda-os ao contato. Eles procuram alguém como ela. Mas faça o mudo assisti-la ser espancada até os portões da morte antes de você cortar sua garganta e queimar aquela porra de clube. Os nazistas estão demorando demais, como sempre. Vamos matá-los num ataque rápido.

Meu coração acelera no peito enquanto tento me acalmar. Pego o copo e a garrafa de uísque que mantenho na gaveta da escrivaninha. Tomo um longo gole. A serpente na minha garganta responde, sufocando-me. Fecho os olhos, mas tudo que posso ver é Mae nos braços de algum mexicano, Charon em sua barriga, quando ela é espancada. E eu, preso pelos filhos da puta, incapaz de fazer porra alguma sobre isso.

Afasto-me da mesa e vou para a sala de estar. Paro na porta. Mae dorme no sofá, com o diário aberto no peito. Movendo seus ombros, sento e apoio sua cabeça no meu joelho. Minha mão percorre seu cabelo. Ainda suave, como sempre foi. Ainda preto.

Minha Perséfone.

Ela só fica mais bonita a cada dia.

A barriga de Mae se move. Estendo a mão e a coloco sobre seu vestido, meus lábios formando um sorriso quando sinto meu filho chutar minha mão novamente. Solto um longo suspiro quando minha mão se move para cima e pousa no diário. Olho o livro de couro como se fosse uma maldita granada.

"Fique aqui, mudo", meu pai diz. Ele voltou para o escritório.

"Que porra você fez agora?" Ky pergunta.

Dando de ombros, entro no escritório. Eu não sei.

"Feche a porta", meu pai ordena.

Faço o que ele diz, então ouço alguém prender a respiração. Olho para ver uma vagabunda no canto da sala. Ela foi espancada. Ela tem sangue no rosto e está agachada no chão. "River?" Ela sussurra. Meu estômago aperta ao som do meu nome verdadeiro.

Faço uma careta. Meu pai ri. "Não a reconhece, garoto?" Ele dá de ombros. "Talvez seja porque baguncei seu rosto. Ou talvez seja porque você era tão jovem quando ela nos traiu pelo pau do Diablo." Ele faz uma pausa, e sei que tudo o que ele dirá em seguida será mais forte que um soco. "É a puta da sua mãe."

Meus olhos se arregalam quando choque me domina. "Mamãe?" Eu quero dizer, mas minha garganta não funciona. Eu não posso falar!

"A criança ainda é um retardado. Na verdade..." Meu pai ri. Eu não consigo parar de olhar minha mãe. Ela começa a rastejar em minha direção. Eu quero ir até ela, mas quando tento me mover, meu pai diz: "Mais um passo, garoto, e terei certeza de que você não vai acordar por uma semana."

Eu paro, porque essa é uma promessa que sei que ele manterá. Ele fez isso antes. Não passarei por essa merda de novo. Papai se volta para minha mãe, cujos olhos estão fechados

pelas contusões. "Como disse, ele ainda é um retardado. Não pode falar merda nenhuma. Mas ficou pior quando você saiu." Eu olho para o meu pai. Eu o odeio às vezes. Ele sorri para mim. Às vezes quero dar um soco nele com muita força. "Você o fez ga-ga-gago. Meu fodido herdeiro desse reino, nada mais é que um pequeno e inútil filho da puta. Quem diabos terá medo dele? Como diabos ele vai usar meu colete quando eu for embora?" Meu pai encolhe os ombros. "O filho da puta é como você. Retardado e fraco como mijo."

"River." Minha mãe estende a mão para mim. Sinto minha garganta ficando mais espessa e lágrimas nos olhos. Mas não consigo chorar. Papai iria me bater se eu ousasse chorar.

Num segundo meu pai está fora de sua cadeira e agarrando o cabelo da minha mãe. Ele a puxa para seus pés. Mamãe grita, mas ele não se importa. "Ela te deixou, garoto. Não a deixe rastejar em seus joelhos de vagabunda, chamando você pelo nome de merda que te deu, enganando você. Ela te deixou por um Diablo." Faço uma careta. Nós não gostamos dos Diablos. Eles nos odeiam e nós os odiamos. Meu pai disse que um dia em breve ele pegaria um e me daria minha primeira morte. Disse que outra guerra com eles estava chegando. Não faz muito tempo desde que a última terminou.

"River", minha mãe diz. "Eu posso explicar, baby. Eu voltei para..."

"Cale a boca, puta." Papai soca minha mãe no estômago. Suas pernas dobram, mas Papai a segura pelo cabelo, mantendo-a ereta. Ele me olha novamente. "Ela te deixou, garoto. Ela escolheu seu novo homem sobre nós. Ela está de volta agora porque ele viu através de sua merda patética e não a quer mais. Ou..." Ele a vira e lhe dá um tapa no rosto. Dou um passo à frente, pronto para detê-lo, mas papai sorri para mim por cima do ombro. Eu conheço o olhar em seu rosto. Não ouso me mover

mais. Meu coração está batendo tão rápido, e tudo que quero fazer é arrancá-la de seus braços e fugir. "Ou você veio aqui por aquele covarde? Ele te enviou como um rato?"

"Não!" Mamãe chora. Meu pai a vira até que ela me encara. Mamãe estende a mão. "River. Eu sinto muito..." Ela sussurra, mas antes que pudesse terminar o que estava dizendo, papai coloca uma arma na sua cabeça e puxa o gatilho. Meus olhos fecham quando o estrondo percorre a sala. Quando os abro novamente, mamãe está no chão, sangue jorrando de sua cabeça. Mas a mão dela ainda está estendida na minha direção e seus olhos estão abertos... e me olhando diretamente.

"Mamãe..." Sussurro. Sinto uma lágrima na minha bochecha.

Papai passa por mim e me dá um tapa no rosto. "Corte as lágrimas do caralho, Styx. Essa vagabunda não foi nada além de problemas desde a primeira vez que abriu as pernas para mim. Sanchez a enviou para começar a guerra. E funcionou. Ela não te queria, garoto. Ela não te amava. Isso tudo era besteira, e ela estava nos usando para entrar em contato com os Diablos. Ela vai para o barqueiro sem moedas nos olhos. Ela pode vagar perdida pela eternidade. É o que a puta merece." Meu pai me dá um tapinha nas costas, depois sai do quarto. Olho minha mãe até que prospectos vem para mover o corpo. Olho para o sangue dela secando no chão até que alguém entra e limpa.

Ela não me queria.

Ela só voltou para começar uma guerra.

Ela era uma puta, como meu pai disse.

E eu a odiava por sair com Sanchez. Eu a odiava por sair. Mas acima de tudo, eu a odiava por não me amar o suficiente para ficar... ou pelo menos me levar com ela...

Mae muda de posição, tirando-me da memória daquele dia, e se aproxima do meu colo. Olho minhas mãos; elas estão tremendo. *Idiota,* digo na minha cabeça. *Meu pai estava certo — você é um retardado e fraco como mijo*. Fecho os olhos e consigo controlar minha respiração. Sou a porra do Hangmen mudo — eu não sinto essa merda. Especialmente sobre uma puta que não me queria.

Os braços de Mae envolvem minha cintura e o diário cai ao meu lado, perto do meu quadril. Respiro fundo e solto pelo nariz. Cerro meu queixo, pronto para parar meu cérebro traidor, enquanto a memória que tento esquecer ainda está no replay na minha cabeça. A dúvida começa a aparecer. Ela voltou por mim? Ela veio me levar do meu pai e toda a merda que ele me fez passar?

Mae suspira. “Eu te amo, River.”

River... River... River...

Tomo outro gole de uísque e engulo, sentindo-o queimar por meu tórax até o estômago... então, como o pedaço de merda que sou, eu pego o maldito diário. Minha mão treme enquanto o seguro.

Como disse, ele ainda é um retardado. Não pode falar por merda nenhuma. Mas ficou pior quando você saiu...

É isso? Eu não consigo me lembrar de em *algum* momento falar direito. Então, novamente, não tenho muitas lembranças antes daquela noite — apenas um borrão de enforcar Ky e evitar os punhos do meu velho. Mas lembro de assistir meu pai colocar uma bala na cabeça da minha mãe com uma clareza cristalina. Lembro-me dela morta, olhos abertos e o cheiro do sangue. E lembro-me de esconder o baú que ela trouxe no meu quarto, no armário. Nunca vi o que havia dentro e esqueci-me dele... até hoje.

Olho para o nada, apenas ouvindo Mae respirar, por algumas boas horas. Até que abro o diário e olho para a caligrafia da minha mãe. É confusa, mas se o que Mae leu for verdade, parece que ela não teve uma boa formação. Nem sei se ela foi para a escola.

Não quero começar a ler. Mas o faço. Com Mae no colo e o menino em sua barriga, leio sobre a mulher que sempre me disseram ser nada mais do que uma puta, uma desculpa de merda para uma mãe.

Shade Nash era o homem mais bonito que já vi. No minuto em que o vi, e ele sorriu para mim, eu era dele...

Capítulo seis

Tanner

"Merda, querido. Você está me deixando nervosa com essa sua inquietação. Você está bem?" Beauty aponta sua faca para mim sobre a mesa. "Nem tente me dizer que minha carne não está boa, porque então eu saberei que você é um mentiroso, Tanner Ayers. E não tolero mentirosos."

A voz de Beauty me afasta dos meus pensamentos. Ela estreita seus olhos, olhando desconfiada para mim, o que me faz sorrir. "Não, Beauty. Você sabe que sua carne é a melhor."

Ela sorri e senta-se ereta, balançando os ombros. "Isso é o que todos os meninos me dizem."

Tank ergue as sobrancelhas para sua mulher. "Todos os meninos?" Ele diz secamente.

Beauty bate na bochecha de Tank com sua unha vermelha. "Você sabe que eu não era virgem antes de você entrar na minha vida, querido. Então, sim, alguns garotos provaram minha carne..." Ela se inclina para perto do meu melhor amigo. "E eles adoraram o gosto... como você." Beauty levanta-se da mesa, piscando para mim antes de pegar mais cervejas na geladeira.

"Tann?" Tank pergunta. "Você está pensando em Adelita?" Sua cabeça inclina para o lado enquanto ele me observa. Tank suspira. "Tann. Fala, porra. Diga alguma coisa! Como diabos você ainda não me disse nada?"

"Ela deve saber agora. Ela deve saber que sua prima foi levada."

Os olhos de Tank se estreitam. "Ela entenderá com o tempo." Esfrego as mãos pelo meu rosto. Não tenho tanta certeza de que ela *entenderá*. Tank não conhece Adelita. Ela ficará chateada comigo. Chateada que eu não impedi isso. Mas o que mais eu deveria fazer?

"Você não ama mais o clube?" Tank pergunta baixinho. "Você não está querendo sair, está?"

Sinto tristeza. "Foda-se não." Quero dizer cada palavra. Claro, eu não tenho certeza de como o resto dos meus irmãos se sente em relação a mim e Adelita. Não sei se Styx ainda me quer por perto depois que escondi isso dele. "Estou bem", digo. Tank parece não acreditar em nada do que estou dizendo. "Tank... esta é a primeira vez que sinto que me encaixo em algum lugar. Todo o resto da minha vida acabou. Mas eu quero ficar neste clube. Nunca, porra, duvide disso." Limpo a garganta, mudando de assunto. "Você teve notícias de AK e dos outros?"

Tank me encara por um tempo longo demais. Mas então diz, "Eles estão quase em casa. Recuperação limpa."

Mas eu conheço Quintana. Ele ficará enlouquecido e sem dúvida planejando vingança contra os Hangmen. Só posso imaginar Adelita. A porra do fogo que vive nela se inflamando sobre isso. Como aquele fodido do Diego iria usá-lo como a desculpa que ele precisava para realmente trazer a força da família Quintana para o Texas.

"Você sabe..." Tank começa a dizer quando, de repente, nossos celulares tocam. Eu pego o meu do bolso e leio a mensagem. "Eles estão de volta." Tank se levanta, vai até Beauty e a beija. "Tenho que ir à Igreja, rainha da beleza."

Beauty bate na bunda de Tank quando saímos. “Vou ver a Mae.” Tank acena por cima do ombro, e nós montamos em nossas motos. Meu coração dispara quando percorro os poucos quilômetros de estrada entre a casa de Tank e o clube. Os portões estão abertos, os prospectos acenam. No segundo em que estaciono, desço da minha moto e rapidamente vou para a Igreja. Eu fico no fundo da sala e espero impacientemente que todo mundo entre em cena.

Quando a porta é fechada, Ky fala. Eu prendo a respiração quando ele olha para cada um de nós nos olhos. Então ele sorri. “Nós a pegamos.” Os irmãos acenam com a cabeça e a excitação aumenta na sala.

“Isso significa que a guerra é iminente, certo? Vamos acabar com os filhos da puta?” Rudge diz ao lado de Vike e Bull. Os olhos de Bull estão fixos em Ky. Foda-se, todo mundo está. “Eu sinto a necessidade de destruir um cartel”, Rudge acrescenta.

As mãos de Styx começam a sinalizar. “Nós vamos deixar o filho da puta de molho por um tempo. Não deixamos nenhum traço de que fomos nós.” Ky para quando as mãos de Styx param. Styx olha para mim. “Tanner disse que ninguém sabia sobre esses túneis.” O lábio de Styx se curva em uma espécie de sorriso. “Eles podem questionar se fomos nós.” Ele se senta para trás. “Mas eles questionarão mais a Klan. Eles sabem que não temos como conhecer esses túneis clandestinos. E vamos apenas dizer que Shadow foi bom em traçar uma trilha que poderia levá-los de volta à porta do governador Ayers.”

Minha respiração para por um segundo quando penso em meu irmão ter que enfrentar o cartel e os Hangmen. Então afasto isso da minha cabeça. Preciso esquecer essa merda. Beau não é o irmão que eu conhecia. Se ele morrer pelo cartel, então é assim que tem que ser. Mas a dor no meu peito nunca vai embora.

"E a noiva vadia do cartel?" Cam, um membro do clube de Frisco, pergunta. "Onde ela está? Qual é o plano com ela?"

Styx levanta as mãos. "Ela está no armazém. Nos revezamos os turnos para ficar de olho nela." Meu coração bate tão alto que mal ouço Ky falar comigo quando ele traduz, "Tanner. Precisamos de você nas câmeras, então você precisa colocar a conexão que tem com a cadela de lado e se concentrar no trabalho. Precisa instalar mais vigilância. Quintana virá com força quando descobrir que somos nós." Ele faz uma pausa, olhando para mim. "Se eu descobrir que você está indo contra as ordens, então acabarei com você." Eu balanço a cabeça. Desgraçado.

Styx aborda Tank. "Preciso de Beauty nisso. Preciso dela para lidar com a puta do cartel."

"Feito", Tank diz. Eu percebo seus olhos suspeitos, mas desvio o olhar. Beauty está dentro. Posso usar isso. Eu posso conseguir informações sobre a Adelita de Beauty... de alguma forma.

Styx começa a sinalizar novamente, mas a porta da igreja se abre e AK entra. O irmão está coberto de sujeira. Isso é o que você ganha depois de três dias nas estradas secundárias do México. AK olha para Ky e Styx. "Ela está acordada." AK balança a cabeça. "E foda-se, mas essa puta é louca. Falando em espanhol conosco e tentando de tudo para se libertar."

Eu conheço o plano. Shadow a drogaria até que eles chegassem em casa, Edge a observaria para ter certeza de que não a matariam ou fizessem alguma merda estúpida como essa.

"Legal." Vike esfrega as mãos. "Adoro uma latina mal-humorada. Eu fico com o primeiro turno." Ele se levanta.

"Sente-se, Vike", Ky diz. Ky olha para Tank. "Traga Beauty aqui. Você e Bull ficam com o primeiro turno."

Tank assente e sei que essa é a minha chance de ver a prima, quem quer que ela seja.

"A cadela está em seu vestido de noiva", Ak diz e balança a cabeça. "Ela está naquele armazém, naquele fodido vestido de noiva, com o nariz levantando como se fosse a porra da rainha da Inglaterra, lançando insultos para nós. Como se alguém soubesse o que ela está dizendo." AK encolhe os ombros. "Essa cadela está chateada. Deslumbrante, mas chateada. Parece que o tio Quintana a ensinou bem."

"Estou duro. Alguém mais?" Pergunta Vike. "Gosto de uma puta que grita insultos para mim. *Cala a boca, seu ruivo filho da puta. Eu vou te rasgar ao meio, idiota* – porra, palavras mais doces nunca foram faladas."

Styx levanta as mãos, ignorando-o. "Eu tenho deveres para vocês. Estamos em alerta máximo. E avise suas Old ladies agora: nós ouvimos notícias que o cartel sabe que somos nós, e estamos em confinamento." Cabeças assentem. Piadas param. Styx bate o martelo.

Igreja terminou.

Tank pula em sua moto e desaparece na direção do armazém. Eu entro no meu quarto e procuro as câmeras. Concentro-me nas que estão ao redor do armazém, vendo o momento em que Bull e Tank chegam para liberar Crow. Slash, Ash e Zane estão lá também. Eu preciso colocar câmeras no depósito. Foda-se minhas ordens e a ameaça dos punhos de Styx, vou falar com aquela cadela sobre a Lita.

Eu atualizo o que posso com o que tenho, então peço mais câmeras de uma loja local e pego uma das caminhonetes do clube para ir buscá-las. Quando volto e as instalo ao redor do clube, está escuro. Eu verifico minhas telas. Tank e Bull ainda

estão no armazém. Beauty deve estar lá dentro. Presumo que os prospectos também estão próximos.

Recostando-me na cadeira, fecho os olhos e respiro longa e profundamente. Que porra eu diria à prima de Lita? Como diabos a faria confiar em mim? Para mandar uma mensagem para Lita?

"Foda-se!" Eu xingo. Mas o rosto de Adelita está imediatamente na minha cabeça. Guiando-me para frente. Porra, desde o dia em que a cadela entrou na minha vida, ela era tudo que eu podia ver. Quem me controla.

Pego a câmera e o kit de ferramentas do meu lado e saio do meu quarto e passo pelo bar. Os irmãos estão aqui, como de costume. Mas eu passo e entro na caminhonete. Meu pulso acelera quanto mais me aproximo. Pela primeira vez em dois anos eu falarei com alguém que conhece Adelita... alguém que, depois que for libertada, pode levar uma mensagem para ela.

Tank se afasta da parede enquanto estaciono a caminhonete. "Câmeras?" Balanço a cabeça, apontando para as coisas na cabine. Bull vem e começa a levar as câmeras para o depósito.

"A cadela ainda está gritando com vocês?" Pergunto, apontando para o armazém.

"Sim", Tank diz. "Beauty está lá há algum tempo e parece que isso a acalmou um pouco."

"Onde exatamente ela está no armazém?" Empurro minha mão pelo cabelo. "Então saberei para onde apontar as câmeras."

Tank se aproxima de mim. "Quando você entrar lá, não mencione nada sobre Adelita. Certo? Fique quieto. Não foda o Styx. Vamos descobrir uma maneira de contatar Adelita. Agora não é a hora."

Balanço a cabeça e entro no armazém. Bull me mostra onde ele deixou as coisas, depois sai para ficar de guarda com Tank. Tank me avisou... mas eu não quero manter a boca fechada. Preciso saber sobre a Lita.

Os três prospectos estão do lado de fora da pequena sala onde sei que a prima está. Inclino meu queixo para eles. Slash e Zane se aproximam. “Bull nos disse para ajudá-lo”, Slash diz.

Afasto meus olhos da porta fechada do quarto dos fundos. “Bom.” Eu limpo minha garganta. “Nós começaremos aqui. Mostrarei a vocês uma, então vocês podem se separar e instalar algumas das outras.” Levo-os para o outro lado do celeiro. Dez minutos depois, estou instalando a primeira câmera, falando com eles, enquanto Slash segura a escada em que estou.

“Você aprendeu tudo isso no exército, certo?” Slash pergunta.

Eu olho para o garoto. Ele parece o Smiler. Sei que ele é primo de Smiler e tem por volta de dezenove anos. Não sei mais de sua história do que isso. “Sim, comunicações.”

“Legal”, ele diz. “Estive pensando sobre o exército também. Smiler acha que eu não deveria me incomodar. Apenas trabalhar com motos e ficar com os Hangmen.”

“Meu tio disse o mesmo”, Zane diz, ele é sobrinho de AK. Eu observo o garoto enquanto ele abaixa a cabeça e desvia o olhar. Porque não foi só o AK que serviu. Seu pai também serviu. O cara que, por causa de uma missão fodida que levou ao seu sequestro e um grande transtorno pós traumático, matou a mãe de Zane e depois a si mesmo. O garoto foi criado por seu tio, é um fodido órfão.

Quando desço da escada, eu digo, “Servi porque meu velho me disse que era meu dever patriótico.” Zane coloca as mãos nos bolsos, mas ele e Slash ouvem. “Eu aprendi muito no

exército. Mas vou lhes dizer agora, crianças. Não entre em guerra a menos que acredite na causa pela qual estão lutando."

"Como agora, você quer dizer?" Slash pergunta. "Esta guerra que estamos agora com o cartel e a Klan." Os olhos de Slash se arregalam. "Quero dizer, você... eles..."

Coloco minha mão no ombro de Slash. "Está tudo bem, garoto. Eu sei como é fodido eu e a Klan."

"Mas você é um Hangmen agora, certo?" Zane pergunta. Eu sorrio, vendo um pequeno AK olhando para mim.

"Eu sou." Deixo meus olhos vagarem para a porta do quarto dos fundos novamente.

"Ela é barulhenta pra caralho", Slash diz, passando as mãos pelos cabelos. "A cadela não parou de gritar por horas. Tenho a porra de uma dor de cabeça."

"Ela está quieta agora", digo.

"A Beauty provavelmente a amordaçou." Ash para na porta, sorrindo enquanto termina seu cigarro e o joga no chão. "As minhas fodidas orelhas doem de todo o barulho. Eu preciso de uma fodida bebida."

Virando-se para Zane e Slash, eu digo, "Vocês viram como instalei a última câmera?" Eles concordam. "Vão fazer o mesmo nos outros quartos." Viro-me para Ash. "Você também vai. Eu preciso instalar essas câmeras rapidamente. Eles vão te mostrar como."

"Boa sorte." Ash segue seus irmãos até a sala distante. Segurando uma câmera, bato na porta.

Beauty responde. Ela parece confusa, mas quando me vê, ela sorri. "Ei, querido", ela diz, segurando a porta entreaberta. "Você está aqui para instalar a câmera?"

"Sim."

"Bom. Então vou dar um tempo. Eu preciso de uma bebida. Observe-a enquanto você trabalha – ela é uma vadia mal-humorada. Costumo respeitar isso em uma mulher, mas agora eu quero socar os seus dentes apenas para que sua boca esteja cheia demais para ela continuar gritando. Está esgotando minha paciência." Ela sorri mais largo. "Eu não vou demorar muito!" Beauty sai do armazém.

A porta está aberta, mas a sala está escura. Dando uma respiração longa, empurro a porta. O quarto dos fundos é pequeno, com apenas uma lâmpada fraca como luz. Mas eu vejo a prima no canto, coberta de sombras. Sua cabeça está baixa e seu cabelo escuro cobre seu rosto. Suas mãos estão amarradas com corda, assim como seus pés. O vestido de noiva que ela usa cobre a maior parte do seu corpo. Eu olho, tentando visualizá-la, mas nesta luz fraca, é impossível.

Verificando se ninguém está no corpo principal do armazém, fecho a porta e tranco-a. Minha mão aperta a maçaneta, mas depois pego a bolsa e me viro. Eu caminho direto para a cadela na cadeira, e ela deve ter me sentido, porque ela ataca com as pernas amarradas e grita, "*Cabrones! Los odio!*"

Sua cabeça inclina para trás enquanto se debate para chegar perto de mim. Eu fico no lugar, esperando-a se acalmar e parar. Seus longos cabelos escuros afastam-se do seu rosto, sua boca se abre para gritar mais merdas na minha direção, então seus olhos se encontram com os meus e...

Eu congelo.

Não posso me mexer.

Todas as células do meu corpo ficam rígidas. Eu não estou nem respirando.

Meu coração começa a bater contra minhas costelas, e meus músculos ficam tensos até que eu penso que eles podem quebrar. E não afasto minha atenção daqueles olhos. Olhos castanhos escuros, cílios longos e aqueles lábios... aqueles fodidos lábios perfeitos.

Meu peito aperta meus pulmões como um punho de ferro e minhas malditas mãos começam a tremer... porque não confio nos meus olhos. Não confio em mim mesmo para acreditar em quem está sentada diante de mim.

Seus olhos se arregalam e vejo como seu rosto fica lívido. Ela pisca como se não pudesse acreditar, então seus olhos se enchem de lágrimas...

"Tanner?" Ela sussurra em descrença. Eu preciso fechar meus olhos quando o som da sua voz atinge meus ouvidos. "Não... não pode ser..." ela choraminga. Minha respiração e meu coração sincronizam uma única batida, os dois batendo nos meus ouvidos. Abrindo meus olhos, balanço a cabeça. Não pode ser. Não pode ser ela...

"Ad... Adelita?"

O ranger de seu nome nos meus lábios enche cada centímetro do quarto silencioso como uma fumaça espessa. Seus olhos se fecham e uma lágrima rola por sua bochecha.

Então olho para ela... olho para ela de verdade, uma imagem clara.

Ela está em um vestido de noiva. O choque que me mantém em estado de sufocamento começa a desvanecer-se. E como sangue quente em uma faca afiada, o choque, a porra do alívio de que é Adelita sentada à minha frente derrete... e em seu lugar vem a confusão, descrença... então raiva. Raiva do caralho. Porque não era a prima de Adelita que ia se casar... era *ela.*

"Tanner?" A voz de Adelita está trêmula e baixa e tão perfeita quanto eu me lembro. Mas essa doçura não é suficiente para diluir o gosto amargo que está aumentando na minha língua.

Eu encontro seus olhos, aqueles olhos que uma vez me prometeram em troca tudo o que eu prometi a ela. Os olhos que me disseram para confiar nela como ela confiaria em mim. Que ela esperaria por mim enquanto eu descobrisse um jeito de ficarmos juntos. Enquanto eu saía e tentava descobrir uma maneira de escaparmos de todas as coisas que nos separavam.

Todo esse tempo. Todos esses meses planejando uma maneira de deixar minha família, deixar a Klan ileso, protegido por alguém mais forte e mais poderoso. Provar o meu valor para os Hangmen, eles me aceitaram como um deles... tudo por ela. Tudo por essa cadela que mudou minha vida e me mudou, me fez querer nada além dela. Tudo para que pudéssemos estar juntos e escapar de nossas famílias que nunca nos deixariam – que prefeririam nos ver mortos.

Quando olho para a mulher que eu amo, aquela que governou a minha vida desde a primeira vez que coloquei os olhos nela, tudo que eu sinto é uma trovoada de raiva, enchendo meus músculos e ossos até seus núcleos. A raiva que eu costumava usar todos os dias, a raiva que aprendi a controlar por ela, começou a se libertar... e não faço nada para parar isso. Não faço nada para impedir. Em vez disso, deixo que me inunde, minhas veias explodem com a escuridão que sempre viveu dentro de mim, colocada ali pelo meu pai e pela Klan e todo o maldito ódio e veneno que fui infectado quando criança. E eu aceito isso.

Nenhuma respiração profunda está funcionando. Nada vai parar isso. Quando olho para aquele vestido de noiva, para a renda branca que cobre seus braços – braços que tinham se

segurado em mim, como ela prometeu que algum dia seria a porra da minha esposa – eu enlouqueço.

"Era você", rosno. Meus punhos fecham tão apertados que sei que eles vão tirar sangue quando o perfume de rosas de Adelita encher meu nariz. Esse perfume que eu sonhei por dois anos. O cheiro que me lembro toda vez que estou deitado na cama. O cheiro que mantive comigo todo esse tempo. "Era *você* se casando!" Não digo isso como uma pergunta. Não preciso. Ela está na minha frente em um fodido vestido de noiva.

Os olhos de Adelita dizem tudo. A culpa está escrita no rosto dela. Ela me traiu. Nos traiu. Sua boca se abre, mas não ouço o que ela tem a dizer. Eu nem sei se ela realmente fala. Meu cérebro a bloqueia, afogando-se na névoa espessa que estou permitindo. Levando-me de volta ao dia em que voltei para o México. O dia em que joguei tudo fora. O dia em que coloquei tudo isso em movimento.

O dia em que o Príncipe Branco voluntariamente caiu do seu maldito trono...

"Só mais algumas viagens como essa, Tanner e terminaremos", meu pai diz enquanto atravessamos os portões da fazenda Quintana. Meus olhos estão fixos nos guardas que cercam o lugar, assim como da última vez. Eu tento me concentrar neles, no que meu pai está me dizendo. Mas a minha cabeça doentia permanece só em um lugar.

Adelita fodida Quintana.

Dois meses. Eu estive fora por dois meses. Dois meses de volta ao meu povo, minha família. Eu tinha fodido putas da Klan, tentando lembrar quem diabos eu sou. Dois meses de derrubar inimigos e queimar a cruz de fogo.

E dois meses tentando me livrar da vergonha de ter fodido a filha de Quintana. E dois meses me preparando para este momento. O momento em que a verei novamente.

Eu preciso ficar longe.

O carro para e somos levados para a fazenda. Minhas mãos estão fechadas ao meu lado enquanto eu mantenho meu rosto olhando para frente. Quando chegamos aos aposentos privados de Quintana, sento-me ao lado do meu pai, depois Quintana entra na sala. "Senhores", ele diz em seu sotaque. Adelita não fala como ele. Papai claramente educou sua filha melhor do que ele.

Eu fico de pé e aperto sua mão. Meu pai e Quintana começam a conversar e eu rapidamente me distraio. Olho em volta para a arte no escritório de Quintana. É uma merda.

Cores muito brilhantes que fazem todo o sentido... até que meus olhos caem em uma pintura acima de sua mesa. Olhos castanhos que foram queimados em meu crânio olham para mim. E assim como eu lembro, eles me provocam com um brilho superior. Desafia-me a aceitá-la.

Diz-me para tomar sua buceta novamente.

"Tanner?" A voz áspera do meu pai me afasta dos meus pensamentos. Eu olho para ele. "Vamos nos juntar a Alfonso em breve para o jantar. Sim?"

"Sim, senhor", eu digo e fico de pé depois do meu pai.

Enquanto caminho para a suíte, onde fiquei na última vez, examino os corredores, mas não há sinal de Adelita. Seus aposentos eram por aqui, eu sei. Minha pele se arrepia como se pudesse senti-la perto. Espero não vê-la o tempo todo que eu estiver aqui. Rezei para que ela estivesse fora da cidade, para que eu possa entrar e sair desta merda sem lançar um olhar para ela.

Tomo banho e troco de roupa para o jantar. Eu nunca paro de me mover; ando de um lado para o outro até a hora de ir. Não consegui desligar a porra da minha cabeça. Bato meu punho contra o meu crânio para tirar a memória de Adelita caindo aos pedaços em meus pensamentos. De perceber que eu simplesmente tirei sua virgindade. De como ela me deu um tapa, lutou comigo, então me beijou como se não pudesse suportar.

Há uma batida na porta. Meu pai está lá de terno. Seus olhos percorrem minha calça, camisa branca e gravata preta. Mas eles se fixam nas tatuagens de corpo inteiro que saem do colarinho e dos punhos da minha camisa. O lábio dele levanta com desgosto. O meu se curva em vitória. Foi a única coisa na minha vida que eu fiz contra a sua vontade. O filho da puta me fez pagar por isso com a minha carne. Mas valeu a pena ver seu herdeiro perfeitamente preparado não mais o garoto americano que ele queria que eu fosse. "Os verdadeiros homens da Klan são invisíveis, Tanner. Eles não usam suas crenças em suas peles como pagãos." Sua mensagem foi tocada na minha cabeça por toda a minha vida. Mas quando Tank saiu da Klan, eu deixei o exército, dei uma volta em espiral e fiz exatamente o que o grande governador Ayers não queria que eu fizesse.

Foi a melhor decisão que já tomei. Não fui feito para cargos políticos como o meu pai. Eu fui feito para a guerra e a violência. Sangue, armas e glória.

Fui criado para a escuridão.

"Vamos." Meu pai nos leva para a varanda onde o jantar será servido. Ele se inclina mais perto. "Mantenha sua boca fechada. Eu cuidarei da conversa." Tudo bem por mim. Sou inútil aqui de qualquer maneira. Ele não tem intenção de me mostrar o contrato que está construindo com Quintana. Estou aqui para o show do caralho. E como testemunha.

Quintana está esperando na mesa. Nós recebemos bebidas e somos levados até nossos assentos por uma empregada quando Quintana abre um sorriso e se levanta do seu lugar na cabeceira da mesa. Eu mantenho meus olhos para frente, sei quem acabou de chegar.

"Tanner, você se lembra da minha filha, Adela."

Flexionando meu queixo, levanto-me e relutantemente direciono meu olhar para Adelita. Seus olhos castanhos prendem os meus e eu imediatamente vejo algo explodir dentro deles.

Então meus olhos seguem para o homem ao lado dela. O homem cujo braço ela segura. "E este é Diego", Quintana diz. "Ele é meu segundo." Quintana olha para o meu pai. "Ele se juntará a nós amanhã como discutido. Ele dirigirá o projeto comigo."

Raiva explode dentro de mim. Meu pai vê na minha cara; eu sei. E também sei que ele acha que é porquê sou excluído de suas reuniões quando este filho da puta estará lá. Mas ele está errado. Ele está errado pra caralho. Minha fúria veio do braço deste idiota segurando Adelita.

"Senhor Ayers." Diego sorri para mim. Mantendo o braço de Adelita no dele, ele estende a mão livre. Aceito-a e sinto o esforço por trás da força de seu aperto. Eu esmagaria esse filho da puta em pedaços, se tiver uma chance. Foda-se o cabelo perfeitamente penteado para trás e o terno de três mil dólares.

"Vamos nos sentar, sim?" Quintana diz.

Faço o que ele diz, depois olho para o meu prato. Porra, forço-me a fazer isso. Mas quando Adelita diz, "Você fez uma boa viagem de volta ao México, Tanner?" Levanto meus olhos e eles se prendem nos dela.

Adelita sorri, mas posso ver seu nervosismo por baixo. Eu observo sua garganta trabalhar enquanto ela engole, seus olhos

caindo para o meu peito. Essa porra faz algo dentro de mim. Ela me acende. Deixo-a nervosa. Cheguei nela. Pergunto-me se ela está pensando no que estou agora. Se ela está se lembrando de como a empurrei contra a parede da casa segura, a minha mão em sua garganta. Se ela está lembrando da sua boca na minha, seus dentes afundando em minha pele.

Se ela se lembra de mim dentro dela, fazendo-a gritar.

Quando meu pau endurece, deixo a raiva empurrar para longe tudo isso. Eu não quero essa vadia. Não a quero perto de mim. Preciso me lembrar disso.

"Adelita fez uma pergunta." Meus olhos seguem para Diego ao lado dela. O filho da puta, sentado lá com seu terno de três peças e seus olhos escuros e irritados, está olhando para mim. Meu pescoço tensiona enquanto eu luto contra o desejo de avançar para o idiota e ensinar-lhe algumas maneiras de merda.

Pego a expressão de pedra do meu pai e me viro para Adelita. "Foi tudo bem."

Quando todos começam a comer, olho para Diego e o vejo me observando. Encontro seu olhar e o deixo saber com meus fodidos olhos que eu odiei sua bunda latina à primeira vista. E prometo a ele que, se eu tiver a chance, acabarei com ele.

Diego desvia o olhar quando Quintana faz uma pergunta. Mas minha atenção está em sua mão quando ele a estende e coloca sobre a de Adelita em cima da mesa. Fogo sobe pelas minhas veias. Eu me mexo no meu lugar, pronto para foder este negócio e arrancar membro por membro do desgraçado. Mas Adelita puxa a mão de debaixo da dele e a enfia debaixo da mesa.

Seus olhos encontram os meus, depois se concentram novamente em seu pai. A princesa perfeita do cartel que nunca

abandona sua fachada polida. O rosto de Diego é de pedra, mas eu posso dizer pela forma de seus ombros que ele está chateado.

Então engulo minha raiva. Porque não me importo se ele a foder nessa mesa na frente de todos nós. Eu não me importo se o idiota a tiver depois de mim. Ela não é minha e eu nunca mais a tocarei.

*****

Olho para a porta e me pergunto – pela centésima vez – o que diabos estou fazendo aqui. Minhas unhas cortam minhas palmas enquanto meus punhos se fecham. Meus músculos dos ombros estão tão tensos que meu pescoço dói. E enquanto eu olho pelo corredor, sei que tenho menos de trinta segundos antes que um guarda apareça. O exército me ensinou muitas coisas. Estou grato que uma delas é como passar por patrulhas móveis.

Ou talvez eu não esteja. Porque se não tivesse aprendido a ser furtivo, não estaria aqui agora – um traidor da minha raça.

O alfinete que seguro na minha mão se torna uma chama ardente. Fecho meus olhos e me obrigo a sair. Mas quando ouço o som distante de guardas no corredor, deixo meu corpo liderar. Em segundos, uso o alfinete na fechadura e estou no quarto de Adelita. O cheiro de rosas atinge meu nariz primeiro. Minha mandíbula aperta, mas meus pés me levam para outro conjunto de portas. Eu pego a fechadura e também entro.

O quarto está escuro, exceto por um pequeno abajur. Adelita está deitada na cama, vestida com uma camisola branca de seda que mostra seus braços e panturrilhas e pés nus. O material está preso ao corpo dela como cola. Seu fodido corpo perfeito. Um corpo que minhas mãos se lembram de explorar cada centímetro.

O chão range sob o meu pé. Adelita se senta e seu olhar colide com o meu. Eu fico imóvel, minhas mãos novamente fechadas em punhos.

Os olhos de Adelita estão arregalados. Mas ela fica em silêncio. Minha respiração ecoa nos meus ouvidos. Eu deveria me virar e sair. *Eu deveria. Meu pau endureceu no minuto em que a vi. Estou fodido por estar aqui. Sei que estou.*

No entanto, meus pés não se mexem.

Adelita se levanta. Eu assisto cada movimento que ela faz, minha respiração fica mais rápida. Vejo-a lutando para respirar também. Seus seios sobem e descem sob a camisola de seda. Ela está a apenas alguns metros de mim agora. Posso sentir o cheiro familiar de coco de seu cabelo e posso ver seu rosto limpo. Ela não usa maquiagem, e seu cabelo está solto e bagunçado, caindo no meio das suas costas.

A temperatura no quarto parece subir cerca de cem graus. Observo Adelita, ela me observa, então... "Tanner..." Ao som do meu nome em seus lábios, eu jogo o último pedaço de sanidade que tenho e caminho para onde ela está. Nem mesmo dou a ela uma chance de falar, esmago meus lábios nos dela. Adelita geme em minha boca e então sua língua está em guerra contra a minha.

Meu maldito coração é um tambor prestes a explodir no meu peito. Minhas mãos estão por toda parte nela. Suas mãos apertam minhas bochechas, em seguida, descem para o meu bíceps. Unhas vermelhas familiares afundam em minha pele, e eu gemo quando a dor, misturada com o gosto dela, a sensação e o som, deixam meu pau pronto para arrebentar meu jeans.

Afastando minha boca da dela, eu arranco minha camisa, em seguida, puxo as alças da sua camisola até que seus seios são liberados. Com um rosnado baixo, eu me aproximo e sugo um

mamilo na minha boca. Adelita joga a cabeça para trás e geme. Suas mãos estão na minha cabeça enquanto ela me mantém em seu seio, minha língua se move no mamilo para frente e para trás. Coloco minha mão sob a camisola dela. Assim que meus dedos encontram sua buceta molhada, Adelita grita. Soltando o mamilo, eu a jogo na cama, subo em cima dela e cubro sua boca com minha mão livre. "Shh", a repreendo. "Fique quieta."

Os olhos de Adelita reviram quando deslizo um dedo dentro dela, procurando pelo local que a fará desmoronar. Observo seu corpo, memorizando seus seios, pernas e buceta. Mas não é o suficiente. Quero-a nua debaixo de mim. Quero sua pele pressionada contra a minha. Eu pego o tecido fino que cobre seu corpo e rasgo no meio. Puxo a camisola arruinada de debaixo dela e a jogo no chão. Então eu sento e olho para ela toda – Adelita fodida Quintana. Olho para ela deitada na cama, seu corpo à mostra para mim – mamilos duros e vermelhos, buceta molhada e esperando.

Encontro-a me observando. E quando um pequeno sorriso se espalha em seus lábios, aquele lado antagônico dela que eu conheço está debaixo daquela perfeita merda de princesa do cartel, aquele fogo, surge. Mordendo o lábio, Adelita move o pé e o desliza lentamente contra o meu pau.

Isso me quebra.

Eu esmago minha boca na dela. Mas apenas por um segundo, antes de deslizar pelo seu corpo. Enganchando meus braços sob suas pernas, puxo-a para o final da cama – a cadela não quer brincar levemente. Os olhos de Adelita ardem, suas pupilas dilataram-se e ela luta para recuperar o fôlego. Calor me queima com a visão dela exposta diante de mim. Eu gemo, então abaixo meu corpo e lambo sua buceta nua, do clitóris a entrada. A

cabeça de Adelita se inclina para trás e sua boca se abre. Mas ela prende o grito na garganta e silenciosamente respira.

O gosto dela está ameaçando me destruir. Eu lambo sua buceta novamente, chupo seu clitóris em minha boca e o movimento com a língua. Adelita se contorce em meus braços, mas eu uso minha força para prender seus braços para que ela não possa se mover. Então Adelita tem que aceitar minhas lambidas e saber quem está fodendo com ela. Mais do que viciado em seu sabor, eu a excito mais e mais rápido até que ela fica tensa, quieta, depois desmorona debaixo de mim.

Quando Adelita ofega, sua pele fica escorregadia de suor. Ela treme em meus braços, seus quadris empurrando por gozar tão forte. Vê-la assim, ver este corpo perfeito e rosto desfazendo por minha causa, me faz selvagem. Abro minha calça jeans, tiro minhas botas e as jogo no chão. Antes que Adelita tenha a chance de se recuperar, eu me movo entre suas pernas e empurro com força dentro dela em um longo impulso. As costas de Adelita se arqueiam para fora da cama enquanto eu impulsiono dentro dela, para frente e para trás. Seus seios se esfregam contra o meu peito, e os braços envolvem meu pescoço, os dedos arranham minha pele. A cadela devolve tanto quanto eu dou. Ela usa as mãos no meu pescoço como âncora quando levanta do colchão e monta meu pau.

Sua buceta me aperta com força, e eu afundo meus dentes no lado de seu pescoço e chupo. A princesa só me monta mais forte. Pressão começa a se formar na base da minha coluna. Deixando-a saber que seu atrito controlado acabou, eu jogo Adelita no colchão e prendo-a enquanto a fodo. Eu fodo ela com força, tão forte que ela me sentirá dentro dela por dias. Tão forte que, mesmo que outro pau goze dentro dela, tudo em que ela pensará é em mim, neste momento. Meu pau possui sua buceta.

A respiração de Adelita se tornou rápida. Ela fica presa no colchão e não consigo desviar o olhar. Seu cabelo está espalhado em volta da cabeça como uma maldita auréola; suas bochechas estão vermelhas, seus lábios inchados da minha boca. Suas pupilas tão dilatadas que seus olhos castanhos parecem negros.

Meu coração dispara. Meus braços, ainda a prendendo, começam a tremer enquanto eu tento afastar meus olhos. Mas não posso. Meu peito aperta quando eu empurro mais rápido. Aperta enquanto eu tento pensar nela como nada. Pensar nela como impura e abaixo de mim. Mas quando sua buceta aperta e começa a sufocar meu pau, e eu a vejo gozar, sua cabeça se inclinando para trás e sussurrando, "Tanner", sei que estou completamente fodido. Deixando escapar um rugido alto demais, empurro dentro dela mais uma vez, a visão de seu rosto perfeito arranca o meu gozo. Apoio minha cabeça no seu pescoço e empurro dentro dela até não ter mais nada.

Eu inalo lentamente enquanto recupero o fôlego. Mantenho minha cabeça enfiada no pescoço de Adelita, respirando seu perfume. Preciso me mexer. Eu digo a mim mesmo para me mexer, para ficar bem longe do seu quarto, mas meu corpo não está escutando. E quando a mão dela sobe e desliza pela minha cabeça raspada e desce pela minha coluna em carícias lentas e suaves, sei que não vou a lugar nenhum.

Meu pau ainda está duro dentro dela. Apenas quando está mais suave eu saio. Sinto meu esperma transbordar em suas coxas e quase fico duro de novo. Movo minha mão entre suas pernas e esfrego em sua pele. Marcando essa cadela como minha. Certificando-me que ela saiba quem acabou de fodê-la, quem a tomou pela primeira vez há dois meses.

A respiração de Adelita falha. Levanto a cabeça e minha barba esfrega contra a sua pele macia. O olhar castanho de Adelita se fixa no meu. Ela não fala. Apenas continua olhando

para mim. Algo quebra no meu peito quando ela faz isso. Eu não sei o que diabos é, mas isso me apavora.

Eu seguro minha respiração enquanto seus olhos procuram os meus e seus dedos deslizam pelo meu rosto. "Hola, Tanner Ayers. É bom ter você de volta."

Minhas narinas se abrem e eu fecho meus olhos, lutando contra o que está me possuindo. Lutando para lembrar quem sou e o que acredito. Mas quando eu abro meus olhos e vejo o rosto sorridente de Adelita olhando para mim, todos os outros pensamentos, exceto ela, eu e nós, assim, agora, desaparecem completamente.

Viro minha cabeça em sua mão e beijo sua palma. Os olhos de Adelita se arregalam. Então eu beijo sua boca e ela derrete contra mim. Quando me afasto, rolo para o lado. Olho para o teto, recusando-me a deixar entrar as coisas que estão esfaqueando meu cérebro – meu pai e o que ele faria se soubesse que estou aqui, minha irmandade no Texas... e toda a Klan dos EUA – o que eles fariam se descobrissem que seu herdeiro está transando com uma mexicana. Pior ainda, uma princesa do cartel.

"Você sentiu minha falta, Tanner Ayers?" A pergunta de Adelita me tira dos meus pensamentos. Ela cruza os braços no meu peito e coloca o queixo sobre eles. Eu observo o rosto dela e procuro a inferioridade. Mas não consigo encontrar. A cadela é a coisa mais perfeita que já vi.

"O que está acontecendo entre você e aquele idiota do Diego?" Pergunto, minha voz afiada como uma adaga. Os olhos de Adelita se arregalam quando a pergunta sibila da minha boca. Não há nada calmo ou agradável na maneira como eu perguntei.

Mas então um sorriso curva sua boca. Essa ação tanto me irrita quanto me faz querer empurrar meu pau entre os lábios e

foder sua boca. Estendendo a mão, eu arrasto meu polegar sobre os lábios e ordeno, "Responda a pergunta."

Adelita revira os olhos. Ela é uma das únicas pessoas que conheci que não me teme. Eu não sei porquê. Ela morde meu polegar. Eu gemo, meu pau endurece pela dor aguda. Adelita solta meu polegar e diz, "Nada. Nós crescemos juntos. Ele é o segundo no comando do papai."

"Ele quer foder você."

"Bem, eu não quero transar com ele."

Inclinando-me para ela, mordo seu lábio antes de empurrar minha língua dentro de sua boca. Adelita geme contra mim. Ouvindo um barulho, eu checo meu relógio. Tenho cerca de quinze minutos para voltar ao meu quarto sem ser visto. Eu visto meu jeans e camisa e me dirijo para a porta. O pensamento racional recai em mim. "Essa será a última vez que eu venho aqui. A última vez que transamos." Ignoro a rachadura no meu peito enquanto as palavras saem da minha boca.

Meu sangue zumbe em minhas veias como a eletricidade passando por fios conectados. Minha pele está vermelha e quente com o pensamento de não a ter novamente. Mas preciso sair, porra. Preciso parar de ser tão fraco.

Pouco antes de chegar à porta, Adelita diz, "Você voltará aqui amanhã à noite, Tanner Ayers. Você não consegue ficar longe de mim." Ela sorri, mas suas bochechas coram. "Assim como eu não posso ficar longe de você."

Minhas unhas raspam a minha mão e afundam na pele. Fecho os olhos e tento respirar para acalmar a raiva que suas palavras inflamam. Mas não adianta. Eu me viro. Adelita ainda está na cama, nua e me observando, sua pele ainda escorregadia da nossa transa.

Marcho até onde ela está deitada, seguro seu cabelo e puxo-a para o meu rosto, prestes a contar a ela o que eu acho da sua raça, seus malditos jogos mentais. Mas quando abro a boca, algo mais sai da minha língua. "Se aquele idiota chegar perto de você, vou matá-lo." Os lábios de Adelita se separam, e sua cabeça inclina quando ela corre os olhos sobre meu peito e braços. Movendo minha mão entre as suas pernas, eu deslizo um dedo dentro dela, meu pau se contorce enquanto ela geme. "Eu sou o dono dessa buceta, princesa. Não se esqueça disso."

Puxo minha mão para trás, então saio da sua suíte. Fecho a porta e me dou um segundo fodido para respirar. Então me esgueiro de volta para o meu quarto antes de ser pego.

Na noite seguinte, estou de volta na cama de Adelita e de volta naquela buceta que eu possuo. E a cadela deve ser uma maldita bruxa, porque começo a repetir as palavras de Tank de um tempo atrás, quando ele se juntou aos Hangmen e me deixou, seu melhor amigo. Que um dia eu encontraria alguém que me faria questionar tudo. Que me faria perceber que o império invisível é tudo besteira. Não pode ser. Eu acredito em tudo isso. Acredito de verdade. A Klan tem um objetivo e estou decidido a ver isso acontecer.

Apertando meus olhos, penso nas cruzes em chamas, nas manifestações e nas pessoas que matamos. Penso na raça branca. Em como nós fomos feitos para liderar. Para reinar supremo. Mas quando eu imagino o rosto de Adelita na minha cabeça, as linhas estão ficando borradas. Eu luto para ver a impureza. O sorriso de Adelita, a pele levemente bronzeada e olhos escuros nublam minha mente. E, porra, *para mim, eles são perfeitos... assim como ela... uma mexicana perfeita... eu não sei o que diabos fazer com isso...*

"Tanner?" Balanço minha cabeça e então aqueles olhos estão bem ali na minha frente mais uma vez. Mas desta vez eles

são reais. Minhas mãos tremem e meu pescoço está tão tenso que penso que meus tendões romperão. Meus olhos se fecham quando o fogo do inferno me pega, erradicando qualquer sanidade, qualquer bem que foi deixado dentro de mim.

"Tanner... por favor..."

A voz suplicante de Adelita faz meus olhos se abrirem e eu estou do outro lado da sala em segundos. Minha mão agarra seu cabelo – cabelo que, depois de todo esse tempo, ainda me lembro da sensação e do cheiro – e olho em seus olhos. Não olho mais abaixo. Se eu vir o maldito vestido de casamento novamente, não tenho certeza do que farei.

"Você me traiu", resmungo, tentando desesperadamente controlar minha raiva. "Você me *traiu,* porra." Minha voz quase não emite som, mas estou pingando veneno.

As lágrimas que se formam nos olhos de Adelita parecem desaparecer num instante, substituídas por uma centelha de raiva. Ela abre a boca para falar, mas a porta da sala se abre.

"Tanner?"

Eu me viro, incapaz de conter minha raiva. "Saia daqui antes que eu te mate." Os olhos de Slash, Zane e Ash se arregalam, e os três correm para trás da porta. Seus rostos estão confusos, como se eles não soubessem o que diabos está acontecendo. Mas eu cansei disso. Não consigo explicar. Eu parei de tentar ser o Tanner que todos conhecem. Aquele que controla seu temperamento. Aquele que tenta fingir que não é um maldito assassino. Aquele que esconde a parte dele que é insana pra caralho.

Puxo minha faca da parte de trás do meu jeans e me certifico de que a arma no meu coldre está carregada. "Porra!" Eu xingo, sabendo que meus irmãos estarão aqui em breve. Sabendo que a confusão está prestes a acontecer. Meus

músculos vibram enquanto espero por quem quer que seja passar por aquela porta. Porque eles virão. E mesmo que esses homens sejam meus irmãos, se eles tentarem chegar perto de Adelita, vou destruí-los.

Eu não preciso esperar muito. Minutos depois, Bull, Tank e Beauty passam pela porta. Seguro firme minha faca e fico na frente de Adelita. É em Tank que eu me concentro. Ele dá uma olhada para mim e suas mãos levantam. “Tann? Que porra é essa?”

“Recue”, aviso. Minha voz é pura ameaça. Bull dá um passo à frente ao redor de Tank. “Eu disse, recue, porra!”

“Tann! Merda! O que diabos está acontecendo?” Tank impede Bull de chegar mais perto. O rosto de Bull está cheio de fúria enquanto ele me olha como um falcão.

“Tank, afaste-se. Não vou pedir de novo.”

“Tann, eu não sei o que está acontecendo aqui. Mas fale comigo. Sou seu melhor amigo. Diga o que diabos está acontecendo! Você está pensando em levá-la a algum lugar? Isso é sobre sua cadela?”

Meus olhos percorrem a sala. Eu preciso tirar Adelita daqui. Preciso protegê-la. Ninguém a toca. O pensamento de Shadow tirá-la do seu quarto, ou de quem a amarrou à cadeira, amarrando suas mãos e pés, quase me enlouquece. Minha visão está embaçada de vermelho com o pensamento.

A porta se abre novamente e Ky, Styx, Vike, AK e Rudge entram. Eu olho para Styx. Ele é minha maior ameaça. Mais irmãos se amontoam. Cowboy, Hush e Smiler. Os prospectos que eu ameacei. O sangue em minhas veias flui como corredeiras agora, meus ouvidos ecoando com a adrenalina que está fluindo pelo meu corpo.

Ky dá um passo à frente. “O que diabos está acontecendo?”

“Afaste-se”, digo, lentamente, então o filho da puta sabe que não pode me testar. Ky pisca em choque, depois inclina a cabeça para o lado. Eu conheço esse olhar em seu rosto. Eu o irritei. Antes dele ou qualquer um falar, eu digo, “Estou te avisando. Qualquer um de vocês que tentarem chegar até ela, eu vou matar. Ninguém vai tocá-la. Apenas me teste.”

“Finalmente!” Diz uma voz. Eu descubro que é o Vike. O filho da puta está sorrindo. “A besta despertou. A porra do Príncipe Branco está aqui. A fera que todos nós ouvimos falar. Eu estava imaginando onde ele esteve todo esse tempo.”

Ky dá um passo à frente. “Eu falei sério!” Aviso. “Não quero te machucar, mas eu vou, se você tentar.”

“Tann?” Tank empurra Ky para trás e mantem a mão no peito do VP para segurá-lo. Então algo muda no rosto de Tank. “A cadela...” Ele diz e vejo que ele está tentando juntar as peças pelo olhar de concentração em seu rosto. Ele tenta ver Adelita atrás de mim. Eu a bloqueio de vista. “Não é a prima naquela cadeira, é?”

A sala se enche de tensão quando o silêncio domina. Meus olhos seguem de um irmão para o outro, minha faca estendida, apenas no caso deles tentarem me surpreender. Ouço Adelita suspirar quando digo, “Esta é Adelita Quintana.” Desta vez é para Tank que me dirijo. “E ela não é minha cadela, irmão... ela é a porra da minha noiva.”

Os olhos de Tank se fecham brevemente. Isso é o que eu estava escondendo dele. Que ela é muito mais do que apenas minha cadela. Não afasto minha atenção dele, então Ky me pega de surpresa quando ele passa por Tank e me dá um soco direto no rosto. Ele me empurra contra a parede mais próxima. “Sua

noiva? Há qualquer outra coisa que você está escondendo, babaca?" Suas palavras são combustível para o fogo que está queimando dentro de mim.

Batendo minhas mãos em seu peito, eu o tiro de cima de mim e olho para Adelita. Lágrimas escorrem por suas bochechas. Meu coração se despedaça com a visão. Ky usa minha distração para me bater de novo. Eu provo sangue na minha boca enquanto o filho da puta continua vindo em minha direção.

"Não!" Eu ouço a voz de Adelita gritar. Empurrando Ky de volta, luto para chegar até ela. Ky agarra meu braço e eu preparo meu soco. Meu punho acerta seu lábio, cortando-o. Ele apenas sorri, lambe o lábio e avança para mim novamente. O filho da puta não sabe quando parar.

Tank fica entre nós. "Pare com isso!" Ele ordena. Eu olho de volta para Adelita. Seus olhos preocupados ainda estão fixos em mim. "Tann, acalme-se." Eu respiro para dentro e para fora, afastando-me de Tank e de volta para Adelita.

Um assobio alto irrompe a sala. Styx empurra os irmãos para ficar diante de nós como o próprio Hades. Suas mãos levantam.

"Acalme-se antes que eu te obrigue", ele sinaliza. Tank interpreta. Eu mantenho meu queixo alto. Não vou recuar e não vou me sentir mal. Essa é Adelita. Minha maldita Old lady.

Styx sinaliza para Beauty.

"Ele disse a ela para levar Adelita ao nosso quarto, no clube", Tank me diz, sabendo que eu não conheço a língua de sinais.

"Claro." Beauty olha para mim, simpatia inunda seus olhos.

"Lita", digo sem olhar para ela. "Beauty é a Old lady do Tank. Eu já falei sobre ela, lembra? Sobre o Tank?"

"*Sí*", ela sussurra. Meu estômago revira ao ouvir sua voz novamente. Ela está com medo, mas como sempre, está se recusando a mostrá-lo.

"Smiler, AK, leve a filha do Quintana e a Beauty para o clube e fiquem de guarda."

AK se adianta com a faca.

"Fique aí, porra", digo. A mandíbula de AK tensiona. "Eu vou soltá-la." Mantendo meus olhos em meus irmãos, deslizo minha faca através das cordas ao redor dos tornozelos de Adelita, em seguida, vou para trás para desamarrar suas mãos. Assim que suas mãos estão livres, encontram as minhas. Eu respiro fundo enquanto seus dedos se entrelaçam com os meus. Essa porra de sentimento que guardei por todo esse tempo volta com toda força. A sedimentação da raiva no meu sangue. A batida constante do meu coração e a sensação de lar. Não dando a mínima que todos os meus irmãos estão aqui, eu fico na frente dela, levanto-a e pressiono meus lábios nos dela.

Adelita se funde em mim como se nenhum tempo tivesse passado. Se eu não soubesse onde estamos, poderia ter me enganado pensando que estamos de volta ao México. De volta ao quarto dela. Sou consumido por ela. Seu cheiro, sua sensação, seu gosto.

Quando me afasto, os olhos de Adelita se abrem. Lágrimas deslizam por suas bochechas, e preciso lutar contra a raiva que ainda queima dentro de mim. Ela estava se casando. Aqui está ela, no Texas, nos meus malditos braços... em um vestido branco destinado a outra pessoa.

"Tann?" A voz de Beauty alcança meus ouvidos. "Deixe-me levá-la enquanto você resolve tudo. Eu prometo que cuidarei dela. Você pode confiar em mim." As mãos de Adelita tremem enquanto seguram meus pulsos. Ela olha para Beauty e quando posso afastar meus olhos de Adelita, eu também olho. Beauty sorri para mim, então se vira para Adelita. "Eu sou Beauty." Ela estende a mão. Adelita parece cautelosa, mas ela aceita. "Você tem a minha palavra que ninguém vai te machucar."

"Vá com ela", digo. Adelita ainda segura firme no meu pulso como se não quisesse soltar. Coloco minha mão na dela e a beijo novamente. "Confie em mim."

Adelita concorda, depois deixa que Beauty a leve embora. Eu luto contra um sorriso quando a vejo levantar a cabeça como a princesa que ela é. Meus irmãos a encaram enquanto ela passa. AK e Smiler seguem atrás de Beauty. Meus olhos seguem Adelita até que ela passa pela porta. Meu instinto é de segui-la. Mas precisamos resolver essa merda. De uma vez por todas.

"Essa é a filha do Quintana?" Ky pergunta, traduzindo para Styx. Eu concordo. A sala está quieta.

"Hora de explicar", Ky traduz para Styx. "Agora, porra. E sem mentiras e sem enlouquecer. Esta é sua última chance."

Minha mandíbula tensiona com a ordem. Mas então eu penso nos olhos de Adelita se enchendo de lágrimas quando Ky me bateu. De como ela estava com medo. Foi o suficiente para reduzir o fogo violento no meu interior para algo capaz de controlar. Eu cruzo meus braços sobre o peito e falo. "Nós nos conhecemos quando meu pai e Quintana fizeram um acordo. Eu não sabia disso na época, mas deve ter sido a merda do tráfico. Ele me manteve fora disso. Não me incluiu. Foi quando eu conheci Adelita."

“E o quê? Klan Romeu e Cartel Julieta se apaixonaram loucamente?” A atitude de merda de Ky me irrita.

Eu controlo isso e explico, “Ela me fez ver as coisas de forma diferente. Ela me fez ver que a merda que eu fui criado para acreditar era tudo besteira.” Esfrego a parte de trás do meu pescoço. “Saí depois disso.” Olho para Ky, sentindo-me culpado ao ver que seu lábio ainda está sangrando. “Lembra? Eu vim aqui e te dei as informações que precisava para tirar sua mulher daquele culto fodido. Então não vamos fingir que você não me entende e porque eu fiz o que fiz. Que você não entende que se faz qualquer coisa para salvar quem ama.”

“Você deveria ter dito alguma coisa”, Tank diz. “Você deveria ter nos contado. Merda, irmão, você deveria ter me contado.”

“Era muito perigoso.” Exalo e inclino a cabeça para trás olhando para o teto. “Eu estava planejando buscá-la de alguma forma. Pensar em uma maneira... depois fomos para a guerra.” Sorrio sem humor. “Não só com o pai da minha noiva, mas também com a minha família. Qualquer coisa que eu achasse que poderia funcionar de repente desabou.” Olho para a cadeira em que ela estava sentada. “Acredite em mim, não acreditei que ela fosse a pessoa raptada. Eu nunca pensei que ela seria entregue em minhas mãos.”

“Se ela é sua Old lady, por que diabos estava se casando com outra pessoa?” Rudge diz, fazendo a única pergunta que estou pensando. Eu sei que todos estão pensando.

Meu coração começa a acelerar enquanto a imagino naquele vestido branco. Aquele anel em seu dedo e aquele olhar culpado em seus olhos quando ela viu quem estava diante dela, olhando para a evidência de sua traição. “Eu não sei”, digo com voz rouca.

"*Merda,* irmão", Rudge diz, assobiando baixo. "Você se afastou da coroa nazista por ela, e ela se amarrou – ou quase foi amarrada – com outra pessoa?" Ele balança a cabeça. "Isso deve doer."

Dói. Está me destruindo.

"Nós temos a filha do Quintana." Ky fica ao lado de Styx, balançando a cabeça. "O papai querido vai ficar *chateado*. Era ruim quando pensamos que só tínhamos a prima. Ele causará uma guerra agora que temos a filhinha dele."

Styx levanta as mãos. "Estamos em confinamento", ele sinaliza; Ky fala. "Pegue suas Old ladies e qualquer coisa que precisem. Nós entraremos em confinamento em quatro horas. Ninguém sai até que essa merda esteja resolvida e entendamos nossa situação." Os irmãos começam a sair do depósito. Styx, Ky e Tank ficam para trás. Styx se aproxima ainda mais de mim. "Você vai nos contar tudo o que sabe sobre Quintana. Cada coisa do caralho."

"Não é muito. Eu te disse, fui mantido fora dos negócios. Descobri sobre o tráfico ao mesmo tempo que vocês."

"Você nos diz quem trabalha para ele. As táticas que ele usa. Qualquer coisa que puder."

"E quanto a Adelita?" Pergunto quando a tensão aumenta.

"Ela fica no quarto de Tank, sob guarda", Styx diz.

"Não vou deixá-la." Eu cruzo meus braços sobre o peito. "Acabei de recuperá-la. Eu não vou perdê-la novamente. Ela pode ficar comigo."

"O clube que você faz parte acabou de sequestrá-la e está mantendo-a contra sua vontade. Você acha que ela ficará bem com você depois disso?" Tank pergunta.

Eu suspiro, sentindo-me exausto. “Ela não sabe no que seu pai está envolvido.”

Os olhos de Tank ficam desconfiados. “Você tem certeza disso?”

“Sim, eu tenho. Ela não sabe sobre o tráfico. As drogas, sim.” Sinto meu peito quente. “Lita não é ingênua. Ela foi criada na vida do cartel tanto quanto nós fomos na Klan e vocês no clube.” Eu aponto para Styx e Ky. “Ela não é uma jovem delicada. Ela é uma maldita rainha que sabe prosperar em uma vida fodida.”

“Combinação perfeita”, Ky murmura, mas posso dizer que o irmão já se acalmou. Se esta fosse sua cadela, ele não hesitaria em fazer qualquer coisa para chegar até ela. Porra, o cara mal deixa Lilah fora de sua vista.

“Ela não pode ter contato com sua família. Ou qualquer um, a propósito. E ela não deixará este clube.” As mãos de Styx se movem enquanto Ky verbaliza seus sinais. “Nós vamos usá-la como vantagem.”

“Ela não é vantagem, porra – ela é minha cadela!”

“Quintana não atacará este clube se ele souber que ela está aqui. Agora, ela é a vantagem.” Styx se vira para sair do armazém, mas depois sinaliza, “Você pode ficar com ela. Mas tente tirá-la de debaixo dos nossos narizes e eu mesmo vou cortar sua garganta.” Ele se aproxima de mim e ergue as mãos mais uma vez. “Agora eu considero você como um irmão. Você foi bom para este clube. Confio em você. Mas se eu descobrir que você se juntou a nós só para poder buscá-la, ou se você tentar nos enganar de alguma forma, faremos você pagar. *Eu vou* fazer você pagar.”

“Sou um Hangmen”, sibilo. Meus músculos se contraem de raiva. “Eu devo a este clube. É a minha casa. Não vou levar a

Lita e deixar tudo e fugir. Eu não sou um covarde." Styx me estuda, então acena com a cabeça. Ele e Ky me deixam sozinho com Tank.

Assim que a porta se fecha, eu exalo e sinto minha cabeça começar a doer. Tank passa a mão pelo rosto. "Jesus Cristo, Tann."

Sento-me no lugar onde Adelita estava amarrada. "Ninguém nos permitiria ficar juntos." Olho para o meu melhor amigo. "Você não sabe como é. Encontrar uma cadela que você sabe que é sua, mas ambos serão mortos se você ousar tocá-la."

Tank coloca a mão no meu ombro. "Tann, eu não pretendo entender, mas..."

"Mas o quê?"

"Além de toda a merda cartel-Klan-Hangmen. Ela estava se casando com outra pessoa, irmão." Dor atravessa meu peito como uma lança. "Você fez tudo para estar na melhor posição para garantir que ela estivesse com você. Protegida. Mas o que diabos ela fez? Ela estava se casando..."

"Tem que haver uma razão", eu interrompo, rezando para estar certo. "Tem que haver uma razão para ela se casar." Eu olho ao redor do armazém limpo, esvaziado para a guerra e quaisquer cativos que pudéssemos conseguir. Meus olhos ficam embaçados quando me lembro da vida dela na fazenda. "Você não viu como era para ela. Presa, sem amigos. Ninguém para conversar fora da equipe e seu padre. Bem, ela tinha sua melhor amiga da Califórnia, mas ela não era presente. Não estava lá o tempo todo. Um amigo da família foi morto quando eu estava lá em uma visita. Adelita tinha que fazer qualquer coisa que seu pai lhe dissesse. Ela era como uma Rapunzel mexicana ou algo assim, trancada para que não pudesse ser encontrada." Balanço a cabeça como se estivesse me convencendo a acreditar que ela

não tinha outra escolha a não ser fazer o que seu pai mandava. “Ela foi forçada a isso. *Tem* que ser isso.”

Tank estende a mão. “Vamos. Styx e Ky vão querer as informações de Quintana antes de você vê-la.” Penso em discutir, mas Tank diz, “Beauty está com ela. Você sabe que ela cuidará dela. A Beauty te ama como um irmão. Ela fará qualquer coisa por você. Adelita vai ficar bem por algumas horas enquanto nós colocamos as coisas em ordem. O clube primeiro. Vida pessoal em segundo. Pode ser bom para a Beauty falar com ela antes de você. Acalmá-la primeiro.”

Deixo Tank me puxar de pé. Eu quero falar com ela. Quero ir até ela e me certificar de que está segura. Mas ele está certo. Eu preciso fazer tudo certo com Styx e Ky. Preciso fazer isso para poder mantê-la perto. “Porra, Tann, você com certeza sabe como atrair problemas”, Tank diz quando saímos pela porta.

E está apenas começando, eu quero dizer. *Uma vez que Quintana descobrir que são os Hangmen, ele trará a escuridão para a nossa porta. Até agora tem sido brincadeira de criança. A guerra real ainda nem começou.*

E é verdade. Porque como diabos deixarei Adelita e os Hangmen saírem ilesos dessa porcaria, eu não tenho a mínima ideia.

Capítulo sete

Adelita

Olho cada um deles no olho. Mesmo que minhas mãos tremam ao meu lado, não deixarei que me intimidem. Permanecerei orgulhosa. Esses homens podem querer eu e meu pai mortos, mas não os deixarei ver meu medo.

A caminhonete em que estamos trilha um caminho de cascalho. Beauty acaricia meu braço. Não conheço essa mulher para ela ser tão carinhosa. Mas eu a *conheço*...

"Conte-me sobre você, Tanner", disse enquanto corria os dedos sobre a tatuagem de águia em seu abdômen. Tracei as penas intricadas nas asas do pássaro, as pontas de um tom vibrante de vermelho que se desvanecia num amarelo dourado, enquanto as muitas penas percorriam seu corpo.

"O que quer saber?"

Olho para Tanner e descanso o queixo em seu peito. "Você tem amigos?"

Por uma fração de segundo, vejo um lampejo do que parece ser dor pura em seus olhos azuis. Os músculos de Tanner contraem abaixo de mim. Meu estômago revira. Ele parece tão triste. "Eu..." Tanner suspira. "Eu tenho um melhor amigo." Sua voz é baixa e rouca, como se doesse admitir essas palavras.

"Na Klan?"

Tanner pega um pedaço do meu cabelo e acaricia entre os dedos. Sorrio para mim mesma quando ele se perde no gesto. Tanner Ayers, sob os músculos, as tatuagens e olhar ameaçador, é o mais belo dos homens. "Ele não é mais." Minhas sobrancelhas sobem de surpresa. "Ele saiu." Tanner respira fundo e exala lentamente. “Ficou um tempo lá dentro, depois perdeu a fé na causa. Quando saiu, acabou nossa amizade."

"E sua irmandade ficou bem com isso?"

"Não", diz ele. Tento decifrar a expressão em seu rosto. Espanto? Confusão? Não. É dor. "Assim como nunca entenderiam sobre você", diz. Seria muito pior, imagino. Ele é o herdeiro.

Meu coração começa a bater muito rápido para que minha respiração permaneça firme. Nunca conversamos sobre como eram nossas vidas fora do meu quarto. Tanner já veio ao México três vezes agora. Ele voltaria mais uma vez antes que o negócio do cartel com a Klan estivesse completo. E em cada visita, ele veio a mim durante as noites. Viajou comigo todos os dias pelos túneis secretos que corriam sob a fazenda. E toda vez que ele saía para voltar ao Texas, eu contava as horas até ele voltar para o meu lado.

Ele nunca foi destinado a ser algo para mim. Ele deveria ser um homem que eu amava odiar. Um homem que, por alguma razão, senti-me atraída, mas que deveria ser descartável.

Não contava com me apaixonar pelo infame Príncipe Branco da Ku Klux Klan.

“O nome dele é Tank. Eu o conheci quando se juntou à Klan vários anos atrás. Nós tínhamos quase a mesma idade, ele era um pouco mais velho, então meio que ficamos amigos.” O lábio de Tanner curva no lado, e meu coração derrete ao ver aquela pequena sombra de sorriso em sua boca. É raro, como uma lua

azul, e tão encantador quanto. “Ele era meu braço direito. Estava sempre comigo. Ficou ao meu lado quando precisei..." A dor que nublava seus olhos antes retorna.

"E onde ele está agora?"

O pequeno sorriso de Tanner some. “Com outra gangue. Uma nova irmandade."

Eu seguro a mão de Tanner. Sou compelida a acalmá-lo. Aperto a mão dele e a puxo para meus lábios. “Mas você ainda o vê? Contra a vontade do seu pai?"

Tanner assente. “Ele tem uma mulher agora. Beauty." Seu sorriso retorna. "Ela é totalmente destruidora." Ele faz uma pausa, em seguida, um sorriso quase tímido surge: "Como você. Acho que gostaria dela. Eu posso vê-las sendo amigas." Não posso deixar de sorrir em resposta, meu coração se expande apenas com o pensamento de encontrar alguns dos amigos de Tanner com ele... ele. *Tanner olha para mim. Espero-o falar. Aprendi rapidamente que Tanner é o tipo de homem que fala apenas quando tem algo importante a dizer. "Quando Tank saiu, eu não conseguia entender como ele poderia ir embora." Tanner olha para a sua mão na minha. Então seus olhos seguem as tatuagens em seu braço. “Quando ele saiu, eu mudei. Eu me senti traído. Mergulhei na Klan mais do que nunca."*

“Tanner... O que foi?” Pergunto depois de um minuto de tenso silêncio.

Tanner suspira. "Mas agora eu entendo." Meu estômago revira e meu pulso acelera. Não sei o que dizer. Os olhos de Tanner baixam como se estivesse envergonhado por ter dito tal coisa. “Agora acho que talvez a vida que eu vivi..." Ele balança a cabeça. “As coisas que fiz e as crenças que tive... agora acho que todas podem estar errados." Tanner enfia as mãos debaixo dos meus braços e me puxa para deitar em seu peito. Ofego quando

sinto seus músculos duros contra meus seios. Tanner toca minha bochecha. “Adelita Quintana. Você está me fazendo querer coisas que eu nunca sonhei querer."

“Tanner..."

"Você está me dando algo que nunca tive antes." Prendo a respiração, ansiosa para ouvir o resto. "Esperança", ele sussurra. “Espero por mais do que eu conheço..."

"Chegamos, querida." O som da voz de um estranho me tira da memória. Só de pensar naquela noite, meu coração bate mais alto e mais rápido. Minha respiração vem mais rápida apenas ao lembrar do rosto de Tanner.

Esperança.

Tanner também inspirou isso em mim.

O homem que dirige a caminhonete sai e espera que eu me mova. "Tudo bem", diz Beauty. Eu me permito olhá-la. Ela sorri. “Eu prometo que você estará segura. Vou levá-la para o Tank's e para o meu quarto aqui. Deixarei você se limpar e comer algo. Deve querer isso."

Afasto meus olhos dos homens que saem do prédio em que estamos estacionados na frente. Há muitos deles.

"Confie em mim, Adelita." Viro-me para Beauty. “Ninguém vai te machucar. Eu não vou deixar."

Respiro fundo e sigo Beauty para fora da caminhonete. O homem que nos trouxe até aqui lidera o caminho. O segundo homem desce e segue para a traseira. Estou olhando e assim como antes, mantenho a cabeça erguida. Embora meus pés estejam instáveis, chegamos ao quarto.

"Estaremos aqui vigiando", diz um dos homens.

"Obrigada, querido." Beauty fecha a porta e olho ao redor. Não há muito para ver. Uma cama grande fica no centro. Há uma televisão no canto e um pequeno banheiro à direita.

"Não é muito, mas é melhor do que onde estava."

Os olhos de Beauty percorrem meu corpo pelo vestido que estou usando. Posso ver a confusão em seu rosto. Antes que ela tenha a chance de falar, digo: "Eu o amo." Beauty encontra o meu olhar. "Eu amo Tanner com todo o meu coração." Gesticulo para o vestido, sentindo a necessidade de explicar. "Isso..." Balanço a cabeça. Lágrimas brotam em meus olhos quando lembro do rosto de Tanner quando ele viu que era eu quem fui levada... quando ele viu o que eu estava vestindo.

Ele ficou ferido.

Eu o machuquei.

"Eu não sabia se ele voltaria", sussurro. Meus dedos correm sobre o anel de noivado na minha mão esquerda. Tiro-o, a sensação do metal é como se queimasse minha pele. Aperto-o na mão e olho Beauty. "Eu não ouvi dele por muito tempo." Balanço a cabeça novamente. "Eu não conseguia afastá-los mais. Meu pai... ele estava me empurrando para Diego. E Diego, foi implacável em sua busca por mim." Minhas unhas afundam nas palmas. "Eu não tinha ninguém a quem recorrer. Ninguém para me ajudar. Eu... Eu não sabia o que fazer."

"Shhh, querida." Beauty limpa uma lágrima do meu rosto com o polegar. "Você não precisa explicar nada para mim. E quanto a Tanner..." Ela sorri. "Acabei de vê-lo com você lá dentro. O cara foi todo modo fera para te proteger. Ele pode estar chateado agora, mas esse homem está fisgado, querida. Anzol, linha e tudo o mais." Beauty se move atrás de mim e começa a

desabotoar meu vestido. “Agora, vamos tirar você disso e te limpar. Tenho algumas roupas que pode usar."

Estou atordoada quando o vestido de casamento solta e sou conduzida ao banheiro. Quando Beauty me deixa sozinha, encaro-me no espelho acima da pia. Meu cabelo está desgrenhado e minha pele pálida. O vapor da água quente rapidamente borra meu rosto, mas permaneço olhando o lugar onde meu reflexo está. Meu cérebro é consumido por pensamentos. Do meu pai e o que ele fará quando descobrir que fui levada. De Diego e a vingança que sei que virá.

Mas, acima de tudo, penso em Tanner. Penso em como ele não está mais com a Klan. Ele está aqui, com os Hades Hangman... meu estômago revira e tenho que segurar um soluço antes que ele saia da minha boca.

Nós estamos em guerra com os Hangman. A Klan está em guerra com os Hangman. Tanner não está mais com a Klan. Ele é agora um irmão dos Hangman.

Esfrego a mão sobre meu peito, lutando contra o pânico enquanto a verdade se infiltra no meu cérebro enevoado.

Está pior.

Não achei que poderia piorar para nós.

Mas agora está *exponencialmente* pior.

Entro no chuveiro e deixo a água quente cair sobre minha cabeça. Lavo o cabelo com o xampu e o condicionador que Beauty deixou para mim. E penso nos últimos dias. Penso em acordar e ver os Hangman me olhando. Minhas mãos e tornozelos amarrados com corda. O medo inundou minhas veias, mas nunca os deixei ver.

Penso em como o homem vestido de preto entrou na minha suíte. Como ele atravessou os túneis... Ele buscou por todos até me encontrar?

Minhas mãos param no meio de enxaguar meu cabelo. A única maneira deles saberem sobre as passagens subterrâneas é por mim, meu pai... "Ou Tanner", sussurro no vapor espesso e denso. “Não... ele não faria...” Mas não consigo pensar em outra resposta.

Raiva se forma na ponta dos meus pés e viaja por meu corpo. Com cada respiração, sinto esta raiva se firmar. Tremo pela traição. Sei que meu pai fez parecer que era uma prima se casando.

"Por quê?" Falo para ninguém além de mim mesma.

Secando-me, tento dominar a fúria, mas consigo apenas reduzir as chamas da ira em meu peito. Saio do banheiro. Beauty está sentada na cama. "Aqui, querida", diz ela, levantando e entregando-me algumas roupas. “Isso é tudo que tenho. Pensei que seria mais confortável do que couros. São roupas novas também."

"Obrigada." Volto para o banheiro e coloco o vestido preto sem mangas. Penteio meu cabelo molhado com um pente que acho ao lado da pia e escovo os dentes com a nova escova de dentes e creme dental que Beauty também trouxe.

Inclino-me contra a pia. Minhas mãos tremem na porcelana. Não consigo tirar da cabeça que Tanner tem parte no sequestro — uma parte enorme.

"Você está bem aí, querida?" Beauty pergunta através da porta. Não percebi estar aqui por muito tempo. Respirando fundo, abro a porta e forço um sorriso. "Olhe para você!" Beauty diz, sorrindo largamente. "Está tão bonita."

"Obrigada."

Beauty me dá um sanduíche. “Aqui, coma isso. Vai se sentir melhor com algo no estômago." Forço o sanduíche, mas cada mordida parece como engolir areia. Meu estômago está revirando com a possibilidade — não, a quase certeza — de que foi Tanner quem transmitiu os segredos da minha família para esses homens. Os inimigos da minha família.

Quando termino, digo: “Estou cansada, Beauty. Posso me deitar?"

"Claro, querida", diz Beauty. "Estarei no canto lendo meu livro." Ela se inclina. "É sobre um duque e uma criada na Inglaterra do século XVI. Tank zomba de mim por ler essa merda, mas não posso evitar. Eu vivo por toda essa merda romântica!"

Desta vez meu sorriso é genuíno. Tanner estava certo. Gosto de Beauty. Em outra vida, talvez pudéssemos ser amigas.

Movendo-me para o lado da cama, deito e fecho os olhos. Beauty apaga todas as luzes, exceto uma pequena lâmpada para ela poder ler. Fecho os olhos, respirando fundo para me livrar do sentimento de traição. *Como diabos tudo ficou tão confuso?* Respondo a minha própria pergunta quando penso naquela noite. A noite quando tudo mudou.

O amor, a perda e o que nos levou à bagunça em que estamos agora...

*****

"Não..." Uma dor intensa atinge meu estômago; parece impossível respirar. Olho meu pai e lentamente balanço a cabeça. "Não..." Gemo de novo, enquanto lágrimas brotam nos meus olhos. Olho pelo escritório, procurando alguma forma de alívio, mas nenhuma é encontrada.

"Eles foram atacados pelos homens de Valdez. Fugiram pela estrada, jogaram o carro numa vala e atiraram na cabeça." Tento segurá-lo. Eu tento, mas um soluço rebelde sai da minha boca. Cubro-a com a mão para acalmar o barulho, mas não adianta. Ela é minha amiga. Minha querida Teresa. Uma das minhas duas únicas amigas no mundo está morta.

Meu pai não sai de trás da sua mesa. Suas mãos se inclinam enquanto ele me olha friamente. A morte não é nada para o meu pai. É simplesmente parte da sua vida cotidiana. "Os homens que os mataram serão executados", afirma Papai, como se eu não estivesse quebrando na frente dele. Como se um dos seus amigos mais íntimos não tivesse acabado de ser morto a sangue frio por seu inimigo número um. "Vá para sua suíte, Adela. Aproveite o dia para lamentar Teresa. Então continue amanhã, como deve fazer."

Olho meu pai e me pergunto como ele pode se afastar tão facilmente de algo tão devastador. Então considero como sempre que é o jeito dele. Se você morresse, é como se ele nunca te conhecesse. Ele nunca fala sobre minha mãe. Minha mãe é uma estranha para mim. Eu não sei nada dela, exceto os trechos que a equipe conta. E me pergunto, se eu morrer, como ele reagiria? Ele tiraria um dia para me lamentar, depois retornaria ao normal, todo profissional, "como se deve fazer."

Incapaz de lidar com meu pai e sua frieza agora, levanto da cadeira e saio do escritório. Mas a cada passo que dou a dor paralisante começa a aumentar, até parecer uma granada prestes a explodir no meu peito. Corro pelos corredores, precisando de

ar. Agarro o meu peito enquanto meu cérebro me leva para o lugar que não quero ir. Para Teresa e como ela deve ter sentido medo hoje. No momento que ela foi arrastada do carro e posta de joelhos. Mais lágrimas caem quando tento imaginar como seria saber com certeza que nos próximos minutos ela não existiria mais. Que era isso. Ela não veria outro amanhã.

E me pergunto se ela sentiu dor quando foi baleada na cabeça.

Rezo para que tenha sido uma morte rápida. É o luxo que todos nesta vida desejam, se tomados por um inimigo. Uma morte rápida e indolor. No entanto, a maioria dos nossos inimigos não nos concede essa morte — eles gostam de nos fazer pagar.

Quando saio pela porta, já é noite. Os terrenos da fazenda, embora bonitos e cobertos de luar, de repente, parecem uma prisão. É um sentimento cada vez mais frequente. A liberdade que nunca tive de repente se torna tudo o que desejo. Bem, quase.

Corro para os jardins e as sebes altas. Não sei se alguém está por perto. Neste momento, não me importo. Estou perdida, sem ninguém a quem recorrer... ou, melhor, tenho alguém — quero *alguém. Infelizmente, não posso ir a ele por medo de sermos descobertos.*

O rosto de Tanner surge em minha mente neste momento. Não sei como chegamos a este ponto. Não sei como ele, o homem que eu nunca deveria gostar, muito menos desejar, tornou-se meu sol. Tornou-se a estrela do meu pensamento. Mas ele o fez. Ele se tornou o meu centro — a âncora que me mantém firme.

Mas não sei como irei sobreviver depois desta noite. Porque ele está indo embora. Depois de quatro longas visitas, cada vez roubando outra fração do meu coração e alma, amanhã ele irá

embora. O contrato que o manteve aqui terminou. E não há planos para ele e seu pai retornarem.

Teresa... se foi... Tanner... está indo...

Outro soluço sobe por minha garganta e afundo na terra. Liberto as lágrimas. Liberto as lágrimas que ardem meus olhos ao ponto de dor. Gota após gota salgada inunda meu rosto, roubando-me a respiração. Nunca me permito ceder às emoções, nem mesmo em privado. Fui educada para nunca deixar que elas me governem, nunca as deixar usurparem minha força. Mas desta vez não consigo parar. Desta vez eu cedo; estou sem esperança. Este mundo em que vivo não é justo. Minha melhor amiga acaba de ser morta a tiros — um risco com o qual todos nós convivemos todos os dias. E o homem que eu amo, a metade proibida do meu coração, vai e não há como estarmos juntos.

"Lita?" Escuto, olhando para cima procuro a voz que quero desesperadamente ouvir. Tanner vem correndo em minha direção de uma lacuna nas sebes altas. Seu rosto está cheio de preocupação. Ele cai ao meu lado e me pega em seus braços. Eu me permito um segundo do seu conforto antes de me afastar do abraço caloroso.

"Não", sussurro, olhando ao redor. "Você não pode... nós não podemos... não podemos ser vistos."

O rosto de Tanner congela, lembrando a máscara da primeira vez que o vi. Mas não mais. Agora seu rosto é suave, seus olhos azuis gentis... e seu toque é suave sempre que estamos juntos. Às vezes, vejo a guerra que ele trava em sua expressão firme. Mas ele continua voltando para mim. Continua beijando meus lábios.

"Foda-se isso", diz ele, a voz baixa e severa. "Você está chateada." Tanner avança para mim novamente. "Eu te vi correndo enquanto olhava pela janela do meu quarto." Ele me

puxa para seus braços. Desta vez derreto contra ele e deixo a estranha sensação de conforto penetrar em meus ossos. Minha cabeça cai contra o peito duro de Tanner e ele me embala. E eu desmorono. Não há orgulho em ser uma Quintana agora. Nesse momento estou perdida; Tanner é o homem que me encontra e me dá uma casa.

"Ela morreu", sussurro. Minha voz treme, envolta numa respiração ofegante. "Teresa, minha amiga... foi assassinada por Faron Valdez hoje." Tanner me segura com mais força, como se lutasse também. Levanto a cabeça e vejo que o rosto de Tanner é de pedra, seu humor parece glacial. Seus olhos azuis voam para os meus. Então eu vejo... Tanner Ayers derruba suas defesas e vejo o que o deixou tão perturbado.

O que aconteceu com Teresa... isso o abala até os alicerces.

Ele está preocupado? Por mim?

"Tanner", sussurro e ajoelho. Passo os braços em seu pescoço tenso; assisto sua bochecha contrair. Ele engole a emoção que tenta disfarçar. "Fale comigo."

"Não posso te perder", Tanner admite, quando suas palavras atingem meus ouvidos, sinto meu coração explodir no peito. Ele para. Minha respiração torna-se difícil e sinto novas lágrimas nas bochechas.

"Você não vai", asseguro. Tanner inala profundamente.

Suas mãos sobem e seguram meu rosto. "Tem pessoas atrás de você o tempo todo." Ele faz uma pausa para se recompor. "Você pode ser atacada toda vez que sair dos portões principais." As mãos de Tanner apertam meu rosto. Seguro seus pulsos. "Foda-se!" Ele xinga. "Não estarei aqui para mantê-la segura."

Meu estômago revira pelo medo de não o ver novamente. De não o ter em minha vida. Tanner vai falar, mas não ouço. Meus nervos estremecem, minhas emoções muito sensíveis. Elas trocam de Teresa para Tanner e o pensamento de não estar em seus braços novamente. De tê-lo expressando sentimentos para mim. De ouvir esse homem que foi criado para ser um assassino violento e aterrorizante. Consumido pelo preconceito e fanatismo, que através de nós, começou a ver a vida de uma maneira diferente. Questionando seus valores — os que foram espancados nele desde criança.

As cicatrizes em suas costas contam a história de como um garoto inocente foi ferido e perversamente moldado no homem que seu pai criou tão cuidadosamente. As cicatrizes nas costas e no peito cantam uma canção angustiante de um garotinho clamando para ser ouvido e amado, apenas para ser alimentado contra a variedade de vida, culturas e todas as cores que enriquecem este mundo.

Minhas mãos percorrem cada cicatriz. Rezo para que meu toque — um toque que ele uma vez acreditou ser maculado e vil — vá inspirá-lo a deixar a vida que foi forçada nele. Espero que isso o leve a fugir, a amar verdadeiramente, a rir... e viver.

A boca de Tanner é suave contra a minha. Sinto-me desesperada por seus lábios e o beijo. Tanner assume o controle, mantendo-se suave e gentil. Ele pode não ter dito as palavras, mas com esse beijo, ele revela que me ama. Quando tudo parece cruel e escuro, ele lança em mim um único raio de luz. Rezo para ser forte o suficiente para manter sua chama quando ele se for.

Eu não consigo fugir. Preciso respirar, mas não quero que sua boca se afaste da minha. Quero manter suas palmas das mãos no meu rosto, com minhas mãos acariciando as cicatrizes que ele suportou por muito tempo.

Gemo em sua boca e, sob seu toque, deixo-me esquecer de onde estamos. Eu tolamente deixo minhas defesas baixas para o perigo que ser pega com ele nos coloca. Tanner começa a me apoiar no chão e de repente o eco de uma trava de arma sendo liberada soa como um trovão ao nosso redor. Tanner congela contra meus lábios.

Lentamente afasto minha boca de Tanner, choque me deixando sem palavras. Vincente, meu guarda e melhor amigo de Diego, aponta a arma para a nuca de Tanner. "Vincente—"

"Fique quieta", ordena Vincente. Ele volta os olhos escuros na minha direção e vejo o óbvio julgamento e traição me encarando. Minhas mãos tremem quando olho para Tanner. Ele está agachado no chão, imóvel. Eu tenho que fazer algo. Impor-me.

"Vincente", sussurro. "Afaste-se do senhor Ayers." Os lábios de Vincente curvam sobre os dentes, mostrando sua raiva. "Isso não é um pedido. É uma ordem."

"Com todas as desculpas", diz Vincente, "eu tenho ordens de Diego que a precedem." Como o inferno ele tem!

"E quais são?" Pergunto, irritada que Diego ouse me desafiar.

"Que se você fosse pega com alguém romanticamente, eu deveria matá-lo imediatamente." Meu estômago revira e minhas mãos tremem de pavor. Fomos óbvios demais? Diego suspeita de algo?

Não... nós fomos cuidadosos. É apenas Diego e sua natureza ciumenta. Ele é assim desde que éramos crianças.

De repente, Tanner fica de pé e acerta a arma na mão de Vincente. Em segundos ele está atrás de Vincente. Não tenho tempo de sequer piscar antes que as mãos de Tanner envolvam a

cabeça de Vincente. Os olhos de Vincente, por uma fração de segundo, fixam meus. Então as mãos de Tanner se movem, o estalo do pescoço de Vincente sob seu toque ecoa no jardim silencioso.

Não afasto meus olhos de Vincente que permanece me encarando, até que Tanner o deixa cair no chão. Meus membros ficam dormentes com o choque. Recuo. Vincente... Eu conheço Vincente desde criança. Não consigo afastar os olhos do seu cabelo escuro, do terno, sujo pela queda. Do seu corpo rígido, dos seus olhos abertos, agora olhando para o nada.

Ofego quando o que aconteceu começa a penetrar na minha mente enevoada. "Tanner..." Sussurro. Minhas mãos voam para a boca para parar o grito que sinto construindo na minha garganta.

Tanner contorna Vincente e segura-me. Ele me puxa contra seu peito, então beija minha cabeça. Ele examina tudo ao nosso redor. "Eu tenho que esconder o corpo." Tanner diz calmamente, mas posso ver a urgência em seus olhos. "Volte para o seu quarto", ele ordena. Mas meus pés não funcionam. Posso sentir o choque paralisante tomando o controle do meu corpo. As mãos de Tanner seguram meu rosto. "Baby", diz ele. Mesmo em meio a toda essa bagunça, o pesadelo em que nos encontramos, o carinho dele me arrasta do estupor. "Baby... você precisa se mover."

Assentindo, dou uma última olhada em Vincente e luto contra o desejo de vomitar. Recuo lentamente. "Vá!" Tanner vira-se e joga Vincente por cima do ombro, desaparecendo na espessa folhagem do jardim e depois na escuridão da floresta.

Quando estão fora de vista, percorro o labirinto de caminhos do jardim até chegar à minha suíte. Entro e corro para o banheiro. Ligo o chuveiro, tiro a roupa e me coloco debaixo do jato. Um profundo sentimento de pavor é o sentimento dominante

quando minha cabeça cai e me deixo desmoronar. Minhas lágrimas se misturam com a água corrente e vão para o ralo.

Teresa.

Tanner.

Vincente.

É demais. Minhas mãos se achatam na parede. Penso em Diego e no que ele fará quando perceber que Vincente desapareceu. O que ele fará se descobrir que Tanner é o homem que matou Vincente.

Meus pensamentos viajam para Tanner; quão facilmente ele agarrou o pescoço de Vincente com absolutamente nenhum escrúpulo e aparentemente zero remorso. Calafrios aparecem quando percebo que é quem Tanner é. É isso que ele faz — ele mata. E o faz com eficiência.

Lembro-me do homem de Valdez que tentou nos matar perto do esconderijo e igualmente impiedoso, Tanner o matou. Ainda que... eu deveria correr para longe desse homem implacável. Isso só me faz querê-lo mais. Ele é selvagem em suas mortes. Mas faz isso para me proteger... para nos *proteger.*

Saio do banho e me seco. Coloco a camisola e deito na cama. Meus olhos estão bem abertos. Apenas a pequena lâmpada ao meu lado ilumina o quarto. Eu deveria me sentir entorpecida. Teresa deveria ser meu maior pensamento. Mas estou atormentada com preocupação e ansiedade enquanto espero Tanner.

Meu estômago revira de nervosismo. E se ele for descoberto? E se Diego o pegou? Como ele sabe onde enterrar o corpo de Vincente? O que isso significa para nós?

Se havia a menor chance de que pudéssemos estar juntos, agora desapareceu. Tanner tem sangue Quintana nas

mãos... nunca será perdoado. Meu pai, se descobrir, executará Tanner no local, o contrato estará condenado. Ninguém despreza meu pai ou seu cartel.

A massa de perguntas e pavor enche meu cérebro ao ponto de eu não poder me deitar. O medo por Tanner me faz pular da cama e andar pelo quarto. Tenho certeza de que meus pés desgastarão o tapete antigo com seus movimentos frenéticos. Mas sei que não serei capaz de me acomodar até Tanner voltar para mim. Então nós descobriremos o que fazer. Para onde ir a partir daqui. Paro de me mover, olhando o nada quando a verdade me atinge.

Nada. Não há absolutamente nada que possamos fazer. Não há chance de estarmos juntos. Sua irmandade nunca deixará isso acontecer — eu sou inferior a eles. E não importa que meu pai tenha um contrato com o governador Ayers. Sei que é tênue, na melhor das hipóteses. Porque, como meu pai sempre faz, ele deixará a Klan quando você menos esperar. Os contratos do pai nunca duram.

Ele me proibirá de estar com Tanner.

Não há esperança.

Muito presa em minha cabeça, em desespero, não ouço a porta do meu quarto abrir até ver Tanner se movendo na minha visão periférica. Meus pés correm em direção a ele, pulo em seus braços e envolvo as pernas em sua cintura. Os braços fortes de Tanner me seguram com tanta força que mal consigo respirar. Mas dou as boas-vindas a sensação. Quero sentir Tanner em todos os sentidos.

Enfio a cabeça na curva de seu pescoço e inalo seu cheiro. Posso sentir o frescor da terra e grama em sua pele. Tanner começa a andar comigo e nos leva para minha cama. Ele nos deita, e finalmente me permito afastar para estudar seu

rosto. Seus olhos estão arregalados e, pela primeira vez, vejo algo em suas profundezas — preocupação. Tanner nunca parece se preocupar ou pelo menos expressar isso. Mas está aqui agora. Posso sentir vibrando dele em ondas.

Passando a mão por seu rosto barbado, pergunto: "Ele...?

"Foi cuidado", diz Tanner e depois pressiona os lábios nos meus. Eu o beijo de volta, saboreando seu gosto e a sensação.

Quando ele se afasta, ignoro o tremor do meu lábio e sussurro: "Você nunca poderá voltar." Minha mão treme enquanto corro os dedos por sua cabeça raspada. "Se Diego descobrir que você matou Vincente..." Paro, nem mesmo querendo dizer as palavras em voz alta, com medo de que, se eu as deixar entrar no universo, possa de alguma forma torná-las realidade.

Tanner olha para longe. "Eu o matei por nós. Ele ia contar. Eu tive que te proteger."

"Não estou brava." Coloco as mãos em seu rosto e viro-o para que possa encontrar meus olhos. "Ele ia te matar." Engulo o nó que bloqueia minha garganta. As palavras que tenho que dizer não querem deixar minha boca, mas tem que sair. Nós estamos em contagem regressiva agora. Tanner sairá em breve... e nunca poderá voltar. "Mi amor", sussurro o carinho que é tão bom quando dirigido a este homem. Os olhos de Tanner mudam de preocupação para tristeza. Suas mãos apertam minha cintura, segurando-me, como se nunca quisesse me deixar ir.

"Nós nunca poderemos ficar juntos", sussurro. Tenho certeza que sinto meu coração quebrar num milhão de pedaços. Tanner balança a cabeça, pronto para argumentar, mas coloco o dedo em seus lábios — lábios que uma vez proferiram palavras depreciativas. Lábios que agora adoro... não, preciso. Tanto quanto preciso de ar em meus pulmões. "Por favor, não", insisto, sentindo uma lágrima escorrer do canto do meu

olho. Respiro fundo e então digo: "Eu amo você, Tanner Ayers." Gargalho do absurdo da nossa situação. Eu sou do cartel. Ele da Klan. Um peixe e um pássaro tem mais chances de juntos terem uma vida feliz do que nós. Tanner respira fundo e me segura mais perto. Sorrio mesmo que esteja quebrando. "Eu te odiei. Então te quis... agora eu amo e preciso de você. Completamente." Meu sorriso desaparece e um soluço silencioso escapa dos meus lábios. "Meu príncipe. Meu amor... minha vida." Estudo cada parte do seu rosto. Guardo seu cheiro na memória. Gravo tatuagens invisíveis de seu toque na minha pele.

"Eu também te amo", Tanner diz asperamente. No silêncio, tenho certeza de que posso ouvir minha alma chorar. A mão de Tanner sobe por meu braço e descansa ao lado do meu pescoço. "Porra, Adelita... Eu te amo. Eu preciso de *você."*

Minha testa se apoia na dele e simplesmente respiramos. Meu corpo e minha mente estão exaustos com os acontecimentos do dia. Mas meu espírito está pior — ele morre, sabendo que nunca terei esse homem andando ao meu lado pela vida.

"Eu vou sair", anuncia Tanner e empurra meu rosto para trás apenas um centímetro. Vejo a promessa em seu olhar. Meu coração passa de dormente para vivo em meros segundos. "Vou deixar a Klan."

"Tanner..."

"Está errado. Eu sei agora." Abro a boca para discutir, mas ele me beija, silenciando-me. "Eu cansei. Cansei de tudo isso. Meu pai. A maldita miséria de viver esta vida." Os olhos de Tanner brilham e a visão é minha ruína. Tomo suas lágrimas não derramadas com um beijo em cada um dos seus olhos. Ele passa os braços ao meu redor e me puxa para montar seu colo. "Eu quero você, Adelita Quintana." Sua voz é rouca, mas clara. "Eu quero você. Nada mais importa."

Não consigo ler a expressão no rosto de Tanner. Conheço esse lado de Tanner agora. Ele tem algo a dizer, só precisa de tempo para encontrar as palavras. Pressionando seus lábios nos meus, ele me rola até estar por cima. Seu beijo é lento, suave e sem pressa. Deixo-o assumir a liderança. Ele beija ao longo do meu pescoço e até meu peito. Minhas mãos deslizam ao longo da sua cabeça raspada, pouco antes dele sentar. Tanner estende a mão e a pego. Ele sem palavras me guia para cima. Ele se recosta e arranca uma tira de tecido da camisa branca.

Não sei o que ele está fazendo. Mas quando pega minha mão esquerda e leva-a à boca. Quando ele segura meu dedo anelar e coloca o mais suave dos beijos na minha pele, meu coração começa a tremer. "Lita", diz Tanner e pega a pequena tira de algodão branco que ele segura na mão. Ele a coloca em volta do meu dedo, depois amarra as pontas até o pedaço de algodão formar um anel. Minhas mãos tremem. Encaro seus olhos.

As bochechas de Tanner estão coradas. "Adelita..." Ele murmura. "Case comigo." Meus olhos se arregalam quando as palavras que tanto desejo saem de seus lábios.

"Tanner", sussurro e olho o algodão branco. Nem ouro nem diamante, mas a coisa mais preciosa que já vi. Vivo uma vida de luxo. No entanto, este pedaço rasgado de algodão me faz mais feliz do que já estive em toda a vida.

"Vou encontrar um jeito", ele promete e segura minha mão novamente, correndo o polegar sobre o anel improvisado. "Vou encontrar um jeito de ficarmos juntos." Meu corpo inteiro está leve e cheio de arrepios que sua promessa inspira. Ele beija minha mão novamente. "Não sei como farei isso. Mas vou encontrar um jeito de estarmos juntos. Sairei da Klan. Buscarei um lugar seguro para vivermos." Ele respira fundo. "Vou te levar embora para onde seja só nós."

Tanner prende a respiração enquanto me olha por baixo dos cílios. Ele está nervoso, percebo. Nervoso que eu vá dizer não. Faz meu coração inchar ver um homem tão formidável ansioso por minha resposta.

Não o faço esperar muito. Chego mais perto de Tanner e sussurro: "Sim." A mão de Tanner aperta a minha em resposta. "Sim... Casarei-me com você. Algum dia. De alguma forma. Não importa o quão impossível, vamos encontrar uma maneira de estarmos juntos."

Tanner me puxa e esmaga a boca na minha. Ele nos abaixa na cama e tira minha camisola. Lentamente, eu o livro de suas roupas até que nós dois estamos nus debaixo do edredom na minha cama. Ele nunca solta minha mão esquerda enquanto ele empurra dentro de mim. Enquanto balança para frente e para trás, amorosa e lentamente, beijando-me nos lábios, rosto e garganta. Sou consumida pelo príncipe branco. Estou tão profundamente apaixonada por ele que não tenho certeza de como poderei deixá-lo ir quando amanhecer.

"Amo você..." Tanner sussurra em meu ouvido quando seu ritmo aumenta e ele enfia a cabeça no meu pescoço. Sua respiração causa arrepios na minha espinha enquanto banha minha pele em calor protetor. Seus dedos se curvam ao redor dos meus quando nossa respiração se torna difícil e caímos na beira do prazer.

Tanner está em cima de mim e o abraço. Percorro preguiçosamente as costas dele com a mão, olhando o algodão em volta do meu dedo cada vez que ele surge. Não sei quanto tempo ficamos assim, mas quando os primeiros raios do sol da manhã surgem através das janelas, meu coração aperta. Nosso tempo juntos é finito; Tanner terá que voltar para o seu quarto para garantir que não seja descoberto.

Encaro Tanner na cama. Ele ainda tem que soltar minha mão. Minha mão está em contraste com a dele. Algo que ele uma vez achou tão repulsivo, não posso deixar de pensar que nossas mãos, juntas e cheias de promessas, agora parecem nada menos que perfeitas. "Você tem que esperar por mim", sussurra Tanner. Sua voz é rouca, traindo a emoção que ele sente — que nós dois sentimos. "Preciso de tempo para sair. Planejar. Descobrir um jeito de estarmos juntos."

"Eu vou esperar", prometo.

Tanner suspira. "Não importa quanto tempo leve. Não desista de esperar. Prometa-me. Não será rápido."

"Eu prometo." Os ombros de Tanner relaxam. Olho o anel improvisado e quero dar algo meu em troca. Algo para ele se segurar quando tudo parecer perdido e a esperança for uma estrela distante. Alcançando o fecho, solto meu crucifixo de ouro entre nós. Tomando sua mão, deixo cair a cruz na palma da sua mão e digo: "Quero que a tenha, mi amor. Quero que a mantenha. Pense em mim. Mesmo quando duvidar do quanto te amo, olhe para isso e saiba que também estou pensando em você. Sentindo sua falta."

Tanner segura o colar na palma da mão. E ficamos assim pelo tempo que nos resta. Bebo da cor de seus olhos, seus lábios e o pequeno sorriso que ele dá sempre que beijo sua boca. Eu os manterei em meu coração até o dia em que o ver novamente. Quando seremos livres, capazes de viver e amar... e sermos felizes...

Capítulo oito

Tanner

Esfrego meu pescoço quando saio do escritório de Styx. Os irmãos estão por toda parte, o confinamento em pleno vigor. Os irmãos visitantes se reuniram em trailers e tendas do lado de fora. Passo por AK, Phebe e Saffie, indo para o quarto de AK. Saffie está pendurada na cintura de Phebe, ignorando todos ao seu redor. Little Ash e Zane seguem logo atrás, carregando suas malas. Quando me aproximo da porta de Tank, vejo Maddie e Flame desaparecendo no quarto dele no final do corredor. O irmão está andando agora, embora pareça que ainda se incline para o lado ferido.

"Tann?" Viro e vejo Tank se aproximando. Ele carrega malas. Olha para a porta. "Vai entrar e vê-la?"

"Sim." Olho a porta de madeira. Nervosismo e raiva estão me dominando. Sinto a maldita cruz de ouro que ela me deu queimar meu pescoço. "Dê-me tempo", digo para Tank. "Tenho que falar com ela, então vou levá-la para o meu quarto."

"Combinou isso com Styx?"

Raiva me atinge. Ela é a minha mulher do caralho. Eu não deveria ter que combinar nada. "Ela não está autorizada. Ela está sob prisão domiciliar. Mas não estou levando-a para fora de qualquer maneira." Confio em nosso clube, mas não tenho

certeza se alguns dos outros idiotas aqui não vão atirar nela se tiverem qualquer chance.

A mão de Tank cai do meu ombro. “Vou levar Beauty para uma bebida. Styx e Ky acabaram de ir para Li e Mae. Sem dúvida elas irão querer ajudá-lo quando chegarem aqui. Sendo que mal conseguem se mexer de tão grávidas." Tank bate na porta. Beauty abre segundos depois, colocando o dedo nos lábios. Ela sai do quarto.

“Ela está dormindo”, diz Beauty calmamente. Meu estômago revira. Quero vê-la. Quero ver como ela parece quando está em paz. Mas então o maldito vestido de casamento aparece na minha cabeça e uma onda de fúria afasta esses pensamentos. Beauty coloca a mão no meu braço. “Ela está limpa e lhe dei comida e roupas limpas.”

Inclinando-me, beijo a bochecha de Beauty. “Obrigado. Eu agradeço.”

Beauty sorri. “Ela é linda, Tanner. Posso ver porque deixou a Klan por ela. Eu não conseguia parar de olhar quando ela estava limpa. Ela é impressionante."

Ela é. Adelita é a coisa mais perfeita que já vi. E naquele vestido de noiva... De branco... meu peito aperta só de pensar. Pensar nela e em como estava. Sempre sonhei como ela pareceria enquanto percorresse o corredor para mim. Dando-se para mim. Não para outro idiota.

“Daremos espaço a vocês”, diz Tank e coloca o braço em volta do ombro de Beauty.

“Grite se precisar de mim para qualquer coisa”, acrescenta Beauty.

Eles se afastam na massa de atividade no clube. O barulho do bar é ensurdecedor quando a porta abre. Minha mão

está na maçaneta quando vejo Viking vindo em minha direção. Ele fica ao meu lado, encostado na parede. Levanto uma sobrancelha.

"Estou de guarda agora." Ele sorri, em seguida, aponta para o quarto onde Adelita está. "Então... você gosta da latina, né?" Porra, assinto como se tivesse acabado de responder com 'sim'. "Essas cadelas de sangue quente fazem algo realmente especial para o meu pau também, entende? Como quando gritam e gritam naquela língua e sotaque. Merda, irmão. É como uma chamada de acasalamento pessoal para o meu pau. *Bastardos!"* Ele imita o pior sotaque mexicano que já ouvi. Ele aponta para sua virilha. "Viu?" Não olho seu pau na calça jeans. "É como uma maldita chamada de acasalamento."

Exalando uma respiração lenta e controlada, giro a maçaneta e abro a porta. Viking agarra meu braço antes que eu possa entrar. "Sinta-se livre para ser alto, irmão." Ele pisca. "Não sou tímido."

"Não, merda", rebato, então entro no quarto. Está escuro, exceto por uma lâmpada no canto. Adelita está na cama. Ela usa um vestido preto como algumas das outras cadelas – Beauty deve ter conseguido de sua loja. Faz algo comigo, vê-la com isso. Desde que me juntei aos Hades, eu a imaginava em algo assim. Eu a imagino usando meu colete.

Caminhando para onde ela está, olho-a, e meu peito aperta. Ela é tão bonita quanto eu me lembro. Seu cabelo está úmido, mas ainda longo e escuro como no dia em que a conheci. E mesmo sem maquiagem, com o batom vermelho característico faltando, ela parece tão deslumbrante quanto sempre foi. Mais ainda, na verdade.

Tomando um assento na poltrona no canto, eu a observo. Nunca afasto os olhos do seu rosto. Penso sobre tudo. Desde a primeira vez que a vi até a manhã que saí com

meu anel improvisado em seu dedo e sua cruz na palma da minha mão. Isso e toda uma porra de planos para ficar longe do meu pai e da Klan. Para encontrar um lugar onde pudéssemos estar juntos sem o pai dela e a minha irmandade Klan colocar alvos em nossas cabeças.

Ela parece mais velha que a última vez que a vi. Mas não a via há tanto tempo que ela quase parece um sonho. Alguém que fabriquei no meu cérebro. No entanto, aqui está ela, dormindo diante de mim. E eu estou livre. Estou fora da Klan e ela está no meu clube. Longe do seu pai e daquele desgraçado do Diego que odeio muito mais do que qualquer um que já conheci.

É tudo uma bagunça. Tudo está para explodir. Mas ela está aqui comigo e, pela primeira vez em anos, sinto que posso respirar. O laço que apertou meu pescoço por dois anos, afrouxa um pouco.

Corro a mão pelo rosto, minha cabeça latejando enquanto tento pensar sobre onde diabos ir daqui. Sento-me na poltrona e a espero acordar. O barulho do bar é abafado pelo som de sua respiração suave. Isso me ajuda a acalmar. Ela sempre teve esse efeito em mim.

Calmo.

Centrado.

E mesmo sabendo que ela estava se casando com outra pessoa, tudo dentro de mim diz que ela ainda é minha.

E já era hora dela se lembrar desse fato.

*****

Acordo com o som de farfalhar da cama. Meus olhos se fixam em Adelita quando sua cabeça rola no travesseiro e seus olhos começam a abrir. Minhas mãos fecham em punhos na poltrona. Não sei como diabos isso será. Não sei se conseguirei manter a calma.

Quando seus olhos escuros abrem e encontram os meus, sei que não posso. Mantenho a boca fechada. É a melhor opção. Adelita demora a sair do sono. Cristo sabe se ela dormiu nos últimos dias. Eu a observo, esperando por qualquer sinal de onde este encontro irá. Tenho a resposta quando ela senta ereta, o cabelo escuro caindo sobre o ombro e seu rosto cheio de fúria.

“Você disse a eles”, ela sussurra e joga os pés descalços para o lado da cama. Ela aponta para o meu rosto. “Você contou a eles sobre os túneis. Você contou a eles sobre as passagens secretas da fazenda do meu pai!" O sotaque dela é mais grosseiro do que há anos atrás. Mas sei o porquê. Sua raiva faz com que o inglês perfeito escorregue.

“Você quebrou sua promessa”, acuso fria e rudemente. Meu sangue começa a aquecer nas veias, fervendo por dentro. “Eu fiz tudo o que disse que faria.” Fico de pé e começo a andar antes de perder o controle e socar a parede. “Eu deixei a porra da Klan. Trabalhei duro para entrar nos Hangmen, provei meu valor a este clube para que pudéssemos estar seguros, então *você* estaria segura quando eu te salvasse." Gargalho, mas não há humor no som. “E descubro que você estava se casando. Casando! Depois de tudo que prometemos um ao outro." Afasto a gola da minha regata e mostro seu colar. “Eu sempre mantive isso comigo. Mantive isso para lembrar que você me amava. Foi o que disse, certo? Que tudo que tinha que fazer era olhar para ele e saber que você me ama, mesmo que não estivesse comigo?" Meus olhos vão o vestido de noiva arruinado que agora está pendurado na porta do armário. Paro de falar e encaro a porra da coisa. Virando-me para Adelita,

pergunto: “Quem era?” Adelita pisca, então seu rosto fica vermelho. Ela está hesitante em me dizer. Há apenas uma pessoa que a faria relutar.

O sangue que aquecia minhas veias sobe como a porra de uma lava quente, quando resmungo, “Diga-me que não era ele.” Os olhos de Adelita caem por uma fração de segundo. Meu corpo treme de fúria. “Diga!” Exijo, minha voz aumentando. “Diga-me que não era o idiota do Diego!”

“Sim!” Adelita grita de volta. Não posso, porra, ficar neste quarto com ela mais um segundo. Virando, caminho para a porta, mas Adelita entra na frente antes que eu possa chegar lá. Suas mãos atingem meu peito e ela me empurra. Ela pesa quase nada. Dou um passo para trás quando ela avança novamente.

“Hijo de puta!”, ela sussurra. Não tenho ideia do que diabos ela acaba de dizer, mas sei que não é bom. Isso só serve para me irritar ainda mais. Sua mão surge do nada e me atinge no rosto.

Estou na porra do limite.

Quando ela avança novamente, agarro seus pulsos e empurro suas costas até que ela bate contra a parte de trás da porta. Ela tenta lutar comigo, mas levanto suas mãos acima da cabeça e encaro seu rosto furioso. “Pare, cadela!”

“Pare você!” Ela retruca. Ela luta contra meu aperto, mas não pode se mover. Ela grita de aborrecimento e eu sorrio. “Eu te odeio”, ela diz. Ela se debate em meus braços, mas a seguro com força. “Você não tem ideia de como foi quando você partiu!” Sua voz falha e ela luta arduamente para respirar. “Eu não ouvi de você. Eu não sabia se ainda me queria, se precisava de mim. Meu pai e Diego decidiram que eu me casaria. Eu não tive

escolha!" Ela grita. “Eu estava presa, sem ter para onde ir e ninguém para pedir ajuda!”

“Eu estava voltando para você! Só precisava de tempo, porra! Eu estava quase pronto!"

O peito de Adelita sobe e desce com a rapidez com que ela está respirando. Suas bochechas bronzeadas estão vermelhas de raiva e seus olhos estão arregalados e furiosos. Ela se inclina para frente e resmunga: "Você disse a esses homens, inimigos do meu pai, *meus* inimigos, como me encontrar. Você levou os lobos direto para a minha porta. Como isso está me protegendo, Tanner Ayers? Como isso está me ajudando?"

“Disseram que era alguma prima aleatória se casando. Eles foram por ela. Nunca imaginei que seria você!"

Adelita balança a cabeça enquanto tento recuperar algum tipo de sanidade, antes de bater a mão na porta. “Meu pai confiava em você. Eu confiei em você e você se juntou aos homens em guerra com meu povo?" Congelando, eu gargalho. Porra, gargalho. Os lábios de Adelita se apertam. “Não ria de mim!”

Ela arqueia as costas da porta, seus seios roçando contra meu peito duro enquanto ela tenta escapar do meu aperto. Mas eu mal noto isso. Estou muito consumido com o fato de que ela acha que *nós,* os Hangman, somos os maus. “Você não tem ideia”, resmungo perto do seu rosto. “Você não tem ideia do que está falando.”

Os olhos de Adelita se arregalam. “O que quer dizer?”

“Você quer saber que negócio nossos pais faziam quando estávamos no México?”

Adelita congela. “Drogas. Papai disse que eram drogas." Ela diz isso com tanta confiança em relação ao pai que perco um

pouco da raiva. Ele é tudo que ela tem, tudo que já teve... e ela não tem a menor ideia de que ele é um filho da puta sádico.

"Não", corrijo, minha voz menos cruel do que antes. "Não era droga, princesa." Eu me certifico de olhar em seus olhos, quando digo: "Eram mulheres."

Adelita ofega. Sua cabeça começa a se mover em descrença. "Não", ela nega, com convicção. "Do que está falando? Papai nunca lidaria com isso!"

Eu me aproximo, prendendo-a contra a porta para que ela possa ouvir. "Seu pai fez. E o mesmo aconteceu com o meu." Sua cabeça começa a mover-se novamente. Ela está se preparando para discutir; soletro para que ela acredite. "Eles roubam mulheres, drogam elas com a heroína do seu pai, transportam para campos e depois deixam os homens pagarem para fodê-las. E ganham um bom dinheiro fazendo isso."

"Não!" Ela chora, seus olhos enchendo de lágrimas. "Por que está dizendo isso?" Seu sussurro se torna mais forte quando ela levanta o queixo e responde: "É este clube. Estes homens. Eles estão mentindo! Meu pai nunca..."

"Ele vende as mulheres para serem fodidas. Serem escravas ou o que quiserem delas."

"Isso não é verdade!" Uma lágrima cai por seu rosto, mas ela sacode a cabeça para que a lágrima rebelde caia no chão e não mostre sua fraqueza.

"Isto é-"

"Eu disse que NÃO, PORRA!"

Meu corpo inteiro treme de raiva por sua atitude de merda. Sem dizer uma palavra, seguro seus pulsos e abro a porta, puxando-a pelo corredor. Não me importo se é proibido. A

cadela precisa saber a verdade e conheço algumas pessoas que farão isso tão simples como o dia.

Viking sai do nosso caminho, batendo palmas e mostrando um sorriso de merda de quem ouviu tudo. Sigo em direção ao bar. Empurrando a porta, os irmãos viram para olhar em nossa direção. Concentro-me em Hush e Cowboy, depois AK, que está sentado à mesa ao lado deles. “Onde estão suas cadelas?”

Hush e Cowboy ficam de pé. “Por quê?”, pergunta Hush.

“Onde elas estão?!” Grito. Não tenho tempo para a merda deles agora. Adelita está puxando minha mão e estou a dois segundos de explodir.

“Estão no antigo banheiro feminino”, diz Beauty ao passar por nós. “Eu vou levá-lo.” Puxo Adelita atrás de mim, seus pés afundando no chão enquanto ela tenta me impedir. Ela puxa meu braço, mas não há como ficar livre até ouvir isso. Ela é uma vadia protegida que precisa de uma maldita noção de realidade.

Beauty nos leva para o quarto no extremo oposto do clube. Vejo Styx e Ky em seu escritório. No minuto em que Styx me vê arrastando Adelita, ele voa da cadeira e vem atrás de nós, furioso. Não vou leva-la de volta para o meu quarto até que ela ouça da boca das vítimas o que aconteceu. Do que seu precioso pai é capaz. Sobre o que era o acordo do Cartel e da Klan.

Beauty abre a porta e puxo Adelita para dentro. Vejo Mae, Lilah e Grace nos sofás. Phebe, Saffie, Bella e Sia, nos lugares ao lado delas. Todas elas se voltam para nós.

"Tanner?" Pergunta Mae. Styx surge atrás de nós, seguido por Ky.

“Que porra é essa?” Ky questiona, virando-se para mim.

Encaro Sia, ignorando todos os outros e exijo, “Diga a ela.” Sia parece confusa quando seus olhos caem em Adelita. Puxo

Adelita para meu lado. “Esta é Adelita Quintana. Filha de Alfonso Quintana e minha noiva."

Sia engole em seco, os olhos arregalados. “Adelita? Do cartel de Quintana?" Sua voz treme. Sinto Adelita tensa em minhas mãos pelo fato de Sia ter ouvido falar dela. Eu assinto.

“Diga a ela o que seu pai faz.” Sia olha Phebe que segura Saffie firmemente em seus braços. Os olhos de Saffie estão arregalados enquanto ela olha Adelita e seu rosto está mortalmente branco. “Diga a ela o que aconteceu com vocês. Ela não acredita em mim e isso está me irritando."

“Tanner, pare com essa porra.” A voz de Hush atinge meus ouvidos e ele fica ao lado de Sia. Cowboy segue-o. Ambos a ladeiam.

“Ela não acredita em mim! Ela acha que estamos mentindo para arruinar seu pai. Pensa que toda essa merda de tráfico é apenas uma maneira de derrubar o nome Quintana."

Cowboy cruza os braços sobre o peito. “Bem, deixe-me dizer-lhe, cadela, nós estávamos lá”, diz ele, falando com Adelita. “Nós vimos os acampamentos. Campos administrados por seu pai e pelos homens dos pais de Tanner."

“Você mente”, Adelita sibila para Cowboy, raiva dominando cada palavra. Ela está tremendo de fúria.

“Ele não está mentindo, querida.” Desta vez é Sia quem fala. Sia sai do bloqueio de Hush e Cowboy e vem em direção a Adelita. Adelita treme mais quando Sia para diante dela. Sia olha Adelita com curiosidade e pergunta: "Você conhece um homem chamado Garcia?"

Adelita para em meus braços, fica completamente imóvel. Ela olha para mim e posso ver pelo rosto pálido que ela conhece. Balanço a cabeça para Sia continuar. “Ele e eu... nós

costumávamos estar juntos." Sia levanta a cabeça como se tentasse não ter vergonha. “Ele escolheu a mim e minha amiga quando estávamos no México.” Ela respira fundo. “E ele sequestrou minha amiga, drogou-a e depois a vendeu como uma prostituta para qualquer um que estivesse disposto a pagar.”

Adelita respira fundo. Penso que ela vai discutir. Mas posso ver por seus olhos arregalados e silêncio que ela acredita em Sia. Ou pelo menos considera a ideia.

Phebe então se levanta chocando a todos. Saffie se move para Lilah, que tem os braços estendidos para ela. A garota é tão tímida como quando chegou. Mal fala e nunca olha ninguém nos olhos. Ela está fodida pelo que aconteceu com ela naqueles acampamentos, isso é certo.

Phebe fica ao lado de Sia. Sinto Adelita ficar mais fraca em meus braços. “Adelita?” Adelita acena com a cabeça. Phebe suspira, então diz: “O que Sia disse é verdade. Eu sei disso..." Ela fecha os olhos e demora um minuto. Quando eles se abrem novamente, ela diz: “Porque eu fui levada também.” Ouço um grunhido atrás de mim. AK está na porta com Vike. A expressão de AK é severa enquanto ele ouve sua Old Lady falar. “Fui levada da comuna para morar num dos acampamentos. Fui levada pelo líder do acampamento. Os campos eram conduzidos pelo Klan a que Tanner pertencia." Phebe olha para mim quase se desculpando. Mas não me importo. O que for preciso para convencer Adelita. Sei que mencionar a Klan ajudará. Disse a ela que este era o acordo feito por nossos pais, mas imagino que é diferente ouvir isso da boca de uma sobrevivente do que da minha. “Era um acampamento de detenção. Estivemos lá até nos mudarmos para o México, onde os homens de Quintana assumiram o controle das meninas e fizeram com elas o que quiseram."

“Não”, Adelita protesta, balançando a cabeça. Mas a voz dela não passa de um sussurro. Ela treme, e sei que ela acredita no que Sia e Phebe estão dizendo.

Meu aperto em seus braços afrouxa e começo a correr meu polegar para frente e para trás sobre sua pele nua. Será difícil para Adelita ouvir. E ainda mais difícil para ela lidar. “Você deve estar enganada”, diz ela e olha para mim. Vejo o medo em seus olhos escuros. “Meu pai... ele não é um homem mau. Não deste modo. Ele não faria isso." Sua voz falha. Mas, como a princesa do cartel perfeita, ela inclina o queixo e acrescenta: "Não estou tirando sua experiência. Sua verdade. Mas tenho certeza de que está enganada sobre quem administrou essa operação." Adelita afasta o cabelo do rosto. “Existem muitos cartéis no México. O Cartel Quintana não se baseia na vitimização e abuso de mulheres."

“Nós não estamos erradas, querida,” Sia discorda e tenta dar a Adelita um pequeno sorriso simpático. “Eu sinto muito. Mas foi tudo executado pela família Quintana." Ela vai acariciar o braço de Adelita, mas recua e cruza os braços sobre o peito. “Garcia... Eu era namorada dele. Não uma escrava. Ele me contou coisas... ele trabalhava para o seu pai. Ele falava de você de vez em quando." Ela parecia triste. “E acidentalmente acabei num dos acampamentos. Eu vi um daqueles infernos com meus próprios olhos, querida. É tudo verdade."

“Não”, Adelita argumenta novamente. “Não posso acreditar. Eu não vou! Meu pai não estaria envolvido em algo assim. Ele não deve saber. Alguém deve estar fazendo isso debaixo de seu nariz. Usando seu nome para seguir em frente."

“Princesa”, digo, impaciente: “Eles *são* responsáveis por isso. Nossos pais estão nisso juntos. Tenho certeza que meu pai é capaz. Até de mais do que isso, de fato."

“Meu pai não pode ser.” Ouço sua voz quebrar. Ela está congelando em meus braços. “Não me importo com o que alguém diz... Não vou acreditar que seja verdade."

O silêncio aumenta no quarto, até que “O... O nome dele é Al... Alfonso?" Uma pequena voz sussurrada nos alcança do fundo da sala. Adelita fica tensa. Phebe olha para trás. Saffie. Lilah segura a mão de Saffie, sua expressão chocada. Imagino que pelo fato dela ter falado. Não vi muito da garota ruiva. Mas toda vez que o fiz, ela parecia não saber como era bonita. Porra, pelo que sei, ela não teve nada de bom até vir aqui. A criança visitou Hades e voltou como uma sombra ambulante.

Saffie vem ficar ao lado de Phebe, olhos nervosos percorrendo toda a sala. Ouço um rangido atrás de mim. Quando olho para trás, Lil Ash está ao lado de AK, os olhos fixos na garota tímida. Ele está balançando de um lado para o outro como se fosse tirá-la do quarto se tivesse chance, só para afastá-la de todas essas pessoas. AK coloca a mão no ombro de Ash, mantendo o prospecto no lugar.

Phebe envolve o braço ao redor da filha. Saffie olha Adelita com olhos enormes e torturados. “O... o nome dele é... Alfonso?" Ela pergunta de novo, um pouco mais alto desta vez.

“Sim”, diz Adelita, sua voz trêmula.

Saffie engole em seco e ergue o queixo. “Ele..." Ela olha para Phebe e Phebe sorri. Sua mãe acena com a cabeça em encorajamento para o que sua filha está prestes a dizer. Saffie baixa os olhos e sussurra: “Ele... levou-me." Sinto a respiração ofegante de Adelita e sinto meu estômago despencar. Porque nunca soube dessa merda. Nunca ouvi muito da vida de Saffie além de saber que ela era uma criança do culto, depois foi levada por Meister para ser vendida. "Garcia." A voz de Saffie quebra,

mas ela continua. “Quando ele veio... visitar, ele fez... ele me deu... ele sempre pedia... Por mim.”

Um soluço doloroso sai da boca de Adelita e sua mão cobre os lábios. Ela recua para mim até que não possa mais se mexer. Meu coração está acelerado com o que a garota está dizendo. Posso ver o quanto mata Saffie falar. Porra. Está matando Adelita ouvir. Uma garota. Saffie é uma criança fodida e assustada.

Adelita sacode a cabeça, mas Saffie diz: “Ele tinha... tinha uma marca de nascença, aqui", ela aponta para o pescoço. Sua mão cai e impossivelmente, seu rosto perde ainda mais cor. “Eu... Eu nunca recebi a poção... a poção que sempre nos davam quando os homens vinham. Ele disse que queria... Que eu estivesse presente e acordada." Sua respiração prende. “Ele disse... ele queria que eu me lembrasse dele." Ela visivelmente treme, e acho que a garota vai desmaiar. “E eu fiz. Eu *sempre*... *sempre* lembrarei do diabo... a marca em seu pescoço."

“Isso é o suficiente.” AK empurra por todos nós e me olha. “Ela não falará mais.” Ele encara em seguida Adelita. “Que porra de mais provas você precisa?”

A respiração de Adelita é superficial. Ela ainda está mortalmente sem reação em meus braços. Não acho que ela falará de novo. Mas então ela diz: “Ela... ela não precisa dizer mais nada." Adelita olha Saffie, que está agarrada a Phebe novamente, parecendo tão exausta como se tivesse acabado de correr uma maldita maratona. “Obrigada...” Adelita se recompõe. Estou orgulhoso dela. “Obrigada... por me dizer isso."

“Saffie”, Saffie diz e dá a Adelita um sorriso fraco.

“Saffie.” Adelita nota que todos os olhos sobre ela. Ela se vira para mim, acreditando nas meninas e meu peito, porra, quebra. Ela me dá um sorriso trêmulo, depois eleva o queixo e

diz: "Estou pronta para voltar ao quarto agora, Tanner. Acredito que nunca deveria ter saído sob a ordem do seu presidente, não é?" Quero puxá-la para mim, abraça-la contra meu peito, mas sei que se o fizer, ela vai desmoronar. E isso a humilhará. Adelita tem o orgulho do seu pai. Um orgulho que nunca quebrarei na frente dos meus irmãos. Na frente de qualquer um.

Tomando sua mão, viro e empurro todos. “Vou levá-la para meu quarto”, digo a Styx quando passo pelo Prez. Não espero para ouvir o que ele tem a dizer sobre isso. Sei que Adelita está a poucos minutos de desmoronar, se o tremor em sua mão for qualquer sinal para passar. Quando chegamos ao corredor, ouço a aceleração por sua respiração. Empurro a porta, puxo-a para dentro e fecho a fechadura.

Quando viro, vejo o rosto e corpo de Adelita se desintegrarem. Em segundos, eu a tenho nos braços, impedindo-a de cair no chão. Adelita treme com soluços de cortar a alma. Sua mão tenta agarrar minha camisa, mas ela treme tanto que não consegue. Pegando-a nos braços, eu a levo para a cama e deito. Mantenho meus braços ao seu redor enquanto ela quebra. Beijo sua cabeça. Beijo cada parte dela que posso. Minha camisa fica molhada com as lágrimas, mas não dou a mínima. Adelita tem todo o direito de chorar. Ela acabou de descobrir que seu pai não é apenas um traficante, mas gosta de foder crianças também.

Como se ela lesse minha mente, Adelita levanta os olhos injetados para mim e pergunta: "Quantos anos ela tem?" Sua voz é rouca de tanto chorar. Sei que ela se refere a Saffie.

Tento pensar. “Não tenho certeza. Quinze, eu acho? Algo perto disso."

Os olhos de Adelita se fecham. “E quantos anos ela tinha quando veio para cá?”

Dou de ombros. “Não sei, princesa.” Suspiro. “Se está perguntando quantos anos ela tinha quando seu pai..." Eu paro. Não preciso terminar a frase. Ela sabe o que ele fez. “Jovem. Ela era muito jovem."

O rosto de Adelita cai e mais lágrimas escorrem por seu rosto. “Você sabia sobre o tráfico?” Balanço a cabeça. Adelita enxuga os olhos. “Eu não conheço meu pai”, ela sussurra e encara o outro lado do quarto. “Não tenho ideia de com quem vivi a vida toda, mas ele é um estranho para mim. Um demônio que acaba de ser descoberto residindo num homem. Um homem que eu amo." Ela engole e descansa a cabeça nas pernas dobradas. “Ela é uma criança, Tanner. Uma *criança*." O lábio inferior de Adelita treme. “Ele..." Ela estremece. “Ela é uma criança pequena... e ele pedia por ela, ele..."

“Pare”, ordeno. Eu me ajoelho na cama e seguro seu rosto. “Pare de pensar nisso agora ou vai perder a cabeça.” As mãos de Adelita agarram meus pulsos e seus olhos fecham.

“Eu não posso...” Ela sussurra. “Não posso simplesmente apagar os pensamentos da minha mente.” Sua cabeça curva como se ela não tivesse energia para mantê-la ereta. “O olhar no rosto de Saffie..." Seus ombros também caem. Meu aperto em seu rosto parecia ser a única coisa que a impedia de cair na cama. “O rosto de sua mãe ouvindo a filha ter essa experiência... a própria mãe... e a loira que teve relações com Garcia."

Adelita levanta a cabeça e há uma maldita tempestade se formando em seus olhos escuros. "Eu o conheço, Tanner. Jantei com ele na mesa do meu pai. Nós partimos pão e bebemos vinho. Eu..." O rosto de Adelita cora com o que parece ser constrangimento. “Eu gostei da companhia dele.” Fico tenso. “Não assim, baby”, diz ela rapidamente. Seus olhos perdem algumas das suas nuvens quando ela vê meu ciúme. “Somente...

ele parecia um bom homem." Ela ri. Ela olha os monitores que tenho no canto do meu quarto. Mas sei que não está realmente olhando para eles. “Meu pai estava certo. *Você* estava certo." Ela vira para mim. “Quando nos conhecemos, você me chamou de princesa ingênua e privilegiada, que não sabia nada do mundo. Presa na minha torre de marfim construída num forte." Seu lábio inferior treme. “E você estava certo. Só que eu não estava sozinha naquela torre.” Adelita aperta meu pulso como se eu fosse sua única âncora. “Eu pensei que morava lá com cavaleiros... Acontece que eu estava presa entre monstros."

“Baby..." Digo e a faço olhar para mim. Quando ela obedece, vejo que seus olhos estão vermelhos e cheios de dor. “Você está fora agora.” Sinto meu coração começar a bater mais rápido. “Você está fora e garanto uma coisa. Você nunca voltará."

Os olhos de Adelita se arregalam e engulo em seco. Como um idiota, os nervos começam a me dominar. Limpando a garganta, digo: “Você está fora da fazenda. Eu estou fora da Klan..." As mãos de Adelita são fortes enquanto seguram meus pulsos. “Estamos aqui, princesa. Estamos aqui, porra. *Finalmente."*

“Tanner”, ela sussurra e seu rosto enche de lágrimas. Adelita olha para baixo, mas quando levanta a cabeça, tem um sorriso no rosto. “Estamos aqui.”

Não consigo mais me segurar. Sei que ainda temos que conversar sobre por que diabos ela estava se casando com aquele filho da puta, mas agora, não importa. Tenho minha mulher em meus braços depois de muito tempo.

Puxando Adelita para mim, eu a beijo. No início, ela tem gosto de lágrimas, mas quando me beija de volta, eu *a* sinto. O gosto viciante que só Adelita tem. Aperto suas bochechas e empurro a língua em sua boca. Adelita geme e sua língua luta contra a minha. Minhas mãos percorrem seu cabelo úmido,

depois descem pelas costas, traçando cada curva do seu corpo. Encontrando a barra do seu vestido, levanto-o devagar, até que paro em seus peitos. Soltando a boca de Adelita, olho seu rosto corado, depois para baixo. Meu pau endurece no jeans quando vejo suas longas pernas, sua buceta e a parte de baixo de seus seios. Dois anos. Dois malditos anos desde que estive com ela.

Adelita se abaixa e cobre minhas mãos. Com os olhos fixos nos meus, ela começa a levantar o vestido, guiando minhas mãos sobre os seios até que o tira por completo. Seus longos cabelos caem sobre um ombro. Nunca a vi mais perfeita. “Você é linda”, sussurro, passando o polegar por sua bochecha e em torno dos lábios. Adelita pega minha mão na dela e a leva aos lábios. Fechando os olhos, ela beija minha palma. Não posso acreditar. Não posso acreditar que estamos aqui. Quando ela abre os olhos, puxa minha camisa sobre a cabeça. Adelita respira fundo depois que joga a camisa no chão e passa a mão por meu peito. Sua mão segue para o sul até meu jeans e meu pau quase perfura o zíper. Adelita abre o botão e puxa o zíper para baixo.

Faz muito tempo.

Muito fodido tempo.

Adelita congela e sei que ela viu. “Tanner..." Ela sussurra, seu sotaque mexicano rouco ao falar meu nome. Isso costumava incomodar-me, ouvir meu nome dito de tal forma. Agora é a melhor coisa que já atingiu meus ouvidos. Adelita estende a mão e traça a tatuagem do seu colar no meu peito. “Esta data..." Ela diz, notando os números embaixo.

“Foi o dia em que nos conhecemos.”

Os lábios de Adelita se contorcem antes de levantarem num sorriso. “Nosso primeiro dia?” Sua cabeça inclina para o

lado e sinto-me socado no abdômen por quão linda ela é. “Você me odiou quando nos conhecemos. À primeira vista.”

Sorrio. “Você me destruiu. Um olhar para você me arruinou, porra."

Adelita beija a data. Eu suspiro. Seus lábios parecem bem na minha pele. “Quebrei o infame príncipe branco..." Ela me olha através dos cílios grossos. “Minha maior realização na vida.” Seus lábios se contraem de diversão.

Resmungando e cansado de esperar, empurro Adelita, deito-a na cama e tiro meu jeans. Eu a cubro com meu corpo e colo meus lábios nos dela. Adelita geme e parece tão certo. Seus seios pressionam contra meu peito, seus braços e pernas me envolvem. De repente, não se passaram anos. Foi ontem e acabo de pedir para ela se casar comigo. Ela está embaixo de mim, eu dentro dela, ela me dizendo sim.

“Baby”, ela sussurra contra minha boca. Afasto-me e a olho. Algo muda no meu peito e o peso que carregava some.

Ela está longe do seu pai.

Eu estou longe do meu.

“Por favor, Tanner”, implora Adelita. “Faça-me esquecer. Tire esse dia de mim... faça amor comigo.”

Beijo seus lábios novamente, então beijo seu pescoço e clavícula. Alcançando seus seios, chupo um mamilo na boca. Adelita grita e segura minha cabeça. Lembro-me disso. Lembro do fogo dela quando fodemos. Lembro-me de suas unhas cavando na minha cabeça e o jeito que suas costas arqueavam a qualquer momento que eu tocava seus seios. Eu gemo e desço ao sul até chegar em sua buceta. Separo suas pernas e corro as mãos por suas coxas. A cabeça de Adelita cai quando roço o polegar sobre seu clitóris.

“Esta buceta é minha”, resmungo e empurro meu dedo dentro dela.

“Si”, Adelita grita e meu pau contrai. Incapaz de me segurar, inclino-me e corro a língua sobre seu clitóris. O gosto dela... É perfeito pra caralho. Adelita puxa meu cabelo enquanto se debate na cama. Mas não me afasto. Provo-a mais e mais até que ela quebra. Rastejando sobre onde ela está deitada, sem fôlego e suando, coloco as mãos em suas bochechas e me certifico de ter sua atenção. No minuto que a tenho, olhos fixos nos meus, empurro dentro dela. Os lábios de Adelita abrem quando a encho e ela respira fundo.

“Mi amor..." Ela sussurra, vejo lágrimas encherem seus olhos. Abraçando-a, seguro-a o mais perto que posso. Empurro dentro dela de novo e de novo, mais e mais rápido, até que Adelita enfia a cabeça na curva do meu ombro e grita em meu pescoço.

Sua buceta aperta ao redor do meu pau, e a sensação me leva ao limite. Beijando Adelita, gemo quando gozo. Os dedos de Lita afundam em meus braços enquanto gozo dentro dela. Gozo dentro dela até que não sobra nada. Minha cabeça cai no colchão ao lado dela enquanto recupero o fôlego. Adelita mantem os braços ao meu redor.

Quando me afasto, Adelita vira a cabeça para que possa me ver. “Eu nunca pensei..." Ela diz e uma lágrima cai de seus olhos. Isso me destrói. “Eu nunca pensei que conseguiríamos.” Ela passa a mão por minha bochecha. “Eu esperava e rezava com tanta força que tinha certeza de que Deus se cansaria da minha voz. Mas no fundo, não achava que escaparíamos de nossas vidas. Não achava que você estaria a salvo deixando a Klan e nunca sonhei que sairia da fazenda e da minha casa."

“Eu te disse que faríamos”, falo asperamente. “Eu prometi, princesa. Eu não quebro minhas promessas."

“Você não quebra”, ela sussurra e beija minha bochecha. “Você fez isso. Você manteve sua palavra." Adelita desvia o olhar e um sorriso triste aparece em seus lábios.

“O que?”

“Você é a primeira pessoa que já fez isso... manter sua palavra. Manteve suas promessas. Você, Tanner Ayers. Meu príncipe branco... ou talvez devesse ser apenas meu príncipe agora. O título antigo não é mais quem você é."

Meu peito e garganta parecem cheios de palavras que não consigo dizer. Então eu a beijo. Eu a beijo, levantando-a para a cabeceira da cama e para meus braços. Adelita coloca a cabeça no meu peito. Sua mão encontra a tatuagem do seu colar. Eu a sinto sorrir contra meu peito. “Quando fez isso?”

Corro os dedos por seu cabelo escuro. “Não muito tempo depois de deixar a Klan. Gravei o seu colar em mim para nunca esquecer pelo que estava lutando."

Adelita levanta a cabeça e depois beija a tatuagem do colar de ouro. Seus olhos vão para minhas outras tatuagens e seu dedo começa a traçar a águia de Hitler, a suástica e o símbolo de poder branco que costumava exibir com orgulho.

“*Mi amor*. Por que, se você deixou essa vida para trás, ainda tem essas tatuagens?”

Minha mandíbula cerra enquanto lembranças da minha antiga vida passam por minha mente como um maldito filme. “Porque isso me lembra o que fiz.” Seguro o rosto de Adelita e me certifico que ela olhe diretamente para mim. “Eu fiz coisas fodidas, Lita. Você sabe disso, certo?"

Adelita assente com a cabeça. Ela cobre minhas mãos que ainda seguram seu rosto. “Mas você se afastou daquela vida. Você se afastou do preconceito, da violência." Ela sorri.

“Você trabalhou por dois anos para mudar sua vida, para estar comigo. Uma mexicana. Uma mexicana *orgulhosa*. Isso, Tanner Ayers, prova que não é mais o homem que costumava ser." Sua mão começa a traçar as tatuagens novamente. “Talvez seja hora de transformá-las em outra coisa. Talvez você devesse começar a mostrar ao mundo que não é mais o herdeiro da Klan."

Meu peito afrouxa da corda que sentia estar amarrada em meus pulmões. Adelita fica de joelhos, o edredom cai de nós e me mostra seu corpo nu. Porra. Ela é bonita. Ela senta em seus calcanhares e começa a me estudar. Cada centímetro do meu corpo. A cadela vai me deixar duro de novo. Um sorriso puxa seus lábios. Minhas mãos seguram sua cintura fina. “O que?”

Os dedos de Adelita param no meu cabelo. “Você tem cabelo.” Ela corre os dedos pelos fios curtos. Não me preocupei em raspar novamente desde que me juntei aos Hangman.

Meu lábio se contrai, lutando contra um sorriso. “Eu tenho cabelo.”

“Você parece diferente.” Adelita corre seus olhos escuros por mim. “Partes de você ainda são as mesmas, mas você *parece* diferente. Isso faz sentido?”

Assinto. “Você parece exatamente a mesma. Ainda linda. Ainda perfeita. Ainda você.”

“E ainda sua.” Quando aquelas palavras saem da boca de Adelita, frieza me percorre. Ela deve ter visto. Seu sorriso cai e seu rosto nubla de preocupação.

“Você ainda *é* minha?”

Adelita congela, depois baixa os olhos. Um segundo depois seu olhar encontra o meu, ela segura minha mão. “Sempre.” Ela respira fundo, então lentamente monta minhas coxas. Seus braços enganchados em volta do meu pescoço. “Eu amo você,

Tanner. Nunca deixei de amar. De fato, quando você saiu, meu amor só aumentou." Sua voz fica rouca, então ela segura meu rosto. “Nunca o deixei me tocar.” Solto a respiração que não sabia estar prendendo. “Só fiz amor com você. Não pude... Eu não faria..." Ela para.

“Você estava se casando com ele.”

A cabeça de Adelita balança para frente e para trás. “Ele não era você. Nunca seria você." Sua voz rouca diz que ela está ficando chateada novamente. “Meu pai..." Ela pisca as lágrimas que se formam em seus olhos. “Ele fez acontecer. Resisti ao plano para mim e Diego o máximo que pude. Mas ele planejou tudo. Eu não sabia o que fazer ou como sair disso." Adelita abaixa a cabeça para encontrar a minha. “Mesmo que fosse forçada a casar com ele, eu ainda seria sua. Você não pode dar seu coração a alguém quando já pertence a outro. Eu teria encontrado um caminho, Tanner. Fugido. Para chegar até você... de alguma forma." A expressão de Adelita muda para o que parece preocupação. “E... você? Tem alguém?"

Rolo Adelita abaixo de mim. “Ninguém. Só você, princesa."

O sorriso que toma seus lábios tira a respiração da porra dos meus pulmões. Eu a beijo. Eu a beijo por tanto tempo que seus lábios parecem inchados quando finalmente me afasto.

“Eu não quero voltar”, diz ela e o efeito da traição de seu pai aparece em todo o rosto. "Não vou voltar para aqueles homens, Tanner. Porque se meu pai está envolvido nisso, o mesmo acontece com o Diego." Seus olhos escuros brilham de raiva. “Não posso enfrentá-los depois de saber isso. Depois de ver Saffie, a garota que meu pai machucou de novo e de novo... depois de ouvir as outras mulheres..." Adelita inala lentamente pelo nariz, os olhos fechando momentaneamente. Quando abrem, ela diz: “Você já sonhou que estaríamos aqui assim?”

"Sim."

"Eu também." Ela me beija, em seguida, sussurra: "Por favor, não me faça voltar agora que nos reencontramos."

"Você não vai a lugar nenhum."

Em minutos, estou dentro dela novamente. Os braços de Adelita não me soltam durante a noite toda e seus lábios não param de tocar minha pele. Eu não me importo com o que alguém tem a dizer. Ela está aqui comigo agora.

E não vai a lugar nenhum.

Morrerei antes de deixar alguém tirá-la dos meus braços.

Capítulo nove

Styx

Uma semana depois...

"Nós não temos nenhuma informação ainda", diz Shadow. "Eles ficaram quietos, o que na minha experiência, nunca é bom."

Levanto as mãos e gesticulo: “Se você ouvir qualquer coisa — qualquer coisa dos Quintanas, avise-nos imediatamente.” Ky transmite por mim.

Chávez assente com a cabeça. "Farei." Olho Chávez e não consigo tirar os diários da minha mãe da cabeça. Mae não sabe, mas quando vai para a cama à noite, desço as escadas, sirvo-me de um uísque forte e leio. Mae também está lendo. E sei quando ela chega a algo que acha importante. A partir do minuto que chego à noite, ela me olha de forma diferente ou vem até mim e me beija, envolvendo os braços ao meu redor sufocando-me para foder. Sempre é quando minha mãe me menciona. Sobre como ela correu para Sanchez, fugindo de mim e do meu pai. Fodendo minha vida.

Eu não queria me apaixonar por ele. Fui a ele buscar ajuda. Para tirar River do clube. Mas quando vi Raul Sanchez, tudo mudou. Ele não me tratou como uma prostituta. Ele não me menosprezou como Shade faz todos os dias. Ele não me fez sentir indesejada — na verdade, foi exatamente o oposto.

Eu estava em seu escritório, pedindo ajuda. Estava tão nervosa. Sanchez sabia quem eu era. Ele me perguntou se eu era a Old Lady de Reaper. Eu disse a verdade. Que nunca fui mais do que uma prostituta para ele brincar, mantida como um animal de estimação. Disse a Sanchez que ele tinha meu filho. Meu filho. Eu disse a ele que queria sair do clube. E também queria meu filho. Eu o queria longe de Reaper e do clube, ponto final.

Sanchez ficou me encarando por um tempo. Entrei em pânico, imaginando se fiz a coisa errada. Se acabei de assinar minha sentença de morte. Mas então Raul sorriu e disse que ajudaria. Não sabia se isso era verdade. Mas estava desesperada e não tinha mais para onde me virar. Reaper tinha a polícia e o governo local em sua folha de pagamento. Minha única escolha era seu inimigo número um. Sanchez vai ajudar a salvar River. Vou salvar meu garotinho...

"Styx?" A voz de Ky me tira dos pensamentos. Corro a mão pelo rosto. Tenho que me equilibrar. Uma onda de raiva me domina. Nunca deveria ter começado a ler os diários malditos. Nunca pensei nada da minha mãe. Nada, exceto o fato de que ela era uma vagabunda que me deixou e correu. Agora, tudo que faço é pensar nela. Sobre como foi estuprada mais e mais por seu irmão retardado. Como meu velho a tratou. E como ela fugiu para me salvar. Não porque ela quis foder Sanchez como meu pai disse uma e outra vez. *Você é tão bom para mim quanto a puta de merda que sua mamãe era, garoto. Fodida buceta retardada.*

Ela me queria longe dele. Deste clube. Um pé de cabra atinge meu estômago quando penso em tudo. Porque ela era apenas uma criança. Uma adolescente quando me teve. Ainda jovem demais quando saiu e foi para Sanchez.

“Styx!” O cotovelo de Ky acerta minhas costelas e me faz virar a cabeça e agarrar seu pulso. Ele revira os olhos enquanto

afasta o braço. "Que porra está acontecendo com você?" Olho através da mesa para ver Chavez e Shadow saindo. Quando diabos eles saíram? "Eles se foram", Ky diz, lendo minha mente. Ele me olha de forma estranha. "Você dormiu?"

"Foda-se." Ky sorri.

Ele fica de pé. "Eu tenho que ir. Li tem uma consulta no hospital." Quando não me movo, ele pergunta: "Você vem?"

Vou levantar mas, em seguida, olho o restaurante vazio que comemos e balanço a cabeça. "Vai você."

Ky franze a testa. Desta vez não há um maldito sorriso em seu rosto. "O que está acontecendo? O que você não está me dizendo?"

"N-Nada."

"Não é seguro para você voltar sozinho."

Aponto o lugar onde Shadow estava sentado. "Você o ouviu, não há nenhum sinal de ataque ainda. Ou sequer que Quintana sabe que a temos."

"Sim, e ele também disse que ficar quieto não é bom."

"V-vá."

Ky hesita, mas então seu celular começa a vibrar no jeans. "Foda-se!" Ele o pega e olha a tela. "É Li. Tenho que ir. A cadela terá minhas bolas se eu chegar atrasado." Aceno a mão, dizendo a ele para dar o fora então. Ky segura o celular no ouvido e sai do restaurante: "Estou a caminho, querida."

Vejo meu VP montar sua Harley, antes de pegar um pouco de café. Pego o diário do bolso interno do colete. Ninguém vai me foder aqui. Os donos sabem que eu não falo. O lugar é uma cidade fantasma. Tenho que voltar para o clube. Mas preciso de um maldito minuto.

Abrindo o diário, continuo a ler.

Ele me arranjou uma casa. Raul me levou para o lugar que comprou para nós. É afastado. Longe do clube e de qualquer ameaça. Quando entrei pela porta, sorri. Porque nunca tive uma casa de verdade antes. Eu tinha um quarto no Hangman e cresci num trailer. Esta é uma verdadeira casa construída em madeira.

E havia um quarto para River também. River e quem está na minha barriga. Estou grávida de Raul e estou tão feliz. Raul já tem um filho, mas deixou sua Old lady e prometeu que faríamos nossa família funcionar de alguma forma. Eu pegaria River de volta e ele teria um irmão ou irmã.

Nós seríamos uma família.

E pela primeira vez, eu estou feliz.

Meu coração ameaça sair do maldito peito com o quão rápido está batendo. Ela teve outro filho? Ou pelo menos estava grávida de um?

Que porra é essa?

Não posso mais ficar sentado. Preciso da minha moto e da estrada. Foda-se a guerra e as ameaças, preciso pilotar, porra.

Jogando uma nota de vinte na mesa, saio do restaurante e monto na Harley. No minuto em que o motor liga, faço cascalho voar e pego a estrada. Fico nas rotas secundárias. Todo o tempo minha cabeça gira. Minha mãe teve outro filho? Eu tenho um irmão ou irmã que não conheço? E meu velho sabia? Ele sabia que ela teve um filho com Sanchez quando a matou? Chávez sabe?

PORRA!

Deixo o vento atingir meu rosto enquanto forço minha moto a ir mais rápido, rasgando o asfalto. O dia vira noite

enquanto continuo montando, o vento castigando meu rosto. Piloto tanto que minhas pernas ficam dormentes. Mas sigo em frente. Piloto até que eu não queira afundar meu punho numa parede pelo que acabo de ler. Preciso manter o controle. Mae verá através de mim imediatamente se eu aparecer furioso. Não vou dizer a ela que estou lendo os diários. Não quero que ninguém saiba que sou um fracote por dar uma merda para a mulher que me deixou. Ou talvez não queira... Eu não sei, porra. Minha cabeça está muito cheia; a guerra, as ameaças, Mae grávida e agora isso.

Minha mãe estava grávida de outro garoto.

Precisando voltar ao complexo, para Mae, viro e faço a viagem de duas horas para casa. No minuto em que passo pelo portão, aberto por Ash e Slash, AK vem correndo do clube. Estou preparado para entrar em ação por qualquer coisa errada.

"Onde diabos esteve?" AK pergunta. Vike, Rudge e Bull surgem correndo atrás. Meu corpo tensiona, esperando que alguém me diga o que está errado. "Você não atendeu ao celular." Coloco a mão no bolso e vejo que está descarregado. Mostro-o para que AK possa ver, assim ele não fode por aí me fazendo esperar. “É Mae. Ela está no hospital. Ela entrou em trabalho de parto enquanto estava fora. Todo mundo está tentando te encontrar."

Meu estômago revira.

Jogando o celular de volta no bolso, ligo a moto e saio da porra do complexo. Minhas mãos estão apertadas no guidom enquanto queimo o chão até o hospital. Não consigo tirar Mae da cabeça. Ela está sozinha porque não consegui tirar minha cabeça da bunda. Entro no hospital e vou até a recepção. Meus olhos percorrem as placas buscando uma pista de onde minha mulher está.

No clima em que estou, vou ferir alguém se não descobrir onde diabos tenho que ir.

"Styx!" Viro para ver Ky surgindo num corredor. "Ela está aqui." Faço uma careta, perguntando-me por que ele está aqui, então lembro que ele esteve aqui com Lilah esta manhã. Como se lesse minha mente, ele diz: "Nós estávamos saindo quando Beauty entrou com Mae." Ele me olha enquanto aperta o botão do elevador. Não quero entrar na porra do elevador, quero subir as escadas e chegar a Mae mais rápido. “Onde diabos esteve? Eu não pude te contatar. Mandei os irmãos te procurarem enquanto Li ficou com Mae e Beauty. Li está na minha bunda para te encontrar. Obrigado, filho da puta. Eu realmente gostei disso."

Levanto as mãos para assinar que não havia nenhuma maneira que eu pudesse falar. *"Eu estava andando."* Ky me olha estranho pela segunda vez hoje, mas não tenho tempo para a porra de perguntas. O elevador abre e entramos. Ky digita o número para o terceiro andar. Meus pés balançam de um lado para o outro, sangue correndo em minhas veias enquanto espero a porra da caixa de lata se mover.

"Ele está vindo, irmão", diz Ky sorrindo e me dando um tapa nas costas. "Seu maldito garoto!" Esfrego meu cabelo enquanto observo os números acenderem no caminho para o terceiro andar. Só preciso dar o fora daqui!

Quando as portas finalmente se abrem, atravesso os corredores e vou até a recepção. Abro a boca para falar, mas minha garganta defeituosa não funciona.

“River Nash. Sua esposa está em trabalho de parto." Ky diz por mim. Os olhos da mulher atrás da mesa se arregalam quando nos vê... quando ela *me* vê. Ela engole nervosamente e olha para o colega.

Sim, vadia, quero dizer isso. *Você tem o maldito prez do Hades Hangman aqui e se não me deixar entrar nessa porra e ver minha esposa, vou romper as fodidas portas e matar qualquer filho da puta que tentar me impedir de chegar a minha cadela.*

Ela deve ter visto a morte que meu olhar promete, porque clica em algo no computador e gagueja: "Você está na lista. Só tenho que ver um documento de identidade."

Coloco minha licença na mesa e ela verifica. "Quarto seis."

Ky vira e beija minha bochecha, piscando. “Dê o fora daqui. Vou esperar." Ele olha todas as pessoas que nos observam. A maioria vê nossos coletes. Sem dúvida pareço o próprio Hades na frente deles.

“Você pode entrar agora, Sr. Nash.” A recepcionista aponta as portas automáticas de segurança que estão abrindo. Batendo no ombro de Ky, corro pelas portas e procuro o quarto seis. É no final do corredor. Fico do lado de fora, as enfermeiras e os médicos me encarando. Sei o que estão vendo — um imenso Prez, de cabelos escuros e tatuado, capaz de matar em segundos. Eu *faço isso.* Felizmente para eles, apenas com pessoas que me irritam. Se entrarem no caminho, isso quer dizer pessoas como eles.

Um grito vem do final do corredor; reconheço a voz imediatamente. Corro o resto do corredor e entro. Beauty e Lilah estão de pé de cada lado de Mae, segurando suas mãos.

No minuto que Mae me vê, seu lábio treme, destruindo-me onde estou. "River..." Beauty se move. A mão de Mae é estendida para mim. Seguro-a e finalmente dou uma boa olhada nela. Seu cabelo preto está amarrado, fios molhados em volta do rosto. Seu rosto está vermelho e coberto de suor. Seus olhos estão cansados, mas ainda me encaram como se eu fosse um maldito deus. “River...", ela diz novamente, sua voz quebrando. "Você

está aqui." Ela sorri para mim e o olhar em seu rosto quebra a porra do meu coração.

A mão de Mae de repente aperta a minha com força. Ela grita de novo, arqueando as costas. Lilah dá a ela algo estranho para chupar. Os olhos de Mae fecham e uma enfermeira se aproxima para verificar as máquinas que estão ao seu redor.

"Não vai demorar muito", diz ela e dá a Mae um grande sorriso, como se minha esposa não estivesse dilacerada pela dor.

"Styx", diz Beauty atrás de mim. Estou perdido agora. Mal consigo tirar os olhos de Mae assim; segurando em mim enquanto ela está com dor. "Vamos esperar do lado de fora, na sala de espera, ok?"

Assinto. *Que diabos farei aqui?* Quando olho para Mae, Lilah está beijando-a na cabeça. "Você pode fazer isso, irmã." Lilah sorri. "Não vai demorar muito para termos um menino para amar e estragar, mamãe."

"Sim", Mae concorda e sorri novamente. Uma lágrima cai por sua bochecha quando Lilah deixa o quarto. Quando seus olhos de lobo viram para mim, eu quebro novamente. Ela deve ver. "Estou bem, Styx." Ela aperta minha mão novamente, mas tem a força de uma mosca. Sua mão treme. "Estou tão contente por você estar aqui. Preciso muito de você."

A enfermeira sai do quarto. Quero arrastá-la pela porra do cabelo e exigir que ela tire a porra da dor de Mae.

"Eu vou ficar bem, Styx."

Inclinando-me, pressiono os lábios nos dela. Mae, como sempre, apoia-se em mim. Minha testa toca a dela. "Eu te amo pra caralho."

Sinto Mae sorrir contra meus lábios, antes de outra contração a percorrer, forçando-a a afastar a cabeça e gritar. Em segundos, seu médico entra. Sua médica. Obvio como a porra que não paguei para um filho da puta homem ter as mãos na buceta da minha mulher.

A médica se move entre as pernas de Mae. As mãos de Mae apertam as minhas. Seus olhos fixos nos meus o tempo todo. Balanço com maldita raiva. Raiva que mesmo agora, Mae ainda não consegue aguentar ninguém além de mim tocando suas pernas — não que qualquer filho da puta ouse tentar. Mas ela não consegue nem olhar a médica. Por causa de todos os anos de abuso daqueles bastardos no culto. Forçando as pernas dela e a fodendo até sangrar.

Mantenho os olhos nela enquanto a médica move a cadeira para trás, levanta e diz: "Estamos prontos para você começar a empurrar."

Mae respira fundo e diz para mim: “River... estou assustada."

Meu peito quebra. Não posso suportar ver ela com dor. Vai matar-me vê-la assim. Mas me controlo. Inclinando-me, dizendo ao seu ouvido. “V-Você consegue, B-Babe. Estou aqui. Eu amo você e estou aqui. S-Sim?"

Mae suspira e sua mão afrouxa ao redor da minha. "Sim."

"Mae, na sua próxima contração, quero que empurre, ok?" Mae acena para a médica. E faz como lhe foi dito.

É brutal. É uma maldita tortura ver minha cadela passar por tanta dor. Mas ela não desmorona. Ela segura a porra da minha mão e empurra e empurra, até que a médica levanta a cabeça entre as pernas de Mae e diz: "Mais uma vez, empurre Mae e seu filho estará aqui."

"Charon", Mae sussurra e sorri para mim. Ela está exausta. Mas posso ver a excitação em seu rosto perfeito. Seus olhos de lobo encaram os meus. "O nome dele é Charon", diz ela para a médica.

"Então, vamos, empurre e Charon estará aqui."

"Você está bem, b-babe?" Digo no ouvido de Mae.

“Ele estará aqui em breve, Styx. Nosso filho... nosso garoto.” Um caroço do tamanho de Marte entope minha garganta. Eu a beijo, então Mae está empurrando. Minha cadela dá tudo o que tem em seu corpo minúsculo. Então sons de choro enchem a sala.

Minha cabeça vira para a médica e meu estômago revira quando ela coloca nosso bebê no peito de Mae. A mão de Mae escorrega da minha e toca nosso filho. Estou estupefato enquanto o olho. E Mae chora, segurando-o e olhando-o como se ele já fosse seu maldito mundo.

"Oh meu Deus..." Ela chora, lágrimas escorrendo pelo rosto. "Ele é perfeito, Styx." Ela me encara e sorri em meio as fodidas lágrimas. “Charon... nosso pequeno Charon."

Olho Mae e Charon e não consigo respirar. A cobra que sempre está enrolada na minha garganta aperta com força. Não serei capaz de falar. Mas não importa. Tenho minha mulher e agora tenho meu filho...

Eu tenho um filho, caralho.

"Styx", Mae sussurra e estende a mão. Coloco minha mão na dela e ela me puxa para baixo. Beijo seus lábios. “Olhe, River. Conheça Charon. Veja seu filho." Faço o que ela diz. Ele tem cabelos escuros. Não achava que crianças tivessem cabelo quando nascem. Mas Charon tem. Cabelo preto... assim como Mae. Meu peito aperta quando estudo seu rostinho. Mas então

ele abre os olhos, olhos azuis e estou perdido. Ele tem cabelos negros e olhos azuis.

Como a porra da Mae.

"Eles podem mudar", Mae diz, lendo minha maldita mente. Olho minha mulher. “Todos os bebês nascem com olhos azuis.” Mas não acho que vão. Os olhos de Mae são perfeitos pra caralho. Faz sentido que nosso filho também os tenha.

A médica leva Charon para longe e limpa-o. Enfermeiras cuidam de Mae. Mas não demora muito para que Charon volte aos seus braços. Tenho certeza que ninguém nunca pareceu tão bem segurando um bebê. Sento na beira da cama de Mae, o braço ao redor dela, tocando a bochecha do meu filho. Estou claramente cansado, porque neste momento tudo o que penso é em minha mãe. Ela deve ter sentido isto também. Meu velho não teria dado a mínima para mim. Duvido que o filho da puta esteve presente quando nasci.

Vejo Mae beijar a cabeça de Charon, lágrimas de felicidade rolando pelo rosto e meu coração quebra. Isso aqui... É tudo que sonhei. Desde que conheci a garota atrás da cerca com os olhos de lobo e voz estranha. É tudo que sempre quis. Tê-la como minha cadela e nossos filhos correndo ao redor do meu clube.

Minha mãe fugiu. Estar aqui agora com Mae e Charon me faz perceber o quão desesperada ela devia estar. Então, teve que voltar, sabendo que meu pai provavelmente a mataria.

"Eu o amo, River", sussurra Mae. “Já o amo muito. Não consigo parar de olhar o rosto dele... ele é um sonho tornado realidade."

Quando deito com Mae e Charon, penso na porra da guerra em que estamos. A guerra que se forma, preparada para explodir. E eu sei, agora mais do que antes – lutarei intensamente. Protegerei meu clube mais do que nunca. E se

algum filho da puta tentar tirá-los de mim, eu os matarei. Eu os cortarei e os farei sangrar até não restar mais sangue.

Nenhum filho da puta chegará à minha família. Nenhum.

Sorrio friamente quando penso em alguém sequer tentando.

Capítulo dez

Adelita

"Você vai ficar bem", garante Tanner e segura minha mão. Ele me puxa para ele na cama. Eu vou — sempre vou — subindo em seu colo e abraçando seu pescoço. Enquanto encaro seus olhos azuis, ainda não consigo entender que estamos aqui.

À noite, quando Tanner dorme, fico acordada de medo. O medo me domina rapidamente. Um peso sufocante se acumula no meu peito, uma dor persistente e maçante quando me permito sucumbir ao que mais me assusta — que tudo isso seja um sonho tolo. Agora, Tanner e eu estamos brincando de casinha. Trancados em seu quarto como se fossemos livres do nosso passado, livres das algemas que nos impediram de fugir quando nos apaixonamos pela primeira vez.

Olho o teto, o quarto está escuro devido a estar longe das luzes da cidade. Mas mesmo na escuridão, vejo o rosto do meu pai. Vejo o rosto de Diego. Vejo seus homens se mobilizando para me levar. Não tenho ideia se eles suspeitam dos Hangman. Mas o fato é que está quieto. Muito quieto, não me enche de esperança. Em vez disso, enche-me de tanto terror que toco Tanner sempre que posso. Cada beijo é dado como se fosse nosso último. Saboreio seus músculos sob minhas mãos. O cabelo dele em meus dedos. E amo a sensação — estar com quem amo.

Meu noivo.

Meu coração.

Inclinando-me, beijo Tanner, segurando-o com força. Tanner me beija de volta, depois ri contra meus lábios. Meu peito aquece quando seu timbre profundo vibra por mim. Se passarmos por essa confusão, será minha maior tarefa — fazer esse homem rir mais.

"Se continuar a roçar sua buceta contra mim assim, não iremos a lugar nenhum, princesa."

Suspirando, afasto-me e desço do colo de Tanner para me olhar no espelho. Olho para o jeans preto que uso e o top com o emblema dos Hangmen no centro. Beauty me trouxe mais roupas de sua loja. Toda vez que me olho no espelho, preciso respirar fundo.

Se meu pai me visse agora... se ele visse o emblema exposto com orgulho no meu peito...

Cerro os olhos quando penso naquele homem. O homem que amei tanto. Idolatrei. Adorei... tive essa ilusão quebrada através dos olhos assombrados e voz tímida de uma criança abusada em série.

"Você está pronta?" Tanner se move atrás de mim, suas mãos em meus ombros. Ele afasta meu cabelo do pescoço e beija minha pele nua. Suas mãos ásperas correm por meus braços, apenas para sua mão entrelaçar meus dedos. Não posso deixar de olhar nosso reflexo — Tanner em seu jeans escuro, botas, regata branca e corte moicano. E eu, sua mulher, combinando com ele na roupa, mas o completo oposto na aparência.

Aos meus olhos, nunca vi um casal mais compatível.

Tanner leva minha mão à boca e dá um beijo nas costas dela. "Vamos lá." Respiro profundamente, tentando acalmar meus nervos. O Presidente, Styx e sua esposa virão ao clube hoje

com o novo filho. Eles estão em casa já a alguns dias, mas os homens ainda não viram seu filho. Tanner me disse que haverá uma festa em homenagem a Charon. E fui autorizada a participar. Por muitos dias fiquei no quarto de Tanner com ele, sem poder sair. Não sei por que estão me deixando sair agora — talvez finalmente acreditem que não pretendo voltar para o meu pai. Ou talvez Styx esteja tão feliz como pai, que está sendo excessivamente tolerante. Não importa. O que importa é que sairei deste quarto; a bolha segura em que encontrei conforto, minha pequena bolha com Tanner.

Ao ver meu nervosismo, Tanner me vira do espelho para encará-lo. Ele gentilmente apoia a testa na minha. "Você vai ficar bem."

Dou um sorriso forçado. “Sou Adelita Quintana, claro que vou.” Embora o nome da minha família, de repente, não me encha de confiança.

Tanner não sorri de volta. Segurando minha mão esquerda, ele a segura entre nós, passando o polegar sobre o lugar que seu anel de noivado de algodão uma vez esteve. “Um dia, Lita... Um dia você não será uma Quintana.” Minha respiração para e um nó entope minha garganta pela emoção revelada na voz de Tanner. Seus olhos azuis encontram os meus. "Um dia, espero que em breve, você será uma Ayers." Ele exala como se fosse uma respiração que ele esteve prendendo por uma eternidade. "Um dia em breve, depois de todos esses anos separados, de lutar e trabalhar para fazer isso acontecer, você finalmente será *minha*."

Minha mão treme quando ele fala as palavras. É meu maior sonho também. Não ser rica. Fui rica a vida inteira e ainda me sentia sozinha. Meu maior desejo na vida é simples. É ele. Meu Tanner.

"Sim", declaro, como se ele tivesse pedido mais uma vez. Beijo o dedo onde usarei sua aliança de casamento. “Logo.” Fecho os olhos por alguns segundos e me permito imaginar esse momento. O momento em que direi 'sim'. O momento em que Tanner e eu trocaremos alianças e o padre nos declarará marido e mulher.

Adela Elizebetta Quintana Ayers.

Faço uma careta. Na minha cultura, mantemos o nome da família e também levamos o nome do marido. Mas o nome Quintana para mim está arruinado.

Adelita Ayers... Eu sorrio. Parece... *Certo.*

O medo que reside em mim desde que voltei para Tanner fica ainda mais apertado. Medo de perseguir qualquer outra emoção dominante. Mas o afasto, ignorando a sensação persistente de que isso não pode durar. Abraço o momento. E agora, depois de anos procurando um lugar seguro para estarmos, Tanner me apresenta aos amigos como sua Old lady.

Sei que isso significa o mundo para ele.

Segurando minha mão, Tanner nos leva do quarto que se tornou meu santuário em direção a um bar. O som vindo de dentro é ensurdecedor quando nos aproximamos. Se Tanner sente minha mão tremendo, ele é educado o suficiente para não me deixar saber. Respiro fundo quando Tanner abre a porta. O lugar está lotado. Sei que o clube e os ambientes exteriores estão cheios de homens de todos os estados do sul dos EUA. Mas vê-los reunidos num só lugar é mais do que esmagador.

Tanner estica o pescoço acima do mar de homens e depois acena para alguém por cima da multidão. Alguns dos homens olham para nós quando passamos, mas não tanto quanto eu temia. Relaxo um pouco quando eu estar na sala, segurando a mão de Tanner, não atrai tanta atenção quanto pensava.

Quando atravessamos a multidão, vejo Beauty sentada com outros rostos familiares. O homem ao lado dela fica de pé, assim como Beauty e Tank. Beauty sorri amplamente para mim. "Ei, querida!", ela diz, e dá a volta na mesa. Congelo quando Beauty joga seus braços ao meu redor. Rapidamente olho Tanner, que soltou minha mão. O canto de seu lábio está curvado para cima em humor.

Quando Beauty me solta, digo: "Oi, de novo."

Beauty coloca a mão no ombro de Tank. “Agora que as coisas não são tão fodidas, Adelita, este é Tank. Meu homem e melhor amigo de Tanner."

Tank me dá um sorriso tenso, então estende a mão. Aperto-a e digo: “Obrigada por ser um bom amigo para Tanner.”

Tank parece surpreso pelas palavras. Como se ele não soubesse que Tanner fala tão bem dele. Ou que tivesse falado dele para mim. "Anda falando de mim, irmão?"

Tanner dá de ombros, depois olha os outros homens. "Este é AK." AK se levanta e aperto sua mão. Lembro dele do passeio de caminhonete para o clube, quando fui tirada do celeiro. "Estes são Bull, Ky, Cowboy, Hush, Smiler e Rudge." Aperto a mão de todos os homens.

Um homem alto de cabelos ruivos se levanta da cadeira e sorri largamente. Ele vem direto para mim, dizendo: "Foda-se o aperto de mãos." Ele me abraça. "Preciso mostrar a nossa princesa cartel algum amor Viking." Assim que ele me aperta contra o peito, é puxado para longe.

Tanner o empurra até que ele cai em seu assento. "Não a toque", avisa Tanner.

O homem ruivo apenas sorri e casualmente coloca as mãos na parte de trás da cabeça. “O que está errado, Príncipe Branco? Preocupado que sua princesa prefira a anaconda ao seu verme?" Franzo a testa, sem entender o que eles estão falando. O ruivo encolhe os ombros. “Não posso impedir se as cadelas me amam. Sou irresistível para uma buceta."

“Bucetas cheias de clamídia”, o homem loiro — Ky — diz.

O ruivo abre os braços. “VP, sou tão liberal quanto veem. Não discrimino nenhuma buceta que venha acariciar a anaconda. Preta, branca, marrom, todas são bem-vindas." Ele volta sua atenção para mim e lambe os lábios sugestivamente. "Embora devo dizer, tenho uma verdadeira queda pelo gosto da latina."

Tanner suspira e diz: "Lita. Esse idiota que nunca cala a estúpida boca é Viking.”

Ele se curva dramaticamente. "Ao seu serviço, minha senhora."

Levanto a mão num aceno já que não tenho certeza de como deveria cumprimentá-lo. De repente, o homem alto de cabelos escuros — AK, lembro do que ele foi chamado — e Viking ficam em pé. "E ele ressuscitou!" Viking grita quando um homem com olhos negros, piercing e tatuagens por todo o corpo vem em nossa direção. Uma linda mulher caminha ao lado dele. Eles estão de mãos dadas. Ela se parece distintamente como a esposa de Styx.

AK fica na frente do homem. Ele não o toca, simplesmente diz: "Você está bem agora?"

"Sim." O homem diz, então olha para mim. Seus olhos negros me incomodam.

AK deve ter visto. “Esta é Adelita. A cadela de Tanner."

Flame não aperta minha mão quando a estendo. A mulher com ele se adianta e a segura. "Prazer em conhecê-la." Sorrio para a mulher. Ela é pequena, com enormes olhos verdes. “Sou Maddie. Este é Flame, meu marido." Noto que ela tem o mesmo sotaque estranho de algumas das mulheres que conheci no primeiro dia aqui.

"É um prazer te conhecer."

"Onde está Ash?" Flame pergunta a AK.

AK dá de ombros. “Com Zane e Slash no complexo em algum lugar. Fazendo algo para Sawyer." Os olhos de Flame estreitam. Ele parece tão tenso, tão zangado.

Maddie pega a mão de Flame e ele instantaneamente relaxa. Ela ajuda o marido a sentar. Ele está com o corpo ferido, mas isso não o impede de puxá-la para seu colo. Por mais estranhos que pareçam juntos, é óbvio pela maneira como suas mãos entrelaçam e seus corpos se apoiam um no outro que são loucamente apaixonados.

"Lita!" Beauty pergunta usando a versão abreviada do meu nome que Tanner inventou. "Qual o seu veneno?"

Faço uma careta. "Beba, princesa." Tanner me puxa para sentar na cadeira ao lado dele. "O que quer?" Olho o uísque e cerveja nas mesas.

"Vinho, certo?" Beauty pergunta, vendo claramente meu nariz franzir em desgosto.

"Sim", digo. "Vinho é perfeito."

Beauty desaparece na massa de pessoas em direção ao bar. Levo um momento para olhar em volta. É uma loucura eu estar aqui. Na cova do leão. A mão de Tanner aperta minha coxa. Olho-o e sorrio, segurando sua mão. Beauty volta com uma

taça de vinho tinto e coloca diante de mim. “Parece um merlot. Estou certa?"

"Você está correta." Beauty pisca e senta ao lado de Tank.

"Então?" Tank diz, falando comigo. “Você é aquela que finalmente fisgou meu amigo, huh? A filha de Quintana?" Tank conhece Tanner há anos. Ele conhecia o homem que quando conheci era tudo, menos gentil comigo.

"Eu sou", digo e viro para Tanner, sorrindo. "Por enquanto"

"Ele era um filho da puta no começo, né?" Viking se inclina sobre as outras pessoas para ouvir nossa conversa. Tanner revira os olhos.

"Ele era, digamos, *desagradável.*"

O homem inglês ao lado de viking aponta para Tanner. “Isso significa que você era um idiota total, companheiro. Sua cadela acabou de admitir."

"Eu era." Os amigos de Tanner riem, mas eu não. Eles não sabem a vida que ele teve. Eles não sabem que ele foi abusado pelo pai, espancado até que ele se tornou o homem que era — preenchido com nada além de ódio. Eles não sabem como ele era sozinho... ou como ele é gentil por baixo de tudo.

"Não mais", digo alto o suficiente para todos ouvirem e passo a mão sobre seu braço. Beauty vê o gesto e apoia a cabeça no ombro de Tank.

"Gosto de te ver assim, Tann", diz ela.

Uma comoção na frente da sala nos faz virar a cabeça. Não consigo ver além da multidão, mas ouço os aplausos. Vários minutos passam antes de eu ver Styx entrando com sua esposa. E nos braços de Mae está um pequeno bebê embalado

em seu peito. Ela parece cansada, mas o sorriso em seu rosto me faz pensar que ela é a mulher mais feliz do mundo.

Beauty levanta e corre em direção a Mae. Os homens levantam e parabenizam Styx. Tanner aperta sua mão. Os olhos de Styx caem em mim. Tanner paira perto, mas quando Styx assente e senta ao lado de Ky, os ombros de Tanner visivelmente relaxam.

Mae vem sentar ao lado do marido, quando o bebê começa a chorar. Ela dá um sorriso cansado. "Styx, preciso alimentá-lo."

Viking, que se sentou novamente, levanta. "Mae, como um homem liberal, deixe-me ser o primeiro a dizer que não tenho nenhum problema com amamentação pública."

AK puxa Viking sentado. Styx olha o homem com tanta severidade que fico surpresa que ele não se transforma em cinzas no local. Não posso deixar de esconder a diversão quando Viking me vê assistindo e pisca. *Quem diabos é esse homem?*

“Vamos, querida. O resto das senhoras estão esperando no quarto dos fundos de qualquer maneira. Maddie?” Beauty diz, então vira para mim. "Você vem, Lita?"

Meu coração começa a acelerar quando lembro daquele quarto. Lembro das mulheres que estavam lá... e o que me disseram.

"Eu vou ficar..." Digo baixinho. "Não tenho certeza se serei bem-vinda lá dentro." Não consigo parar de pensar em Saffie. A última coisa que ela gostaria é que a filha do seu agressor sentasse ao seu lado. O sorriso de Beauty cai. Maddie fica ao lado de Mae.

Mas então Mae se adianta. “Você é bem-vinda, Adelita. Eu prometo."

Tanner aperta minha mão. Quando olho seu rosto, ele assente. Ele se inclina mais perto, então sussurra em meu ouvido. "Vá. Mae é a Old lady de Styx. Se ela diz que vai ficar bem. Você irá. E Beauty estará lá. Ela terá suas costas." Ele beija meus lábios. "Vá conhecer as outras Old ladys, baby." *Outras Old ladys...* Gosto do som disso.

"Ok", concordo e fico de pé. A mão de Tanner solta a minha e ele me entrega o vinho.

"Coragem líquida", ele diz, só para eu ouvir.

Andando até Mae, olho seu filho. Ele tem cabelos escuros e grossos. Mesmo chorando, ele é lindo. *"Que bendicion",* digo, e acaricio seu cabelo. "Que bênção", traduzo.

"Obrigada."

Sentindo alguém me observar, viro para ver o olhar de Tanner fixo em mim. Ele tem uma expressão estranha. Meu estômago revira quando percebo que ele olha para mim com um bebê. Meu coração perde uma batida quando me imagino desse jeito, sendo recebida por amigos depois de trazer nosso bebê ao mundo. *Nosso* bebê. A prova viva de que conseguimos. Que desafiamos as probabilidades e escapamos de nossas vidas antigas. Casados, com uma família.

Meu coração fica tão cheio que mal consigo contê-lo. Mas então o medo rapidamente afasta o sonho da minha cabeça. Estou me adiantando. Estou sonhando cedo demais.

Mas é um sonho tão lindo para se aspirar.

O braço de Beauty envolve o meu e caminhamos para fora do bar, seguindo Maddie e Mae pelo corredor. Maddie anda tão perto de Mae que sei que devem ser parentes. Elas têm um longo cabelo preto combinando. E Maddie claramente conheceu

Charon antes. Ela segura a mãozinha dele até o quarto em que as outras mulheres estão.

Respiro fundo quando nos aproximamos da porta. Beauty deve ter percebido que estou nervosa. Ela me segura e deixa Maddie e Mae entrarem primeiro. Ouço as outras mulheres falando palavras de excitação.

Beauty fica diante de mim. "Tanner contou-lhe muito sobre a maioria das mulheres naquela sala?"

"Algumas."

“Ele disse a você que Mae, Li, Grace, Madds, Bella, Phebe e Saffie são garotas de culto? Tipo, uma merda de culto religioso maluco que abusou delas por anos até que os Hades matassem os idiotas?"

Tanner me contou. E ele me contou como seu pai foi responsável por financiar o culto entre outros acordos obscuros. Ele não sabia. Foi outro acordo feito pelo pai sem que Tanner estivesse envolvido.

"Eu conheço algumas."

Beauty assente. "Sia é a irmã de Ky e ela está com Cowboy e Hush." Tanner me disse isso também. "Letti é uma das minhas melhores amigas, mas a puta é uma porra psicopata e gosta de matar tanto quanto os homens naquele bar." Engulo, meus nervos piores do que nunca. "Meu ponto, querida, é que ninguém vai te julgar por ter um verme como pai." Embora suas palavras sejam para oferecer conforto, são verdadeiras balas em meu coração. Porque ela está certa. Meu pai... ele é um estuprador. "Garota, coloque a calcinha de princesa do cartel e venha fazer novas amigas. Nenhuma de nós é normal nesse clube; pense em nós como uma família estranha e disfuncional.”

Rindo, deixo Beauty me levar para o quarto. No minuto em que ela fecha a porta, todos os olhos estão em nós. Beauty não deixa o silêncio reinar por muito tempo. "Vocês se lembram de Adelita?"

Mae sorri para mim enquanto alimenta Charon no sofá. As outras mulheres assentem. A maioria sorri e acena. Mas meus olhos encontram a pequena ruiva que assombrou meus sonhos nos últimos dias. Seus olhos estão em mim enquanto ela se inclina para o lado de sua mãe. "Olá", digo ao grupo.

Beauty pega minha mão. "Deixe-me apresentá-la corretamente desta vez." Ela me leva ao redor da sala e aperto a mão de cada uma. E como Beauty diz, cada uma é gentil e graciosa. Quando sento, estou ao lado de Sia.

"Ei, você é uma pirralha do mundo do crime também!" Ela ri da minha reação atordoada. “Sou irmã de Ky, então sei o que é ter um parente nesta vida. Embora ele não tenha muito a ver comigo. Idiota."

"Sim", digo, "Também sou uma pirralha do mundo do crime."

Sia bate o copo no meu. Quando o vinho enche meu estômago, sinto-me relaxar.

"Diga-nos, Mae", pergunta Beauty, "o parto doeu como uma cadela?"

Mae ri. "Sim."

Quando Lilah solta um pequeno som aterrorizado, Beauty faz uma careta. "Desculpe, Li." Lilah sorri nervosamente e esfrega o abdômen redondo.

"Mas vale a pena", diz Mae, assim que Charon para de se alimentar e adormece em seus braços. Inveja invade meu peito enquanto observo Mae com seu filho.

A conversa continua ao meu redor. Saffie se levanta para ir ao banheiro anexo. Vendo Phebe ir até a cozinha na sala para pegar uma bebida, levanto-me e vou até onde ela estava. "Adelita?", diz Phebe.

"Eu sinto muito", sussurro, a devastação no meu coração aparente em minha voz. Balanço a cabeça, lutando contra as lágrimas envergonhadas que ameaçam cair. “Eu não sabia. Não sabia o que ele fazia. Se soubesse, eu o teria parado... de alguma forma... eu teria feito... ela estaria segura, eu..."

A mão de Phebe aperta a minha. Seu toque para minhas palavras. Olho a mão dela na minha. Sua pele pálida e unhas levemente pintadas. Quando olho em seus olhos, vejo simpatia em seu olhar... e percebo que é simpatia por mim. "Meu pai me tocou quando criança." Phebe olha através da sala para Lilah. Um tipo trágico de sorriso aparece em seus lábios. “Lilah é minha irmã. Sabia disso?” Balanço a cabeça. Tanner me contou. “Ele também a machucou. Mandou-a embora para os braços de monstros — demônios disfarçados de homens santos.” Phebe solta a caneca que segura e aperta minhas duas mãos. "Nós não somos nossos pais, Adelita." Sinto meu coração quebrar. “Nenhuma de nós é nossa família, amigos ou torturadores. Nós somos pessoas diferentes deles e fazemos nossas escolhas.” Phebe segura minha bochecha. "Você não é Alfonso Quintana, da mesma forma que eu não sou meu pai."

Meu lábio inferior treme. "Obrigada." Sussurro, minha voz ficando rouca. Phebe me dá um pequeno sorriso.

"Chá", ela pergunta enquanto a chaleira ferve.

"Por favor."

Vejo Phebe se ocupar com o chá, quando ela diz: “Ela é mais forte do que as pessoas acreditam.” Fico tensa, e Phebe olha por cima do ombro para mim. “Minha Safira. Minha garota."

Não vejo nada além de força e crença nos olhos de Phebe. “Ela está além do silêncio e, no momento, prefere uma vida sem acontecimentos. Mas é forte e resiliente." Os olhos de Phebe ficam embaçados, mas ela mantém a voz firme. “Um dia minha garota vai brilhar e sair da prisão do seu passado. Ela é especial. Sei disso no meu coração. Ela está destinada a algo especial. Pode ser tão simples quanto amar com sua alma inteira. Ou outra coisa. Mas seja o que for, estarei assistindo e sorrindo... e ficarei orgulhosa."

Aperto a mão de Phebe. "Você é uma boa mãe, Phebe."

Phebe solta uma respiração que não sabia que ela prendia. "Eu apenas aprecio o fato de ter permissão para ser mãe dela agora." Minha confusão deve ter aparecido no rosto. “Houve um tempo em que não me permitiram estar perto dela. E foram os dias mais negros da minha vida.” Meu choque é evidente. Phebe solta minha mão e serve o chá. Ela me entrega uma xícara. “Eu costumava evitar pensar naqueles dias, Adelita. Eu costumava sentir vergonha pelas coisas que fiz, a vida que vivi.” Os olhos de Phebe encontram os de Saffie quando ela sai do banheiro imediatamente procurando por sua mãe. Saffie vai e senta ao lado de Lilah, mas primeiro me oferece um sorriso hesitante. Sorrio de volta, sentindo seu perdão no fundo do meu coração. Quando Phebe me encara novamente, é para dizer: “Aprendi a abraçar a escuridão, Adelita. Não podemos fugir, cada um de nós passa por dias terríveis. Como fomos criados, as pessoas boas ou más que nos deram a vida... se esses dias estiverem envoltos em trevas, abrace-os e permita que tenham um lugar em sua alma. Eles são parte de quem você é tanto quanto os dias mais leves e inspiradores.” Phebe pressiona a mão no meu ombro. “Somos todos parte anjo e parte diabo. Mas uma vez que estamos cientes desse fato, então cabe a nós viver a partir de então." Olho para Saffie. “Você agora conhece o

homem que seu pai é. Tudo a partir de agora, considerando onde ele se encaixa em sua vida, é *sua* escolha."

Phebe caminha até Saffie e lhe entrega o chá. Não consigo tirar os olhos delas enquanto Saffie sorri para sua mãe e Phebe beija sua cabeça. Tomando meu chá, sento ao lado de Beauty.

"O que está achando da vida aqui no Hangman?" Meus olhos encontram os de Mae. Ela fala comigo. Todas as outras mulheres interrompem suas conversas para ouvir a resposta.

Agarrando o chá no meu colo, digo: "Eu não tive permissão para sair do quarto de Tanner até hoje." Faço uma pausa, preocupando-me por ter dito a coisa errada. Não estou reclamando, simplesmente afirmando um fato. "Eu entendo porque", acrescento apenas no caso. Mae não parece ofendida. Foi seu marido quem deu a ordem. Compreensivelmente. "Mas apenas pelo que vi hoje..." olho para as mulheres. Sinto o nível de sua ligação. "Acho que vou adorar."

"É diferente de onde foi criada?" Sia pergunta.

"Muito." Respiro fundo. Sinto que devo compartilhar algo sobre mim. Não, eu *preciso*. Elas foram abertas comigo. "Fui protegida toda a vida. Não tive mãe e meu pai, embora me amasse e me estragasse, era distante e frio. Eu tinha duas melhores amigas, amigas da família." Faço uma pausa, a dor de perder Teresa ainda em carne viva. "Uma delas foi morta por um cartel rival." De repente, sinto uma profunda tristeza. "Eu tinha Charley da Califórnia. Mas suas visitas não eram frequentes." Dou de ombros. "Eu acho que era... solitária. Estava sendo forçada a me casar com um homem que não amava, enquanto minha alma gêmea era um homem rival e completamente inaceitável para o meu pai." Sorrio do absurdo da nossa situação. "E Tanner teria sido morto por seu povo por se

apaixonar por uma mexicana — uma mulher que eles acreditavam estar abaixo em todos os sentidos."

"Sempre houve uma tristeza em Tanner." Lilah, a esposa de Ky diz. Ela não falou muito comigo até agora. Suas mãos pousam no abdômen redondo. "Eu o conheci quando fui resgatada do culto ao qual fazíamos parte." Ela gesticula para suas irmãs e Saffie. "Foi Tanner quem conseguiu a informação para Ky me ajudar. Ele traiu seu próprio povo, arriscou a vida, para salvar a minha." Meu coração expande no peito. Sabia que ele era um bom homem, mas ouvir como ajudou Lilah me deixa tão cheia de amor que mal posso conter. "Ele arriscou a vida para me ajudar... Por você, Adelita. Foi sua taxa de entrada no clube. Para estar no Hangman. Um clube que poderia finalmente ajudá-lo a chegar até você."

"Eu vejo agora", sussurro, mal conseguindo falar.

"O cara é diferente agora, desde que você chegou", diz Beauty. "Ele está mais conosco. É o melhor amigo de Tank e tudo. No entanto, desde que você voltou à vida dele, ele está vivo. Não tenho certeza se alguma vez vi seus olhos mostrarem vida até que o vi te olhando."

"Obrigada." Rapidamente limpo uma lágrima que cai. "Ele teve uma vida difícil. As pessoas não pensam ou sabem disso. Eles veem de onde ele veio, o que costumava fazer — as coisas ruins e desprezíveis. Mas não veem por que ele fez isso ou como foi preparado desde criança e forçado a entrar nesse estilo de vida. As pessoas só veem raiva e as terríveis tatuagens nazistas. Eles ouvem seu nome e o descrevem como mal e indigno de amor. Mas ele não é. Ele vale todas as estrelas no céu."

"Ele vale a pena." Levanto a cabeça para ver Maddie me olhando. A mesma Maddie que entrou no bar, de mãos dadas com Flame. Um homem que eu não soube ler. Maddie ergue o

queixo quase em desafio. “Ele está abatido, mas não quebrado. E é você — *só você* — quem pode levantá-lo. Levante-o ao nível de valor que ele deve entender que merece. É você, Adelita. Você é a mulher certa para o Tanner e ele é o homem certo para você. Vocês são a luz no escuro um do outro."

Não sei o que dizer sobre isso... para essas palavras. Palavras que falam diretamente à minha alma.

"Acha que seu pai virá ao clube?" Letti, a melhor amiga de Beauty, pergunta. Seu corpo está tenso e a voz é séria.

Sinto a tensão aumentar. "Sim", respondo honestamente. “Se meu pai souber que estou aqui. Se for confirmado que os Hades me levaram, ele virá." Olho Saffie e sinto uma onda de raiva agitar meu estômago. "Mas não vou deixa-lo machucar ninguém." Estou determinada e firme nesta promessa. "Com tudo que sou, não vou deixar que ele destrua nenhum de vocês para chegar até mim." Os ombros de Saffie relaxam e ela me dá um sorriso orgulhoso. Isso só me deixa mais determinada. Não sei como mantê-lo longe, mas eu farei.

De alguma forma.

"Oh merda, senhoras, esqueci de contar", diz Beauty, rindo. "Um otário entrou na loja outro dia..."

Um estrondo vem da direção do bar e um rugido ensurdecedor sai da garganta de alguém. A temperatura na sala despenca quando as vozes começam a subir e sons abafados de mesas e cadeiras soam pelo corredor.

"Não!" Alguém grita. "NÃO PORRA!"

"Flame!" Maddie sussurra, seu rosto ficando pálido. Em segundos ela está de pé e correndo para fora do quarto.

Beauty levanta e vira para Letti. "Cuide de Mae e das mulheres." Meu coração começa a martelar quando a cacofonia

de gritos angustiados aumenta. Beauty está obviamente preocupada que alguém — um inimigo — tenha entrado. Sei que devo ficar com Letti. Mas tudo em que consigo pensar é Tanner. Tanner no bar.

Corro também.

"Adelita!" A voz de Phebe diz meu nome, mas o medo que pesa no meu peito, que aumenta mais e mais a cada hora, faz meus pés entrarem em ação e correrem em direção ao bar. Estou tão decidida a chegar a Tanner, que não teria notado o rastro de sangue no chão se meu pé não escorregasse na umidade. Meu pulso é um tambor enquanto troveja no pescoço.

Sigo o rastro de sangue através da porta do bar, para um homem deitado no chão. Seus braços e pernas foram cortados com facas. Ele sangra em todos os lugares. O homem que me drogou, o homem de cabelo preto e branco está examinando-o. Mas quando ele olha para Styx, balança a cabeça. Meu coração afunda quando entendo o que ele está dizendo — o homem está morrendo.

A voz que escutei gritando surge novamente. Olho para a parte de trás do bar, para ver Flame andando de um lado para o outro, mãos batendo na cabeça e com uma expressão de pura raiva. Maddie está andando ao lado dele, sussurrando coisas para acalmá-lo. Mas posso ver pelos olhos arregalados e seu rosto pálido que algo está errado. Algo está *muito* errado.

Tanner aparece de repente ao meu lado, os braços envolvendo minha cintura. No nevoeiro da cena, não o vi. Por um instante sinto alívio em seus braços. Até ver as costas do moribundo. Para mim e Tanner, sempre é alguém das nossas famílias que inflige feridas. Não tenho certeza se Tanner veio me consolar, ou se para buscar conforto. Porque não importa quão inocente possa ser dos erros cometidos por sua família, a culpa,

dor e a humilhação são uma constante luz ofuscante quando se encontra cara a cara com ela.

Minhas mãos encontram as de Tanner. Elas tremem e eu tento respirar. Luto para passar pela visão tremula da respiração lenta do homem ferido, sua marca de morte. E a observo com um nó na garganta até que seu corpo fica imóvel.

"Shark", Tanner sussurra no meu ouvido. "Capítulo do México."

"Onde ele está?" O rugido alto de Flame me faz pular. Ele se vira para Styx. “Ele disse que estava com ele. Não foi? Shark disse que Ash estava com ele!" Se achava que a dor no meu peito era tão debilitante quanto possível, eu estava errada.

AK e o tranquilo Hades — Smiler? — vem correndo pela porta e encaram o homem do outro lado da sala, de pé perto do bar. O homem começa a recuar, os olhos arregalados e braços estendidos. "Seu filho da puta!" AK grita e corre em direção a ele. AK o soca. Smiler é o próximo e Flame, sem qualquer explicação, faz o mesmo. Meus olhos lutam para acompanhar a carnificina.

Ky, o inglês e Viking ficam entre eles, mantendo os três homens afastados. Seu rosto está sangrando.

"O que diabos está acontecendo?" Ky grita. "É melhor alguém começar a falar agora ou vou atirar em suas cabeças estúpidas!"

“Esse idiota os mandou irem ao Shark. Ele ordenou que Ash, Zane e Slash deixassem o complexo na caminhonete para ir buscar comida porque estávamos com pouca. O imbecil mandou as crianças buscarem comida, porque o filho da puta estava com fome!"

Ky gira nos calcanhares e corre em direção ao homem. Ele o agarra pelo colarinho. “Você, Hick? Mandou alvos em potencial quando todos tinham ordens de que ficassem na porra do complexo?"

Hick, como Ky o chamou, abre a boca algumas vezes antes de falar. “Eu mandei levarem comida para Shark. Os prospectos são próximos, então disse a eles para irem também."

"Eles não teriam ido sem uma ordem de Styx ou Ky", diz AK, Viking ainda o segurando.

Hick congela, empalidecendo. "Você disse a eles que Styx ordenou, não é, babaca?" Ky resmunga. Os braços de Tanner seguram os meus com mais força. Não entendo o que está acontecendo. "Você disse que era uma ordem do Prez deles?"

Ky chuta os pés de Hick e ele cai de joelhos. Ky pega a arma e segura-a na cabeça dele.

“Ky! Espere, porra!" Um homem mais velho corre para o seu lado.

“Wrox, não dou a mínima se é seu Prez. O filho da puta mentiu para um monte de crianças. Você conhece as regras do caralho. Nenhum prospecto sai em guerra. Eles ficam no complexo, protegidos. Eles são filhos de merda. Eles são filhos da puta! Nossos! E agora sumiram por causa desse idiota!"

Meu coração despenca. Sumiram? Crianças estão desaparecidas?

"Ky, deixe-me cuidar disso", Wrox tenta argumentar.

De repente, um assobio alto corta a sala e Styx anda até Ky, Hick e Wrox. A sala fica em silêncio enquanto ele levanta as mãos e gesticula algo.

"O quê?" Wrox diz, claramente sem saber a linguagem de sinais. Não tenho ideia do que ele disse também.

“Leve-o para o galpão, lá atrás. Amarre o filho da puta na cadeira e deixe-o. Decidirei o que fazer mais tarde."

Ky se afasta de Hick. Styx aponta para o marido de Letti. Ele tira o homem da sala. Styx gesticula novamente. "Edge? Ouviu o que Shark disse antes de morrer?" Ky fala por Styx.

O homem com cabelos estranhos assente. “Disse que foram emboscados e levados para um depósito em algum lugar. Disse que foi espancado e interrogado." Edge faz uma pausa, depois diz: "As crianças também foram levadas. Todos os três." Meu estômago cai no chão quando Flame grita e começa a destruir a mobília do bar.

"Flame!" A voz de Maddie soa ao redor da sala e seu marido para. Seu rosto que parecia inexpressivo quando o conheci, agora está quebrado e ferido.

"Ash...” Ele murmura. "Ash..."

"Eu sei", ela o acalma e lentamente o abraça. "Nós vamos trazê-lo de volta." Mas quando seus olhos encontram os meus brevemente, acho que ela não parece tão confiante quanto ela soa.

"Temos que recuperá-los", declara Smiler e fica ao lado de AK. “Eles são nosso filhos, porra. Não estão destinados a essa merda ainda."

“Aqui.” Nossa atenção volta para Edge enquanto ele segura algo no ar. "Estava nos bolsos do Shark." Ele segura um pen drive.

"Volto logo, querida." Tanner me solta e sai correndo da sala. Em segundos, Tanner volta com um laptop. Ele pega o USB de Edge e a tela acende.

Perco todo o sangue do rosto quando o rosto de Diego enche a tela. Um grito sai da minha boca. Tanner me encara. Ele deve ter visto que estou desmoronando, porque vem até mim e me abraça.

"Você tem algo meu", diz Diego. "Então peguei algo seu." A tela muda para três jovens. A câmera não está perfeitamente clara, mas mostra os meninos amarrados a cadeiras, seus rostos e corpos espancados e salpicados de sangue. Miguel, um dos homens de Diego, segura os rostos de cada um deles pelos cabelos para mostrar a câmera quem são. Um por um, AK, Smiler e Flame fazem sons de raiva. Eles balançam e parecem prontos para encontrar Diego e matá-lo da maneira mais dolorosa possível.

"Você tem minha noiva, Adelita, e a quero de volta." Sinto que minhas pernas podem ceder se Tanner não estivesse me segurando. Mas fico em pé. Eu preciso. Tenho que enfrentar isso. Tenho que enfrentar Diego e suas ameaças. “Em três dias, vamos nos encontrar na velha cidade abandonada perto de onde mora. Fui informado de forma confiável por nossos associados que moram perto de vocês que a conhecem bem." A respiração de Tanner muda. A Klan. A Klan o informou sobre esse lugar. “Lá, nós faremos a troca. Adelita pelos três jovens." Nesse segundo, a bolha estoura. A bolha em que vivi com Tanner nos últimos dias estoura e a realidade de nossa frágil posição é cruelmente exposta.

Voltarei ao México.

Tanner me segura com mais força, como se pudesse me sentir escorregando do seu alcance. Como se pudesse sentir, que isso, nós, assim, chegamos ao fim. É a conclusão inevitável.

"Às três horas em três dias." Diego se afasta e Miguel coloca uma arma em uma das cabeças dos prospectos. Sei que deve ser o sobrinho de AK pelo jeito que ele de repente chuta uma cadeira do outro lado da sala. “Se Adelita se machucar, um de meus hospedes em potencial pagará o preço.” Diego olha a câmera e minha pele arrepia. É como se ele pudesse me ver através da lente. Calafrios dominam meu corpo. "Até então...” A tela fica em branco; a sala cheia de antecipação silenciosa.

Meus olhos caem para o chão. Quando levantam, todos me olham e respiro fundo, odiando o que estou prestes a dizer... mas tem que ser dito. "Eu vou."

"Não", Tanner diz atrás de mim. A dor em sua voz, o apelo, me faz fechar os olhos e lutar contra a devastação que corre tão densamente em minhas veias. Quando abro os olhos, encaro Styx. "Eu conheço Diego." Olho Flame, AK e Smiler. “Ele é um homem de palavra. Ele prometeu prejudicar os meninos se eu não for devolvida. E ele vai." Seguro a mão de Tanner com mais força. Acho difícil solta-la. “Nós faremos a troca. Eu irei com o Diego. Vocês terão seus prospectos e familiares de volta."

"Não!" Tanner grita e me gira. Não o encaro nos olhos. Eu não posso. Mas Tanner coloca a mão debaixo do meu queixo e me obriga a encará-lo.

"Eu tenho que ir", sussurro antes que ele possa falar. A dor destruidora que seguro em meu coração ao pensar em ser arrancada de Tanner, reflete em seus olhos azuis claros. Ele balança a cabeça, prestes a protestar, mas coloco a mão em sua bochecha. "Não posso deixá-los morrer." Engulo o nó na garganta. Balanço a cabeça, um acordo silencioso comigo mesma de que esta é a coisa certa a fazer. Com as mãos nas bochechas de Tanner, puxo sua boca para a minha e beijo seus lábios. “Tem que ser assim, *mi amor*. Não posso deixá-los morrer... eu nunca seria capaz de viver comigo mesma."

"Você não vai, porra." Tanner olha Styx e Ky, então todos os irmãos observando. “Não vou deixar esse filho da puta recuperá-la. Precisamos pensar em algo. Um plano ou outra merda. Porque não vou deixa-la. Vou morrer nessa cidade fantasma antes de deixá-la voltar ao México."

Meu coração parte e incha quando as palavras saem de seus lábios. Mas sei que é vão. Não há planos para serem feitos. Isso tem que acontecer. Eu tenho que ir.

"Eles têm Ash!" Flame grita para Tanner.

Tanner treme de raiva. Ele ri, mas há humor em seu tom. Ele olha os irmãos. "Ela é a porra da minha Old Lady!" Tanner aponta para Styx, Ky, AK, depois os homens de Sia. “Vocês não deixariam suas cadelas irem. Mae, Lilah, Phebe ou Sia.” Ele vira para Flame. “E trarei seu irmão. Sou seu irmão Hangman e farei qualquer coisa para recuperá-lo, mas não deixarei Adelita ir."

“Tanner..." Tento dizer, mas ele balança a cabeça, afastando-se.

"Você foi ao culto pegar Mae, destruindo o maldito lugar", diz ele a Styx. Em seguida, ele olha Ky. "Você entrou para pegar Lilah." Ele vira para os homens de Sia. “Vocês foram ao México pegar Sia. Eu também ajudei! Ajudei em todos os planos. E o que? Agora é minha cadela e estão prontos para mandá-la de volta?"

"Não é tão fácil quanto as nossas cadelas", explica Ky. "Adelita é filha de Quintana."

"E?" Tanner grita. Ele pega minha mão. Seguro-a. Ele luta muito por mim. Por nós. “Só precisamos ser mais criativos. Temos que planejar melhor." Tanner me olha e depois para Styx, que observa como um falcão. “Estamos em guerra! Nós temos irmãos prontos para lutar. Então nós

lutaremos!" Seu pescoço está tão tenso que as veias aparecem sob a pele. “Quintana virá para nós de qualquer maneira. Então foda-se, se Adelita está aqui, só torna a ameaça pior. Um dia em breve, estaremos lutando de qualquer maneira." Ele dá um tapa no peito. “Eu vou lutar pra caralho. Por ela, por mim, pelos prospectos, por este clube de merda.” A voz de Tanner baixa quando ele diz: “Vocês são meus irmãos de armas. E vou casar com Adelita um dia. Isso deveria significar algo neste clube, ou estou enganado?" A respiração pesada de Flame pode ser ouvida ao nosso lado. Tanner o encara. “Do jeito que você precisa de Maddie, é o jeito que preciso de Lita. Você mataria para protegê-la. Vou fazer o mesmo."

Flame olha Maddie, que está ao seu lado, segurando seu braço. Seu rosto parece suavizar por uma fração de segundo. Mas minha atenção volta rapidamente para Styx. Ele observa Tanner com atenção. Seus olhos castanhos se movem para mim. Não sei o que ele está pensando, mas tudo que vejo é Charon. Tudo o que vejo é Mae olhando o filho como se seu coração tivesse sido tirado do peito e gentilmente colocado em seus braços. Imagino Saffie segurando-se em Phebe. E penso em todas as mulheres que acabaram de me receber sem julgamento em seu círculo. Considero o que elas já passaram. O culto, Sia no México com Garcia... Saffie com meu pai.

E sei que não posso deixar que elas se machuquem ainda mais por minha causa.

Tenho que protegê-las também.

Styx levanta as mãos e todos os homens o observavam. É incrível o respeito que Styx atrai de seus irmãos. O homem silencioso e imponente não precisa de ordens barulhentas. O simples movimento de suas mãos consegue transmitir a mensagem com clareza suficiente.

“Igreja, em uma hora”, Ky diz, lendo as mãos de Styx para aqueles que, como eu, não entendem os sinais. Tanner solta uma respiração longa e aliviada ao meu lado. E entendo o que significa. Eles vão montar um plano para que eu possa ficar aqui com Tanner.

Eles vão lutar contra Diego.

Tanner me puxa do bar e leva direto para seu quarto. Quando a porta fecha, ele me empurra contra a porta e segura meu rosto. “Você não vai me deixar, porra. Não vou permitir que aconteça. Tenho você agora, e não vai voltar para aquele filho da puta, ou seu pai." Tanner beija minha testa, bochechas, depois meus lábios. Ele está me adorando; amando-me. Tentando me convencer de que pertenço a ele.

Eu sei que sim. Mas às vezes as circunstâncias fazem com que almas gêmeas não possam estarem juntas.

"*Mi amor*", sussurro e seguro seu rosto. Encaro seus olhos azuis e os cílios claros que os emolduram. Sinto a barba em suas bochechas sob minhas mãos e lábios — que sei, em cem vidas, que nunca me cansarei.

"Não", diz Tanner, não me dando chance de falar. Ele fecha os olhos por um momento, antes de dizer: “Não me diga que deve ir. Não me diga que é a coisa certa fazer essa porra de troca."

A dor em sua voz me causa dor física. Sempre tentei ser forte, mas nesse momento sinto-me fraca. Porque quero tudo que Tanner oferece. Eu quero ficar. Quero o sonho, mas... "Talvez não seja nesta vida que ficaremos juntos." Enquanto sussurro as palavras, cada uma parece uma faca sendo empurrada em meu peito. Os olhos de Tanner enchem de agonia. Impeço meu lábio de tremer enquanto acaricio seu rosto e ao longo do pescoço tatuado. “Talvez, não importa o quanto lutarmos, nunca deveria acontecer. Não importa o quanto

amemos um ao outro, não é suficiente." Sorrio para ele, mas o sorriso é uma mentira — só sinto mágoa. “Não posso ter mortes ou misérias de outras pessoas em minha consciência. E conheço você, Tanner Ayers. Eu sei que também não pode."

"Não posso deixar você ir", ele diz asperamente. A dor em sua voz quase é minha ruína.

"Sabe o quanto eu te amo, *mi amor?*"

Tanner encosta sua testa na minha. "Sim." Sua respiração é pesada, como se ele tivesse o peso do mundo nos ombros largos. "Você sabe o quanto eu te amo?"

"Sim", sussurro de volta.

"Não posso te perder", ele implora e desmorono quando vejo seus olhos brilharem. “Se o mundo não nos quer juntos, então temos que encontrar um lugar que o faça. Não quero mais ninguém, baby. Você é tudo. Você sempre foi."

“Tanner..."

Tanner segura minhas mãos. "Deixe-me tentar", ele implora. “Deixe-me tentar criar um plano para salvar os prospectos e mantê-la aqui, segura comigo. Por favor... só... apenas me deixe tentar."

A expressão de Tanner é tão esperançosa, tão séria, que me vejo balançando a cabeça em concordância. Tanner exala de alívio e me pega no colo. Ele me leva para a cama e depois faz amor comigo tão docemente, tão suavemente, como se eu fosse uma flor delicada que pode despedaçar a qualquer momento.

Quando ele sai para se encontrar com os outros Hangman, fico deitada nos lençóis, o cheiro dele ao meu redor, aquecendo-me. Pretendo saborear cada parte de Tanner que puder nos próximos três dias. Não sei o que acontecerá, mas não sou ingênua.

Então, fecho os olhos, permitindo-me imaginar uma vida em que Tanner e eu não tenhamos grilhões nos prendendo. Vivendo livre e como escolhemos. Sem guerra. Sem violência. Apenas ele, eu e nosso amor.

É o mais perfeito dos sonhos.

Capítulo onze

Tanner

Eu assisto Adelita se arrumar do outro lado da sala. Ela veste uma calça jeans preta e um top preto simples. Seu cabelo castanho escuro cai até a cintura. Eu a observo enquanto ela atravessa o quarto e calça botas pretas sem salto. Meu coração aperta ao vê-la assim. Tudo o que falta nela é o meu colete. Porra, isso não é verdade. Falta isso e o meu anel — o que ainda pretendo colocar em seu dedo.

A tela na minha frente brilha com um novo e-mail. É de Wade. Não é apenas o cartel que estará hoje na cidade fantasma. A Klan também estará lá. E, de acordo com Wade, Beau também.

Nós estaremos posicionados no lado norte da cidade. Franco-atiradores escondidos nos fundos para o caso de tudo dar errado. O Cartel terá trinta homens. Nós faremos o resto.

Wade já havia me dito o plano deles. Os Hades planejaram por três dias. Os capítulos de Louisiana e San Antonio já estão no lado sul da cidade fantasma. Em posição desde a noite passada. AK está com eles. Se Diego ousar tocar em algum dos irmãos, AK estará lá para colocar uma bala em sua cabeça. O cara é o melhor atirador que eu conheço. Zane, o sobrinho de AK, é um refém. Zane, que AK trata como um filho... AK não perderá a porra de um tiro.

Além disso, AK tem a maior tarefa de todas — eliminar Diego. Quando a troca for feita, eu terei que me conter tempo suficiente para deixar Adelita voltar para o acampamento do cartel... então AK mandará uma bala diretamente na cabeça de Diego.

Não há como evitar a carnificina que se seguirá. Nós estamos prontos. É hora de lutar.

Wade me deu números — de homens, armas e coordenadas. Imprimo a informação e passo as mãos pelo meu rosto. Hoje, eu enfrentarei Beau e Diego como um Hades. Todo o tempo tentarei manter os prospectos e minha cadela em segurança.

Muita coisa pode dar errado. Eu nunca quis ficar cara a cara com o meu irmão. Mas não há outro jeito.

"Um dia, Tann", Beau diz. "Um dia nós ficaremos juntos quando a guerra racial começar. Ombro a ombro, irmão e irmão. E nós destruiremos qualquer um em nosso caminho."

Lembro-me da euforia que senti com esse pensamento. Agora, aqui estou eu, do lado oposto. Agora *sou eu* quem está no caminho e que ele pretende derrubar. Meu maldito peito rasga com o pensamento.

Adelita coloca sua mão no meu ombro como se sentisse que algo está errado. Eu levanto minha cabeça e a deixo me girar na cadeira. Nunca quebrando o contato visual, Adelita se escarrancha em meu colo. Inclinando-se, ela beija meus lábios. Minhas mãos deslizam pelo seu corpo, traçando cada curva. Nos últimos três dias eu estive dentro dela em toda chance que tive. Nosso plano para hoje é bom. Nós temos homens para quando a batalha chegar. Graças ao Wade, nós temos o conhecimento de onde seus melhores atiradores estão posicionados. Mas qualquer coisa pode transformar a troca em

um maldito pesadelo. Qualquer merda pode mandar qualquer um de nós para o barqueiro. Nem todos nós voltaremos ao complexo hoje à noite. Isso é tudo que nós sabemos.

Eu conto comigo e com a minha cadela voltando vivos.

"Nós temos que ir", digo quando Adelita coloca a cabeça no meu peito. Seus braços me envolvem e seguram firme. Adelita esteve quieta demais nos últimos dias. Eu não gosto disso. Não gosto de não saber o que ela está pensando.

Levantando da cadeira, Adelita desliza pelo meu corpo e eu beijo seus lábios. "Está pronta?"

Adelita assente, mas posso ver que ela está assustada pois há preocupação em seus olhos. Isso me mata. Eu anseio pelo dia em que ela nunca mais ficará assustada.

Tomando a sua mão, levo-a para fora do clube. Os Hades já estão esperando em suas motos. A caminhonete que vou dirigir está esperando na parte de trás.

"Você está pronto?" Ky pergunta. Styx e Ky estão na frente do bando. Eu assinto. Flame também está aqui, embora o cara ainda esteja ferido. Mas nada o impediria de ter seu irmão de volta hoje. Viking está ao lado dele. Ele foi encarregado de manter o Flame em volta do cartel e da Klan até a hora de liberar o inferno.

Nós caminhamos para a caminhonete. Adelita para quando Beauty aparece no clube. Alguns homens ficam para trás no caso de haver um ataque. As outras cadelas também estão no clube, mas ainda em bloqueio. Beauty joga os braços ao redor do pescoço de Adelita e a abraça com força. "Cuide-se, ok?" Beauty diz e segura Adelita. "Nós queremos ver você aqui hoje à noite."

"Si", Adelita responde e abraça Beauty. Eu olho para Tank, que está em sua moto ao lado de Bull. Ele assente, como se me assegurasse que ele estará lá por mim. Que ajudará a garantir que a minha mulher *tem que* voltar para casa com a gente.

"Lita, precisamos ir", digo. Adelita se afasta de Beauty. Eu posso dizer pelo seu rosto que ela não esperava por isso. Não esperava que Beauty ficasse tão preocupada. Meu coração se parte pela minha cadela novamente. Ela não esperava porque nunca teve muitos amigos. Nunca foi permitida a se aproximar de muitas pessoas.

Quando estamos na caminhonete, Adelita respira fundo e vejo um novo tipo de determinação em seu rosto. "Você está bem?" Pergunto, quando eu dirijo para a estrada. A caminhonete está rodeada pelos Hades. Styx, Ky e nossos irmãos estão na frente, os outros irmãos ocupam a retaguarda.

Adelita olha pela janela. "Eu estou." Ela pega minha mão. Sei que ela quer dizer alguma coisa. Posso ver pela forma como ela se mexe no banco. Eu espero ela soltar. Eventualmente, depois de alguns minutos, ela diz: "Se algo acontecer hoje..." ela faz uma pausa e parece pensar em suas palavras. "Se algo acontecer hoje, eu quero que você saiba que não me arrependo de nada." Agarro sua mão com mais força, mantendo meus olhos na estrada. Eu não tenho certeza se poderia olhá-la agora. Não tenho certeza se conseguirei me controlar. "Nada, *mi amor*." Adelita beija minha mão. "Conhecer você, por mais odioso que tenha sido no começo, foi a maior bênção que já tive em minha vida." Adelita acaricia as costas das minhas mãos com seus dedos. "Ver você lutar contra seus demônios, desafiar os preconceitos com os quais foi criado e mudar completamente, foi a transformação mais surpreendente para se testemunhar."

"Foi você", falo asperamente. "Foi tudo por sua causa."

Adelita se move até que está ao meu lado no banco. Ela deita a cabeça no meu ombro. “Mesmo que tenhamos pouco tempo juntos, Tanner, os últimos dias... eles significaram mais para mim do que qualquer outra coisa em toda a minha vida.” Adelita olha para mim e, desta vez, eu encontro seus olhos. “Eu não sabia que era possível amar alguém tanto quanto eu amo você. Meu pai nunca amou ninguém depois da minha mãe, então eu nunca tive um exemplo de como um casal apaixonado *poderia* ser.” Eu mantenho meus olhos na estrada, mas é difícil desviar minha atenção de Lita. “Se alguma coisa acontecer hoje... se, por qualquer motivo, algo der errado... pelo menos eu sei o que é amar você. Inteiramente e com todo o meu coração.”

“Nada vai dar errado.” Adelita sorri, mas é carregado de tristeza. Eu entendi então que não há nenhuma parte dela que pense que hoje tudo ficará bem. “Eu amo você, Princesa. Você me salvou. Não tenho certeza se você sabe disso. Mas você me salvou.”

“Tanner —”

“E agora eu posso salvar você.”

Adelita fica ao meu lado, segurando meu braço e descansando a cabeça no meu ombro. Meu coração começa a bater mais rápido e mais alto quando entramos na estrada que leva à cidade fantasma. Meus olhos examinam o máximo que posso. Eu consigo ver meus irmãos à frente em suas motos fazendo a mesma coisa. Eu esperava uma emboscada. Esperava que eles tentassem nos levar para fora. Mas por causa da informação de Wade, sabemos que temos que ir para a cidade pelo sul. Alguns dos nossos irmãos que estiveram aqui durante a noite saíram de lá escondidos para nos fazer passar. Para nos assegurar de que estávamos seguros.

Quando a cidade aparece, Adelita se levanta. Seus olhos castanhos estão enormes. Mas permanece a princesa do cartel perfeita — calma e firme.

Styx, Ky e os irmãos da frente viram a esquina e entram na clareira da cidade fantasma primeiro. Estou atento quando entro. No minuto em que a clareira aparece, todo o meu corpo fica tenso. Diego está no centro, rodeado por seus homens... seus homens e minha velha irmandade. Examino os soldados da Klan que treinei. Eles estão prontos e preparados para a ação. Uma estranha familiaridade me invade ao ver o ódio em seus rostos. O ódio que alimenta sua necessidade de matar.

E então eu o vejo. Beau. Parado ao lado, logo atrás dos soldados da linha de frente. Meu tio Landry está posicionado perto de uma van. Eu sei que é onde os prospectos estão trancados.

Mas minha atenção volta para Beau. Seu cabelo está mais longo que a última vez que o vi. Ele parece maior. Mas fora isso, ele é o mesmo.

Meu pequeno fodido irmão.

Eu mudo de posição quando ele olha diretamente para a caminhonete. Quando olha diretamente para mim. Seus olhos perfuram o para-brisa.

"Tanner? Você está bem?" Eu tento abrir meus olhos. A luz apunhala meu crânio quando consigo. "Merda!" Beau xinga e fecha a porta do galpão. Ele apaga a lâmpada e corre direto para mim na barraca do acampamento. Beau faz um movimento para me tocar, mas rapidamente pensa melhor. "Tanner, aquele idiota bateu em você pra caralho."

Se pudesse, eu teria rido. Eu sei que o bastardo me bateu. Não há uma parte de mim que pudesse se mover. "Sim", eu digo asperamente. "Não matei o garoto da gangue do Nordeste. Os

traficantes de drogas." Eu grunho quando respiro lenta e controladamente. "Eu o deixei ir."

Beau suspira. "Você deveria ter matado, Tann." Faço uma careta para Beau. Ele parece falar sério. Mas eu o conheço. Ele não teria matado aquele garoto mais do que eu teria feito. Tenho dezessete anos. O garoto é apenas alguns anos mais novo. Mas ele não merecia morrer. Não importa o que meu velho dissesse.

Beau senta-se no chão frio ao lado da cama. Disseram-me para ficar aqui até o meu velho voltar para mim. Neste galpão que parece uma caixa de gelo. "Ele vai te bater se o encontrar aqui."

Beau olha por cima do ombro para mim e sorri. "Eu nunca fui de seguir as regras, Tann. Você sabe disso." É verdade. Eu raramente luto contra o meu velho. Beau sempre luta. Então, novamente, ele não foi preparado para ser o herdeiro. Na maior parte do tempo, nosso velho nem se importa com Beau. Ele pode se dar ao luxo de quebrar as regras. Ele não será espancado quase até a morte por ousar desafiá-lo...

Mas Beau está seguindo as regras agora. Como um bom soldado nazista.

Styx e Ky saem de suas motos e ficam na frente de todos nós. Todos tomam isto como a sugestão deles e descem de suas motos também. Eles ficam atrás do Prez e do VP, com suas armas prontas.

Styx olha para mim e assente. Respirando fundo, viro-me para Adelita. Seus olhos estão arregalados enquanto ela observa a cena. "Fique aqui." Adelita é uma maldita estátua. "Venho buscá-la em breve." Eu abro um pouco a porta da caminhonete. "Lembre-se do plano, baby. Vire para a esquerda." Adelita assente. Eu não queria deixá-la aqui sozinha, mas tenho que mostrar meu rosto. Minha velha irmandade sabe que sou um Hades agora. Não há sentido em me esconder.

O plano é simples. AK é um dos melhores atiradores que temos. Quando a troca for feita e os prospectos estiverem seguros, Adelita se desviará para a esquerda ao lado de Diego e AK colocará uma bala no crânio dele. Eu colocarei Adelita em segurança, então a batalha começará.

Eu empurro Viking e Flame. Flame é como um maldito Rottweiler enquanto anda de um lado para o outro, respirando pesadamente, esperando que seu irmão seja libertado. Esperando o sinal verde para rasgar cada um dos filhos da puta da Klan e do cartel com as facas que estão em suas mãos.

Passo por todos os meus irmãos até que paro ao lado de Tank. Eu vasculho a clareira e, um a um, vejo minha antiga irmandade me notar. Seus rostos mudam de ódio para fúria total. Com a confirmação de que o herdeiro agora pertence a Hades.

“Traidor de merda!” Tio Landry grita. Alguns dos outros Klan ecoam seu grito. Mas eu só tenho uma pessoa entre esses filhos da puta que já me importei. Quando eu encontro Beau, ele está olhando para mim, braços cruzados sobre o peito largo. E quando meus olhos se fixam nos dele, seu lábio se levanta em desgosto e ele cospe no chão a seus pés.

E é isso. Prova de que meu irmão me odeia também. E eu terei que ficar bem com esse fato.

“Mantenha-se forte, irmão”, Tank diz em voz baixa. “Aqueles filhos da puta não são mais sua família.” Eu respiro profundamente e absorvo suas palavras. Ele está certo. Eles não são minha família. Ele é. Beauty é. Esses irmãos são a porra da minha família... e essa é minha mulher na caminhonete. Minha cadela que esses fracotes estão tentando tirar de mim.

Um movimento chama minha atenção e me leva até Diego. No minuto em que o vejo, minhas veias inundam com a necessidade de matar. De despedaçar seus membros por tocar em um fio de cabelo da cabeça de Adelita. Por ter a audácia de acreditar que ele seria bom o suficiente para ela. Que ele seria seu marido filho da puta.

"Eu ouvi os rumores", Diego diz, dirigindo-se a mim e ignorando completamente Styx e Ky, que estão liderando os Hades. Diego anda na nossa direção. Meus irmãos acionam a segurança de suas armas. "Ouvi que o grande Príncipe Branco da Ku Klux Klan havia abdicado e fugido para o inimigo." Sua cabeça se inclina para o lado e eu quero quebrar a porra dos dentes em sua boca.

"Dê-nos os meninos, idiotas. E cortem a porra do teatro." Ky fala lentamente e cruza os braços, esperando que Diego fale.

Diego, até mesmo para essa troca, usa um terno e gravata pretos caros. Seus olhos castanhos ficam gelados. "Eu quero vê-la primeiro." Ele aponta para a van que Landry guarda. "Só então a troca acontecerá."

Styx finalmente olha para mim e assente. Eu passo por Smiler que está observando aquela van como um falcão. Slash está lá. Tudo isso tem que ir como planejado. Eu me aproximo da caminhonete e vejo Adelita se endireitar. Abro a porta do passageiro. "Você está pronta, baby?"

Adelita sai da caminhonete. Levo-a através dos Hades. Eu puxo minha mão. Adelita enfia sua mão na minha e a aperta com força. Quando atravessamos os últimos irmãos, ficamos ao lado de Styx e Ky. Adelita solta minha mão e caminha em direção a Diego.

Eu vejo a luz do fogo nos olhos de Diego ao ver Adelita... até que ele vê o que ela está vestindo. Então aquele

fogo se acende como o maldito inferno. A princesa do cartel está usando roupas de cadela de motoqueiro. “Adelita...” Diego diz suavemente.

“Diego.” Ninguém jamais saberia que minha cadela está com medo. Ela permanece como uma maldita rainha guerreira, encarando o ex-noivo.

“Você a viu”, Ky diz. “Agora mostre-nos os nossos prospectos.”

Diego assente, mas ele está usando um sorriso sádico. Eu me preparo, imaginando o que diabos aparecerá quando Landry abrir a van. Não pude ver por dentro. Então um homem da Klan sai da cabine escura, puxando uma mulher surrada de cabelos loiros até o chão.

No começo eu não sei o que diabos está acontecendo, quem diabos ela é, até que Adelita sussurra: “Não...” A mulher levanta os olhos inchados ao som da voz de Adelita e um som de dor sai de sua garganta. “Não!” Adelita chora novamente, e desta vez tenta correr em direção à mulher. A cadela espancada tem uma corda ao redor da sua garganta, as amarras esfregando sua pele crua. Agarro Adelita antes que ela possa ir muito longe. “Charley!” Ela grita, e minha cabeça estala para a mulher. Charley... a melhor amiga de Adelita. A cadela da Califórnia.

“Eu pensei que seria melhor trazer um seguro”, Diego diz friamente.

Adelita treme em meus braços. “Meu pai vai te matar quando ele descobrir que você a pegou.”

A cabeça de Diego se inclina para o lado. “*Cariño*... foi ideia dele.”

Adelita congela. Ela ofega. Mas não discute. Depois do que descobriu sobre o pai, imaginei que ela acreditará que ele é capaz de qualquer coisa.

"Os prospectos, cara de buceta," Ky rosna. "Estou ficando muito cansado da sua besteira."

Sem tirar os olhos desconfiados de mim e de Adelita, ele sinaliza, com o estalar dos dedos, que Landry busque os reféns. Em segundos, eles são empurrados da van para a clareira. Flame rosna atrás de nós, e eu sinto a tensão subir entre os irmãos enquanto os prospectos se aproximam. Eles foram espancados, seus rostos cobertos de sangue. Um soldado da klan os leva para o centro da clareira e chuta cada um deles em seus joelhos. Eu me mexo no local, pronto para apenas foder com esses filhos da puta e tirar o máximo que puder. Mas Adelita se vira para olhar para mim.

Diego caminha até os prospectos e pega uma faca. Styx estende a arma, o Hangmen mudo está pronto para atirar na cabeça de Diego. Diego se move ao lado de Slash, estende a mão e corta a corda que o prendia. Ele se move para Zane e finalmente para Lil Ash.

"Adelita", Diego diz, e sacode a cabeça — uma ordem para Adelita ir até ele. Os olhos de Adelita se movem dos prospectos para Charley, que tem a ponta de uma faca apontada para ela por um soldado da Klan. E finalmente para Diego. Adelita se move dos meus braços e leva tudo que eu não tenho para puxá-la de volta para mim e levá-la para longe. Com um sorriso triste, Adelita se afasta de mim e vai na direção de Diego. Meu sangue gela. Eu não gosto desse olhar em seus olhos. Como se ela estivesse dizendo adeus de verdade.

Apenas o som da voz de Diego tira minha atenção dela. "Fique de pé porra." Os prospectos fazem como ele diz. Adelita se aproxima cada vez mais de Diego.

O alívio que vejo nos rostos dos prospectos quando ela se aproxima é óbvio. Eles são malditas crianças. Eles estão com medo pra caralho. Adelita para ao lado de Diego. Ele sorri para ela. Tank coloca a mão no meu braço para me impedir de ir até lá e trazê-la de volta. Eu respiro, tentando me acalmar.

“Os meninos”, Ky grita.

Diego assente com a cabeça, mas depois diz: “Ah, só mais uma coisa.” Em um segundo ele está ao lado de Adelita, e no seguinte, ele tem o braço em volta da garganta de Lil Ash, e uma arma em sua cabeça. Olhando diretamente para Ky e Styx, Diego diz: “Você pegou algo meu, agora vou pegar algo seu.”

Os olhos de Lil Ash se arregalam, percebendo o que está acontecendo. Flame ruge de raiva atrás de nós e atravessa os homens para chegar ao seu irmão. Diego solta sua segurança, assim que Slash empurra Ash de lado e o derruba no chão e fora do controle de Diego. Diego não vacila, ao invés disso ele aponta a arma para Slash e dispara uma bala através dos olhos do garoto. O mundo se move em câmera lenta enquanto o grito de Lil Ash se ergue no ar, seguido por Smiler, que corre dos homens em direção ao seu primo deitado no chão. Sangue escorre da sua cabeça. Os olhos de Slash estão abertos, olhando para o nada.

O mundo volta ao tempo real quando Ash se levanta do chão e corre em nossa direção. Pegando algumas armas de Ferg, um dos irmãos da Flórida, ele volta para a clareira e começa a atirar. Rugindo pra caralho e disparando bala após bala na carne da Klan e do cartel. Flame está ao lado dele em segundos, armas apontadas para a Klan que começou a disparar de volta.

“Zane!” A voz de Viking soa para o prospecto mais jovem, que está assistindo a cena como se não soubesse o que diabos fazer. Um cara do cartel corre para Zane, pronto para esfaquear o garoto. Um tiro ecoa ao longe, e o filho da puta do cartel cai no chão — tiro no coração. AK. Zane leva apenas um segundo para

se inclinar e pegar a arma do idiota do cartel. Ele segue Ash. Eu assisto quando o filho da puta começa a atirar no cartel e Klan. Dois homens imediatamente caem. Tenho certeza que o garoto nunca matou antes... ele o fez agora.

Ash parece tão insano quanto seu irmão quando os três rasgam balas na Klan e no cartel. Ash quebrou. Smiler está no chão ao lado de Slash, tentando puxá-lo de volta para nós. O rosto de Smiler é pura agonia. Tank o ajuda, mas quando o garoto é arrastado até mim, vejo que ele foi embora.

Diego.

Diego matou Slash.

Eu acabarei com Diego.

"Tanner!" A voz de Adelita corta os sons ensurdecedores das balas. Diego entrou na linha de proteção do cartel. Correndo através da massa de homens lutando, eu afundo minha faca em qualquer um que vem em minha direção, disparando minha arma e crivando minhas balas em suas cabeças. Adelita está correndo em minha direção. "Charley! Tanner... precisamos pegar a Charley!" Adelita cai ao meu lado e eu procuro na clareira por Charley.

Viking está mais perto dela. "Viking!" Viking vira a cabeça enquanto luta contra a Klan. "A cadela!" Sua cabeça vira para o lado enquanto Charley cambaleia ao redor, claramente drogada e desorientada. Ela está tentando escapar. Viking passa o braço pela cintura dela e tenta arrastá-la de volta. Mas a cadela está lutando contra ele. Socando seu rosto e chutando. Ela sai do braço dele, assim que um soldado da Klan corre para Vike. Viking esfaqueia o filho da puta no pescoço, depois corta sua garganta. Mas antes que ele possa pegar Charley, ela é puxada de volta para a fila do cartel por um dos homens de Diego.

"Não!" Adelita grita. "Charley!" Carros e caminhonetes do cartel e da Klan começam a rugir para fora da clareira.

"Recuem!" Ky ordena que a Klan e o cartel comecem a recuar. Adelita está lutando para se libertar e encontrar Charley. Eu a seguro, recusando-me a deixá-la ir. A clareira está cheia de cadáveres. Mas não posso ver Charley entre eles.

Viking corre para Flame e começa a puxá-lo de um corpo que está mais do que morto. Os olhos negros de Flame estão enlouquecidos enquanto ele luta contra Viking. Mas Vike se mantém forte. "Flame. É o Vike. Temos que ir." Clareza parece acertar Flame. Mas não seu irmão. Ash está completamente fodido como um psicopata, atirando na Klan e no cartel até seus rostos ficarem irreconhecíveis, disparando balas em corpos mortos só para vê-los pularem.

Styx agarra a gola de Ash e começa a puxá-lo de volta. O garoto tenta lutar contra Styx. "Solte-me! Eu tenho que matá-los! Eu tenho que matar todos eles!" Ele rosna, seu rosto e olhos estão vermelhos. Porra, ele se perdeu na sede de sangue. Styx nem sequer ouve o garoto, ele apenas chuta as armas de suas mãos e o joga na direção da caminhonete.

"Ele me empurrou do caminho!" Ash grita, sua voz se quebra. "Ele levou uma bala por mim e agora está morto! Deveria ter sido eu!" Ele dá um soco em seu peito. "Essa porra deveria ter sido eu!" Flame balança em pé ao lado do seu irmão. Eu posso ver pelo rosto torturado de Flame que o cara não sabia o que diabos fazer. Mas quando Ash grita e ruge no ar, Flame agarra Ash pelo pescoço e o puxa para seu peito.

Ash desmorona quando os olhos de Flame se fecham e ele respira rápido. Ash agarra-se a Flame e não parece que ele irá soltar.

AK vem em nossa direção. Ele corre direto para Vike e Zane. Então beija a cabeça de Zane. “Você os matou?”

“Eles mataram Slash”, Zane diz. Sua voz está tremendo, e eu sei que Zane não será mais um menino depois de hoje. Uma vez que você tira a vida de alguém, toda a inocência que você tem se vai.

AK abraça Zane e diz: “Entre na minha caminhonete.” AK vira para Ash ainda nos braços do Flame. “Flame, Ash, vocês entram também.”

Ash se solta de Flame. Ele olha para os corpos. “Ash, na caminhonete.” AK repete. Ash se vira para AK. Os olhos de AK se estreitam. “Eu disse para entrar na porra da caminhonete, Ash.” Ash parece estar prestes a discutir, mas ele se vira e vai para a parte de trás, ao lado de Zane. Os olhos do garoto vão para suas mãos cobertas de sangue e ele começa a esfregar os dedos juntos, fixado no sangue.

“Casa”, Ky ordena, falando por Styx. “Nós voltaremos para o complexo.” Levo Adelita em direção à caminhonete. Ela está quieta, muito quieta. Mas quando Smiler passa por nós, coberto de sangue, indo para a caminhonete de AK com um Slash sem vida em seus braços, um grito é arrancado de Adelita. Ela os observa até a caminhonete. O rosto de Smiler está vazio, mas seus olhos estão cheios de nada além de fogo e dor. Meu maldito peito aperta quando ele entra na caminhonete e embala o corpo de Slash em seu peito. Lágrimas começam a transbordar por seu rosto enquanto ele beija seu primo na cabeça uma e outra vez, balançando-o para frente e para trás.

Adelita também assiste. Seu rosto está destruído ao assistir a realidade bater em Smiler. Slash está morto. Seu maldito primo está morto.

"Lita, vamos lá, baby." Mas ela não se mexe. Ela está entorpecida e não consegue tirar os olhos de Smiler e Slash. Eu levanto Adelita na caminhonete e sigo meus irmãos enquanto eles rugem para a estrada.

Meu coração começa a acelerar no meu peito enquanto eu penso no jeito que Slash salvou Lil Ash. O primo de Smiler... se foi. Por causa do filho da puta do Diego. Eu vou matá-lo. De alguma forma, um dia cortarei a porra da sua garganta e sorrirei enquanto o vejo morrer uma morte lenta e dolorosa.

Dou uma olhada em Adelita. Seus lábios estão pálidos e ela treme. Enganchando meu braço em volta dos ombros dela, puxo-a para mim. Ela imediatamente descansa a cabeça contra o meu peito e coloca o braço em volta da minha cintura. Ela segura firme em mim enquanto nós dirigimos para casa. Suas lágrimas encharcam minha camisa.

Quando chegamos ao complexo, os irmãos se reúnem no bar. Edge e Rider estão esperando pelos homens feridos. Eu contorno o bar e levo Adelita direto para o nosso quarto. Corro para o chuveiro e depois vou para ela. Seus olhos estão cheios de lágrimas e seus braços enrolados em volta da sua cintura como se ela fosse entrar em colapso se não se agarrasse. "Ele o matou", ela sussurra quando eu esfrego minhas mãos subindo e descendo em seus braços. Ela está tão fria. "Ele matou ele, *mi amor*... ele matou aquele garoto e é minha culpa."

Meu estômago revira ao vê-la tão quebrada, tão triste. Slash era apenas alguns anos mais novo que Adelita. Agora, ela parece tão jovem. "Não é sua culpa, baby. É culpa daquele babaca. Ele o matou, não você." Minha mandíbula aperta apenas ao imaginar a maneira como Diego colocou uma bala na cabeça de Slash. O filho da puta sorriu.

"Ele o matou por vingança. Ele o matou porque eu estava aqui... ele me viu com você. Ele não suporta falhar, Tanner. Ele

viu meu sequestro como um fracasso. Este é apenas o começo da sua vingança. Estou certa disso."

Adelita treme mais. "Vamos." Guio-a até o banheiro e tiro nossas roupas. Eu a levo para o banho quente e deixo a água cair sobre a sua cabeça. Limpo da sua pele os respingos de sangue que ela recebeu na luta. E a beijo. Eu a beijo, pois assim ela esquecerá, mesmo que apenas por um minuto de paz. Quando a levo para a cama, deito-a e deixo-a desmoronar.

"Não foi culpa sua", digo. Adelita não responde. Ela está muito destruída. Olho para o teto enquanto sua respiração se estabiliza. Eu olho para a escuridão e penso naquele pedaço de merda, Diego. Penso em sua melhor amiga que foi espancada e arrastada como uma escrava, tudo isso levaria Adelita a obedecer. Então penso em Slash quando empurrou Ash dos braços de Diego. Penso naquela bala cortando seu crânio... e seus olhos, como eles ficaram congelados com a morte. Smiler, como ele o segurou em seus braços.

Adelita adormece. Saio da cama, tomando cuidado para não a acordar, visto uma camisa e jeans e saio do quarto. Quando entro no bar, vou para a porra da carnificina. Vozes estão altas — todos os irmãos falando um sobre o outro.

O assobio alto de Styx silencia a sala. Todos se voltam para ele. "Precisamos de um plano", Ky diz quando Styx assinala. "Eles voltarão. Aquele idiota nunca deixará isso passar. Ele quer Adelita e não vai parar por nada até que a pegue."

A mão de Tank cai no meu ombro. "Você está bem?"

"Sim." Eu não estou. Mas não estou morto, então mantenho minha boca fechada.

“Pegamos o que ele vê como dele”, Styx continua. “E ele a quer de volta.” Styx passa a mão pelo cabelo. Ele faz uma pausa, como se estivesse pensando em alguma coisa. “Mas eu vi os olhos daquele idiota. Não é apenas sobre Adelita agora. Nós desmascaramos ele. Caralho, ele não pode deixar as coisas assim. Então, vou ligar para alguns Estados do Norte. Precisamos acabar com essa guerra logo. Nós temos mais homens do que ele. Nós temos mais armas...” Os olhos de Styx endurecem. “E esse babaca me fodeu. Ele matou um dos nossos prospectos. Enviou-o para o barqueiro. Uma criança... é pessoal agora.”

“Diego é um dos bastardos que fodeu com Phebe e Sai”, Ky acrescenta. “Foda-se a Klan. Eles morrerão no momento certo. Agora estamos indo atrás de Quintana e Diego. E nós não vamos parar até que cada um deles esteja morto.”

Os irmãos concordam com a cabeça. Alguns sorriem entusiasmados com os assassinatos do cartel que está no horizonte. Styx olha para todos nos olhos. Ele levanta as mãos. “Fodam suas cadelas hoje à noite. Amanhã à noite nós enterraremos Slash, depois planejamos como acabar com o cartel. Porque não se enganem sobre isso, Hades está prestes a foder um pequeno pedaço do México.” Styx baixa as mãos, bebendo o uísque que foi colocado diante dele, então sai da sala.

Tank passa a mão pela cabeça raspada. “Caralho irmão”, ele exclama e senta-se na mesa mais próxima de nós. Eu me sento ao lado dele. “Você viu Beau hoje?” Eu balanço a cabeça. “Ele estava olhando para você como se nem te conhecesse. O pedaço de merda. Ele é seu maldito irmão. Nunca pensei que estivesse tão longe com a Klan. Mas o jeito que ele estava hoje...” Tank exala, cortando o que ele ia dizer.

Meu pulso acelera quando pergunto: “Você o viu cair? Na luta?”

Tank encontra meus olhos. Ele me conhece melhor do que ninguém aqui. Apenas Adelita me conhece mais. Ele tem que ver que, mesmo depois de tudo, pateticamente, eu ainda estou preocupado com o meu irmão mais novo. Tank perde um pouco da sua raiva. “Não o vi na luta. Então, novamente, eu não vi muito além das minhas facas esfaqueando pescoços e minhas balas rasgando corações.” Eu relaxo. Mas isso significa problemas. Aquela luta foi uma loucura de sangue e carne. “Matei alguns dos nossos irmãos mais velhos”, Tank diz.

“E como se sentiu?”

Tank sorri. “Bem irmão. Bem pra caralho.”

Inclino minha cabeça para trás e corro as mãos pelo meu rosto. Foi um show de horror. Tudo isso. Eu não sei se Beau sobreviveu. Ou Landry também sobreviveu. Mas eu sei que Diego sim. Claro que aquele filho da puta escorregadio conseguiu. Tento pensar qual será o próximo passo dele. Mas minha cabeça está cheia do rosto de Slash quando ele caiu no chão e os gritos de Adelita na cama enquanto ela se culpava.

“Porra, Lil Ash”, Tank diz, com uma voz chocada. Eu olho ao redor do bar. Não há sinal de Flame, Ash, Zane ou Vike.

“Ele quebrou”, digo, e Tank solta um suspiro lento em concordância.

“Aquele garoto... naquele momento, ele era Flame.”

Penso em Ash pegando as armas e começando a luta. O garoto de dezessete anos disparando balas no cartel e na Klan como se matasse por diversão. A mão de Tank cai no meu ombro. “Prepare-se, Tann. Tenho a sensação de que esta guerra está apenas começando.” Tank se põe de pé. “Eu vou encontrar a Beauty.” Ele faz uma pausa, depois me olha nos olhos. “Tem certeza de que está bem? Isso foi pesado hoje. Especialmente para você.”

"Sim." Os olhos de Tank se estreitam em mim como se ele pudesse ver através da minha besteira. Mas ele dá um tapa nas minhas costas e sai do bar. Eu vou para fora. Preciso de um pouco de ar fresco. As tendas dos visitantes ocupam a maior parte do terreno.

Fechando os olhos, trago a fumaça e me encosto na parede enquanto deixo a nicotina trabalhar sua magia. Quando termino, jogo o filtro no chão e volto para dentro. Tirando minhas roupas, subo na cama ao lado de Adelita e envolvo meu braço em volta da cintura dela. Vou manter minha cadela perto.

Adelita sempre foi cheia de luz. Um maldito fogo de artifício a partir do minuto em que a conheci. Mas quando Slash caiu esta noite, vi o fogo desaparecer.

Eu beijo seu cabelo úmido e movo meu braço ao redor do seu peito. E a seguro a noite toda enquanto ela dorme. Repasso o dia na minha cabeça como um maldito disco preso na repetição... Beau, Landry, Diego, Slash... tudo.

Tudo está indo para o inferno.

Capítulo doze

Adelita

Acho apropriado que a chuva caia forte em nossas cabeças. Meu corpo está dormente enquanto olho o caixão. Está fechado, a ferida foi muito profunda na cabeça do prospecto para ter um funeral com caixão aberto.

Minha pele estremece, mas não tem nada a ver com a chuva. Tremo quando o caixão é baixado no chão pelos Hangmen. Meus olhos se fixam no primo de Slash. O rosto de Smiler está atormentado por uma dor tão forte que sinto meu coração partir. Olho as outras pessoas aqui. Os homens que perderam um irmão. Um homem morto em seu auge. Olho as mulheres e a tristeza que domina seus rostos.

E olho para os outros dois prospectos. Os outros dois garotos que Diego pegou. O mais jovem parece assombrado quando seu amigo é enterrado — moedas nos olhos, de acordo com a tradição Hangmen. Mas é em Asher que me concentro. Seu rosto não está triste como o de todos. Está furioso, seu olhar escuro e selvagem. Seu corpo está tão tenso que parece que vai quebrar a qualquer momento. Seus cabelos negros grudam no rosto enquanto a chuva cai e o encharca. Mas seus olhos nunca deixam o caixão, como se ele olhar com força suficiente, fosse ressuscitar o amigo.

Meu estômago revira. Porque ele nunca conseguirá. Ele nunca terá seu melhor amigo de volta. E provavelmente se

culpará para sempre por Slash empurra-lo para fora do caminho. Quando no fim, é minha culpa. É tudo minha culpa. Diego matou este jovem por minha causa.

Toda essa dor... toda essa violência e morte é minha culpa.

A mão de Tanner procura a minha, dando um breve aperto antes de soltá-la. Não posso olhar para ele enquanto os homens que abaixaram Slash no chão se afastam. Cada um dos Hangmen pega suas armas.

Quando Smiler começa a jogar terra no caixão, Styx dispara um único tiro no ar, o som faz com que os pássaros se espalhem das árvores ao redor. Como uma dança ensaiada, o resto dos Hangmen dispara inúmeros tiros no ar. Mas Asher ainda não se mexe. Seus olhos da cor da meia-noite ficam fixos no caixão rapidamente coberto, a mandíbula cerrada e as mãos fechadas em punhos ao lado. Afasto os olhos, incapaz de testemunhar tanta dor e raiva, apenas para encontrar Saffie agitada, olhando preocupada em direção a Asher. Ela fica sob o guarda-chuva da mãe, segurando Phebe como sempre. É como se Saffie não pudesse se manter sem a ajuda da mãe. Mas seus olhos continuam indo para Asher. Ele não percebe o olhar. E acho uma pena. Asher claramente precisa de alguém para confortá-lo agora. E Saffie parece disposta a oferecer isto.

Quando o tiro final soa, silêncio domina a floresta. Todos nós assistimos quando a última pá de terra é jogada sobre o caixão, e Smiler leva uma cruz temporária para a frente do túmulo. Tanner me disse que uma lápide dos Hangmen está sendo feita.

Smiler pega uma marreta e fixa a cruz no chão. E juro que, com cada golpe da marreta na simples cruz de madeira, vejo uma parte de sua alma desaparecer. A chuva diminui o suficiente para eu perceber que as gotas caindo nas bochechas

de Smiler não são água. Mas lágrimas pelo primo que ele nunca mais verá, pelo membro da família que perdeu. Não posso mais lutar contra o nó na minha garganta ao ver um homem tão forte quebrando. Só fica pior quando o médico, que conheço como Rider, aproxima-se e coloca a mão no braço de Smiler. As mãos de Smiler tremem quando bate na cruz uma última vez. Então, como uma represa quebrando, ele vira a cabeça no peito de Rider e gritos agonizados disparam do seu coração destruído.

É demais. A culpa, a dor e o conhecimento de que é por minha causa que Slash está morto. Smiler perdeu o primo. Tanner deve ter sentido minha tristeza quando me envolve em seus braços. Enterro o rosto em seu colete e deixo o cheiro familiar de Tanner e couro me aquecerem. Mas não adianta. Estou com frio. E não tenho certeza se sentirei calor novamente.

"Vamos." Tanner insiste. Vejo culpa em suas feições também. Isso é tudo culpa nossa? Esse homem está morto porque precisávamos ficar juntos? Quero perguntar a Tanner, mas estou com medo. Não quero saber a resposta.

Tanner coloca o braço em meus ombros e nos guia para Smiler. Cada Hangmen passa por ele e toca suas costas em apoio silencioso. Rider fica ao lado dele o tempo todo. Ficamos para trás e esperamos até que seja nossa vez. Meu lábio treme quando nos aproximamos e quando encaro seus olhos assombrados, não consigo falar. Tanner coloca a mão nas minhas costas.

"Eu lamento muito." Murmuro, e sinto que nunca disse tão pouco para um significado tão grande em toda a vida. Smiler não responde. Não tenho certeza se ele está percebendo qualquer coisa agora. Ele parece entorpecido, preso num inferno do qual não pode escapar.

Tanner me guia através da floresta e de volta para o clube. Olho para Hades no colete do Viking à nossa frente. Olho o deus negro, a corda em uma mão e uma arma na outra. Pergunto-me se ele tomou Slash em seus braços — um dos seus voltando para casa.

O céu está escuro e turbulento, refletindo o humor sombrio de todo o clube. Entramos no bar e os irmãos começam a beber. Rapidamente percebo que esta noite não é para contemplação silenciosa. Mas para beber e temporariamente esquecer o mundo perigoso em que esses homens — e mulheres — vivem. É para beber por um irmão caído, antes que o ato de vingança inevitavelmente comece.

Nós nos sentamos numa mesa. Sinto os olhos de Tanner em mim. Não olho para cima. Meu peito está acelerado com muitas emoções e sei que ele verá através de mim. Tanner sempre vê. E agora, preciso ficar sozinha com meus pensamentos. Ele não me deixa só. Tanner levanta meu queixo com a mão. Assim que encontro seus olhos, aqueles olhos azuis que adoro tanto, ele se inclina e beija meus lábios.

Olho ao redor do bar, para todos os homens e mulheres. Smiler e Ash não apareceram, nem Rider. Zane está com AK e Phebe. No funeral, o menino não tirou os olhos do chão. Lembro-me dele atirando em homens de duas e três vezes a sua idade, suas balas atingindo corações, cabeças e pescoços. E me pergunto se ele poderá dormir à noite, ou se os rostos virão assombrá-lo. AK colocou o braço em volta do ombro de Zane no início do funeral e manteve-o perto. O garoto se agarrou a ele como um imã.

Isso me faz pensar em Smiler e Slash e em como Smiler estava sozinho quando enterrou o primo. "Onde está a mãe de Slash?", pergunto a Tanner. "Seu pai?"

Tanner deve ter entendido o que quero dizer. "Não sei." Ele passa a mão por meu cabelo. “Smiler não é um falador. Não sei nada, mas ele estava no exército. Não sei como chegou aqui. Não sei muito sobre Slash também.”

"Ele está sozinho." Sussurro, pensando nas lágrimas de Smiler enquanto jogava terra no caixão de Slash. “Ele não tem família. Ele não tem ninguém para amá-lo.” Tanner me puxa para perto. O conforto tranquilo de seu abraço dura pouco porque Tank e Beauty chegam e sentam ao nosso lado.

"Bebidas?" Tank diz sombriamente. Tanner se levanta com Tank e vai para o balcão. Vejo os dois melhores amigos andando juntos e naquele momento sou eternamente grata por Tank. Ele esteve lá para Tanner quando ele era um menino perdido e espancado. Tank foi o cara a salvá-lo de muitas maneiras. Ele estava lá quando Tanner não quis mais a Klan. E Tank lhe deu um lar entre esses homens, um refúgio quando ele não tinha mais para onde ir.

Um lampejo de paz acalma o meu coração pesado. Tanner não está sozinho. Ele tem pessoas — outras pessoas, além de mim, que o amam.

"Não foi sua culpa." A voz de Beauty afasta meu olhar de Tanner e Tank. Viro para encontrar Beauty me estudando. “Posso ver nos seus olhos, querida. Você se culpa.”

"Diego estava chateado comigo."

Beauty suspira. “Os Hangmen te levaram, querida. De sua casa, antes que alguém soubesse quem você era. Embora fosse o certo a fazer, não foi agradável." Beauty se aproxima. Ela aponta os homens na sala. “Você é do cartel, Lita. Sei que leva essa vida há mais tempo do que qualquer um que tenha atravessado estas portas no braço de um irmão. Então, não precisa que eu te diga que qualquer um que jura lealdade a este clube, a esta vida,

conhece os riscos. Qualquer irmão que tenha um colete com Hades nas costas, sabe que pode não viver para ver o dia seguinte." Ela suspira. "É difícil. E quando algo assim acontece, com alguém tão jovem, dói duas vezes mais." Beauty segura minha mão. “Mas se culpar não o trará de volta. Isso só causará uma vida inteira de dor.”

Tanner e Tank voltam para a mesa com nossas bebidas. Levanto e me movo para envolver meus braços em Tanner. Seus olhos estão desconfiados. Eu o beijo. Tanner me beija de volta. Quando me afasto, digo: "Vou ao banheiro."

“Você está bem, princesa? Mesmo?"

"Eu vou ficar."

Saio do bar e sigo na direção do nosso quarto. Mas paro quando passo pela sala médica na qual Edge e Rider trabalham. Verificando se ninguém está por perto, tento a maçaneta. Ela abre e deslizo para dentro da sala escura. Usando a luz da lua lá fora, procuro pelas gavetas até encontrar o que quero. Coloco no bolso, entro no quarto de Tanner e coloco num lugar acessível, mas fora de vista.

Vou para a mesa que Tanner trabalha, abro a gaveta e pego um dos celulares. Certificando-me que a porta está trancada ligo o celular e disco o número. No minuto em que o celular atende, digo: “*Encuatro horas nosvemosen el sur de la propiedad Hangmen. Meregreso a casa*[1]*."* Encerro a chamada, desligo o celular e o coloco de volta na gaveta exatamente onde o encontrei.

Volto para o bar e os homens se embebedam mais enquanto a noite avança. Por fim, viro para Tanner. “Podemos ir para o quarto, *mi amor*[2]? Estou cansada."

[1] Em quatro horas, nos encontramos próximo a propriedade dos Hangmen. Voltarei para casa.
[2] Meu amor.

Tanner termina seu uísque e fica em pé. Antes de sairmos, abaixo-me e abraço Beauty. Ela sorri para mim quando me afasto. "Obrigada por tudo." Digo apenas par ela ouvir. “E por cuidar de Tanner como cuida. Você é sua família.”

"A sua também, espero."

"Sempre." Respondo e tento esconder o caroço emocional em minha respiração.

Tanner me abraça e caminhamos para nosso quarto. Passamos por Phebe e Saffie e dou-lhes um pequeno aceno. Meu peito se enche quando Saffie dá uma tímida saudação de volta. No minuto em que estamos de volta ao quarto, tranco a porta. Tanner vai ao seu computador e verifica algo. Não sei o que.

Ele não sabe que estou o olhando. E fico feliz. Porque tenho que guardá-lo na memória. Seus olhos azuis e cílios claros. O rosto severo que se ilumina apenas ao meu redor. Os lábios que tão lindamente beijam os meus e mãos que sempre procuram me segurar. Que sempre que me tocam me dizem, sem palavras, que ele me ama mais do que jamais pensei que algum dia seria amada.

Quando ele finalmente olha para cima da tela, silenciosamente estendo a mão. Tanner desliga o computador e se aproxima. Ele não pega minha mão. Em vez disso, ele me puxa, envolvendo minhas pernas em sua cintura. Não nos beijamos quando ele nos leva para a cama. Nós não falamos. Não há nada a ser dito. Esta noite é para o silêncio e mostrarei a esse homem o quanto o amo e adoro. Como ele me deu mais no curto tempo que conseguimos ficar juntos, do que algumas pessoas conseguiriam em quarenta anos. Quero que ele saiba que gosto dele e do que desistiu por nós. E estou orgulhosa dele. Orgulhosa do menino abusado que se afastou do pai

agressivo e controlador e foi de sua escuridão para a segurança da luz.

Tanner fica em cima de mim e começa a tirar minhas roupas. Deixo-o me tocar suave e lentamente, seus dedos acariciando minha pele. Eu o deixo jogar minhas roupas no chão, então rastejar para cima de mim, beijando cada centímetro do meu corpo. Sento, então ficamos ajoelhados na cama. Tiro seu colete, puxando a camisa acima de sua cabeça e afasto sua calça jeans. A respiração de Tanner acelera quando corro as mãos por seu peito largo, beijando cada cicatriz e ferida antiga que posso encontrar. Finalmente, termino em sua boca. Eu o beijo gentilmente, acariciando seus cabelos.

Empurrando-o de costas e nunca afastando nossas bocas, rastejo em cima dele e lentamente me afundo, deixando-o me encher. Com um gemido suave, apoio as mãos no peito de Tanner e encaro seu rosto. Nunca desvio o olhar. Nem uma vez. Observo quando sua respiração fica difícil. Quando suas pupilas dilatam e suas bochechas coram enquanto me movo para frente e para trás.

As mãos de Tanner percorrem meu corpo, admirando todas as minhas curvas como um artista admira sua musa. Saboreio o sentimento. Guardo cada toque em meu coração e deixo-o encontrar o seu lar. Meu olhar permanece em Tanner quando a pressão começa a aumentar em minhas coxas. Eu o sinto pulsar dentro de mim. Mesmo quando me despedaço e Tanner me segue ao longo do limite, observo seu lindo rosto tenso de prazer, seus olhos fechando enquanto suas mãos seguram minhas coxas. Tenho certeza que não há ninguém no mundo que ama outro como eu o amo neste momento.

E tenho certeza de que ninguém tem o coração quebrado tão lentamente, tão dolorosamente, que a morte parece um alívio bem-vindo.

"Eu te amo." Sussurra Tanner. Ele me puxa para o seu peito com os braços ao redor de minhas costas. Seguro as lágrimas que ameaçam cair.

"*Ti amo, Tanner Ayers... sempre.*"

Ficamos assim até eu ouvir a respiração de Tanner. Com cuidado para não o acordar, movo-me para deitar ao seu lado, olhando o relógio de cabeceira. O tempo está rapidamente escorrendo por meus dedos. Quando sei que tenho que fazer um movimento, levanto da cama e rapidamente me visto. Vou para a mesa de Tanner, pego as braçadeiras que ele usa para os fios do seu computador e me movo para a cama. Levo um momento para admirá-lo dormindo. Seu rosto está livre das linhas usuais que adornam suas feições. No sono, ele está em paz e livre de todas as preocupações que sei que o atormentam a cada hora de vigília em todos os dias.

Ele é mais bonito para mim desse jeito — aliviado. Não assombrado pelo passado.

Vendo que tenho pouco tempo para sair, primeiro enrolo as amarras em seus tornozelos, aperto e vou para os pulsos. Movo-me gentilmente, para não o acordar. Pego a seringa que escondi mais cedo esta noite, coloco-a na mesinha de cabeceira e passo o dedo em sua testa para acordá-lo. Os olhos de Tanner se abrem e meu coração começa a bater num ritmo inebriante. Eu estou nervosa... e afasto a devastação que espera para me dominar.

A confusão de ser acordado de um sono profundo leva Tanner a perceber que está amarrado à cama. Ele tenta rolar em minha direção, mas para quando o braço e a perna dele puxam

os trilhos da cama de ferro. Seus olhos de repente se arregalam quando ele tenta chegar até mim e descobre que não pode se mover. Ele rapidamente perde o sono restante.

"Lita?" Ele murmura num tom urgente. Seus olhos encontram os meus. Solto uma respiração instável. Mas eu falo. Sei que tenho que fazer isso rapidamente, então não perderei a coragem... E posso manter a compostura.

"Eu tenho que ir." Sussurro. "Toda essa violência." Balanço a cabeça. "Toda essa morte." Fecho os olhos, lembrando-me do rosto congelado de Slash quando caiu no chão com a bala de Diego.

"Lita... querida, desamarre-me." Sua voz é firme, mas ouço o indício do pânico. "Você está chateada e cansada." Ele puxa o braço com mais força, o ferro da cama range sob sua força.

"Se eu for, posso convencê-los a parar." Tanner congela e sua cabeça começa a balançar. "Não." "Se eu ficar, *mi amor,* ele nunca vai desistir." Limpo a garganta. "Não posso fazer isso com essas pessoas. Com Mae e Charon, Lilah e Grace. Beauty, Phebe, Sia... e Saffie. Deus sabe que todos tiveram muito. Penso em Ash e em seus olhos mortos. Em Zane e o olhar assombrado que tinha." Dou um passo em direção a Tanner e passo a mão por seu rosto barbado. Ele não se afasta. Ele parece congelado de choque. "Você tem uma boa vida aqui, baby. Estes homens... Eles se importam com você. Tank e Beauty... eles te amam. Eles são sua família."

"Lita, desamarre-me." Sua voz está mais forte, e vejo a raiva começar a se construir em seus olhos azuis. Ele puxa as barras, mas as braçadeiras resistem. Sentada na beira da cama, toco o peito de Tanner, seu rosto e passo os dedos ao redor de seus lábios.

Finalmente, minha mão pousa sobre seu coração. "Está batendo tão rápido." Sussurro.

"Você está tentando me deixar." Fala Tanner e puxa seus braços. “Você não pode me deixar, querida. Por favor...” Então a voz de Tanner fica rouca de emoção. Isso me arruína. Mas continuo empurrando. Meus olhos ficam embaçados e obscurecem a visão. Mas não luto. Com cada palavra dita, estou perdendo um pedaço da minha alma. Duvido que algo dela esteja comigo quando eu for embora.

Tanner será o dono de tudo. Como eu desejo.

Seguro seu rosto e me certifico que ele encontre meus olhos. Ignoro a agonia que vejo refletida em suas profundezas, para dizer: "Sonho que um dia, em outra vida, possamos nos encontrar novamente." O rosto de Tanner se contorce de dor. Acaricio as linhas de sua testa.

“Lita.”

“Sonho que nos encontremos em algum futuro distante e reconheçamos a alma um do outro. E fiquemos juntos.” Imagino a cena em minha cabeça. “Só você e eu. Nenhum preconceito ou ódio será parte de nossas vidas. Ninguém discordará da nossa união. Cultura ou cor da pele nem serão um fator.” Eu sorrio. "Você simplesmente me amará, e eu simplesmente te amarei." Sinto como se pudesse sentir fisicamente meu coração quebrar em pedaços enquanto compartilho minhas esperanças. “Mas essa vida não tem esse sonho para nós, *mi amor."* Eu balanço a cabeça. "Sempre será uma luta." Deixo minha testa cair na sua e vejo quando uma lágrima escorre do canto do olho dele. Eu não suporto a visão. Não suporto ver esse homem forte, o homem que amo com todo meu coração, tão magoado. “Tem que ser assim, querido. Eu devo parar a dor. Tenho que tentar melhorar as coisas para todos.”

Tanner se afasta. "Não!" Ele resmunga e se debate na cama. Vejo a braçadeira esticar em sua mão esquerda. "Se você voltar para o México, eles vão te matar!" Ele fala rápido. Urgentemente. "Diego não vai te perdoar por voltar correndo para mim. Seu pai vai te matar por estar comigo, ponto final. Não é seguro, querida." Ele respira fundo. "É uma maldita missão suicida. Você vai voltar para morrer."

Eu sei. Estou preparada para isso. Mas não há outro jeito. Tanner deve ter visto a resolução no meu rosto porque ele grita: "Não! Não vou te deixar ir! Eu vou atrás de você. Você não vai chegar nem perto do México." Levanto a seringa e o rosto de Tanner empalidece. "Lita, não... Não, querida... Não faça isso porra!" Sua voz é falha e ele perde toda a força. "Eu não posso... Eu não posso fazer isso sem você." Sua cabeça treme. "Essa vida... toda essa liberdade... Significa porra nenhuma se eu não tiver você."

Eu me inclino e beijo sua testa. "Você vai viver, Tanner Ayers. Você é forte e vai amar de novo."

Tanner luta muito contra as restrições, fico preocupada de ter deixado as coisas irem longe demais. Pego a seringa, afundando-a em seu pescoço e o vejo enfraquecer imediatamente. Seus olhos azuis encontram os meus quando o vejo lutando contra a força da droga. Foi o que Edge usou em mim quando me trouxeram do México.

Segurando o rosto de Tanner, beijo-o nos lábios e digo: "Não me arrependo de nada. Nem uma única coisa. Se soubesse que tudo o que teria em toda a minha vida são esses poucos momentos roubados com você, eu aceitaria a dor e me machucaria de novo. Eu faria isso de novo e de novo, e de novo."

Tanner faz um som de dor, mas seus olhos começam a fechar. Fico perto, acariciando sua bochecha até que ele apaga. Um soluço dolorido escapa da minha garganta. Deixo a

devastação me consumir por alguns minutos, até me recompor. Deixando o quarto, saio para o ar da noite. Ouço os homens no bar, bêbados e perdidos pelo luto de um irmão morto. Contei com eles ficando embriagados.

Caminho para a floresta que contorna o complexo como um escudo, afundando-me na profundidade das árvores e rapidamente me perco de vista pelo grosso revestimento de folhagem. Sigo o caminho de terra por mais de uma hora. Perco a noção do tempo depois disso, apenas continuo indo para o sul até chegar a um intervalo na cerca. Uma estrada fica além. Estou entorpecida, forçando-me a bloquear qualquer sentimento que tenha sobre deixar Tanner para trás. De ver Diego e meu pai novamente.

No minuto em que piso na estrada escura, luzes baixas de um carro em espera brilham e o carro vem na minha direção. A porta de trás abre e entro. Dois dos guardas de Diego estão nos bancos da frente. Eles têm armas prontas e seus olhos examinam a floresta.

"Ninguém está vindo." Digo, voltando ao espanhol. "Isso não é uma armadilha."

Eles claramente não acreditam em mim e dirigem devagar, procurando por uma emboscada. Quando saímos do complexo e pegamos uma estrada para Deus sabe onde, eles mantêm o foco no espelho retrovisor. Presumo que buscando qualquer sinal de ataque.

Fecho os olhos, envolvo os braços em minha cintura. Descubro que não consigo respirar quando penso em Tanner e que o deixei para trás. Dele me implorando para não ir.

Esfrego meu peito e tento afastar o pânico que sinto crescer dentro de mim. Luto quando chegamos a um campo de pouso rural e pegamos o avião particular do meu pai de volta ao

México. Quando o avião sobe no céu, o amanhecer começa a romper. O céu ostenta uma pintura rosa vibrante. Olho o chão do Texas abaixo de mim e rezo, com tudo que tenho para que Tanner um dia encontre a felicidade. E que um dia novamente, na próxima vida ou além, nos encontremos de novo.

*****

Olho a fazenda e tenho que lutar contra minhas mãos trêmulas. Não sei o que me espera além das familiares portas de madeira. Mas não sou a mulher que foi embora. Estou voltando com um conhecimento sobre meu pai e ex-noivo que nunca acreditaria anteriormente.

O carro para e o guarda que me pegou abre a porta. Saio e caminho até as escadas. Quando entro, o vestíbulo parece frio e árido. Agora que sei que esta é uma casa construída sobre a dor e o sofrimento de mulheres inocentes. Com a perda de sua liberdade e sangue.

Carmen vem correndo da direção da minha suíte. A mulher que cuidou de mim desde que eu era criança joga os braços ao meu redor e me segura com força. Eu a abraço de volta. "Adelita." Ela sussurra e vejo alívio em seu rosto. "Venha. Deixe-me limpá-la e tirá-la dessas roupas." Olho meu jeans preto, botas e a camiseta dos Hangmen que Beauty me deu. Sinto uma súbita vontade de afastar Carmen.

"Vou ver meu pai." Sigo em direção a seu escritório. Carmen fica no meu caminho, com o rosto afobado.

“Não, Lita. Ele insistiu para que se limpasse e descansasse após a provação. Ele irá visitá-la quando seu negócio terminar.”

Raiva pura me domina e contorno Carmen, determinação enchendo cada passo. Vou ao escritório do meu pai. Não me incomodo em bater, simplesmente abro a porta e entro.

Meu pai está sentado atrás de sua mesa. Diego está na cadeira oposta. Com minha entrada, os dois se viram. Irritação percorre o rosto do meu pai até ele ver que sou eu. Então seus olhos absorvem o que estou vestindo. Seu rosto vira uma expressão de raiva. “Disse a Carmen para ter certeza de que você descansaria antes de eu ir ver você.”

"Diga que não é verdade." Exijo e trabalho duro para impedir que minha voz trema. A cabeça do meu pai se inclina de lado. Enquanto ele senta diante de mim, parecendo estar olhando um estranho. "Diga-me que não é verdade."

"O que não é verdade?"

"As mulheres." Digo, minha voz perdendo força. “As mulheres e jovens garotas que você rouba e vende para homens terem sexo. Para serem escravas e Deus sabe o que mais.”

Meu pai é bom. Sei que há anos de conhecimento em sua expressão — para inimigos e parceiros de negócios — que asseguram que seu rosto permaneça neutro. Mas sou filha dele. E vejo, por um flash em seus olhos, que é verdade. Tudo é verdade. Eu sei disso, claro. Mas testemunhar a falta de culpa em seus olhos, olhos que admirei toda a vida... É como levar uma punhalada no coração.

"Por quê?" Sussurro.

Papai muda num instante. A farsa desaparece e ele desaba na cadeira. *Este* é Alfonso Quintana. Este é o homem, o rosto que as pessoas veem antes de morrer... Antes de serem estupradas. Este é o homem que pegou Saffie uma e outra vez. "É negócio." Ele suspira. "Você não entenderia."

"Eu não entenderia?" Gargalho de sua ingenuidade. "O que eu não entendo?" Minha voz aumenta um pouco em volume. A adrenalina alimenta cada movimento meu. “Eu não entenderia que você sequestra mulheres em suas férias ou de situações vulneráveis? Que você sequestra, compra e vende crianças para a escravidão?” Dou um passo à frente e me certifico que estou olhando diretamente em seus olhos, quando digo. “E eu não entenderia que você solicita garotas jovens para foder enquanto visita seus campos de escravos e as força a te suportarem levando-as contra sua vontade? Crianças. Fodendo crianças!" Meu peito sobe e desce com a raiva que percorre meus músculos. O rosto do meu pai fica vermelho. Nunca falei com ele desse jeito. Nunca o desobedeci. Nunca sequer amaldiçoei na frente dele. O silêncio engrossa o ar. “Quando?" Exijo. “Quando isso começou? Há quanto tempo trafica mulheres?”

"Desde você." Meus olhos vão para Diego. Ele está me observando com um sorriso presunçoso. E tenho certeza que ele notou o sangue sumindo do meu rosto. Minha boca abre para falar, mas nenhuma palavra sai... eu? De que diabos ele está falando? Diego vê minha confusão. "Você foi a primeira Adelita." Diego olha meu pai, que fica branco. “Isso mesmo, não é, Alfonso? Ela foi a primeira?"

"O que?" Sussurro, meu coração acelerando. Meu pai se move rapidamente e tira uma arma de debaixo da mesa. Instintivamente recuo, pensando que ele está levantando-a para mim, mas em vez disso, ele aponta para Diego. Antes que meu pai possa disparar, Diego tira uma arma do paletó e atira na cabeça do meu pai. Grito quando sangue espirra na parede atrás do meu pai e seu corpo cai na cadeira. Sua testa bate na mesa com um baque. Sangue começa a jorrar da ferida.

Meu coração bate estrondosamente em meus ouvidos, mal registro Diego chamando alguém em seu celular, até que ouço o som de tiros disparados dentro e ao redor da casa. Em pânico,

viro em direção a porta. Tudo que posso ouvir são gritos e gritos, e bala após bala deixando o cano das armas.

"A casa é minha." Diz Diego, fazendo-me virar para ele. Meus joelhos estão fracos. O medo é tudo que posso sentir. Diego endireita o paletó, como se não tivesse acabado de matar meu pai e todos os seus homens na fazenda.

“Carmen." Sussurro.

"Ninguém leal ao seu pai pode ser mantido vivo." Tristeza instantânea penetra em meu peito. A arrogância de Diego é evidente em sua postura. “Levou-me anos para trazer homens suficientes para o meu lado, Adelita. *Anos.* Seu pai era um líder fraco. Muito preocupado com mulheres para agir como o perfeito chefe do cartel.” Ele dá de ombros. “Tenho planos para este cartel. Planos que excluem seu pai e o peso morto que ele chama de melhores homens.”

"Não!" Balanço a cabeça e tento compreender o que está acontecendo. "Você", digo e foco minha raiva em Diego. “Você está envolvido no tráfico, não é? Você é tão parte desse show de merda quanto meu pai! Esse é o seu grande plano? Escravas?”

Diego mantem a calma. "Eles não podiam ter filhos." Congelo, confusa com sua mudança radical de assunto. "Sua mãe e pai." Ele faz uma pausa, permitindo-me acompanhar. "Pelo menos aqueles que *acredita serem* seus pais." Meus olhos se arregalam e tento manter a calma. Mas não sei como. O que ele está dizendo? Diego senta na cadeira em frente ao meu pai — meu pai morto. Não consigo olhar o corpo. Nem posso me mover. Estou enraizada no lugar. “Ele a matou, Adelita. Seu pai. Ele matou sua mãe quando ela descobriu o que ele fez.”

"O tráfico?" Sussurro. "Ela descobriu sobre seu negócio?"

Ele balança a cabeça lentamente. Seus olhos são cruéis e frios. "Quando ela descobriu que você foi roubada da sua mãe biológica — uma mulher que nunca quis te abandonar." A dor no meu peito é tão grande que não consigo respirar. O ar parece muito espesso para inalar e meus pulmões estão lutando contra isso. Minha mão sobe para o peito. "Você foi a solução para um acordo que deu errado." Ele dá de ombros como se minha vida não fosse nada. “Não conheço a história completa. Mas sei que seu pai biológico devia muito dinheiro a Quintana. Seu pai — Quintana — estava prestes a arruiná-lo e a sua organização.” Ele encontra meus olhos. “Você foi a solução. Você pela sobrevivência da organização.”

"Não acredito em você." Respondo, mas meu instinto me diz que ele fala a verdade.

“Sua mãe — a esposa de Quintana — descobriu de onde você veio. E não pode viver com isso. Ela quis te devolver à mulher da qual foi roubada. Mas, a essa altura, Quintana estava muito apegado. Então ele a matou.”

"Não." Digo, mas tudo começa a fazer sentido. A falta de fotos. O fato dele não falar da minha mãe. "Mas Carmen", digo. "Carmen disse que eu pareço com ela."

Diego ri e sacode a cabeça. "Você é tão ingênua, Adelita." Meu estômago revira. “Todos que trabalhavam para o seu pai eram pagos para dizer o que ele quisesse. Ignorar o que ele queria que ignorassem.” Diego se levanta e vem na minha direção. Ele pega uma mecha do meu cabelo escuro e a acaricia. "Você foi a primeira pessoa que ele traficou." Ele solta meu cabelo. "Adelita, você inspirou o negócio que se seguiu." Ele balança a mão. “É simplesmente importar e exportar. Nunca foi um problema. Você provou que vender humanos seria lucrativo. Mulheres e crianças, pelo menos." A mão de Diego está na minha bochecha, suavemente, tão gentil quanto o toque de

um amante. "Este império... Todo o dinheiro... Não teria acontecido se não fosse por você."

Minha cabeça está girando, cheia demais de informação. Fui roubada da minha mãe biológica. Quem ela é, não tenho ideia. E meu pai... Não é meu pai.

Fui o pagamento de uma dívida? Eu não era nada mais que um animal de estimação? Uma coisa que ele comprou e criou, moldada para ser sua perfeita filha do cartel?

Posso ver a felicidade no rosto de Diego. A satisfação de ter sido ele a me contar esse segredo. E ele atirou em meu pai... Removendo a única pessoa que poderia ter me dado respostas. A única pessoa capaz de me dizer a pessoa que eu realmente era; quem eram meus pais.

"Eu te odeio." Declaro, e o empurro para longe com minhas mãos em seu peito. Diego recua alguns passos e seu sorriso de satisfação desaparece. Ele avança e golpeia meu rosto com a mão. Minha cabeça recua com a força do golpe. Antes que tenha a chance de me recuperar, ele me joga contra a parede, arrancando o ar de meus pulmões. "Acha que não sei que espalhou suas pernas para o nazista?" Suas palavras rapidamente limpam minha cabeça. Encontro seus olhos. Eles estão furiosos. "Acha que não sei que o grande príncipe branco da Ku Klux Klan matou Vincente?" Meu pulso e coração aceleram num segundo.

Mas desta vez é a minha vez de sorrir. Diego me matará. Eu sei. Não tenho mais nada a perder. "Eu o amo." Digo corajosamente e me sinto calma quando as palavras saem da minha boca. Inclino-me mais perto. "Ele é tudo para mim, e ninguém, nem uma única pessoa, pode se comparar."

"Ele está morto", Diego ameaça. Alegro-me com o fato de minhas palavras terem atingido o alvo. O triunfo é de curta

duração. “Os Klan estão no México. Estamos nos preparando para destruir os Hangmen. E serei eu quem vai matar este filho da puta.”

Medo por Tanner sufoca meu coração. "Você não é páreo para ele." Olho-o de cima a baixo, vendo-o pelo homem perverso que é. "De qualquer forma."

O punho de Diego fecha e ele me dá um soco. Ele me bate várias vezes até meus ouvidos zumbirem e o mundo inclinar. Não posso sentir nada além de sangue na minha boca. Diego segura meu cabelo e me arrasta pela casa. Tento entender o que está acontecendo. Corpos se espalham pelo chão. Vejo o corpo sem vida de Carmen no mezanino do lado de fora dos meus aposentos. Diego abre a porta e me joga para dentro. Atinjo o chão com um baque. "Voltarei para você." Promete Diego. “E vou aproveitar cada minuto ao te matar, *princesa*. Cada maldito segundo." Sua ameaça toma conta de mim enquanto ele se dirige para a porta.

"Onde está Charley?" Exijo saber. “Onde está seu pai? Ele não vai tolerar isso! Ele virá atrás de você, Diego!”

Diego se vira. “Bennett foi morto por minha mão. A matança ordenada pelo seu pai, semanas atrás. Ele não era mais eficaz como distribuidor. Nós demos a outra distribuidora californiana o contrato." Eu paro de respirar. “E quanto a sua melhor amiga... ela está muito longe."

"Morta?" Pergunto sem fôlego.

"Não. Mas ela gostaria de estar." A porta bate e a fechadura gira. Sou deixada sozinha. E deixo as lágrimas fluírem. Deixo o sofrimento e dor sufocante me rasgarem, até que balanço com dor e meu peito arde pelas muitas respirações presas. Meu rosto lateja dos punhos de Diego, mas me arrasto

até a tapeçaria que esconde o túnel subterrâneo. Quando puxo a tapeçaria, nada além de uma parede de tijolos me cumprimenta.

Um tipo sombrio de aceitação toma conta de mim quando a última esperança de liberdade é arrancada de minhas mãos. Levantando-me, cambaleio pelo quarto até chegar à cama. Os lençóis estão limpos. Carmen preparou o quarto para o meu retorno. Sentada na beira da cama, abro a gaveta e pego minha caixa secreta. Abrindo-a, calor enche meu coração vazio quando pego o anel que Tanner me deu.

Quando deito na cama, coloco o anel no dedo e imagino seu rosto sorridente. Diego poderá vir e me levar. Ele poderá me matar tão devagar e dolorosamente quanto quiser. Mas morrerei com o anel de Tanner no dedo e a promessa a ele em meu coração. Então, se nos encontrarmos no além, ele saberá que estive com ele até o fim. Morri com a esperança de me casar com ele ainda firme em meu coração.

De alguma forma.

Algum dia.

Eu o verei novamente.

Capítulo treze

Tanner

Minha cabeça dói como se eu estivesse de ressaca. Minha mente está embaçada, cheia demais de uma névoa espessa que não consigo dissipar. Minha boca está seca, minha língua parece inchada. Movo minhas pernas e braços, mas estão dormentes e letárgicos. E no minuto em que tento me levantar, algo me segura no lugar. Meu coração começa a acelerar, como se soubesse o que está errado antes que minha mente possa alcançá-lo. Abro os olhos, a luz vindo de fora corta minha cabeça como uma lâmina.

"Foda-se!" Resmungo, minhas palavras arrastadas. Meu coração é um maldito tambor enquanto me esforço para afastar o resto da névoa do meu cérebro. Luto contra o que quer que esteja me prendendo. Braçadeiras. Estou amarrado a uma cama... Minha cama... No complexo. Luto contra a luz que apunhala meus olhos e noto uma seringa na mesa ao lado da cama.

Uma seringa...

Imagens começam a entrar no meu cérebro. *Sonho que um dia, em outra vida, possamos nos encontrar novamente... Sonho que nos encontremos em algum futuro distante e reconheçamos as almas um do outro. E fiquemos juntos...*

Sinto como se um pé de cabra fosse enfiado ao meu peito, lembrando-me de tudo que ela disse. Toda merda que ela disse

antes de sair. “Adelita.” Murmuro e puxo as amarras. Meu pulso bate no pescoço. "Adelita!" Repito enquanto meus olhos procuram pelo quarto. Está vazio. Vejo o sol novamente e tento lembrar se estava claro ou escuro da última vez que a vi.

Balanço a cabeça quando não consigo juntar as peças. Puxo mais forte as amarras. O plástico só aperta, rasgando minha pele. Não dou à mínima quando sangue escorre por minha pele. Eu puxo inúmeras vezes, mas as filhas da puta não cedem.

"Adelita!" Grito temendo me cortar até os ossos. Ela não partiu. Ela não pode ter ido. Mas então congelo quando lembro das lágrimas em seus olhos.

É uma missão suicida...

"Adelita!" Grito e dou tudo que tenho para arrancar essa merda da cama. "ADELITA!" A braçadeira de cabo no meu braço direito cede. Puxo o braço esquerdo, quando alguém bate na porta do quarto.

Olho para a porta. Tank está em seu jeans, sem camisa, arma na mão. Seus olhos estão vermelhos como se tivesse acabado de acordar.

“Tanner. Que caralho é esse?"

"Corta essa porra para me libertar!" Exijo. Tank não hesita. Ele puxa o canivete do jeans e corta as amarras nos meus tornozelos e pulsos, ignorando o sangue e a pele rasgada. Pulo da cama e coloco meu jeans e botas. Em segundos, saio pela porta. "Adelita!" Procuro em todos os cômodos que encontro, mas ela não está em lugar nenhum. Esmurro a porta do bar. Não há ninguém lá também.

"Adelita!" Grito. Viro e corro de volta para o meu quarto. Tank está bem atrás de mim.

"O que aconteceu?" Ele pergunta. Viking e Rudge aparecem na minha porta.

“Que porra é todo esse barulho, companheiro? Alguns de nós estão prestes a foder nossas putas pela quarta vez e tudo que posso ouvir é a porra da sua voz. É brochante.” Rudge me informa.

"Quarta?" Pergunta Vike a Rudge, chocado... então sorri e cruza os braços sobre o peito grande. "Estou na sexta rodada." Tank vai até a porta e a fecha.

"Diga o que diabos está acontecendo."

Passando por ele, vou até os monitores no meu quarto. Em minutos estou procurando nos aeroportos próximos. Qualquer um deles que teve um voo privado de última hora reservado. Paro quando vejo um pequeno aeroporto, não muito longe, com um voo de última hora programado antes de ter sido rapidamente excluído do sistema. Mas abro caminho o suficiente para encontrar traços. Não tem horário ou número de voo registrado — isso me diz tudo que preciso saber.

Estou de pé e colocando minha camisa e colete. Corro para a porta, mas Tank agarra meu braço. "Tanner. Onde diabos está Lita?"

“Partiu!" Digo e puxo meu braço. Meu coração dispara novamente e pânico me domina. "Ela me fodeu, amarrou na cama, drogou e depois foi embora."

"O que? Por quê?"

Corro as mãos pelo rosto. Ainda posso sentir o resto droga no meu sistema. Minhas pernas e braços se movem devagar. Mas tenho que ir. Tenho que a impedir de sair, porra. "Eu vou pará-la."

Saio pela porta e corro para minha moto no quintal. Nem ligo o motor quando Tank sai e pula em sua moto também. Não digo nada para ele. No começo ele não fala também.

“Há uma guerra no caso de você não saber. Nós não devemos sair.”

"Apenas dirija para onde quer que estamos indo."

Tank espera que eu saia e, em seguida, está na minha cola. Não me importo se a Klan ou o cartel estão perto. Adoraria a chance de derrubar alguém agora. Piloto tão rápido quanto o motor permite.

Entro no pequeno aeroporto. A pista é pouco mais que um caminho de poeira. Uma antiga torre de controle fica à esquerda. Sangue corre rápido em minhas veias, quando estaciono e atravesso a porta. Subindo as escadas, atravesso a entrada para o centro principal. Algum filho da puta de meia-idade fica de pé. Minhas mãos estão em seu colarinho em segundos. "Você tem um avião indo para o México?" O rosto do cara fica vermelho brilhante enquanto minhas mãos o apertam. “Fale filho da puta! Existe um avião indo para o México?"

"Tann", a mão de Tank cai no meu ombro. "O filho da puta não pode respirar."

Forço-me a acalmar, afrouxo as mãos em seu colarinho. O cara parece prestes a ter um ataque cardíaco.

"Já foi." Diz ele e sinto meu estômago revirar. “Partiu mais cedo. Para o México."

Não consigo falar. Meus olhos vagam para a pista. Para as novas marcas que se formaram na poeira.

"Havia uma mulher a bordo?" Tank deve ter percebido que não posso falar então ele o faz por mim.

"Sim." Fecho meus malditos olhos e afasto o cara. “Ela e alguns homens. Todos mexicanos." Ouço o cara engolir. “Eles me pagaram para dar autorização de última hora. Muito dinheiro. Imediatamente deletei do sistema para não ser descoberto. Eles me disseram quando chegaram para não deixar vestígios. Como ... Como você sabe-"

Raiva me domina. Traiçoeira pra caralho. É tudo que me torno. Apenas um vulcão ambulante pronto para explodir. Minhas mãos se abaixam e em um grunhido, bato nos controles abaixo de mim. Soco as coisas até as luzes começarem a piscar. "Tann!" A voz de Tank corta minha névoa vermelha. Mas apenas passo por ele e corro pelas escadas. Assim que sinto o ar fresco, agarro minha cabeça e grito. Adelita se foi. Ela foi embora!

Cheguei tarde demais.

Ouço Tank sair da porta atrás de mim. Puxando meu braço, ele me puxa e segura meu rosto. “Nós vamos pegá-la. Vamos contar a Styx e ir atrás dela. Nós vamos pegá-la de volta.”

"Eles vão matá-la." Digo, quando a verdade das palavras começa a me atingir. “Eles vão matá-la porque ela está comigo... E ela sabia disso. Ela foi sabendo que eles a matarão.”

"Pode não ser tarde." Diz Tank, tentando ser convincente e me empurrando para a moto. "Vamos contar a Styx."

Pego minha moto e saio do aeroporto, voltando ao complexo. Mas eu sei, porra. Ela será morta. Algum tipo de intuição sombria invade meu instinto, dizendo isso.

No minuto em que voltamos ao complexo, todos os irmãos de Austin estão no bar. Tank deve ter chamado de sua moto. Não o vi fazer isso. Mas não notei muito no caminho de volta. Tudo o

que pensava era Adelita. Em seu rosto enquanto disse adeus. Tudo para salvar o clube. Este clube... e *a mim.*

A idiota estava errada. Sem ela, não *há porra* nenhuma de mim. Tudo o que fiz para que pudéssemos estar juntos foi por nada.

Entramos no bar e todos os irmãos olham em minha direção. Styx e Ky ficam de pé. "Ela se foi." Digo antes que alguém possa falar.

“Acabamos de conferir. Ela partiu esta manhã num avião para o México.” Acrescenta Tank.

Posso ver os olhares desconfiados no rosto dos meus irmãos. Além de Smiler e Ash. Smiler apenas parece morto por dentro. Olhos sem vida. E Ash parece estar prestes a esfaquear qualquer filho da puta que o irrite.

“Ela não saiu porque quis.” Certifico-me de que todos os meus irmãos ouçam. “Ela foi embora porque sabia que se não fosse, eles viriam atrás dela.” Encontro os olhos de Styx e Ky. “Ela quis proteger suas Old ladies de se machucarem. Suas Old ladies e seus filhos." Cerro as mãos. "E ela fez isso sabendo que morreria logo que Diego a recuperasse."

"Ela fez isso para nos proteger." Tank me apoia. “Ela arriscou sua vida para nos ajudar. Para proteger nossas famílias. Para tentar parar o ataque de outro cartel. Então temos que ir buscá-la. Ela é Old lady de Tann. Uma de nós agora. É o que fazemos.”

Não consigo ler o rosto de Styx, não sei o que diabos ele está pensando. Ele levanta as mãos para dizer algo, quando Wrox e o irmão do seu capítulo entram correndo pela porta. Wrox passa por nós e soca o rosto de Flame. Flame se levanta da cadeira. Vike e AK estão ao seu lado em segundos. Flame corre para Wrox e derruba o filho da puta

estúpido em sua bunda. Flame pula em cima dele e começa a bater em seu rosto. AK e Vike atacam os homens de Wrox que tentam arrancar Flame de Wrox.

Rudge é o próximo a entrar. Só que esse filho da puta tem punhos que podem matar com um soco. Em questão de minutos, Rudge derrubou dois dos caras, sorrindo enquanto caem no chão. A comoção faz mais irmãos surgirem.

Um assobio alto corta a sala, então Ky, Bull e Tank começam a separar os irmãos. AK arranca Flame de Wrox, cujo rosto não passa de inchaço e sangue. Mas Wrox fica de pé e cospe em Flame. Os olhos de Flame estão selvagens, prometendo a Wrox uma morte lenta e dolorosa.

"Que porra vocês acham que estão fazendo?" Ky pergunta, de pé entre o nosso capítulo e o deles.

Os homens de Wrox o seguram. "Ele o matou." Quando as palavras saem da boca de Wrox, a sala enche de tensão. "Esse psicopata fodido matou Hick."

"Do que diabos você está falando?" Ky exige.

Wrox levanta as mãos. Noto seu colete e camisa. Estão cobertos de sangue... e não é dele ou de Flame.

Styx fica ao lado de Ky. O Presidente olha cada irmão na sala. Ninguém se move enquanto Styx silenciosamente promete que qualquer um que se mover estará sob sua faca. Styx levanta as mãos. "Isso é verdade?", ele pergunta a Flame. Como sempre, Ky fala pelo Presidente.

"Não matei o filho da puta", Flame rosna, começando a andar de um lado para o outro. "Eu queria. Queria rasgar o coração dele e segurá-lo em minhas mãos."

"Ele cortou a porra da sua garganta." Diz Wrox fria e lentamente. “Hick foi amarrado à cadeira e Flame cortou sua garganta. Hick não conseguiu nem revidar.”

"Eu disse que não o toquei!" Flame resmunga e ataca Wrox novamente. AK estende a mão, puxando-o e o soltando antes que Flame exploda.

"Bem, se ele não o matou, quem diabos fez?" Wrox pergunta.

“Eu.” Uma voz soa do fundo da sala. Lil Ash se adianta. O garoto para ao lado do irmão. Flame encara Wrox e seus amigos. Analisando-os para ver se algum deles ousará se mover contra seu irmão mais novo.

"Você?" Wrox diz incrédulo.

Ash sorri. Mas não é um bom sorriso. Não o tipo que normalmente recebemos do garoto. O sorriso que o garoto dá é sádico e fodido. "Eu." Ash se adianta novamente e ergue a faca. Uma faca coberta de sangue. “Fui até o galpão, peguei minha faca, fui até Hick e cortei sua garganta. Lentamente. Olhando em seus olhos enquanto o sangue jorrava."

"Seu merda..." Wrox corre para Ash, mas Ky o segura pelo colete.

"Ele mereceu." Diz Ash, com a voz calma. Sem mostrar um pingo de remorso. “Aquele filho da puta mandou prospectos saírem no meio de uma guerra, contra as ordens de Styx. Ele nos mandou diretamente para o cartel. Foi fácil para eles nos pegarem. E ele matou Slash! Aquele filho da puta estava com o tempo contado no segundo em que deu essa ordem.”

"Cale a boca, Ash", AK diz e puxa o garoto para seu lado. Ash encolhe os ombros para AK, seus olhos negros encarando Wrox.

“Que porra é essa que está gerenciando aqui?” Wrox fala com Styx. “Você ordenou que Hick fosse deixado no galpão até que lidasse com ele. Essas são regras do clube. No entanto, um dos seus prospectos vai contra você e o clube e corta sua garganta. Um maldito garoto desobedecendo o presidente do complexo? É assim que está aqui agora?” O olhar severo de Styx cala a porra da boca do Wrox.

“Como entrou?” Ky pergunta a Ash. "Você não tem a chave."

"Eu o deixei entrar." Meus olhos vão para Smiler, que ainda está sentado à mesa. O irmão nem se incomodou em levantar quando as coisas começaram. Apenas ficou sentado lá, assistindo. Smiler levanta os olhos, com um copo de uísque na mão. “Eu levei Ash para o galpão quando ele pediu, deixei-o entrar... Então o assisti matar Hick. Eu assisti, com um fodido sorriso no rosto, enquanto ele cortava a garganta do filho da puta e ficamos até que ele estivesse completamente sem sangue e atravessasse para o Barqueiro." Ele toma um gole do seu uísque. "Sem moedas nos olhos."

Wrox e seus amigos dão o primeiro soco. A sala se torna uma tempestade de mãos, facas e sangue. Dou um passo para trás e corro as mãos sobre a porra da minha cabeça. Adelita... porra, Adelita! Eles estão sequer ouvindo sobre minha cadela? Eles precisam terminar essa merda sobre um irmão que merecia morrer e me ajudar a recuperá-la. Não tenho tempo para isso. Eu não tenho tempo!

Tank me olha e segura meus braços. “Eu juro Tann. Nós vamos pegá-la de volta. Vamos armar um plano juntos e ir.” Bull grita por Tank quando ele é levado por dois homens. Tank sacode a cabeça e corre para ajudar seu amigo. Styx e Ky estão lutando também. Ash e Flame... Cada filho da puta está lutando, não me escutando, porra.

Preciso de um plano. Não tenho tempo para brigar. Preciso encontrar Adelita. Caminhando até a porta, bato em qualquer idiota que vem até mim. Quando chego lá, meus dedos estão vermelhos, feridos e sangrentos. Deixo um rastro de narizes quebrados e mandíbulas fraturadas. Eles escolheram o maldito dia errado para mexer comigo. Mas não me importo. Apenas vou para o meu quarto. Minhas mãos empurram meu cabelo enquanto tento descobrir o que fazer. Não sei o que fazer! Corro para os monitores, tentando acessar a câmera de dentro da fazenda. Meu coração para quando a conexão some. As câmeras foram cortadas. Não há nada além de telas negras...

O que isso significa?

O que diabos isso significa?!

Tento pensar. Afastar a visão de Adelita morta e fria da minha cabeça. Levanto e caminho de um lado para o outro. Preciso atravessar a fronteira e entrar no território Quintana. Preciso chegar até ela antes que eles a matem. Se não for tarde demais. Eu preciso chegar lá.

Diego vai morrer.

Um e-mail chegou. Olho a tela vendo que é de Wade.

Clico nele.

Estamos todos a caminho do México. Estarei lá em breve. Diego matou Quintana e tomou a casa e seus homens.

Meus olhos se arregalam. Merda. MERDA! Isso significa que Adelita está agora sob o controle daquele filho da puta.

Adelita está morta, eu sei... Uma dor gigante esfaqueia meu abdômen e sinto que não consigo respirar. Meu peito está muito apertado, meu maldito coração luta para funcionar.

Adelita está morta. Dormência se espalha por meu corpo como veneno, retardando meu coração. Enchendo-me de nada além de vingança.

Diego chamou todos para planejar o ataque final aos Hangmen. Beau está aqui. Seu pai e tio chegam em alguns dias devido a negócios no Texas. Todos estarão num só lugar. Diego quer sangue... até mesmo das crianças. Ele planeja exterminar todos, sem deixar nenhum Hangmen restante. Isso é pessoal.

Mas acima de tudo, ele quer você. E ele não é o único. A Klan. O fato de você estar contra eles e com os Hangmen... todos os irmãos querem que você seja punido. Eles te querem morto.

Olho a tela do caralho. O fato de que o cartel e Klan estão todos se unindo para me matar. Ambos me querem. E penso em Adelita. Penso em viver num mundo onde ela não exista. Deixei a Klan por ela. Eu mudei minha vida por ela.

Sem ela, qual é o objetivo?

Busco a resposta.

Meus dedos pairam sobre as teclas. Eles estão tremendo e meu peito está tão apertado que é difícil respirar.

Diego matou a filha de Quintana também?

Olho a tela, minha garganta tão apertada que tenho certeza que está fechada. Quando o e-mail chega, não consigo abri-lo. Como uma merda de covarde, espero e espero, até que me forço a ler a mensagem e encarar a verdade.

Ele matou todos.

Leio e releio a frase. Lentamente as palavras começam a viajar por meu corpo, uma a uma, fechando tudo dentro de mim. Minhas mãos tremem, fecham em punhos. Meus músculos tensionam até que não há uma parte minha que não doa. E

então a facada bate. A fatia agonizante através do maldito coração que me deixa de joelhos. Meus pulmões travam e se recusam a funcionar. Eu ofego, porra, tentando respirar. Mas é inútil. Minhas mãos batem no chão e um rugido sai da minha garganta. É tudo minha culpa... Adelita está morta por minha causa. Porque ela voltou para mim. Porque eles acreditam que ela nunca deveria ser minha. Lágrimas fodidas caem dos meus olhos quando a imagino morta no chão; aqueles malditos olhos castanhos que tanto amo, congelados na morte.

Eu me afogo em agonia, até que raiva e ódio substituem o buraco no meu coração. Até que cada centímetro meu esteja preenchido com necessidade de vingança. Para ver Diego morto. Para ver meu pai e tio sangrando sob minha faca.

E Beau. Até Beau morrerá. Matarei todos... E rezarei para que me matem também. Eu estou acabado.

Levanto-me do chão e mando um e-mail de volta.

Estou me entregando. Vou ao México. A Klan — Beau, meu pai e meu tio — e Diego podem me ter. Eles podem me matar.

Aperto enviar.

Por que diabos faria isso? É suicídio.

Leio sua resposta, e um estranho tipo de paz se instala em mim. Bom.

Organize tudo. Diga-me quando e onde. Estou indo.

Wade faz o que peço e fecho todos os computadores, limpo tudo o que leve os Hangmen para onde estou indo. Pego um pedaço de papel e escrevo para Tank.

Tank,

Só quero dizer obrigado por tudo que fez por mim. Você esteve lá quando eu era da Klan. Você esteve lá para mim, mesmo

quando saiu. Você esteve lá quando eu saí também. Você sempre teve minhas costas. Você é a única pessoa na minha vida que posso dizer isso.

Você foi o melhor amigo que eu poderia ter pedido. E quero que saiba disso. Fique com Beauty. Não há muitas cadelas no mundo como ela. Você tem uma das melhores.

Respiro fundo e pressiono a caneta no papel novamente.

Estou farto de correr. Estou farto da Klan e o cartel. Vou resolver tudo de uma vez por todas. Vou impedi-los de virem até vocês. Vou parar essa guerra e manter os Hangmen, as Old ladies e crianças seguras.

Viva livre. Ande livre. Morra livre, irmão.

Tanner.

Dobro a carta, colocando-a na minha mesa. Deixando o quarto, levo minha moto até os arredores do complexo. Espero na floresta a noite cair, então empurro a moto até a estrada. Não tenho ideia do que aconteceu com Ash e Wrox. O lugar está como uma cidade fantasma. Mas vejo o que toda essa merda está causando ao clube. O que o veneno da Klan e do Cartel fizeram a essa irmandade. Luta entre seções e inocentes — não, *dois* inocentes — crianças matando e vendendo suas almas para Hades. Zane nunca mais será o mesmo após a captura e tiroteio. Ash já se foi e Smiler está atrás deles, guiando-os para a escuridão.

Penso em Mae e Charon. Em Lilah, Grace e os gêmeos. E em Saffie e o que ela disse a Adelita. Sobre seu pai. Sobre tudo. A porra do clube está desmoronando. Se eu parar a Klan e o Cartel, eles terão a chance de reconstruir e resolver sua merda.

Não ligo o motor da moto até estar fora de vista.

E vou para a fronteira mexicana. Onde a Klan me encontrará no ponto acordado e serei levado. A cada quilômetro de estrada que viajo, quanto mais me aproximo dos homens que me matarão; a dormência me deixa. Porque estarei com Adelita em breve.

Sonho que nos encontraremos em algum futuro distante e reconheceremos as almas um do outro. E ficaremos juntos.

Estou segurando esse maldito sonho com tudo que tenho.

Capítulo quatorze

Styx

Jogo o meu corpo na cadeira. Ky se senta em frente. “Foda-se. E-eu.” Inclino-me para trás na cadeira, olhando para o teto. O fodido sol surgiu há algumas horas.

A noite toda. Toda a porra da noite estou lidando com as consequências de Ash matar Hick. E Smiler. O que diabos aquele idiota pensou ao levar Ash até o galpão?

“Que noite do caralho”, Ky geme e toma o café que acabou de fazer. Ele bate a caneca vazia na mesa. “Quando penso que só temos que lidar com Flame, vem o modelo 2.0. Só que este sabe exatamente o que diabos está fazendo.” Ky balança a cabeça. “Torna a criança ainda mais desequilibrada no meu livro.”

Ash está afastado. Banido do clube por um mês. Wrox não está feliz com o veredicto — mas não dou a mínima. Este é o *meu* clube e *minhas* regras e como disse a Wrox, Hick *fodeu* tudo. Sangue foi pago com sangue. É o maldito jeito dos Hangmen. Hick foi morto no lugar de Slash. Smiler está afastado também por sua participação.

Que porra de merda.

Mas entendo. Se fosse eu como prospecto e algum filho da puta fosse responsável por Ky ser morto... cortar sua garganta seria o mínimo que eu faria. Teria lentamente tirado sua pele e feito o filho da puta gritar. Conhecendo meu velho, ele teria me

dado um tapinha nas costas e atirado em Wrox e seu MC por ousar questioná-lo.

Mandei Wrox e seus homens saírem. Não vou lidar com suas bundas quando estamos numa maldita guerra. Aqueles filhos da puta tentaram atingir a mim e meus irmãos. E porra, pagaram o preço. Quatro no hospital e o resto na enfermaria com concussões e mandíbulas fraturadas. Filhos da puta. Se tentarem de novo, matarei todos sem hesitação.

Bebo o café e estou prestes a levantar e ir para casa, quando Tank atravessa a porta. "Ele se foi!", ele grita. Tank acena com um pedaço de papel nas mãos. Ele o joga na mesa. Vejo rabiscos nele, mas Tank continua para que eu não precise ler para saber o que é. "Ele foi atrás dela, porra."

Tank chuta uma cadeira pela sala, a madeira estilhaça contra a parede. "Ele tentou explicar para nós. Ele ficou diante de todos nós e então Wrox e seus idiotas vieram e fizeram tudo para que ele não conseguisse. Tanner deve ter fugido enquanto estávamos lidando com as consequências." As mãos de Tank batem na mesa. "Ele foi para o México. Sozinho. Com a Klan e o Cartel atrás do seu sangue." Ele pega o papel. "Isto? É uma merda de nota de suicídio. O irmão sabe que não vai voltar. Sabe que ambos o querem." Tank sacode a cabeça. "Ele foi embora para não virem atrás do clube. Assim como Adelita fez. Eles voltaram e ambos serão mortos. E o que nós fizemos? Nós ignoramos e focamos em Ash matando Hick." Tank aponta para mim e para Ky. "Quando foram suas Old Ladys, colocamos a armadura e levamos o inferno para aquele culto. Não hesitamos. Mas Tanner... O irmão foi sozinho porque não tínhamos a porra de suas costas quando era importante." Ele fica em pé e cruza os braços sobre o peito. "Então, que porra vamos fazer sobre isso? Porque é melhor fazermos algo. Ele não é a razão pela qual vamos à guerra. Apesar do que ele pensa, vai além do seu envolvimento."

Tank olha para Ky. “Você quis guerra por causa da Sia. AK quis guerra pelo que aconteceu com Phebe e Saffie. Ash matou Hick por causa do que o cartel fez com ele, Zane e Slash. Smiler quer sangue derramado por Slash.” Tank se senta ao meu lado e de Ky. “Então, todos estamos nisso. Não dou a mínima se é apenas nosso MC. Mas esse cara é o melhor amigo que já tive e é um verdadeiro Hangman. Não vou aceitar um não como a porra de uma resposta.”

Tank encontra meus olhos e posso ver o desafio para eu argumentar. Isso só me irrita. Estou ficando realmente fodido com os irmãos do meu clube pensando que podem falar comigo do jeito que querem.

Levanto as mãos para mostrar a ele exatamente a porra que penso, quando uma batida surge na porta. Inclino a cabeça para trás e sinalizo, “*Este dia nunca termina!*”

Mae entra. Seu rosto está branco. Levanto-me em um segundo. Ky e Tank também. *“O quê?”* Aceno.

Os olhos de lobo de Mae estão enormes. Ela avança e meu coração começa a acelerar no peito. *“O que está errado? Onde está Charon?”*

“Ele está seguro. Está com Bella”, ela diz e meu estômago revira.

“Então o que houve?” Houve um ataque? Alguém foi sequestrado?

“Você precisa ler isso.” Mae segura o diário da minha mãe.

Balanço a cabeça. *“Mae, não agora, porra—”* sinalizo, mas ela me corta.

“Styx! Você tem que ler isso. *Agora.*”

Vejo Ky franzir a testa, imaginando o que diabos está acontecendo, curioso do por que Mae está de repente gritando quando ela nunca levanta a voz. Não disse a ninguém que estava lendo isso. Nem mesmo a Mae... embora aparentemente ela saiba. A cadela sempre me lê melhor do que qualquer outra pessoa.

"Adelita..." Mae sussurra e balança a cabeça, segurando o diário no peito. Seus olhos se enchem de lágrimas. "É Adelita, Styx." Não sei por que, mas pelo tom de Mae, meu pulso começa a disparar como um maldito canhão. Meus olhos caem para o diário nas mãos de Mae. "É ela..." Mae diz, quando uma lágrima cai por sua bochecha. E então eu sei. Sei o que ela está dizendo.

Não sei o que diabos acontece comigo. Algum tipo de raiva profunda que nunca senti antes. Alguma maldita promessa feita para minha mãe me atinge. Encaro Ky e levanto as mãos. *"Traga todo mundo aqui. AGORA! Teremos uma igreja."*

"O que diabos está acontecendo?" Ky pergunta. Tank parece confuso.

"Convoque a porra da igreja!"

Ky e Tank deixam o escritório e seguro o braço de Mae, puxando-a contra meu peito. Abraço-a e beijo sua cabeça. "Você tem que salvá-la, Styx. Precisa trazê-la para casa."

"T-Tanner também se foi. F-foi atrás dela."

Mae recua e toca minha bochecha. "Não..." ela sussurra. Seu rosto muda de triste para determinado pra caralho.

É uma legítima Hangmen do caralho que está bem aqui. E ela está fodendo comigo.

"Então traga os dois de volta, baby. Para onde é o lugar deles. Isso muda tudo. Por você... por Charon... por ela..." Tomo

a boca de Mae, beijando a porra da minha esposa. Quando me afasto, ela repete, “Salve-os. Este terrível erro precisa ser corrigido.”

Trinta minutos depois, entro na igreja, impulsionado por pura vingança. Meu Mc está na frente da sala, os outros ocupam o restante do espaço. Não me sento, porra. Ando de um lado para o outro. Então fico diante de todos, certifico-me que os olhos estão em mim. Deixo o fogo nas minhas veias liderar o caminho. Ky não questiona o que diabos está acontecendo. Meu VP fica ao meu lado e fala por mim quando sinalizo. *“AK, limpe o arsenal. Hoje vamos para Laredo, totalmente carregados de armas, granadas e qualquer outra coisa que tivermos. Chávez e Shadow estão nos esperando.*

“O que está acontecendo?”, pergunta AK.

“Vamos para o México.” Encaro cada um dos meus irmãos. “Vamos para a porra da guerra.”

*****

A baixa luz do caminhão é a única coisa que ilumina o espaço. Sento-me com as costas contra a parede. Ky está à minha frente. Todos nós seguramos Uzis[3]. Tank está ao lado de Ky. AK e Smiler assumiram a frente — não dando a mínima para o afastamento de Smiler. O irmão está tão abastecido com vingança quanto eu. Ele é um dos melhores lutadores que temos. Ele merece isso: Wrox pode ir pro inferno. AK e Smiler serão os primeiros a sair. Viking, Hush, Cowboy, Bull e Flame ocupam o resto do caminhão.

“No minuto em que a porta abrir, nós disparamos”, diz AK, a voz baixa para que nenhum filho da puta possa ouvir. Ele checa o GPS. “Cinco minutos.” Então a tensão dentro do

[3] A Uzi é uma família de pistolas-metralhadoras compactas. A primeira pistola-metralhadora Uzi foi desenhada por Uziel Gal em finais da década de 1940, e é actualmente fabricada pela Israel Military Industries e FN Herstal

caminhão aumenta enquanto os minutos passam. A porra do meu pé bate no chão. Praticamente posso sentir o gosto do sangue que está prestes a cair. Posso ouvir os gritos dos covardes que estou prestes a acertar. *Ninguém mexe com o meu clube. Ninguém mexe com os meus irmãos.*

E nenhum filho da puta mexe com a minha família.

Estamos num caminhão de tráfico. Shadow o organizou. Como um maldito cavalo troiano, estamos nos esgueirando pelas linhas inimigas nos caminhões que levam seus escravos para os campos. Shadow, Chávez e os Diablos estão em outro caminhão. Os outros capítulos dos Hangmen estão escondidos no resto. Os Diablos derrubaram um acampamento que continha os caminhões; mataram até o último dos filhos da puta Klan. Libertaram as cadelas e nos trouxeram os caminhões.

O plano para derrubar os idiotas da Klan e o Cartel é simples. Todos nesta vida temos inimigos. Quintana não é diferente. No jogo das drogas, você sempre é um massacre em potencial. Shadow me deu o nome do filho da puta que queria o que a família Quintana tinha. Ele tentou vencê-los por anos. Faron Valdez. Nós fizemos contato...

O resto foi uma merda de festa feliz.

Os Klan — todos, exceto os líderes — estão acampados num só lugar. Seu acampamento sede de tráfico no México. Faz os fodidos parecerem patos. Valdez lidará com o cartel. Checo o meu relógio. Ele já fez o seu movimento.

Estamos prestes a atingir a Klan.

O caminhão treme até parar. Agarro minha Uzi. Sinto a porra da familiar adrenalina me dominar. Guerra. Não há nada fodido nisso. Deixo as palavras do diário da minha mãe encherem minha cabeça. Deixo-as acenderem o fogo em meu

coração até que ele enche minhas veias e me faz querer nada além de ver nazistas caindo no chão debaixo das minhas balas e lâmina alemã.

Uma batida soa ao lado do caminhão — o sinal do motorista que a porta será aberta.

AK levanta a mão, nosso ex-atirador das Forças Especiais lidera o caminho. E meus olhos se concentram na porta. A fechadura destrava e no segundo que a porta se abre, AK sai do caminhão e abre um maldito mar de fogo. Em segundos, estamos atrás dele. Os nazistas imediatamente começam a cair diante de nós. Meu pulso acelera mais e mais rápido conforme os filhos da puta caem, sangue se acumulando no chão debaixo deles e correndo para meus pés. Caminhão após caminhão é aberto e nossos irmãos descem. Caminhões de todas as fodidas direções entram no acampamento, portas se abrem, meus irmãos saem como malditos demônios. Diablos e malditos Hangmen seguem em direção a esses filhos da puta quando começam a disparar de volta.

"Vou para um lugar mais alto", diz AK ao meu lado enquanto atiro num gigante loiro bem entre os olhos do caralho. Balanço a cabeça e ele desaparece atrás de um prédio escuro. Balas voam de todas as direções. Hangmen e Diablos começam a cair também. Isso não nos para.

Examino a área do meu capítulo. Ky, Tank e Bull, Hush e Cowboy estão disparando à direita, atingindo alvos. Vike e Rudge estão juntos à minha esquerda, fazendo o mesmo. Flame tem sua faca em uma mão, Uzi na outra, cortando os filhos da puta em que já atirou. Smiler está mais à frente. No fundo, entre os Klan que saem em malditas ondas dos prédios. O irmão está atirando e usa sua faca para cortar dedos, línguas, orelhas... qualquer outra coisa que encontre, antes de derrubar

outro. Ele está indo para a matança... mas ele tem a porra do direito.

Vejo um soldado da Klan vir da minha direita e coloco uma bala em sua cabeça. Outros três caem por meus disparos. Então noto o que parece ser o quartel-general à frente. Assobio para Ky e Tank, apontando para o prédio. A Klan está caindo rápido. Somos muitos para eles lidarem sem o apoio do cartel. Vasculho a área em busca de qualquer mexicano — mas estão longe da vista.

Parece que Valdez está cumprindo sua parte do acordo.

Atiro através da Klan que avança em nós, caminhando para a sede. A suástica gigante que fica do lado de fora deixa óbvio que é onde a merda acontece. Idiotas. Sempre fáceis de serem encontrados. Nunca souberam como calar a boca com toda essa merda nazista.

Chego à frente do prédio, mato o filho da puta que sai correndo — um tiro direto no coração. Ele cai aos meus pés e cuspo em seu feio rosto de poder branco. Paro ao lado do prédio, Tank e Ky fazem o mesmo. Sinalizo para Ky, quebro a porta e começo a procurar nos quartos. Nada. Não há nada aqui, porra.

Um tiro de repente vem da minha direita. A bala roça meu braço. Olho a ferida — o filho da puta tirou sangue. Puto pra caralho, aponto nessa direção. Derrubo o filho da puta no minuto em que o encontro escondido atrás de uma porta. Pego a faca alemã e corto sua coxa. No momento em que sua arma cai da mão, agarro o imbecil pelo pescoço e o arrasto pelos pés. Puxo a faca, seguro-a em sua garganta e jogo o seu corpo no edifício principal. Ky e Tank entram correndo.

“Vazio. Nenhum dos líderes está aqui”, Ky diz.

Tank olha o idiota tentando sair dos meus braços. Ele sorri, mas não é nada além de um maldito sorriso sanguinário. “Keaton Brown.”

O imbecil em meus braços tenta correr de Tank. Deixo o filho da puta ir e Tank acerta o punho no rosto do nazista. Ele o derruba no chão. Tank o pega e segura. Ando na direção dele, afundando a lâmina alemã no ombro do filho da puta. Ele grita, certifico-me de olhar em seus olhos quando o corto.

Puxo a faca, sinalizando para Ky. Ky chuta o nazista nos pés. O filho da puta se esparrama no chão, gemendo. Os irmãos começam a entrar pela porta. Bull abaixa a arma quando percebe que somos nós. Vike, Rudge, Smiler, Flame, Cowboy, Hush e AK entram também. Eles estão cobertos de sangue e excitados pelas mortes.

“Outros capítulos estão nos perímetros buscando qualquer filho da puta que tente escapar. Os Diablos estão fazendo contato com Valdez.” AK baixa o rifle. “O acampamento é nosso.”

Viro para o filho da puta no chão. Guardo a faca e a arma, Ky age como meu porta voz. “Onde estão Landry, Beau Ayers e o Governador?” Aproximo-me até que o meu pé pisa nos dedos do filho da puta. Sorrio quando seus ossos rangem sob minha bota.

O nazista olha para cima, mas só depois que para de gritar. “Não estão aqui”, ele diz com os dentes cerrados... então o imbecil tenta sorrir. Tiro a faca do bolso, começando a fazer um “H” em seu peito. Ele grita novamente, seu corpo treme. Tank levanta a cabeça.

“Onde eles estão, filho da puta?” Ky rosna. Quando o idiota não responde, afundo a faca em seu abdômen. “Ele pode fazer isso o dia todo”, diz Ky, quando os olhos nazistas começam a revirar de dor.

Tank se inclina. “Diga-nos onde estão, Keaton, e onde o Tanner está e será uma morte rápida.” À menção de Tanner, o filho da puta sorri. O sangue mancha seus dentes.

Ele cospe no chão. “Esse traidor vai morrer”, ele sussurra.

Vai morrer... Tanner ainda está vivo.

Movo-me para a frente do nazista, rolo meu pescoço, em seguida, enfio a lâmina na sua coxa. Ele quase desmaia. Com cada novo entalhe ou corte que faço, ele grita até que está muito longe para gritar.

“Diga-nos”, exige Tank. O nazista está perto da morte — mas não perto o suficiente. Posso fazer isso durar mais algumas horas pelo menos. “Diga-nos e será rápido.”

O nazista encontra meus olhos. Então seus lábios machucados se abrem, “Safehouse... vinte e quatro... noroeste.”

“Como chegamos lá?” Ky empurra.

“Estrada... privada.”

“É onde está Tanner?” Tank empurra.

O nazista sorri novamente. Ferve a porra do meu sangue. “Ele estava lá... até agora.” Ele engasga com o sangue começando a subir em sua garganta, mas consegue dizer, “Ele será morto... o príncipe branco vai morrer.”

Afundo a faca em sua boca, fecho-a, então esfaqueio o filho da puta no pescoço. Seus olhos se arregalam e Tank chuta o fodido no chão enquanto ele sufoca em seu sangue. Viro para AK. “Coordenadas”, sinalizo.

“Estou nisso”, diz ele e pega o mapa da área que Valdez nos enviou. AK assinala onde fica o esconderijo. “Temos que seguir a maior parte do caminho a pé ou eles nos ouvirão.”

Ouço som de carros entrando no acampamento. “Valdez?” Ky pergunta.

“Deve ser”, sinalizo.

“Estejam prontos para lutar”, Ky diz aos irmãos e lidero o caminho de volta para o centro do acampamento. Paro quando saímos.

“Vocês vão para Tanner. Nós seguiremos assim que isso terminar.” Aponto para mim e Ky. Seguro o meu celular para AK. *“Envie-me a rota.”* Ele acena e nossos irmãos vão embora.

Três carros pretos param no centro do acampamento. Nazistas mortos, alguns Diablos e Hangmens caídos no chão. Um cara de terno preto sai da porta do lado do motorista do carro do meio. Ele abre a porta traseira e um homem mais velho sai. Fico na frente dos meus homens e ele imediatamente vem em minha direção. “Styx Nash, presumo?”

Ky dá um passo ao meu lado. “Ele não fala.”

“O Hangmen mudo”, diz Valdez. “Já ouvi falar de você. Ainda bem que finalmente conseguimos trabalhar juntos.”

Levanto as mãos e sinalizo, *“O Cartel de Quintana é seu?”* Ky fala por mim.

“Ele é.”

Olho o filho da puta com o cabelo penteado para trás em um terno caro. *“Onde ela está?”* Tento ver dentro dos outros carros. Não consigo achar sinal de Adelita.

Valdez sacode a cabeça. “Ela não estava lá.” Fico tenso e o músculo na minha mandíbula contrai. Encaro esse filho da puta. Ele deve ter visto que ainda estou preso em sede de sangue e a um segundo de cortar sua garganta, porque levanta as mãos. “Nós temos um acordo, Sr. Nash. Você queria a garota

viva. Que não era para matá-la. Dei minha palavra. Ela não estava na fazenda."

"Diego Medina?" Ky pergunta.

"Fugiu. Acreditamos que sozinho." Meus dentes cerram de fúria. "Ele não vai longe. Meus homens estão em todo lugar. Ele não tem aliados e nenhum lugar para ir que lhe ofereça segurança. Não demorará muito até que ele seja descoberto... e então ele será cuidado."

"Adelita? Onde ela estaria?" Ky questiona.

Valdez dá de ombros. "Ela se foi quando chegamos. Não sei para onde. Talvez tenha escapado antes de invadirmos a fazenda."

Dou um passo à frente e fico cara a cara com o filho da puta. Vejo seus homens se mexerem. Os meus se movem mais rápido, suas armas puxadas e prontas. "Se eu descobrir que a matou, se você tocou numa porra de fio de cabelo em sua cabeça, vou te matar." Ky transmite minha ameaça para Valdez.

O filho da puta não reage. "Acredito em você, Sr. Nash. Mas nós fizemos um acordo e o honrei. Não matei a garota." Ele dá de ombros. "Quem é ela sem o pai? Ela não tem nenhuma importância para mim agora." Valdez acena para um de seus homens que se move para o carro e abre a porta, depois olha para mim. "Espero que possamos trabalhar juntos novamente no futuro, Sr. Nash. Vamos cuidar de Diego Medina, conforme acordado. Entraremos em contato com você quando terminar."

Valdez entra no carro e vai embora. Quando ele desaparece de vista, Ky fica na minha frente. "Precisa me dizer agora por que diabos de repente dá uma merda sobre a puta de Tanner. E não minta para mim."

Posso ver meus irmãos assistirem, esperando uma explicação. Os Diablos também esperam. Chávez está por perto. Onde diabos ela está? E como diabos a encontraremos agora?

"Styx!" Ky sussurra. "Porra, diga-me!"

Levanto as mãos e sinalizo, *"Ela é minha irmã. Ela é a porra da minha irmã."* O rosto de Ky empalidece e sua boca abre. Aceno com a cabeça na direção de Chávez. *"E ela é sua irmã também."*

"O quê?", Chávez pergunta e vem andando. "O que você disse?"

A confusão de Ky de repente clareia. "Porra... sua mãe e Sanchez tiveram um filho?" Balanço a cabeça, '*sim*'. "Adelita?" Ele balança a cabeça. "Como diabos Adelita acabou com Quintana? Que porra é essa, Styx?"

Chávez ainda está em choque.

Não tenho tempo para essa merda. *"Fique de olho em qualquer outro nazista. Vamos encontrar Tanner e os outros"*, sinalizo para Chávez que ainda não se moveu. Ky conta a eles o que disse, depois me segue até um caminhão que Crow preparou. Balanço a cabeça para Crow e entro no lado do motorista.

Ligo o motor, dirigindo para a maldita casa segura. Já é hora desses filhos da puta nazistas morrerem. Então poderemos procurar Adelita.

Nós caçaremos a porra da minha irmãzinha.

Capítulo quinze

Adelita

Minha cabeça dói quando abro os olhos. Meu coração dispara quando uma sala escura surge. Vozes murmuram em tons ásperos como se estivessem distantes... não, elas vêm de um rádio. Pisco quando vejo uma luz fraca à minha direita. Não reconheço onde estou.

Então minha garganta entope com uma mistura de felicidade e alívio quando vejo quem está sentado sob a luz. "Luis..." Sussurro. Luis levanta a cabeça dos alto-falantes do rádio. Sua mão brinca com os controles.

Luis se aproxima e senta ao meu lado. "Lita..." Ele diz e sorri. Ele segura minha mão e me dá um copo de água. Tomo um gole e estremeço com o simples ato de engolir. Diego... as surras que ele me deu...

Tudo dói. Estou tão cansada...

"Durma, Adelita. Você está segura agora. Está tudo acabado. Você é livre." Não sei o que Luis quer dizer. Eu o observo voltar ao rádio e girar os botões. Vozes masculinas soam pelos alto-falantes e percebo que ele está ouvindo conversas. Não estamos em sua casa também. Ele deve ter visto minha confusão. "Trabalhar para o seu pai me ensinou muitas coisas ao longo dos anos, Lita. Aprendi rapidamente como ter certeza de que estamos seguros. Escutas telefônicas. Esconderijos secretos." Seu sorriso cai. "Valdez tomou a casa. As

fábricas. Peguei você antes que eles pudessem te encontrar." Meu coração aperta e uma onda de pânico toma meu corpo. "Ouvi os planos dos homens de Valdez através disso. Cheguei em sua casa pouco antes deles. Na comoção da tomada, entrei em seu quarto e te levei embora." Ele sorri. "Havia alguns túneis que não foram fechados. Diego nunca soube sobre eles." Uma lágrima cai do meu olho. Luis avança e limpa-a. "Os Hangmen estão aqui, Lita. No México. Eles vieram por você e Tanner."

"Tan... ner?" O medo por ele faz eu tentar me mover. Luis me ajuda a sentar contra o sofá quando gemo de dor. Minhas costelas... meu estômago... tudo dói. Meu coração é o pior de todos. "Os Hangmen tomaram o acampamento da Klan." Ele acena com entusiasmo. "Eles vão salvá-lo, Lita. Estou certo disso."

"Ele veio... atrás de... mim...?" Meu lábio treme e meu coração dói quando penso em como o deixei... e o que ele arriscou ao vir me resgatar. "Ele veio... atrás de mim..."

"Farei contato com os Hangmen assim que for seguro."

"Obrigada..." Sussurro. "Muito obrigada..."

"Durma, Lita. Cure-se. Você está segura. Você está finalmente segura..."

Capítulo dezesseis

Tanner

Sou levantado por Kenny e Lars. Esses filhos da puta não ousariam nem me olhar quando eu estava na Klan. Agora, estão me arrastando para ficar de pé depois de me baterem por horas.

Fico ereto. Não deixarei esses idiotas me verem fraquejar. Eles me acompanham por um corredor. Kenny bate na porta. Não sei quem diabos está além dela. Encontrei esses dois idiotas na fronteira e fui levado para algum acampamento no meio do nada. Ontem à noite, fui posto num caminhão e trazido aqui, onde quer que *aqui* seja. Não vi meu pai ou tio. Não vi Wade... e nem Beau.

"Entre." Alguém grita e imediatamente reconheço a voz do meu pai.

É isso.

Isso é foda.

Meu pai não vai me deixar ir. Eu esperava sentir mais. Esperava querer lutar. Desejar sobreviver. Mas Adelita se foi... Não dou a mínima para o que os idiotas farão comigo agora.

Eles não podem matar um homem morto.

Kenny abre a porta e sou empurrado para dentro. Rapidamente me endireito, recusando-me a cair a seus pés. Minhas mãos estão amarradas nas costas. A porta fecha e

levanto a cabeça. Do outro lado da sala, eu os vejo. Meu pai, em seu traje habitual — todo negócios e política. Landry, resmungando em minha direção... e Beau. Beau me olha sem nenhuma porra de expressão no rosto.

Wade também está presente. Wade, que foi meu contato todo esse tempo, está sentado no canto. Ele me olha. Bancando o pequeno nazista perfeito na frente do meu pai, tio e de Beau.

"Tanner", meu pai diz e fica de pé. Ele vem em minha direção. No segundo em que ele está diante de mim, ele me dá um soco no rosto. Minha cabeça se move com o impacto. Mas tenho a maldita certeza de que meus pés não se movem. Não darei a esse idiota o prazer de me atingir.

"Pai", respondo, o gosto de sangue vindo do meu lábio partido. Nós estivemos aqui muitas vezes.

"Assim. Tudo isso?" Ele zomba, apontando para o meu colete. "Tudo por uma porra de garota?" Meus dentes cerram quando a palavra sai de sua boca.

Eu me aproximo. Perto o suficiente para que minhas botas toquem a ponta de seus sapatos caros. "Fale sobre Adelita assim novamente e vou te matar."

A boca do meu pai contrai. Landry levanta e dá a volta na mesa onde estão sentados. O idiota apenas soca meu estômago, depois meu rosto.

Ele continua até que meu pai o segura. "Paciência", meu pai diz a ele.

Olho através da mesa para Beau. "Você é o próximo?"

Beau, tão silencioso como sempre, fica em pé. Vestido de preto, com o cabelo castanho caindo sobre o rosto, ele vem em nossa direção. Ele para na minha frente com os braços cruzados sobre o peito; meu maldito irmão. Aquele que nunca saiu do meu

lado estará aqui quando eu morrer. Quando nosso tio e pai me matarem.

Wade se levanta também. "Wade", digo friamente, quando o cara está longe. Tenho que protegê-lo.

"Cale a porra da boca, traidor", ele responde. Seu rosto está vermelho quando ele cospe em mim e suas mãos estão fechadas em punhos ao lado. Ele está fazendo um bom trabalho em fingir estar chateado.

“Solte-o”, meu pai ordena ao meu irmão. Beau se move atrás de mim e corta a fita que une minhas mãos. Cerro-as, preparado. Meu tio e meu pai recuam. Quando Wade se junta a eles, sem uma merda de lealdade em seus olhos, eu espero. Beau se move para o lado deles. Os quatro olham em minha direção. Encaro o meu irmão mais novo uma última vez. Como diabos isso aconteceu?

"Fique contra a parede", ordena o meu pai.

Faço o que ele diz e recuo quatro passos até minhas costas baterem na parede. Beau, Landry, Wade e meu pai levantam as armas.

Uma porra de parede de tiro. Uma execução. Eu não fecharei os olhos. Eu os observarei até ser arrastado para o inferno.

"Você sempre foi uma porra de covarde", diz meu pai. “Nunca foi o soldado que seu povo precisava que fosse. Desde criança, sempre questionando a merda e sendo um desapontamento.”

Meu velho desliza a trava de segurança da arma. Quando ele vai atirar, Beau avança e dispara dois tiros perfeitamente apontados... Nas cabeças de Wade e Landry. Em segundos, ele

tira a arma das mãos do meu pai. Ele a joga para fora do alcance.

Meu coração começa a acelerar. "Que porra é essa?" Meu pai diz para Beau.

Meus olhos caem em Landry e Wade, mortos no chão, com os olhos abertos. Kenny e Lars arrombam a porta. Beau vira e manda-os para o barqueiro também.

Beau vem ficar ao meu lado. Olho meu irmão mais novo enquanto ele encara o nosso pai. "Se eu tiver que ouvir mais uma porra sobre Supremacia Branca, ver mais uma saudação nazista ou assistir a mais uma porra de rally, vou matar cada um de vocês."

O rosto do nosso pai é drenado de cor. Então rapidamente se avermelha. "Você-" Ele vai bater em Beau, mas agarro sua mão e empurro o filho da puta. Seus olhos viram para nós dois. "*Você* planejou isso", ele sussurra para Beau.

Beau sorri. "Tudo isso." Olho meu irmão mais novo em estado de choque. Ele olha entre mim e nosso velho, seus olhos finalmente parando em mim. “Fingi ser Wade. Eu precisava que pensasse que eu gostava dessa merda nazista.”

"Você não gosta?" Pergunto, minha garganta ficando mais grossa a cada segundo. Pensei que ele estava dentro... Pensei que ele me odiava... Pensei que ele era da Klan ...

"Nunca. Você sabe disso."

"Eu sabia... mas então assumi estar errado quando saí e você assumiu a liderança. Você ficou quieto quando éramos crianças. Pensei que estava errado. Que acredita neles no final das contas.”

Beau sacode a cabeça. “Nunca quis esta vida. Porra, odeio tudo isso. Cada maldito dia sob as regras deste filho da puta.” Ele inclina a cabeça em direção ao nosso velho.

“Por que ficou? Por que diabos não saiu também?"

Beau faz uma pausa, depois diz baixinho: "Você." Seus braços cruzam sobre o peito. Conheço este Beau. Aquele que nunca revela nada. Meu irmão mais novo nunca falou muito; nunca se abriu. Nunca. Cruzar os braços sobre o peito? É ele se protegendo de qualquer verdade que esteja prestes a derramar. Porra, quero puxá-lo para o meu peito. Protegê-lo como sempre fiz. Mas sei que ele precisa dizer o que quer que seja.

Beau sacode o queixo na direção do nosso velho. "Ele não é a porra da minha família." Ele aponta para Landry. "Nem aquele idiota caipira." Beau olha para mim. “Você era, Tann. *Você* era minha única família... e depois você me deixou para trás.”

“Eu queria Adelita. Não poderia estar na vida da Klan e tê-la.” Balanço a cabeça. “Você estava fora com o exército. E eu não acreditava mais nesta merda. Percebi que tudo era fodido. Tive a chance de sair através de Tank. Então a peguei. Você nunca veio e me procurou depois que saiu. Eu assumi que terminou comigo junto com esses idiotas."

"Você me deixou para trás", Beau diz, raiva dominando sua voz. Meu estômago revira. Eu não sabia... se soubesse, nunca teria saído.

“Mas você está liderando a Klan. Treinando os soldados. Você com certeza age como se fosse um nazista completo.”

"Tive que parecer real." Não consigo entender. Não posso pensar. Olho meu pai aos meus pés. Ele parece prestes a entrar

em combustão enquanto ouve Beau. Porra, a forma como Beau fala tudo. “Eu tinha que nos colocar em uma posição onde pudesse derrubá-los. Destrui-los antes que eles te destruíssem.”

"O que?"

“Eles sempre quiseram te matar, Tann. Você é um traidor da raça. Da causa. O grande Império Invisível. Eles nunca te deixariam viver... eles iriam acabar com os Hangmen. Você parecia feliz lá. Então tive que descobrir uma maneira de afastar a Klan antes que te pegassem.” Ele dá de ombros. “Tive que te fazer acreditar que eu estava nisso, então nada daria errado. Precisava que acreditasse que eu queria te matar... precisava que acreditasse que não tinha mais nada.”

"Seu merda!", nosso pai grita. Ele corre para Beau, mas acerto seu rosto antes mesmo dele se aproximar. O idiota cai no chão. Eu o observo rastejar no chão e tudo que sinto é desgosto. Ele é fraco e imbecil. Sempre foi, porra. Ele abusou de nós quando crianças, pagando alguma cadela para nos dar à luz para que pudesse educar seus herdeiros na Supremacia Branco. Ele é tão patético quanto possível.

Nosso velho segura o nariz, sangue manchando seu terno caro. Fico ao lado dele, colocando meu pé em suas costas para me certificar de que ele não se mova.

Beau nem sequer o reconhece. “Eu precisava de todos aqui embaixo. Em um lugar. Precisava de você aqui também."

“Eu vim porque eles a mataram. Diego a matou." Beau oscila em seus pés. Então suas palavras me atingem... *Eu precisava que acreditasse que não tinha mais nada...* "Diego a matou, certo? Adelita...”
Limpo a garganta. "Ela se foi?" Não quero a fodida esperança. Não quero me dar nenhuma esperança de que ela está viva. Eu não...

"Ela está viva." Beau interrompe meus pensamentos. Meu coração começa a acelerar. Meus ouvidos se enchem de um rugido pulsante.

"O que?"

"A última vez que verifiquei, ela estava viva."

"Você... você me disse que ela estava morta!" Tenho que lutar contra o desejo de machucá-lo.

"Eu precisei! Tinha que trazê-lo aqui. Tive que os impedir de irem atrás de você. Eu sabia que se achasse que ela estava morta, isso aconteceria." Raiva. Não sinto nada além de raiva. Mas quando olho Beau, vejo a verdade em seus olhos. E ele está certo. Eu vim aqui porque não tinha nada a perder. A Klan e o cartel estão aqui para planejar um ataque aos Hangmen... Beau impediu tudo.

Chutando meu velho, ando até Beau e o puxo para a porra do meu peito. Eu o beijo na cabeça, sentindo a pressão sair do seu corpo sempre tenso. É como quando éramos crianças... Beau e eu.

Tudo o que tínhamos era um ao outro.

De repente, sinto o cano frio de uma arma na parte de trás da minha cabeça. Eu congelo. O mesmo acontece com Beau. "Bem, isso não é um bom encontro de merda?" A voz do meu pai diz friamente. Empurro Beau para longe.

Abro a boca para falar, quando a porta abre e uma voz diz: "Governador porra Ayers!" A arma imediatamente sai da minha cabeça. Viro para ver Ky Willis apontando uma Uzi para o meu pai. Styx chega depois, seguido por Tank. Tank passa por Styx e seus olhos se fixam nos meus. Vejo o alívio em seu rosto por eu estar vivo.

Ky olha para o meu tio, depois para Wade, Kenny e Lars mortos no chão. "Parece que perdemos a porra da festa." Meu pai, pela primeira vez, parece nervoso. Todos os meus irmãos estão com as armas apontadas nele... meus malditos irmãos estão *aqui*.

"Já faz um tempo, Gov", diz Ky, sentando-se na beira da mesa.

Meu pai recua até estar contra a parede. "Você não pode me matar", diz ele. “Sou um governador. As pessoas vão questionar onde estou.” O filho da puta sorri. "E tenho um seguro, se isso acontecer." Pelo olhar presunçoso em seu rosto, esse seguro me envolve, os Hangmen, ou ambos.

Ky assente, depois pega o celular. Ele tira algumas fotos. Só levo um segundo para ver no que meu pai está na frente — bandeiras nazistas e da Supremacia Branca na parede. Ky dá um largo sorriso. "Para *nosso* seguro." Ele se levanta da mesa. "Claro que seus eleitores adorariam saber que não vai dormir à noite sem se masturbar com pornô alemão e gritar *Heil Hitler* quando goza."

"Seu pedaço de merda..."

"Acho que vai descobrir que é você", Tank diz e se move para o meu lado. Vejo seus olhos escurecerem quando pousam em Beau. Fico na frente do meu irmão. Nenhum desses homens, incluindo Tank o tocará.

Styx assobia e gesticula para que Vike abra a porta. "Vá", ele diz ao meu pai. Ky dá a ordem. Styx sorri. Meu velho corre até a porta. Styx fica olhando até o minuto em que ele está quase livre. *"Valdez tem o cartel."* O rosto do meu pai cai quando Ky diz as palavras de Styx em voz alta. Styx se aproxima mais e mais. *"E você não tem mais homens."* Meus olhos se arregalam quando ouço isso. Minha porra de pulso acelera. “*Nós matamos*

todos... cada um." Styx apenas olha o meu pai, silenciosamente. Então, *"Você está por sua conta."* Styx olha o meu tio e os outros três homens mortos. *"Você não tem mais ninguém... Governador."*

Styx se afasta e meu pai encara a mim e Beau. "Vai se arrepender disso. Um dia vai se arrepender disso." Então ele sai. Não sei como voltará ao Texas sem homens. Mas não me importo. Ele se foi.

Ky me olha, então para Beau e aponta a arma para o meu irmão. "Agora, é hora desse filho da puta ir para o barqueiro."

Empurro Beau atrás de mim. "Não", digo. "Foi Beau o tempo todo", digo e encaro Tank. "O contato... era Beau. Ele estava destruindo a Klan por dentro..." Conto a eles o que Beau me disse. Tudo. Cada coisa do caralho.

"Isso é verdade, Beau?" Tank pergunta.

Beau me empurra de lado para poder ser visto. "Estou bem, Tann." De frente para os meus irmãos, ele diz: "É verdade. Tudo isso. Eles iam atrás de vocês. Não ia deixar acontecer. Eles não chegariam ao Tanner."

"Ninguém vai tocar nele", digo, e falo sério as malditas palavras. "Acreditem ou não. É verdade. Mas nenhum filho da puta aqui vai colocar um maldito dedo nele ou teremos problemas."

Ky e Styx se entreolham. Ky dá de ombros. "Então parece que devemos ao mini Ayers uma merda de bebida." Solto a respiração que nem sabia estar segurando. Tank se aproxima e dá um tapa nas costas de Beau. Como sempre, meu irmão não reage. Sempre em sua própria cabeça. Silencioso e sem dar nada. Mas posso dizer por seus olhos que ele está aliviado.

"Você realmente atirou na Klan?" Ele pergunta a Styx. Ele assente. "E Valdez realmente pegou o cartel de Quintana?" Ele assente novamente... "Adelita?" Prendo a respiração.

“Não estava lá quando invadiram. Ela saiu de alguma forma”, Ky diz. Ele encara Styx, uma expressão estranha no rosto.

“O quê?” Tensão enche a sala. "O que?"

Ky vem em minha direção. "Acontece que sua cadela sempre foi propriedade Hangmen." Faço uma careta, confuso, quando ele acrescenta: "Quintana não era o seu pai. Não de sangue. A esposa não era sua mãe.”

Não sei o que diabos está acontecendo. "Então quem é?"

Ky aponta para Styx. "A mãe de Styx." Ky bate a mão no meu ombro. “Styx aqui soube que tem uma irmã...” Ky deixa a frase em aberto "Adelita."

Minha cabeça fodida roda. Mas quando encontro os olhos de Styx, sei que é verdade. "Onde ela está?"

"Nós vamos encontrá-la", Styx assente.

“Nós tomamos o acampamento da Klan. Estamos usando-o como base.”

Vike e Rudge lideram o caminho para fora do esconderijo, quando um rosto de repente entra na minha cabeça e pergunto: “Diego? Valdez também o pegou?”

"Ele fugiu", responde Tank. “Valdez está nisso. Ele não ficará vivo por muito tempo. Valdez tem todos os seus homens à procura. Ele não vai conseguir amanhecer. É um maldito homem morto andando.” Quero matá-lo. Quero ser aquele que fará o filho da puta morrer. “Nós vamos pegá-la de volta, Tann. Eu prometo, porra.” Minha mente imediatamente volta para Adelita.

Vou encontrá-la.

Ela está lá fora, em algum lugar.

E nós estamos vivos... é tudo que sempre quisemos.

*****

"Você está bem?" Pergunto a Beau. Beau se deita na cama.

Beau assente, fecha os olhos e sei que ele está se fechando. Espero até que ele esteja dormindo antes de sair do quarto. Minha porra de cabeça ainda gira de tudo que aconteceu. Meus irmãos, junto com os Diablos e os outros clubes dos Hangmen, estão do lado de fora. Alguns em patrulha, outros ao lado de fogueiras, comemorando a vitória. Os corpos foram movidos antes de voltarmos. Valdez enviou um contato que tinha para coletá-los — merda do mercado negro, tenho certeza.

Acabo de sentar ao lado de Tank, quando um carro preto entra no acampamento. Fico em pé entre Styx e Ky.

"O carro de Valdez", Ky diz. Ainda assim, meus irmãos estão todos armados.

O motorista sai do carro como se centenas de armas não estivessem apontadas para ele. Ele vem em nossa direção. "Tanner Ayers?", ele diz com seu grosseiro sotaque mexicano.

Meus olhos estreitam, mas aceno. O motorista me entrega um pedaço de papel. "Adela Quintana foi encontrada." Olho o papel. Tem um número nele. “Você vai ligar para esse

número. Temos instruções de que deve ser você. Precisa organizar pessoalmente onde buscá-la."

O motorista vai até o carro e sai. Não espero. Vou até a sede onde os telefones estão. Disco o número. Depois de três toques, uma voz pergunta: "Tanner?"

Demoro um minuto para reconhecer a voz. "Padre Reyes?" Encontrei-o algumas vezes quando estava na fazenda de Adelita.

"Ela está comigo. Ela está segura." Toda a tensão que sinto derrete e nada além de alívio invade meus ossos. "Ela está ferida, Tanner." Em um segundo, esse alívio desaparece. "Lita está bem. Mas Diego... ele a machucou. Bateu nela. Eu a encontrei no chão do quarto, mal consciente. Eu a limpei e trouxe-a para uma capela remota. Ninguém sabe onde estamos."

Fecho os olhos e luto contra a raiva que cresce dentro de mim. "Estou indo para ela", anuncio. "Eu..." Paro de falar e olho pela janela. Meus irmãos estão me esperando do lado de fora. Styx continua olhando em minha direção. Ainda não consigo entender o fato de que Adelita — *minha* Adelita — é irmã de Styx e Chávez. "Ela pode andar, Luis?"

"Sim. Ela está machucada e cansada, mas fora isso, está bem. Nada está quebrado."

"Ela pode falar?"

"Sim. Ela não está comigo agora. Não queria que a ligação fosse rastreada. Mas Tanner, ela está bem, prometo. Machucada, muito machucada, mas ela é forte. Ela sempre foi uma guerreira." Minha garganta fecha e balanço a cabeça enquanto um grunhido de acordo deixa minha boca. "Ela é." Minha voz está rouca, meus olhos ardendo. "Ela sempre foi uma guerreira. Desde o primeiro momento em que a conheci." Levo um fodido segundo para respirar. "Padre Reyes, escute..." Falo com o padre e traço o plano. Quando desligo, sigo para o meu

clube. “Nós a pegaremos amanhã. Seu melhor amigo a salvou. Eu o conheço. E sei onde ir.”

"Onde?"

“Uma capela remota. Tenho as instruções. Luis sabe onde fica o acampamento. Luis é um padre. Seu padre.” Digo aos meus irmãos onde a igreja fica. "Vamos pegá-la ao amanhecer." Styx assente. "Eu vou dormir", digo.

Posso ver a expressão suspeita de Tank. Seus olhos estreitam em mim. Ele sabe que algo está acontecendo. É por isso que tenho que ir para o meu quarto. Preciso dessa noite. Apenas a porra de uma noite com ela sozinho. Merda, só preciso de algumas horas.

Beau levanta a cabeça quando abro a porta. "Sei onde ela está." Beau assente. Continuo tentando lê-lo para ver se ele tem um problema comigo entrando em contato um mexicano. A ideologia Klan é difícil de afastar. Mas não há nada no rosto de Beau além de aceitação.

"Quando voltará?"

Não quero mentir para o meu irmão, então apenas digo: "Em breve."

Deito na outra pequena cama e apago a luz. Olho para o teto, a escuridão ao meu redor. E espero. Espero até que a respiração de Beau tenha se estabilizado. E espero até que o som dos meus irmãos conversando do lado de fora diminui.

Checando a hora, silenciosamente saio da cama. A maioria dos irmãos não foi para as camas. Estão desmaiados bêbados ou exaustos no chão. Usando minha experiência dos anos no exército, silenciosamente ando no escuro. Contorno o edifício e entro na floresta circundante. Ando através das árvores até chegar a aldeia próxima.

Movendo-me para o carro mais perto, quebro a janela e abro a porta. Uma vez que dou partida, pego a estrada. Desligo as luzes, caso alguém esteja observando. E quanto mais me aproximo da capela onde Luis me disse para encontrá-lo, meu coração bate mais forte.

O céu começa a clarear. O amanhecer chegará em algumas horas. Isso é tempo suficiente. No minuto em que vejo a pequena capela e nada mais ao redor por quilômetros, paro o carro atrás. Olho para os tijolos antigos que parecem que cairão se tocados. As janelas de vidro mal seguram suas molduras de madeira apodrecidas.

Dentro, vejo velas. Corro as mãos pelo rosto e desço do carro. Movendo-me para a pequena porta lateral azul que Luis me disse para entrar, bato duas vezes. Demora menos de dez segundos para abrir. Entro e olho em volta. O lugar é pequeno, bancos de madeira ocupando a maior parte do chão de pedra. Um grande crucifixo está pendurado na parede principal. Velas foram acesas em seus braços – é a única luz em todo o lugar.

"Ela está bem?" Pergunto, minha voz ecoando pelo antigo cômodo.

Luis sorri. "Mais do que bem." Meu pulso acelera no pescoço. Luis suspira, o sorriso desaparecendo. “Nunca pensei que estaríamos aqui, Tanner. Nunca pensei que esse dia chegaria."

"Eu nunca perdi a esperança."

"Nem ela."

Um rapaz vem de uma porta ao lado da capela. Vou pegar a minha arma, quando Luis coloca a mão sobre a minha e disse: “Ele é meu seminarista. É seguro.”

Então Luis olha para trás e congelo. Sei que Adelita está lá. Eu posso sentir. Luis sorri para ela. Nós estamos na frente do altar. O sacerdote seminarista anda até o piano. Ele começa a tocar algumas músicas que não posso identificar.

Então ouço Lita andando em minha direção. Ouço os pés dela no chão de pedra... cada vez mais perto. Minha cabeça gira. Meu coração bate rápido. Nós estamos aqui. Nós estamos aqui, porra. Após anos... nós estamos *aqui*.

Sinto seu perfume de rosas atrás de mim e fecho os olhos. Penso no dia que a encontrei no México. De como ela me enfrentou quando a olhei. Quando ela rompeu minha porra de defesa... quando ela veio até mim quando meu velho me bateu. E como ela me fez perder o ódio que corria tão grosso quanto o sangue em minhas veias. Ela me fez mudar... ela me fez amá-la.

E por algum maldito milagre, ela também me ama.

Segundos depois, ela está ao meu lado. Posso sentir seu calor à minha direita. Respiro fundo... então abro os olhos. Minha cabeça vira para ela, como se fosse um imã que não posso deixar de ser atraído. Sua cabeça está curvada, o cabelo escuro cobrindo o rosto. Mas vejo seu vestido. Um vestido de seda púrpura. Eu a amo usando roxo. Sempre amei. A luz está baixa, as velas não emitem muita luz. Mas tensiono ao ver as contusões em seus braços nus... quando vejo sangue seco em seu vestido.

Adelita levanta a cabeça e mostra o rosto. Quase perco o controle quando vejo seus olhos negros e inchados. Quando vejo suas bochechas arranhadas. Seus lábios feridos.

“Lita...” Sussurro e movo suavemente o dedo por seu rosto ferido. Os olhos de Adelita se enchem de lágrimas. Ela segura minha mão e depois faz o mesmo comigo.

“Eles também te bateram..." Ela sussurra.

Luto contra o nó na garganta. "Eu pensei que estava morta."

O lábio de Adelita treme. "Não..." Ela sorri. “Parece que Deus nos quer juntos, depois de tudo, Tanner Ayers. Parece que somos destinados a isso.”

"Eu te amo", murmuro e seguro seu rosto, com cuidado para não a machucar.

"*Ti amo, mi amor.*"

Enquanto a olho, é como se nunca a tivesse visto antes. Pensei que ela estivesse morta. Acreditei que ela se foi. Mas ela está aqui, um maldito milagre. Ela está ao meu lado... dizendo para a minha bunda indigna que me ama.

Ela me ama.

Ela está se casando comigo.

Luis pigarreia. Ele segura uma bíblia na mão. “Nunca pensei que estaríamos aqui hoje.” Ele diz em inglês, claramente por minha causa. Luis sacode a cabeça. “Quando você se apaixonou, não acreditei. Não *pude* acreditar.” Luis me olha, depois para Adelita. “O Príncipe Branco e a Princesa do Cartel. Não fazia sentido. Duas pessoas que nunca foram destinadas a estarem juntas, encontrando no outro sua alma gêmea. A metade do coração deles que ainda precisava ser reivindicada."

Os olhos de Luis ficam úmidos quando pousam em Lita. “Eu casei muitas pessoas. No entanto, acho que nunca me regozijei mais num matrimônio do que nesse... mais do que o seu.” Ele limpa a garganta novamente. “Vocês merecem um ao outro. Vocês lutaram mais do que qualquer um que já conheci. Deus vai recompensar isso. *Tem* recompensado. Bem aqui, agora mesmo, está sua recompensa.”

Aperto a mão de Adelita. Ela treme. Mas sei que não é de nervosismo. É de felicidade... porque eu também sinto.

Luis lê a bíblia. Eu não ouço. Apenas olho Adelita. Ela não usa maquiagem. Ela sempre usa maquiagem. Mas é perfeita sem ela. Mesmo com hematomas, cortes e feridas, ela é a garota mais bonita que já vi.

"E agora seus votos."

Encaro Adelita e seguro suas mãos. “Lita...” Murmuro, meu coração acelerado no peito. "Não sou bom com palavras." Balanço a cabeça, sem saber o que diabos dizer. Adelita aperta minhas mãos. Olho nos olhos dela. Ela assente com a cabeça, encorajando-me, silenciosamente, dizendo-me para tentar. Então, porra, eu tento. "Você me mudou, baby", digo. "Tudo. No minuto em que te conheci, você mudou tudo para mim. Nunca conheci ninguém que fosse gentil. Você me mostrou isso. Nunca conheci ninguém que fosse leal. Você me mostrou isso também.” Eu respiro fundo. “Nunca conheci ninguém que lutou tanto por amor a alguém.” Encosto a testa na dela. “Você me deu uma casa, princesa. Você me deu uma família quando mal sabia o que era isso. E depois disso, nunca vou sair do seu lado. Não até estar morto... e mesmo assim...”

Lágrimas escorrem pelas bochechas de Adelita. Quero limpá-las, mas ela se mantém firme. “Tanner...” Ela sussurra e fecha os olhos. Ela respira fundo. "Eu te amo. Eu te amo mais do que jamais sonhei poder amar outra pessoa.” Adelita sorri. “Você me desafiou quando nos conhecemos. Você me desafia ainda. Mas quando te conheci... Senti algo na minha alma mudar. Eu não sabia o que era. Eu acreditava que fosse ódio. Mas quanto mais te conheci... Quando vi as rachaduras aparecerem no pesado escudo que usa, percebi que era mais.” O polegar de Adelita acaricia as costas da minha mão. Ela encontra meus olhos. “Meu coração ficou aceso. Você é a chama que o faz

acender.” Bebo de suas palavras. “Nunca vou te deixar de novo. Nunca andarei nesta vida sem você ao meu lado. Vou te seguir em qualquer lugar que vá.” Com a minha mão na sua. Sua cabeça se curva. “Você afirma que lutei muito por nós. Mas Tanner, você lutou mais. Muito mais.” Ela levanta os olhos. "Sem você, não estaríamos aqui agora." Ela ri entre as lágrimas. "Livres, *mi amor.* Livres e capazes de amar sem punição. Nosso sonho se tornou realidade.”

Quero beijá-la. Quero tomar a boca dela. Mas Luis me entrega um anel antes que possa fazê-lo. É simples, um aro de ouro. "Repita depois de mim", diz Luis.

"Eu, Tanner Ayers, recebo Adela Quintana como minha esposa." Repito tudo o que Luis instrui e então deslizo o anel de Adelita. Não consigo desviar o olhar. Ela é minha. Aquele anel diz ao mundo que ela é minha.

"Adelita, repita depois de mim." Luis guia Adelita através das palavras, então ela desliza o anel no meu dedo.

Não desvio o olhar do maldito anel, até que Luis diz: "E pelo poder investido em mim, agora vos declaro marido e mulher." Respiro fundo. Então solto as mãos de Adelita. Segurando suas bochechas, com cuidado para não apertar as contusões, eu a beijo.

Quando me afasto, pressiono a testa na dela e apenas respiro. Não há som, além dos pavios da vela queimando. Somente silêncio... até que o som ensurdecedor de um tiro troveja em torno da capela. O corpo de Adelita de repente tensiona e seus olhos arregalam. Recuo quando ela fica mole em meus braços, seus lábios abrindo como se ela lutasse para respirar. Nem sequer tenho a chance de me virar, para ver quem está lá, quando outro tiro soa. Uma dor quente e vermelha imediatamente domina meu lado. Tentando segurar Adelita, caio no chão, levando-a comigo, quando minhas pernas cedem. Outro

tiro é disparado e padre Reyes cai. Outro tiro; o seminarista. Consigo olhar para cima e ver Diego Medina. Seus olhos estão vermelhos e ele tem a arma apontada para Adelita.

Levo a mão para o meu jeans, pego minha arma e, mesmo com a força desvanecendo, levanto meu torso do chão e dou um único tiro. A bala atravessa o pescoço de Diego, mas não antes de sua arma disparar novamente, acertando meu peito. O tiro me joga de volta no chão. Tento piscar, mas o mundo começa a ficar embaçado. Meu batimento cardíaco está muito lento, meu sangue é espesso demais. Tudo está se movendo devagar!

Minha mente fica embaçada pela confusão. Tento pensar porque estou aqui... onde estou... então a vejo. O vestido roxo... Vejo o braço estendido na minha direção. Eu a reconheço imediatamente. Minha esposa. Eu sempre reconhecerei minha esposa. "Lita..." Sussurro e começo a rastejar em direção a ela. Dor ataca meu corpo, dormência dominando meus membros. Mas tenho que chegar até ela. "Lita..." Digo novamente. Seus olhos fecham e há sangue se acumulando debaixo dela.

Estendendo a mão, seguro sua mão esquerda. Aperto-a quando meus olhos começam a fechar. Sinto seu anel de casamento no dedo. E o seguro firme. Aperto até não poder sentir uma única parte do meu corpo... até meus olhos fecharem.

Até que, juntos, nós afundamos na escuridão.

Capítulo dezessete

Adelita

Estou com sede. Tento engolir, mas minha garganta quase não funciona. “Lita?” Uma voz feminina chama meu nome. Abro os olhos, mas a luz é muito forte. Vacilo, e pânico começa a se instalar. Uma mão escorrega na minha — é um conforto. Sinto-me fraca. Mal consigo levantar os braços. “Tudo bem, querida. Você está segura. Vocês estão a salvo.”

Meu cérebro está embaçado. Tento me lembrar. Penso no que aconteceu. Havia uma capela... velas... um chão de pedra... Perco a respiração quando me lembro de Tanner. Eu andando em sua direção, seu corpo forte esperando por mim na frente do altar. Seus olhos azuis, enevoados de lágrimas... anéis... alianças de casamento...

Então tiros.

Tiros.

Dor.

Medo.

Meus olhos abrem e me encolho quando a luz do dia perfura meu crânio. Meu coração está acelerado. Não consigo respirar. Não posso... “Tann...” Tento falar. Lágrimas enchem meus olhos. “Tann... er?

“Está tudo bem, querida. Você está bem. Você está segura.” Minha visão turva clareia o suficiente para que eu veja

Beauty. Beauty está ao meu lado. Ela é a pessoa segurando minha mão. “Você está bem, querida. Tente se acalmar."

Mas não posso. Tudo que posso ouvir são tiros ecoando ao redor da minha cabeça... vejo Tanner caindo no chão de pedra... seu rosto determinado enquanto lutava para rastejar em minha direção... então nada. "Tanner?" Forço-me a dizer. "Eu... preciso... Tanner.”

“Ele está aqui, querida. Ele está vivo. Olhe." Beauty aponta para minha esquerda. Viro a cabeça naquela direção. Tanner está numa cama ao meu lado. Quero estender a mão e tocá-lo, mas ele está muito longe. É aí que meu alívio termina. Seus olhos estão fechados. Seu torso nu coberto de ataduras.

Ele usa uma máscara de oxigênio e um IV, preso à sua mão. Meu lábio treme, preocupação e tristeza me consumindo. “Tanner...” Tento me mover para chegar até ele, mas dor me paralisa. Ofego e seguro meu lado. Também sinto bandagens lá.

"Não se mova, querida", diz Beauty, e gentilmente me guia para deitar. Mas não consigo tirar meus olhos de Tanner. *Ele está aqui*, digo a mim mesma. *Ele está vivo.*

Beauty deve ter visto que preciso de uma explicação por minha expressão perdida. “Ele parece pior do que realmente está. Ele está se curando. Eu juro. Vocês dois ficaram fora por alguns dias. Demorou para Edge conseguir transporte para casa.” Faço uma careta. Não entendo. Transporte? “Styx não ia deixar vocês no México, nem mesmo com os Diablos. Ele não ia arriscar, no caso de alguém ter escapado da Klan ou do Cartel e estar rastreando vocês. O Prez pagou uma tonelada de dinheiro — embaixo dos panos, é claro — para conseguir transporte médico para vocês.”

Ele fez? Por quê? Por que ele se importa tanto?

"O que... aconteceu?"

Beauty senta na beira da cama. "Tanner foi naquela capela para casar com você, querida." Olho minha mão esquerda e vejo o anel lá. Imagens de velas cintilando num altar enchem minha cabeça. De votos e Luis ... "Luis?" Pergunto, em pânico.

"Ele está aqui."

"Ele está *aqui*?" Pergunto em choque. Beauty me dá um copo de água para minha voz rouca. Eu bebo, a ardência diminuindo um pouco.

“Ele foi baleado também. Mas apenas no ombro. Ele bateu a cabeça quando caiu e desmaiou. A bala passou direto." Beauty sorri. “Styx o trouxe também. Luis se recusava a deixar vocês.” Sorrio para isso. Luis é um bom amigo. Tão carinhoso. Um verdadeiro homem de Deus. “O jovem padre que estava lá como testemunha sobreviveu também. Ele foi escoltado para casa pelos homens de Valdez depois que ele foi operado no México." Solto um suspiro de alívio.

Meu sorriso some quando pergunto: "Foi Diego?"

Beauty assente. "Sim." Ela olha em volta como se estivesse procurando por alguém. “Eu não sei se deveria estar te contando isso. Negócios do clube e tudo mais. E eu estava escutando.” Ela sorri. “Mas foda-se. Você merece saber.” Ela aperta minha mão. “Os homens de Valdez estavam na cola de Diego. O idiota sabia que estava com o tempo contado. Aparentemente, ele viu Luis deixar a fazenda com você, mas na tomada, não conseguiu chegar a vocês. Então os seguiu até uma capela remota. Luis contatou Tann através de Valdez. Valdez tinha homens vigiando a capela. Diego se escondeu. Quando Tanner chegou, ele perdeu a cabeça.”

"Ele... ele está morto?"

"Sim, querida", confirma Beauty. “Tanner atirou em seu pescoço. Mas não antes dele atirar em vocês.” Olho Tanner. Eu o amo tanto. Tudo o que ele fez foi me proteger. Preciso que ele acorde. Preciso ver seus olhos azuis e ouvir sua voz.

“Tank, Beau, Styx e Ky encontraram vocês.” Viro para Beauty.

"Beau? Beau Ayers?”

Beauty sorri. “Tanner tem muito a explicar para você...” Ela para, sua expressão mudando para algo que não consigo ler. Mas antes que tenha tempo de questioná-la sobre qualquer coisa, ela continua. "Tanner saiu mais cedo. Sabemos agora que Luis os casou antes que o resto dos Hangmen chegasse. Tank suspeitou que ele fosse até você sem contar a ninguém. Quando verificou seu quarto no acampamento, e Tann não estava lá, ele acordou Beau, Styx e Ky e foi direto para a capela. Eles chegaram um pouco depois de vocês serem baleados." O rosto dela de repente parece zangado. “Diego pagou aos homens que vigiavam a capela. Valdez pegou seus homens a poucos quilômetros de distância.” Beauty dá um sorriso frio que nunca esperei ver nela. "Matou-os por sua traição."

"Então... acabou?” Pergunto, tentando não levantar minhas esperanças.

Beauty beija minha cabeça. “Acabou, querida. Vocês estão finalmente livres.” Um grande sorriso toma conta do seu rosto. “E estão casados! Quando os dois estiverem melhores, isso exige uma festa.”

Gargalho, a felicidade de Beauty é contagiante. Mas quando o faço, a dor corta meu lado. Respiro fundo. "Durma, querida", diz Beauty. "Tanner deve acordar em breve."

Suas palavras são como um comando para minhas pesadas pálpebras que começam a fechar. Em seguida, acordo

ao som de vozes baixas. Quando meus olhos abrem, vejo Beauty conversando com Styx e Mae. Mae nota que estou acordada. Dou um rápido olhar para Tanner, mas ele dorme.

"Adelita." A voz de Mae é cheia de alívio e carinho. Ela vem em minha direção, Charon está em seu peito. Vejo seus pequenos olhos fechados.

"Olá, Mae", cumprimento e tento me mexer.

"Não. Por favor, não faça isso." Mae pega minha mão. Quando a olho surpresa, ela me encara com lágrimas nos olhos. Faço uma careta, imaginando o que está errado. "Você está segura aqui, Adelita. Nós prometemos. Ninguém vai te machucar nunca mais." Mae olha para trás. "Não é, Styx?"

Olho o Presidente dos Hangmen. Seus olhos castanhos estão presos em mim. Tudo o que sinto é confusão. O que está acontecendo? Por que eles estão aqui? Por que ele pagou tanto dinheiro para me trazer para Austin?

Nada faz sentido.

Styx assente em resposta às palavras de sua esposa. Seus braços estão cruzados sobre o peito. E não consigo nem começar a decifrar sua expressão. Por que ele me olha tão intensamente?

"Vamos te deixar descansar", diz Mae, levando minha atenção de volta para ela. "Queríamos te verificar." Mae beija minha cabeça. "Vamos nos falar em breve. Quando você tiver curada. Quando Tanner estiver bem e você mais forte." Desconforto me domina.

Falar de quê?

Mae se junta ao marido e eles vão embora. "Ele..." Limpo a garganta. Isso faz com que Mae e Styx parem e me olhem. "Tanner... ele ama este clube." Viro os olhos para meu marido. "Ele..." Engulo o caroço que está se formando na minha

garganta. “Ele teve uma vida difícil... uma vida sem amor.” Minha voz treme de tristeza, mas não me importo. Não quero que eles duvidem da fidelidade de Tanner a este clube. "Mas ele encontrou uma casa aqui, entre vocês." Sorrio. “Ele é um protetor. É o que faz. Ele me protegeu. Ele foi ao México te proteger. Ele é um homem que quer nesta irmandade. Ele é leal, corajoso e espero que veja isto.”

O rosto de Styx está neutro enquanto me ouve. Mae vira para o marido, alguma comunicação silenciosa ocorrendo entre eles. Styx levanta as mãos. "Vocês não vão a lugar nenhum." Mae diz as palavras de Styx. Suas mãos congelam, uma pausa. Então ele gesticula: "Vocês são da família." Styx baixa as mãos e sai pela porta. Com um pequeno aceno, Mae segue o marido.

Exalo de alívio. Ele quer Tanner aqui. Ele *nos* quer aqui. Mas mesmo deitada na cama, não consigo tirar a visita de Styx e Mae da cabeça. Parece mais do que um simples *check-in.*

Mas não consigo pensar em nenhum motivo.

Beauty vai embora a noite para descansar um pouco. Quando a porta fecha, olho para Tanner. Ele ainda não acordou. Mas preciso dele. Preciso tocá-lo, sentir seu calor. Puxando o edredom, seguro meu lado enquanto coloco os pés no chão. Estou vestindo uma camisola. Beauty deve ter trago para mim. Eu sorrio. É roxa e de seda. Isso me lembra que casei com Tanner. Beauty sabe, por isso a escolheu.

Respirando fundo, movo-me, usando o suporte da cama. Atravesso o pequeno espaço entre mim e Tanner. Quando chego ao seu lado, passo a mão por seu cabelo. Meu peito dói quando olho as feridas de Tanner. Eu poderia tê-lo perdido... Eu poderia ter perdido o amor da minha vida... meu marido... a outra metade da minha alma.

Observando o soro e ignorando a dor do meu lado, arrasto-me para a cama e deito-me debaixo dos lençóis. O peito de Tanner está nu. Ele só usa uma calça.

No minuto que estou ao lado dele, meu coração ferido instantaneamente se cura. Envolvo o braço em sua cintura e absorvo seu calor. Abaixando a cabeça no travesseiro, beijo sua bochecha barbada. "Eu te amo, *mi amor*", sussurro e respiro seu cheiro de couro.

Até mesmo o unguento estéril em suas feridas não pode afastar seu cheiro viciante. Seguro sua mão esquerda e corro o polegar sobre a aliança de casamento. Sorrio com a visão... depois a mão de Tanner contrai. Paro, esperando, respiração contida... esperando por mais... Os dedos de Tanner se movem. Sento e olho seu rosto. As sobrancelhas de Tanner franzem, a língua dele traça os lábios... finalmente, seus olhos se abrem.

Não posso evitar. Um soluço deixa minha garganta quando ele pisca, revelando para mim os brilhantes olhos azuis que tanto adoro. Eles são atordoados no começo. A confusão que sente é óbvia pela expressão perdida. Beijo sua bochecha, seu nariz, depois seus lábios. "Tanner", sussurro, lágrimas felizes escorrendo por meu rosto. Tanner demora apenas um momento para me beijar de volta. Sua mão envolve a parte de trás da minha cabeça. Eu o ouço perder a respiração e percebo que o movimento deve ter causado dor.

Tento recuar, mas ele me mantém no lugar. "Não..." Ele sussurra contra meus lábios. "Fique."

Meu coração derrete.

Beijo-o suavemente, tentando mostrar tudo o que sinto no toque — amor, gratidão, orgulho e adoração. Tudo; cada emoção

que percorreu minha alma nos anos com ele. Na nossa luta para estarmos juntos.

Tento transmitir tudo.

Recuo e olho seu rosto. Não há mais confusão. "Estamos... vivos..." Ele murmura. Meu coração parte quando, com os olhos brilhantes, ele sorri. "Estamos vivos..." Ele diz as palavras com tanto alívio, tamanha reverência — uma bênção sussurrada de seus lábios.

"Sim", eu choro sorrindo, deixando a alegria escapar. "Estamos vivos." Eu o beijo novamente. Eu o beijo através de lágrimas salgadas, respiração ofegante e ferimentos dolorosos. Mas isso não nos para. Nós estamos aqui. Salvos.

Salvos pelo bem do outro.

Afastando-me, passo a Tanner a água da mesa de cabeceira. Levo-a para seus lábios, estremecendo com o movimento.

"Você está ferida", ele diz baixinho. Então seus olhos se arregalam. "Diego... Ele atirou em você." Os olhos de Tanner vão para o meu lado. Ele tenta me alcançar. Mas o paro, colocando a mão em seu peito.

"Estou bem." Corro as mãos perto de suas feridas. "Você se machucou mais." Encontro seus olhos. "Você matou Diego."

Tanner relaxa na cama e posso ver alívio em seus olhos. Acomodo-me em seu peito. Tanner envolve o braço em meus ombros. Eu o ouço prender a respiração enquanto ele se move. Afundo-me em seu lado.

A sala fica em silêncio. Eu me delicio com o momento. O silêncio é a trilha sonora perfeita para combinar com meus pensamentos. Em paz. Feliz... Livre.

Apaixonada.

"Baby..." Tanner murmura. Sorrio enquanto a rouquidão de sua voz profunda vibra contra meu ouvido.

"Mmm?"

"Há algo que tenho que te dizer." Seu tom cauteloso me faz tensionar.

"Ok."

Olho seu rosto. Os olhos de Tanner caem para encontrar os meus. Há apreensão em seu olhar. Mas há tristeza também. Preparo-me para o que quer que seja. "Alfonso..." Tanner faz uma pausa como se não quisesse dizer o que vem a seguir. "Ele não é seu pai."

Meu coração aperta. "Eu sei." O rosto de Tanner é dominado pelo choque. "Descobri pouco antes de Diego matá-lo." Engulo a dor do que descobri. "Tanner... eles disseram que fui traficada. Que meu pai me deu em algum tipo de troca?" Minhas mãos tremem. "Minha mãe — a esposa de Quintana — descobriu... e ele a matou." Levo um momento para manter a compostura. "Ele a matou, Tanner." Fecho os olhos. "Não tenho ideia de quem sou filha. Mas sei que minha mãe, quem quer que ela seja, não queria me entregar." Meu estômago revira e luto contra o desejo de chorar por uma mulher que não conheci. "Eles me arrancaram dela, Tanner... Fui roubada e entregue ao meu pai."

Tanner me segura em seu peito. Ele diz, tão baixinho que quase perco: "Eu sei quem ela era."

Congelo. Todos os músculos do meu corpo param. Minha respiração aumenta em ritmo e lentamente levanto a cabeça. Então uma única palavra que Tanner diz se infiltra em minha mente.

Era.

Eu sei quem ela era.

Não consigo falar. O inchaço da minha garganta e o medo de ouvir mais me deixam paralisada ao lado de Tanner. O dedo de Tanner corre por minha bochecha. "Ela era do Texas." Minha respiração treme numa expiração. "Seu pai também era." Absorvo cada palavra que Tanner diz. Cada palavra. “Sanchez, seu pai, era mexicano. Sua mãe...” Eu olho para o meu braço. Para minha pele. Minha pele sempre foi mais clara que a dos meus amigos... que a do meu pai.

Sei o que Tanner vai dizer antes dele o fazer. “Ela era americana. Uma americana branca.” Fecho os olhos.

"Eu sou mexicana. Sou uma mexicana orgulhosa.” Por toda minha vida, soube quem eu era. Eu sou mexicana. Conheço minha herança, aprecio isso... essa herança agora está em chamas.

"Você ainda é mexicana, princesa", assegura Tanner. “Seu pai era mexicano. Mas você também tem sangue americano.” Tanner se inclina para frente e beija meus lábios. Ele paira perto, então abro meus olhos. "Baby... parece loucura e ainda estou processando, mas...”

“O quê, *mi amor.* O que?” Não sei se posso aguentar mais.

"Sua mãe...” Ele se prepara para o que quer que ele esteja prestes a revelar. "Ela era mãe de Styx também." O mundo para. Tudo parece congelar enquanto as palavras penetram em meu cérebro. Styx... *Styx*...? Penso de novo nele e Mae entrando no quarto. Mae segurando minha mão e beijando minha cabeça. Dizendo que precisamos conversar... *Vocês são da família...*

Era. *Era* a mãe de Styx...

"Ela está morta?" Pergunto, desesperadamente.

“O pai de Styx — o velho Prez — a matou. Ele a matou na frente de Styx. Ele ainda era um garoto na época." Lágrimas enchem meus olhos imediatamente enquanto tento imaginar algo assim.

Olhando Tanner, eu digo: “Tenho um irmão..." Penso no rosto de Styx. Em como ele me olhou como se não pudesse acreditar que sou real. Como se nunca tivesse me visto antes... e agora entendo.

"Ele acabou de descobrir sobre mim também?"

"Sim." Tanner se move para que possa me puxar para perto. “Você precisa falar com ele, baby. Em breve. Quando estiver melhor. Sei que ele tem algo para te mostrar.” Balanço a cabeça, porque não consigo encontrar palavras. Então Tanner solta outra bomba. “Você tem outro irmão também. O filho do seu pai biológico.” Tento respirar, absorver tudo. “Chávez. O Prez dos Diablos. Eles nos ajudaram.”

“Chávez..." Sussurro.

Fico em silêncio por tanto tempo que Tanner levanta meu queixo. "Você está bem, princesa?"

"Sim." E falo sério. Eu estou... minha cabeça está cheia com todos os novos eventos e informações. Mas estou deitada ao lado de Tanner. E nós estamos vivos. Depois de tudo que passamos, isso é suficiente. Não preciso de mais nada na vida. “Estou bem, *mi amor*. Estou mais que bem... Eu tenho você."

Tanner sorri e então leva minha mão esquerda aos lábios e beija meu anel de casamento. "Minha esposa...” Ele murmura quando seus olhos começam a fechar. Exaustão o guiando de volta ao sono.

"Mi esposo", sussurro de volta. Deito a cabeça no peito de Tanner e fecho os olhos também. O mundo pode esperar. Esta é minha noite de núpcias. Nossa merecida noite ao lado um do outro.

E até mesmo feridos e emocionalmente crus... é um tipo perfeito de felicidade.

*****

Uma semana depois...

"Quer que eu vá com você?" Inclino-me e beijo Tanner nos lábios. Estamos em seu quarto no clube agora. Edge e Rider nos permitiram sair da sala médica alguns dias atrás. Tanner ainda está dolorido. Seus ferimentos foram mais graves do que os meus e levam mais tempo para curar. Ele precisa descansar.

“Vou ficar bem, *mi amor*. Durma e fique mais forte.”

“Volte logo. Estarei te esperando”, diz Tanner, e corro os dedos por seu cabelo.

Deixando Tanner para dormir, encontro Beauty no corredor. "Você está pronta, querida?"

“Sim.” Beauty me leva até sua caminhonete. Nós não falamos muito enquanto ela nos leva até a casa de Styx e Mae. Nervosismo sufoca meus sentidos. Não sei o que dizer a Styx. Ele nem fala.

É tudo tão difícil de compreender. Ele é meu *irmão*..

Eu sempre estive sozinha. Não sei como ser irmã. Não sei nada da minha mãe — *nossa* mãe — exceto que ela está morta.

"Ele é um cara bom", diz Beauty, vendo claramente meu desconforto. Gosto de Beauty. Ela está se tornando uma boa amiga. Tank esteve lá todos os dias para ver Tanner... e a mim. E Beauty sempre esteve ao seu lado. “Styx é um filho da puta duro, não vou mentir. Mas é um bom homem.” Beauty faz uma pausa como se debatesse se deve dizer algo. Finalmente, ela faz. “Seu pai era um idiota. Um verdadeiro idiota, Lita. Styx cresceu com aquele bastardo, mas ainda assim é um bom sujeito.” Ela sorri para mim. "Gosto de pensar que foi a mãe de vocês que os fez tão puros." Um caroço surge em minha garganta. "Esse homem ama Mae de um jeito feroz e você nunca vai encontrar uma cadela tão doce quanto ela." Beauty aperta minha mão quando chegamos a uma cabana de madeira. "Sei que deve ser uma verdadeira merda descobrir que o Prez do seu homem é seu irmão, mas dê uma chance a Styx. Pergunte a Sia, Styx sabe ser um bom irmão se você o deixar.”

"Obrigada", digo, em voz baixa.

O movimento na casa me chama a atenção. Mae está na varanda. Ela acena quando me vê. Aceno de volta, depois respiro fundo. Com as mãos trêmulas, abro a porta da caminhonete e saio. Meu lado ainda doí de lesão, mas posso andar. E quero estar aqui hoje. Quero saber o que o Styx tem para me mostrar.

E quero falar com ele. Com ele e Mae.

Quero conhecer meu irmão.

Mae vem me encontrar, enfiando o braço dela no meu. Você nunca diria que ela acabou de ter um bebê. Ela parece perfeita, usando um vestido branco esvoaçante, o cabelo preto caindo em cascata pelas costas... linda. "Aqui, deixe-me ajudá-la." Mae me ajuda a subir as escadas para a casa e a sigo pela porta.

A casa cheira a biscoitos e pão. "Cheira tão bem", digo.

"Eu os assei", diz Mae. "Não é todo dia que descobrimos que Styx tem uma irmã."

Mae me leva para a sala de estar. Styx está no canto, olhando pela janela. Ele usa jeans, uma camisa branca e seu colete Hangmen. Ele parece tão grande, tão imponente... até que se vira e meu coração derrete ao vê-lo segurando Charon nos braços. Os olhos castanhos de Styx encontram os meus e o nervosismo retorna.

"Por favor, sente-se", diz Mae e aponta para o sofá. Sento-me. "Chá?", ela pergunta e serve-me uma xícara de um bule de chá que está na mesa de café.

“Obrigada.” Quando meu chá é posto à frente, Mae vai até Styx, que está parado como uma estátua no canto da sala. Mae pega Charon do marido.

Ela acena na direção do sofá em frente ao meu. Cerrando a mandíbula, Styx se senta. Seu olhar fica no chão. Mae senta ao lado e ele a olha diretamente. Num instante, posso ver o que Beauty diz. A maneira como ele olha para Mae... ele a adora. Está claro para ver. E ela é claramente sua força. Mesmo homens tão formidáveis quanto Styx precisam de alguém para segurá-los.

"Ele é tão lindo", digo, referindo-me a Charon que dorme profundamente nos braços da mãe.

Mae sorri largamente. "Ele é a maior bênção da minha vida." Ela olha Styx. Seu lábio se move no canto. Mae me encara novamente. "Não posso imaginar quão confuso isso tudo é para você, Adelita." Meu peito aperta e luto contra as emoções que dominam meu peito. Mae segura a mão de Styx. "Nós não tínhamos ideia — *Styx* não tinha ideia de que você existia." Mae acena para Styx. Styx vai até a lareira e tira um livro de couro. Ele faz uma pausa, olhando para mim, depois volta. Ele

se senta ao lado de Mae novamente. “Há muitos diários da sua mãe. Mas este é o último...” Mae faz uma pausa, depois diz: “Este é o que pertence a você... e tudo o que aconteceu.”

Meu coração começa a bater tão rápido que me deixa sem fôlego. Olho o diário e vejo um nome gravado na frente. "Lucy Sinclair", sussurro. Traço o nome dela com o dedo, sentindo uma conexão tão profunda que é como se uma corda estivesse amarrada ao redor do meu coração e fosse puxada para o diário de couro marrom.

“O nome da sua mãe...” Mae para e pega a mão de Styx. "Esse é o nome da sua mãe."

Styx inclina a cabeça, o cabelo escuro caindo sobre os olhos. Quando ele a levanta, segura a mão de Mae e começa a acaricia-la. "Leia", diz Mae. Styx aponta para a porta da frente. “Há um balanço na varanda. Você precisa ler para entender tudo."

Levanto-me do sofá. Não olho Styx ou Mae, precisando desesperadamente ler as palavras da minha mãe. Quero saber quem eu era... Eu simplesmente quero conhecê-*la*.

Lucy Sinclair.

Sentada no balanço da varanda, minhas mãos estão instáveis quando viro a página e começo. Cada minuto que passa, um buraco desmorona em meu coração. Com todas as frases sobre estar grávida de mim, o nome que ela me deu, como me abraçou todas as noites, sozinha numa casa da propriedade de Sanchez, embalando-me para dormir... O amor da minha mãe por Styx... River, seu filho que ela tanto ama. Luto para respirar. Luto contra a devastação que alguém tão jovem, tão bondosa, passou à mercê de homens cruéis. Quando tudo que ela sempre quis foi uma família. Seus bebês. Tudo o que queria era *ser* amada e amar com todo seu coração.

Minha filha... minha Sofia...

Fui nomeada de Sofia.

Faço uma pausa, no começo da próxima página. Porque sei que é isso. Quando ela descobriu que sumi. Quem a traiu?

Ele a entregou. Ele a deu a um homem chamado Alfonso Quintana. Meu bebê... minha Sofia... foi levado para o México. Onde? Eu não sei.

Lágrimas inundam meu rosto e tenho que limpar repetidamente os olhos para poder ler.

Ele disse que me amava. Disse que ia perder o clube se não desistisse. Ele disse que poderíamos ter outro bebê em seu lugar, para curar meu coração partido. Ele não entende que ele deu meu coração?

Não sei como recuperá-la. Preciso pegá-la de volta. Tenho que pensar em algo.

Desespero pulsa nas páginas. O desespero de uma mãe que perdeu seus dois filhos. Uma mulher que não tinha ideia de como recuperá-los.

Eu não tenho escolha. Não posso ficar com Sanchez. Reaper quer informações sobre os Diablos. Eu posso dar-lhe isso, com a condição de que ele me ajude a ficar com Sofia.

Há uma mancha na página e percebo que ela estava chorando. Corro o dedo sobre a tinta manchada. Estas foram as lágrimas da minha mãe, sua dor... e eu estou aqui. Voltei e quero dizer a ela que "sua Sofia voltou para casa", mas ela nunca saberá...

Vou dar a Reaper informações sobre os Diablos, desde que ele prometa me ajudar com Sofia e me deixe levar River. Eu os tirarei desta vida. Vou levá-los para o campo, comprar uma

pequena fazenda, onde seremos só eles e eu, e nada além de felicidade e amor. Meu filho e minha filha. Sem dor ou pessoas que querem machucá-los.

Meu sonho virando realidade.

Meu maior desejo na vida.

Viro a página seguinte, mas há apenas vazio. Folheio e passo por elas, esperando mais, mas não há. Fechando o diário, seguro-o no peito e deixo as lágrimas caírem.

O sonho da minha mãe não se realizou, mas foi quebrado. Ela nunca conseguiu seu desejo. Ela nunca conseguiu sua fazenda para mim e Styx. Ela nunca conseguiu nada disso. Seguro o diário no peito e choro pela mulher que era tão jovem para lidar com tanta dor. A mãe que sempre desejei, mas nunca conheci. Pela vida que poderia ter tido... paz, sorrisos, uma mãe e um irmão que me amam, e eu a eles.

Alguém se senta ao meu lado. Levanto a cabeça para ver que é Styx. Ele está inclinado para frente, as mãos juntas enquanto olha a floresta ao redor de sua casa.

"Ele nunca a ajudou, não é?" Sussurro, referindo-me ao seu pai. Styx sacode a cabeça. "Ele a matou quando ela voltou?" Vejo dor tomar seu rosto... mas ele assente. "Fez..." Respiro fundo. "Ela sofreu?" O músculo na mandíbula de Styx contrai, então vejo uma única lágrima cair do seu olho e descer por sua bochecha. Seu rosto não se altera. Não há nenhuma indicação de que ele está chorando, quebrando... além da única lágrima reveladora.

Essa única lágrima me quebra.

A lágrima caída vem do garotinho que viu a mãe morrer. Revela a dor que Styx sente todos os dias.

Estendendo a mão, seguro a dele que descansa em seu joelho. Ele tensiona no começo, mas depois relaxa. Espero que em algum lugar, onde quer que esteja, nossa mãe nos olhe agora e sorria. Finalmente, seus filhos se encontraram.

"Teria sido bom", sussurro, olhando a floresta. "A vida que ela queria para nós." Sorrio, imaginando a cena idílica na minha cabeça. Nós três na pequena fazenda, correndo pelos campos, rindo e livres. Aperto a mão de Styx. "A fazenda. Nós juntos." Olho seu rosto. Sua pele está vermelha e ele revela tanta tristeza e dor em seus olhos cor de avelã que não suporto. "Você e eu. Irmão e irmã." Suspiro. "Teria sido adorável." Penso na vida que ambos tivemos em vez disso. Styx, sob um pai que o machucou; e eu, com um pai que me manteve presa, e nem era meu pai.

Styx estica o braço com a mão livre e pega uma foto. Meu pulso dispara, olhando para as costas brancas da foto antiga, imaginando o que há na frente.

Styx respira fundo, depois engole várias vezes antes de abrir a boca. "Eu..." Ele faz uma pausa e fecha os olhos. Seus olhos tremem enquanto ele luta por palavras. A visão para meu coração. Ele está lutando para falar comigo.

Comigo.

Sei que ele só fala com algumas pessoas. E aqui está, tentando falar comigo.

"Eu encontrei isso... em suas coisas." Styx me entrega a foto. Pego-a e lentamente viro. Minha alma quebra quando, olhando para mim, está uma mulher pequena com cabelos escuros, sorrindo amplamente para a câmera... com uma criança em seus braços. Eu noto. Esta é minha mãe e *eu*.

Ela está me segurando tão perto. Sua bochecha pressiona a minha. Estou sorrindo também. O amor contido exala da

imagem tão fortemente, tão seguramente, que ninguém pode duvidar do quanto ela me adorava. O quanto significa para ela ser minha mãe. Não consigo respirar para falar... Não consigo tirar meus olhos do rosto dela. Ela era bonita; tão, tão bonita.

"Eu acreditava que ela era... uma prostituta que não gostava... de m- mim." Fecho os olhos quando as palavras de Styx me atingem. "E-ela n-não era." A voz de Styx é rouca. Ele vira a cabeça para o outro lado.

Seguro sua mão com mais força. Minutos passam em silêncio contemplativo. Eu digo: "Nós nos encontramos agora, Styx." Styx vira para mim, sua expressão ilegível. Sorrio, embora meus lábios tremam e meus olhos estejam cheios de lágrimas. "Tenho um irmão mais velho."

Styx não diz nada. Não tenho certeza se ele pode. Em vez disso, puxa-me para seu peito e envolve os braços em meus ombros. Não importa que minha lesão doa quando ele me aperta. Meu irmão está me abraçando. River Nash, presidente do Hades Hangmen... meu irmão mais velho.

Ficamos assim no balanço da varanda por um tempo, até que Styx se levanta. Tenho certeza que é muito para ele lidar de uma vez. É impressionante para mim. "Eu posso..." Pergunto. "Posso vir e te ver em algum momento? Falar mais com você?" Olho Mae com Charon na janela. "Visitar Charon?"

Styx balança em seus pés e coloca as mãos nos bolsos. Ele assente, então seu lábio se inclina num piscar de olhos. "E-ele é s-seu s-sobrinho."

Ele é meu sobrinho. Eu tenho um *sobrinho*.

Gargalho de pura felicidade. "Ele é, não?" Styx inclina a cabeça para que eu o siga até a caminhonete. Ele fica em silêncio enquanto me leva para casa. Quando a caminhonete para, abraço o diário e a foto no meu peito. Eu os guardarei por toda a

vida. Vou abrir a porta, mas antes, inclino-me e beijo a bochecha de Styx. "Obrigada... River."

Styx assente e saio da caminhonete. Ele se afasta e vou ao quarto de Tanner — meu marido. Tanner senta quando entro pela porta. Ele dá uma olhada no meu rosto e estende os braços. Imediatamente subo na cama e caio em seu abraço.

E choro. Choro pela vida perdida e o sonho despedaçado. E Tanner nunca me solta. O homem que conheci nunca iria falhar comigo, nunca parou de me amar, sempre ao meu lado.

Quando minhas lágrimas param, silenciosamente entrego-lhe a foto. O rosto de Tanner se enche de tristeza. "Ela me amava", sussurro. "Ela me amava muito."

Tanner rola de lado e segura meu rosto. "Você é muito fácil de amar, princesa." É então que percebo que tenho. A vida que minha mãe queria para mim. Tenho um homem que me ama. Um irmão que estou determinada a conhecer. Um sobrinho que vou estragar... e liberdade. A doce liberdade de viver uma vida cheia de sentido e felicidade.

"Precisamos viver para ela", digo a Tanner e seguro a foto no meu peito. “Precisamos estar felizes por ela... minha mãe ... Lucy Sinclair."

"Nós vamos", Tanner sussurra e me beija. "Nós vamos."

Sempre irei cobrá-lo dessa promessa.

Mal posso esperar para começar.

Capítulo dezoito

Styx

McKinney, Texas

Chuto a porta do trailer em que o filho da puta mora. O babaca levanta da cadeira. Nem sequer hesito, apenas pego minha faca alemã e apunhalo o filho da puta no coração. Seus olhos se arregalam e ele cai no chão. Sangue escoa ao redor, e cuspo em seu rosto feio.

Encontrando seus olhos, observo como meu tio, Matthew fodido Sinclair, encara seu sobrinho. O filho da mulher que ele estuprou e abusou, fazendo com que ela fugisse. Sua fodida irmã.

Com certeza ele se lembrará do rosto do homem que o matou.

Eu.

Styx fodido Nash.

Presidente do Hades Hangmen.

O filho de Lucy Sinclair.

Quando o estuprador morre, monto em minha moto e vou para casa. Para Mae e Charon. Meu clube e minha irmã.

E a cada quilometro que percorro, penso em como a vida é realmente boa pra caralho. E vai continuar assim.

Assim como minha mãe queria.



Epílogo

Tanner

Duas semanas depois...

"Ali", Tank diz e senta na cama. O fodido sorri. "Meu melhor e mais desafiador trabalho."

Ele estende a mão para mim. Puxa-me da cama. Minhas feridas estão quase curadas, ainda dói como um filho da puta, mas não dou à mínima. Estou vivo. E se tenho que me deitar nessa cama e não ser capaz de foder minha mulher ou fazer corridas com o clube, acho melhor tornar isso produtivo.

É hora da porra nazista ir embora.

Ando até o espelho e olho meu corpo. Não há mais nenhuma merda fascista em mim. Nenhuma suástica. Nenhum pedaço de poder branco resta na minha pele. Agora foi substituído por Hades, demônios e a merda que Tank quis tatuar em mim. Não me importo. "Bom?" Tank pergunta, afastando a máquina de tatuar. Demorou duas semanas. Duas semanas para cobrir gradualmente cada pedacinho da minha pele, dos pés ao pescoço.

"Está bom", digo e aperto a mão de Tank.

Beau entra pela porta e olha meu peito. "Bom trabalho", diz para Tank, depois para mim. Beau está hospedado num apartamento nos arredores do complexo dos Hangmen. Tentei convencê-lo a ser prospecto dos Hangmen. Veremos. Beau

mantem tudo guardado. Não sei o que ele pensa na maior parte do tempo. Mas meu irmão é bom para este clube. Só preciso dar a ele tempo para chegar a mesma conclusão.

"Vista-se", Tank diz e me joga a camisa, jeans e colete do chão.

"Por que diabos estou aqui?" Beau pergunta a Tank. Tank o chamou ao clube hoje. Disse que tenho que estar vestido para alguma merda. Foda-se se sei o que é.

O filho da puta sorri. "Você verá."

A porta abre novamente e Adelita entra. Meu queixo quase bate na porra do chão quando a vejo. Está usando um vestido vermelho apertado, o habitual batom vermelho nos lábios. Seu cabelo escuro está solto e ela parece perfeita pra caralho.

"Merda", digo quando ela caminha em minha direção. Estendo a mão. Adelita a segura e a puxo para meu peito.

"Tanner, seus ferimentos!" Ela reclama.

"Foda-se os ferimentos." Pressiono os lábios em sua boca. Preciso dela. Preciso foder com ela. Preciso dela embaixo de mim. Não a tenho faz tanto tempo. A cadela não permite. Essa merda mudará hoje à noite.

"Hey, hey, Tanner." A voz de Beauty interrompe o beijo com minha esposa. "Eu amo vocês, mas maldição, não quero vê-los fodendo." Beauty sorri, então diz. "De qualquer forma, temos algo para te mostrar."

Faço uma careta, então encaro Adelita. Ela encolhe os ombros. "Também não sei o que está acontecendo. Beauty só fez eu me arrumar."

Seguro a mão de Adelita e vou para o corredor, atrás de Tank e Beauty. Beau segue logo após. Beauty para na entrada do quintal. Coloca a mão na porta e diz: “Vocês se safaram e casaram. Então, todos sabem que eu amo planejar uma festa.” Adelita me encara, confusa. Beauty abre a porta e vejo todos os irmãos e suas cadelas no quintal. Eles levantam suas bebidas quando nos veem. Os olhos de Adelita se arregalam. “Então eu fiz uma!” Beauty diz. “Temos que celebrar o casamento de nosso Romeu e Julieta.” Beauty puxa Adelita para uma mesa com bebidas e entrega uma taça de champanhe, a cadela pensou em tudo.

Hush coloca uma cerveja na minha mão. Seus olhos vão para as novas tatuagens em meus braços. “Já era tempo, porra.” Ele sorri. Mas balanço a cabeça em concordância.

Porra, já era tempo.

Adelita é puxada para a multidão pelas cadelas. Seu sorriso é tão grande que o sinto como uma facada no peito. Ela vai direto para Mae, que lhe entrega Charon. Ver minha cadela segurar seu sobrinho nos braços, porra, me destrói.

Quero isso. Quero meu filho nos braços de Adelita. Quero que ela olhe nosso filho como está olhando Charon. Como se pudesse ouvir meus pensamentos, ela se vira e sorri.

Sou um sortudo filho da puta.

Styx vem para o meu lado e vejo-o encarando sua irmã com seu filho. Adelita tem ido cada vez mais em sua casa nas últimas duas semanas. Styx não fala muito, mas sei que o irmão adora tê-la lá. Quem diabos não iria? Como disse, ela é fácil de amar.

Styx leva as mãos à boca e assobia. O pátio fica em silêncio e a música é interrompida. Adelita vem até mim quando Styx encontra seus olhos e move a cabeça em nossa

direção. Dou de ombros quando ela me olha pedindo uma explicação. Não tenho nenhuma.

Beauty atravessa as portas atrás de nós. Sorrio quando vejo o que está em suas mãos. Beauty para perto de Adelita. “Beauty...” Adelita sussurra.

"O que está esperando?" Beauty diz. "Experimente-o, menina."

Beauty ajuda Adelita a colocar o colete de couro. Quando está no lugar, Adelita se vira para mim, com um grande sorriso no rosto e 'Propriedade de Tanner' nas suas costas.

"Você gosta?" Adelita diz, seus lábios vermelhos formando um sorriso.

Resmungando, forço minha boca na dela e digo: “Você o usará essa noite na cama. Isso e nada mais.”

Alguém limpa a garganta. Luis. “Combina com você”, ele diz a Adelita. O cara sempre fala em inglês com Lita quando está perto de mim. Ela tem um fodido bom amigo nele.

“Obrigada, Luis”, Adelita diz. Seus ombros caem. “Tem certeza de que tem que ir amanhã?” Luis voltará ao México. De volta para sua igreja.

“Tenho pessoas para servir, Lita. Mas voltarei para te ver o máximo que puder.”

Adelita o abraça. “Então precisamos beber em adeus.” Eu a observo quando ela desaparece na multidão, meu nome em suas costas. A música recomeça e os irmãos voltam a beber.

Chavez, Ky, Shadow, AK e Vike se aproximam de mim. AK me dá outra cerveja. Adelita se encontrou com Chávez algumas vezes. Ele disse a ela como odiava seu velho pai. No minuto em

que soube disso, ele teve a atenção de Adelita. Ela também odeia o pai pelo que fez com ela, com sua mãe.

"Alguma novidade?" Styx gesticula. Ky fala por ele.

Chávez concorda. "Estou atento. Tenho algumas pistas." Seus olhos se estreitam. "Não tenho certeza do que diabos está acontecendo. Mas vamos continuar atrás."

"Precisando de alguma coisa nos avise", Styx pede.

Estamos procurando por Charley, a melhor amiga de Adelita. Não temos a mínima ideia de onde ela está. Mas sabemos que Diego a enviou para algum lugar. Adelita está feliz, mas isso não a impede de chorar à noite por sua melhor amiga que desapareceu da face da Terra. Eu contei a Styx. Ele tem Chavez e Shadow investigando. Então estamos de olho nisso.

"Quando a encontrarmos, conte comigo para a porra de tirá-la de onde quer que esteja." Todos olhamos Viking.

"Que porra é essa?" Ky pergunta.

Viking sorri. "A cadela me bateu." Faço uma careta. "Em resposta de quando a agarrei. Ela me deu um soco na porra da cara."

"E?" Ky questiona.

"Ela me *bateu"*, ele diz como se fôssemos idiotas. Viking agarra seu pau através do jeans e sorri. "Estou pensando nela desde então." O fodido assobia e balança a cabeça. "Aquele gancho certeiro, aquele tipo de fogo na cama..." Ele balança as sobrancelhas. "A anaconda não ficará satisfeita até que tenha provado sua buceta... e estou esperando que ela me dê uns tapas no processo."

"Sabe que ela foi traficada ou algo assim, certo?" Shadow diz.

Vike coloca a mão em seu peito. “Eu também posso ser sensível, Shadow. Sou um homem de muitos talentos. Um espectro de emoção.” Ele ergue as mãos. “Essas mãos podem confortar, bem como fazer uma cadela esguichar.”

“É verdade”, Rudge diz, concordando. “Eu já vi.”

“Não quero saber o que isso significa”, Ky diz. “E por causa da imagem fodida que está na minha cabeça, ficarei bêbado. Quem está comigo?”

A música aumenta em volume e todos os irmãos bebem. Beau fica no canto a maior parte da noite, apenas observando. Smiler acaba sentando ao lado dele. Soloman e Samson, os sobreviventes do culto, também. Eles estão novamente passeando pelo clube. Sempre os achei bons garotos. Depois da merda da Klan e do Cartel. Nós podemos usá-los.

Caminho para Adelita. Na verdade, nunca deixo a porra do seu lado. E com cada sorriso, cada vez menos quero estar na festa. Eu a quero de volta em nosso quarto. Algumas horas depois, com os irmãos bêbados, ela deve ver isso na minha expressão. Tomando minha mão, Adelita me leva pelo clube para o nosso quarto.

No minuto em que a porta fecha, eu a empurro contra ela. “Foda-se meus ferimentos, não há maneira do caralho que não vou tomar sua buceta hoje à noite, princesa.”

Adelita se abaixa e segura meu pau através do jeans. Ela sorri e esmago minha boca na dela. Jogo meu colete e camisa no chão, então tiro a bota e jeans. Não dou a mínima para as tatuagens que nem começaram a cicatrizar. Nada me impedirá de foder Lita hoje à noite. Nenhuma merda.

Recuando, puxo o vestido de Adelita para baixo, expondo seus seios. “Tão perfeitos, porra”, resmungo. Adelita sai do

vestido, pega o colete e caminha até a cama... *Porra*, ela mantém sua calcinha de renda vermelha também. Eu a quero. Quero muito. Mas quando ela deita e estende os braços, não quero mais que seja rápido.

Movendo-me para a cama, fico sobre ela. Adelita olha em meus olhos e envolve as mãos em meu pescoço. "Finalmente teremos nossa noite de núpcias", ela diz e sorri. “Finalmente conseguirei te amar como meu marido.”

Lentamente, beijo Adelita. Tiro sua calcinha e, sem soltar sua boca, deslizo dentro dela. Adelita geme e me afasto para observar seu rosto. Ela nunca olha para longe. Mesmo quando goza, afundando as unhas pintadas de vermelho em meus ombros, fazendo-me gozar também. Ela não desvia o olhar uma fodida vez.

Uma lágrima escorre por sua bochecha. “Estou tão feliz, Tanner”, ela sussurra. Ela engole em seco. “Estou tão feliz que me preocupo que não vá durar. Que seremos arrancados um do outro novamente.”

Afasto seu cabelo do rosto. “Nunca, princesa. Isso não acontecerá. Ninguém vai te tirar de mim novamente." Encosto a testa na dela. “Teremos um lugar por perto. Vamos ter um filho. E ser uma fodida de família. Deus sabe que merecemos isso.”

“Tanner...” Ela sussurra e beija meus lábios. “Isso soa perfeito.”

E acontece. Demorou muito. Mas nós conseguimos.

O Príncipe Branco.

A princesa do cartel.

O mundo tentou nos separar.

Nós dissemos ao mundo *"foda-se"*.

*****

Governador Ayers

Localização escondida, Texas

Puxo o capuz sobre a cabeça. Ouço o murmúrio de vozes, no canto, ao fim do túnel. As luzes estão baixas, a temperatura quente. Quando entro na sala principal, ele olha para cima. A faca na mão está coberta de sangue. Seus olhos estreitam quando tiro o capuz.

"Onde está o carregamento?" Ele pergunta, lambendo o sangue da lâmina da faca.

"Não veio. Os embarques pararam. A distribuição foi comprometida."

O silêncio me recebe, então, "E quem é o responsável?"

"Os Hades Hangmen. Capítulo de Austin. Eles são responsáveis por tudo."

Ele caminha em minha direção e coloca a mão no meu ombro. "Então eles estão mortos. Todos vão morrer."

Virando-me, recoloco o capuz e volto pelo túnel... Sorrindo.

FIM



DARKNESS EMBRACED

Hades Hangmen #7